

A 858,704

PROPERTY OF
*University of
Michigan
Libraries*

1817



ARTES SCIENTIA VERITAS





O FESTIVAL
DE
JOÃO DE DEUS





MARÇO DE 1895

A caricatura de João de Deus

APOTHEOSE DO POETA

O FESTIVAL
DE
JOÃO DE DEUS

8 - III - 1895

*Poesias, Estudos litterarios, manifestações da Imprensa
e collectividades scientificas,
na Celebração do LXV anniversario do Poeta,
pela Mocidade das Escolas*

COM UM

Escorso biographico de João de Deus

POR

THEOPHILO BRAGA

LISBOA

Antiga Casa Bertrand — José Bastos — Editor

73 — Rua Garrett — 75

1905

257.8

D471)

B75

A absorpção de João de Deus no seu apostolado do ensino popular, e nas luctas ferrenhas contra a *Cartilha Maternal*, tendo de reagir com réplicas em prosa e verso aos professores rotineiros, fizeram que se esquecesse o poeta das *Flores do Campo* e das *Folhas Soltas*, para admirarem o luminoso pedagogo. Quando em 1893 foram reunidas em um só volume as suas poesias completas sob o titulo de *Campo de Flores*, incorporando todas as que andavam ainda dispersas por jornaes de provincia, collecções manuscriptas e albums particulares, a impressão foi enorme; uma tiragem de 2:000 exemplares esgotou-se em menos de tres mezes. A verdadeira poesia lyrica apparecia á mocidade das Escolas como uma extraordinaria revelação; o genio nacional fulgurava por sobre essas falsas simulações dos generos satanista e pessimista, revolucionario, parnasista e nephelibata.

Na sua emoção sincera, a mocidade das Escolas, á qual João de Deus dedicou a nova edição do *Campo de Flores*, procurou ensejo para glorificar a Obra do poeta com uma apothese, escolhendo o seu sexagessimo quinto anniversario natalicio em 8 de maio de 1895.

Do que foi esse *sursum còrda* das almas ninguém no futuro teria uma ideia nitida se ficassem descoordenados e perdidos os documentos d'esse momento de concordia moral. Colligimos muitos d'esses documentos; mas a filha do poeta, D. Maria Isabel Ramos, reunira com fervor todas as gloriosas hõmenagens, tornando possivel a sua completa coordenação.

Era este livro o sonho do irmão do querido poeta; o Padre Antonio do Espirito Santo muitas vezes me fallara em vender o pequeno predio em que habitava, para que se imprimisse o livro. Quando um intelligente editor se abalan-

çou a esta empreza, já elle era falecido ; morreu na fé de que essa assombrosa Apotheose não ficaria esquecida.

E pena é que os Centenarios de Camões em 1880 e de Garrett em 1899, não estejam relatados na fórma simples e realista do *Festival de João de Deus*.

As glorificações das altas individualidades honram ainda mais as épocas e os povos que as consagram.



JOÃO DE DEUS

ESCORSO BIOGRAPHICO

A alma portugueza caracteriza se pelo sentimento vivo e pela paixão impetuosa. Assim a definiu Lope de Vega pela alta intuição da arte.

Quem melhor der expressão a esta emotividade organica, esse representará no seu mais profundo aspecto o *genio nacional*. Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão, Camões e Bernardes, D. Francisco Manuel de Mello e Rodrigues Lobo, Gonzaga e Bocage, Garrett e Soares de Passos, fixaram na sua idealisação pessoal esta vibração collectiva, que os identifica com a sentimentalidade nacional através das épocas historicas e das correntes do gosto litterario. N'esta pleiada fulgurante incorpora-se João de Deus, tendo de todos esses espiritos o que elles descobriram de mais bello, delicado e expressivo alliado a uma individualidade original e sympathica, exercendo uma acção de concordia na crise de instabilidade moral que o nosso tempo atravessa. Assim como Rossini, depois que a Europa descansou do abalo das guerras napoleonicas que a convulsionaram, foi o consolador pela magia da sua musica espontanea e apaixonada, pode-se tambem n'esta crise violenta por que passa a nossa nacionalidade olhar para João de Deus como o poeta que nos pacifica. A harpa de David serenava as allucinações da mente do rei Saul; são assim os versos de João de Deus

pela effusão do amor e da contemplação mystica, pela naturalidade e profundidade com que acordam o ideal em uma sociedade decadente.

Como se creou uma tão superior organização poetica? Como resistiu elle á acção corrosiva de meios tão dissolventes como a Universidade de Coimbra, a imprensa jornalística, e a camara dos deputados? As particularidades biographicas é que nos podem revelar como se constituiu a sua suprema vocação.

A poesia portugueza da geração actual não póde ser bem comprehendida sem se definir a acção que João de Deus exerceu no gosto e nas vocações dos novos talentos; tambem o seu lyrismo, que ha tantos annos traz enlevada esta sociedade sem paixões, só hade ser avaliado através dos traços biographicos da sua serena personalidade. As particularidades anecdoticas da vida, que são, em um ponto de vista mais alto, a relação do escriptor com o meio em que pensa e actua, são aqui a funcção por onde remontamos á intelligencia da sua obra.

Na pequena povoação de San Bartholomeu de Messines nasceu João de Deus em 8 de março de 1830 (1); seu pae, Pedro José dos Ramos, commerciante, era dotado de uma actividade infatigavel, em harmonia com o tem-

(1) Joaquim Verissimo dos Reis Almd.^a, Parocho Encomd.^o da Igreja de S. Bartholomeu de Messines &c.

Certifico que no Livro dos Baptizados d'esta Igreja, findo no anno de 1834 a f. 72 v.^o está o termo seguinte: = João, segundo d'este nome, e havido de segundo matrimonio da parte do pae, e primeiro da parte da mãe, filho legitimo de Pedro Jozé dos Ramos, e Isabel Gertrudes, ambos d'esta freguezia de São Bartholomeu de Messines, e moradores n'este logar; neto paterno de Jozé dos Ramos, e Joaquina Maria da freguezia d'Alcantarilha, e materno de Manoel Martins e Gertrudes Angelica, ambos d'esta freguezia; nasceu aos oito dias do mez de Março de mil oito centos e trinta, foi baptizado, e postos os Santos Olleos por mim aos dezeseis dias do mesmo mez, e anno supra: foi padrinho o alferes Antonio Nogueira, casado com Anna, da cidade de Silves, de que fiz este termo, que assignei dia, mez e era ut supra. O Par.^o *Joaquim Raimundo Marques*. = E nada mais contém o dito termo, que copiei do proprio, a que me reporto, o que affirmo *sub Parochi fide*. S. Bartholomeu de Messines 26 de Septbr.^o de 1849. — *João Verissimo dos Reis Almeida*.

peramento irascível modificado por um espirito de justiça; sua mãe, Isabel Gertrudes Martins, era a bondade em pessoa, a *mater dolorosa*, que viu morrer sete filhos, uns ainda crianças e outros ao nascer. De outros sete filhos que sobreviveram, João de Deus foi o quinto; herdou do pae a austeridade inquebrantavel de caracter e firmeza no seu ideal, e de sua mãe essa bondade insondavel que lhe revelou a expressão sentida para todas as dores humanas e a conformidade passiva deante da fatalidade das cousas. E' com uncção que o poeta falla d'esse «berço de amor — d'onde na minha infancia andei suspenso», e comprehende-se como em presença do rude combate da vida e entre as tristezas de uma dolorosa maternidade se desenvolveu essa fina sensibilidade e como que submissão ao destino, que constituem o caracter do poeta.

Ha ainda a attender a um certo influxo ethnico. Se o Minho teve o seu poeta lyrico em Bernardes, o discipulo querido de Sá de Miranda; a Extremadura o seu Camões, synthese da alma portugueza; se a idealisação do amor se eleva, avançando mais para o sul, e o Alemtejo apresenta os lyricos incomparaveis Bernardim Ribeiro e Christovam Falcão, o Algarve levou bastantes seculos para que ahi se manifestasse uma organisação poetica que representasse, em toda a sua altura, o caracter ethnologico d'essa provincia. E' significativa a phrase de Junot, na proclamação de 1 de fevereiro de 1808: «Les provinces d'Algarves et de Beyra Alta auront peut-être un jour leur Camoëns.»

Basta olhar para o retrato de João de Deus: tem o sorriso de Ariosto, bondoso mas dominativo, que não destôa do seu typo arabe, cuja regressão morphologica se accusa na estatura mean e delgada, nos cabellos pretos e macios, nas linhas finas e nervosas da physionomia, no olhar a um tempo vehemente e extactico. Na sua vida, a melhor parte passou-a na inacção de contemplativo, abstrahindo do mundo, como um suphi da Persia, entregando-se á onda dos acontecimentos com a con-

fiança do arabe na fatalidade (1). Assim atravessou o meio dissolvente da Universidade de Coimbra, assim se libertou das intrigas da politica dos *partidos médios*; no mesmo descuido constituiu familia, e n'esses devaneios isolados de uma existencia atormentada e sem queixas, renovou o lyrismo portuguez e realisou uma fundamental transformação pedagogica na eschola primaria. A sua poesia é inspirada no mysticismo do amor, e na linguagem tem a indecisão deslumbrante de uma vaga metaphysica neoplatonica: apoia-se em uma crença, a emoção de um christianismo tal como aquelle de que se inspiraram os poetas da Ombria, San Francisco de Assis, o irmão Pacifico e Jacopone da Todi, e ainda os eloquentes hymnographos da Egreja. João de Deus não saiu do Algarve antes dos dezenove annos; foi n'esse isolamento do mundo, em contacto com a natureza, na doce affectividade domestica, que elle contrahiu uma suavidade de character, que é a sua força e o traço proeminente da sua individualidade. Como Bocage, elle tambem teve um terrível mestre de latim em um legitimista de Messines, que ensinava á força de palmatoadas; mas a providencia materna acudiu, avisando o implacavel Orbilio de que não queria que os filhos aprendessem o latim depressa.

Formada a sua individualidade espontanea, o desenvolvimento operou-se em Coimbra, não pela disciplina scientifica da Universidade, que estava em um dos seus periodos mais deploraveis, mas pelo contacto e estimulos da geração academica.

(1) Estas palavras não passaram indiferentemente sob os olhos do general Henrique das Neves, um dos mais antigos e maiores admiradores de João de Deus; apoz a sua leitura escrevia-nos: «Talvez desconheça esta nota graciosa para a formação da individualidade poetica de João de Deus. Encontra-se em Edrisi, o geographo arabe contemporaneo do nosso Affonso Henriques. Descrevendo a traços largos o Alfarghan (Algarves) chega a Silves e diz: — «Bonita cidade, etc... A população da cidade e a das aldeias dos arredores, compõe-se de arabes de Yemen e outros, que fallam um dialecto arabe muito puro. Sabem tambem improvisar; são todos eloquentes e animados, tanto a gente popular como as classes mais elevadas.»

Foi em março de 1849 que João de Deus partiu para Coimbra, a aproveitar a época dos exames preparatorios no Páteo; viveu por esse tempo no Seminario, matriculando-se no primeiro anno juridico, no curso de 1849 a 1850. Circumstancia notavel: n'este curso matriculara-se *Soares de Passos*. Na mesma aula se encontraram os dois poetas, que tanto tinham de influir na poesia portugueza; Soares de Passos reagiu pela perfeição impeccavel da fórma, e João de Deus, incidindo sobre o mesmo empenho, tornou mais ideal a expressão do sentimento, viu no amor a irisação da vida, e em vez de fixar a nota melancolica pessoal, attingiu um universalismo que lhe deu a posse da lyra humana.

Na Relação dos estudantes matriculados no anno lectivo de 1849-1850, apparece-nos no primeiro anno juridico com o n.º 64, e ahí assignado João de Deus de Nogueira Ramos (1). A este mesmo curso pertencia o excelso poeta *Soares de Passos*, cujo talento só veiu a ser conhecido por 1852, publicando no Porto *O noivado do*

(1) O nome de João de Deus, tão simples e tão sympathico, com que apparecem assignadas as suas poesias, depara-se-nos por diversas fórmas na matricula da faculdade de Direito na Universidade de Coimbra e em alguns manuscriptos da sua época academica.

Com o nome de *João de Deus de Nogueira Ramos*, vem na relação dos estudantes matriculados no primeiro anno lectivo de 1849 a 1850.

Nos termos da matricula dos annos seguintes acha-se o seu nome alterado em *João de Deus do Nascimento Ramos*. O dr. José Affonso Botelho, condiscipulo e companheiro de casa do incomparavel poeta, attribue a mudança do appellido a estupidez proverbial do secretario da Universidade. Figura assim até ao quarto anno juridico.

Em um Manuscripto das Poesias de João de Deus, datado de 1861, que elle proprio colligira para a impressão, e dedicara ao seu amigo Rocha Vianna, Manuscripto que se guarda na Bibliotheca de Evora, vem a assignatura *João de Deus Ramos Nogueira*.

De certo tempo em diante, como vemos pelo tomo X do *Diccionario bibliographico*, simplifica-se o nome em *João de Deus Ramos*, e por ultimo, nas obras impressas desde 1868, *João de Deus*, que synthetisa a mais alta expressão do lyrismo portuguez.

Fallando das alterações na matricula da Universidade, escrevia o dr. José Affonso Botelho na *Epoca*, de Ponta Delgada: «João de Deus póde tirar as duvidas; e vale a pena interrogal-o. Os futuros historiado-

sepulchro, A' Patria, Rosa branca, Canção, Desejo e Saudade. Era natural que aquellas duas almas se approximassem, se adivinhassem; mas os dois poetas não se conheceram nas aulas. Soares de Passos só convivia com tres estudantes do Porto, tambem poetas, Alexandre Braga, Silva Ferraz e Ayres de Gouvêa. Pelo seu lado João de Deus no anno de 1850-1851 ficou em S. Bartholomeu de Messines, perdendo o curso a que pertencia, e só tornando para a Universidade como *adventicio* do segundo anno em 1851-1852, tendo então o numero de matricula 67. Durante o anno que ficou em casa, visitou João de Deus em S. Braz de Alportel seus irmãos Antonio do Espirito Santo e José do Espirito Santo, que ahi estudavam junto do conego Antonio Caetano da Costa Inglez, homem instruido que ensinava desinteressadamente as disciplinas exigidas para a vida ecclesiastica. Referimo-nos a esta circumstancia, porque é d'este anno de 1851 que se póde datar a primeira manifestação poetica do seu talento incipiente. Vivia em S. Braz de Alportel uma rapariga, a Candida, cuja casa, como a das hetairas gregas, era o club dos estudantes; João de Deus fez-lhe uns versos, que ella passados muitos annos ainda repetia de memoria e com orgulho; intitulam-se *A Pomba* (no *Campo de Flores*, p. 204); viemos depois a encontrai-os no jornal *O Ecco do Lima*.

res da litteratura patria hão de por certo esquadriñar tudo quanto disser respeito ao nosso excellenté lyrico, inventor da *Cartilha Maternal*, dois titulos á gratidão de muitos séculos.»

Interroguei João de Deus sobre este assumpto. O appellido *Ramos* vem-lhe de seu pae Pedro José dos Ramos. Em attenção a seu padrinho, que se appellidava *Nogueira*, usou nos primeiros annos este sobrenome, que veiu a abandonar por não encontrar n'esse individuo qualidades para uma tal consideração. O sobrenome de *Nascimento* foi realmente um erro do secretario no termo da matricula da Universidade.

Ramos Nogueira era a assignatura da sua collecção inedita de poesias em 1861; e *Nogueira Ramos* a assignatura das dissertações apresentadas nos exercicios escolares. Com o nome de *João de Deus* o aclamaram as gerações academicas. O consagraram na sua tradição, e com elle é admirado universalmente.



A casa onde nasceu João de Deus

O meio academico era esterilizante: os lentes, como o Neiva, o Ruas, o Paes, o D. Frederico, Mexia, Padre Carvalho, Joaquim dos Reis, Bernardino Carneiro, representavam a tradição viva do pedantismo das Universidades da Edade média na sua gravidade doutoral; entre os estudantes, as aspirações intellectuaes estavam suppridas pela monomania anachronica da *valentia*, e as praxes das *troças* escolares, as antigas *investidas* do seculo XVIII, estavam no auge do vigor, e o calão conimbricense do odio ao *futrica*, de *andar á lebre*, dar-se *à cabula*, exprimia a realidade da vida academica. N'esta época de desalento profundo, depois da *intervenção armada* do estrangeiro, pedida por D. Maria II, e depois da Regeneração, que confundiu cartistas e septembristas, é que se produziu a *apathia physica* e moral que estragou as gerações academicas, que vieram encher as secretarias, ou se annullaram na inactividade provinciana. A poesia em Soares de Passos reflecte este estado dos espiritos, sob a forma de uma *melancholia* pessoal; e os versos de Lamartine eram imitados porque quadravam com o estado geral de desalento.

João de Deus, no meio da agitação de uma mocidade sem disciplina intellectual, nem elevação moral, retraiu-se, occultou alguns dos seus dons, e isto influiu para que a sua educação poetica se fizesse deixando raros vestigios de aprendizagem.

No segundo e terceiro anno da Universidade, 1852 e 1853, João de Deus não se fez notar entre as gerações academicas, mas no seu espirito passava-se essa elaboração que o ia revelar como um grande poeta. Matriculado no quarto anno juridico de 1853 a 1854, perdeu o anno por faltas. N'este anno de 1854 reabriu-se o Seminario de Faro, para onde foi chamado o conego Costa Inglez, e para ali seguiu a completar os estudos para padre seu irmão Antonio do Espirito Santo. Com a data de *Faro, novembro de 1854*, vem notada a poesia *Ao tumulto (Campo de Flores, p. 124)*, publicada pela primeira vez em Coimbra na *Estreia litteraria* de 13 de dezembro de 1858. E' a sua

segunda poesia conhecida, a que chamava ensaios de rima.

De 1854 a 1855 matriculou-se segunda vez no quarto anno juridico e no primeiro do Curso administrativo; o seu talento poetico começa a dominal-o, a fulgurar por um sentimento communicativo. Com a data de 15 de junho de 1855 appareceu a deliciosa elegia *A Oração (Campo de Flores, p. 349)* com a rubrica: *A' Excellentissima Senhora D. R. C. N.* Era a gentil Rachel Nazareth, de uma respeitavel familia de Coimbra, em cujo semblante se estampára a phtysica, que em pouco tempo a victimou. A geração academica, que admirava a belleza d'aquella menina, sentiu a sua morte, e João de Deus impressionado pela morte successiva da mãe d'ella, escreveu e dedicou com o titulo de *Rachel* uma elegia commovente *A D. Candida Nazareth, por occasião da morte de sua irmã Rachel e poucos dias depois de sua mãe. (Campo de Flores, p. 223.)* Que haverá de mais sentido no lyrismo portuguez?

... mãe e irmã — cinzas cobertas
De um só jacto de terra... Oh desventura,
Oh destino cruel!
Vejo-as ainda ir com as mãos incertas
Guiando-se uma a outra à sepultura;
E a mãe: — Rachel! Rachel!

Na edição definitiva do *Campo de Flores* vem mais esta estrophe, colhida das collecções manuscriptas:

Desde então, á janella do Ocidente
Te vejo, como a bussola em seu norte.
Fita, pensando... em quê?
Oh, não vóes tambem, pomba innocente,
E' grande a eternidade, é certa a morte...
Espera, vive, e cre!

Sobre impressões assim intensas, é que se escrevem poesias como a Canção X de Camões, *Junto de um secco, duro, esteril monte*, como o *Crisfal*, de Christovam Fal-

cão, a Ecloga V de Bernardim Ribeiro, *Cascaes*, de Garrett, e a *Vida*, por João de Deus.

Uma cousa o ligava de coração a essa mocidade turbulenta, entusiasta e imprevidente: era o seu nomadismo, da fibra arabe. Tendo perdido o quarto anno por faltas, voltou a Coimbra, para repetil-o, no anno de 1854 a 1855, em que teve por condiscipulo Barjona de Freitas, que veiu a ser seu lente, na época da formatura em 1859.

Estava revelado em todo o seu esplendor o talento poetico de João de Deus entre a geração academica de 1856. Essa elaboração psychica deixou-lhe uma invencivel apathia; tomado o grão de bacharel, João de Deus não regressou á Universidade nos annos de 1856 a 1858; não tinha mesmo a idéa de terminar a formatura. Uma prolongada doença nervosa de sua irmã Maria Justa, a que não podia assistir impassivel, fel-o voltar para Coimbra em outubro de 1858, matriculando-se no quinto anno por imposição amigavel do seu admirador e condiscipulo Manoel de Paula da Rocha Vianna. Quando João de Deus se descuidava com risco de perder o anno, Rocha Vianna suscitava-o, declarando-lhe que por causa d'elle tambem perdia o anno. E assim completou a formatura, que levou dez annos, como a *guerra de Troia*, dizia o poeta.

João de Deus tornou-se o typo lendario do *escolar*; dizia-se o seu nome como uma divisa sympathica — o *João*. E quem lhe podia resistir? Não era só pela doçura de character que o João dominava; possuia outros dons, sobretudo a magia de linguagem com que descrevia, contava, dramatisava, philosophava, com a originalidade do bom senso, dando relêvo aos quadros, levando para onde queria a imaginação dos que o ouviam. O *cavaco*, que torna Coimbra a Circe das nossas recordações, tratou-o elle como a mais carinhosa expressão da arte; o João ficou um conversador maravilhoso. E na viola? a viola de arâme, que tocava á maravilha, que dominava quasi tanto como José Doria, o melodista extraordinario, biographado por Joaquim de Vasconcellos, nos *Musicos portuguezes*? Se o

João fazia retinir, na Feira, em vespera de feriado, a banza gemente, quando a noite cahia, acudiam os grupos, cercavam-n'o e eil-os todos levados em bando para o Penedo da Saudade, para a Fonte do Castanheiro, até altas horas; as melodias populares do *Choradinho*, do *Ladrão*, do *Malhão*, *Agua leva o regadinho*, e outras tantas com que cada provincia se representava nas suas reminiscencias, revelaram a João de Deus a simplicidade nativa por onde elle soube achar o veio tradicional do lyrismo portuguez, cuja relação entre as *Serranilhas* dos Cancioneiros trobadorescos e as Canções populares está hoje conhecida.

Se a palavra nos seus labios desenhava, se a viola coloria as canções do povo, João de Deus tinha outras aptidões artisticas que o tornavam amado e admirado: desenhava á penna como poucos. Todos sabem a anecdota do album em que esboçara um crucifixo; pela inercia de temperamento, deixára o desenho em meio, quando entregou o livro para satisfazer a urgencia do pedido. Tornaram-lhe a entregar o album para que acabasse o desenho; achou mais commodo cortar a pagina, escrevendo no seu logar o distico: *Resuscitou, não está aqui*. Como Ariosto, transformava a sua morada em galerias maravilhosas, não com o simples devaneio, mas com phantasticos esboços pelas paredes.

O talento poetico revelado mais tarde tornou-se exclusivo, absorveu-o completamente. O profundo amor por Camões foi para João de Deus mais do que uma intuição de artista; elle começou por fazer reviver a forma esplendida do Soneto, tam desacreditado pelas banalidades de um extemporaneo elmanismo e condemnado por Garrett. Anthero seguiu este primeiro impulso, na collecção de 1861, elevando-o gradativamente á perfeição inexcedivel alliada ao relêvo da subjectividade.

A indole contemplativa tornou-se uma apathia invençivel. Tendo tomado o gráo de bacharel em 1855, não voltou á Universidade senão passados tres annos, a matricular-se no quinto anno, no curso de 1858 a 1859. Foi

n'este curso que teve por condiscipulo Thomaz Ribeiro ; sempre deitado e cercado de amigos, ávidos da sua pasmosa conversação, ditava-lhes versos, que elles copiavam, e que appareciam publicados na *Estreia litteraria*, no *Atheneu*, nos *Preludios litterarios*, no *Academico*, no *Instituto*, no *Phosphoro*. Eram collectores dedicados o seu condiscipulo Rocha Vianna — que o forçou a completar a formatura, ameaçando-o de que perderia com elle o anno —, João de Souza Vilhena, Pinto Osorio, Guimarães Fonseca, Rodrigo Velloso. A *Vida* é de 1859; o poeta estava com todo o seu poder de emoção ; a *Heresta* repetia-se de cór, por causa da limpidez de um vago idealismo.

Nos jornaes litterarios de Coimbra de 1858 a 1862 acham-se documentos da sua marcha ascencional.

Na *Estreia litteraria* de 1858 encontram-se as poesias *Ao tumulo*, *N'um album* (anonyma), *O cego*, *A lua*, e a versão de Victor Hugo, *Puisqu'ici bas tout'âme*.

No *Atheneu*, de 1859 a 1860 vêm as poesias *A Vida*, *A Hermann*, *L'âme se mêle par tout*, *Beatriç*, *A. C. C.*

Nos *Preludios litterarios* de 1859 vem o *Psalmo*, com outras pequenas composições anonymas.

No *Instituto* de 1860, publicaram-se: *Francesca di Rimini*, versão de Dante, *A Hermann*, recitada pelo poeta no theatro academico ; e no anno de 1861, vem: *Cae tudo*, *A' Poesia*, *Heresta*, *Tu, só tu*, *No leito conjugal*, *Niã e filha*.

Mas, ao mesmo tempo, o poeta revelava-se sob um aspecto novo — a Satira : foi a *Marmelada*, que só muito tarde saiu das copias manuscriptas. Praticou-se uma revoltante injustiça contra um obscuro novato do curso de theologia, que levou um R por ter ido fazer acto sem rapar préviamente o buço. Reprovara-o o lente, frade cruzio egresso, D. Victorino da Conceição Rebello, o que dizia da luz do gaz : — *Luç sem torcida, e por de-baixo do chão ? isso não é cá para nós os homens da sciencia*. — O novato era companheiro de casa de João de Deus ; o poeta insurgiu-se contra a boçalidade do len-

te, alcunhado o *Marmelada*, e ditou duas Epistolas, que Guimarães Fonseca escreveu. E' um poemeto heroico-comico de uma graça inimitavel, que se repetia com malicia entre as gerações academicas. Não ha verso mais repleto do que este: «Bicho intruso em especie humana.»

Terminada a formatura em 1859, João de Deus deixou-se ficar entre a geração que o amava até ao anno de 1862. Uma nova pleiada de talentos appareceu no curso matriculado em 1858, entre os quaes se destacavam Anthero de Quental, Alberto Sampaio, Santos Valente, Alberto Telles, Germano Meyrelles, Florido de Vasconcellos, Peres Ramires; acharam-se fascinados pelo genio de João de Deus, seguindo a transformação que elle operava na metrificacão portuguesa. Pensou-se em colligir em um livro os versos de João de Deus; em um artigo publicado em 1860 por Anthero de Quental *A proposito de um Poeta*, proclama-se a supremacia do genio incomparavel; ahi diz: «João de Deus ha pouco ainda era uma vocacão ignorada por todos; hoje conhecem-n'o e amam-n'o alguns amigos da verdadeira Arte...»

Era o primeiro rompimento com a eschola ultra-romantica representada no lyrismo por João de Lemos e Palmeirim. Chegou a annunciar-se uma edição dos versos de João de Deus; não foi por diante a empreza, mas existe na Bibliotheca de Evora (Cod. C. — 2 — 16) um manuscripto de 41 folhas com o titulo *Poesias ineditas de João de Deus*, datado de 1861 e dedicado a Rocha Vianna. Contém trinta e tres poesias que bem representam o idealismo melancholico d'essa phase da vida de Coimbra; perdeu-se a noticia d'este manuscripto, porque nas edições das *Flores do Campo* e *Folhas Soltas*, não entraram as seguintes ahi esquecidas, *Amelia*, *Vittoria Colonna*, *Visão*, *Vivo só* e *P.^o Frei Francisco*. O desalento em que o poeta cahira, chegando a divorciar-se da poesia, foi talvez a causa de não se realisar a projectada edição de 1861. No *Adeus*: «Fique em silencio eterno a minha lyra», acha-se essa depressão moral, que Anthero

de Quental rebateu instigando-o á idealisação. (*Raios de extincta luz*, pag. 73.)

Apenas conhecido em Coimbra, os novos talentos que se foram revelando obedeceram ao seu influxo; a versificação tornou-se mais correcta, a comprehensão do rythmo mais intima, o sentimento mais delicado, a estrophe mais primorosa, e a linguagem elegantemente camoniana. Iam-lhe faltando todos os companheiros da sua longa época academica de dez annos, que elle equiparava a «tantos, como a guerra de Troia». A carta de bacharel formado obrigava-o a atirar-se á faina da vida.

Como lhe iam faltando as gerações academicas suas contemporaneas, João de Deus saiu de Coimbra por 1862; no regresso ao Alemtejo, ao passar por Beja, ahi se demorou contractado para escrever no jornal *O Bejense*. Foi n'esta época, que durou até 1864, que o poeta ahi publicou as composições lyricas: *A uma velhinha, Ella e Deus, A uma senhora, Verbo divino, A Patria, Uma carta sem assignatura, A Folhinha, Deixa, As mães que enjeitam os filhos, Jasmins e Rosas, Cantiga, Margarida, Innocencia, A um amigo, Psalmo, Questão de tempo, No tumulto, A Amelia Janny, Cançoneta*. Deixando a redacção d'esse jornal, seguiu João de Deus para Evora, e ali collaborou com Rocha Vianna e Philippe Simões na *Folha do Sul*, em que publicou a sublime *Marina, Maria, Luz da Fé e Satisfação*. Consta, que por 1864 se emprehendera em Penafiel a edição dos seus versos, levada até á pagina 48; porventura a este volume alludiria a *Revolução de Setembro* em 1866. Os contemporaneos de Coimbra não cessavam de colligir-lhe os versos; no *Ecco do Lima*, Pinto Osorio começou a publicar em 1866 composições de João de Deus, taes como *A Pomba, A. L. C., A vizinha do 4.º andar, A...*, *Desanimo, De lucto, Sonho*. Na *Gazeta de Portugal*, de 1864 a 1866, tambem Alberto Telles reproduzia as mais bellas poesias de João de Deus; lê-se ahi a declaração: «Um distincto academico, amigo e admirador de João de Deus, favoreceu-nos com algumas poesias que pouco a pouco iremos

publicando.» Chegaram a trinta e sete, algumas transcritas da *Revolução de Setembro* e do *Século XIX*, de Penafiel.

Em o n.º 150 d'*O Bejense*, de 1863, publicou um artigo *Os Luziadas e a Conservação preambular*; acabara então de sair a lume o poema *D. Jayme*, de Thomaz Ribeiro, imposto á admiração, auctoritariamente, por um prologo de Castilho. Depois da morte de Garrett, em 1854, e do silencio systematico de Herculano, por 1859, Castilho arrogou-se um pontificado litterario, concedendo bullas de talento, ou revogando os juizos da immortalidade; foi por este abuso de uma auctoridade ainda então não discutida, que soltou a blasphemia de os *Luziadas* serem inferiores ao *D. Jayme*, porque não serviam para se lêr por elles nas escholas. João de Deus insurgiu-se na sua honrade, e protestou com um dito da mais fina ironia: — Condemnar os *Luziadas*, porque não servem para Cartilha do Padre Ignacio, é o mesmo que condemnar a Cartilha do Padre Ignacio porque não serve para epopêa nacional. — E rebateu dignamente essa outra heresia de Castilho, de que entre a geração moderna não havia quem assignasse sem vergonha uma estrophe dos *Luziadas*. A litteratura official não queria reconhecer a superioridade de João de Deus, e fez-se o silencio sobre o seu protesto. Sem rompimento de eschola, ainda assim cabe a João de Deus a gloria do primeiro passo para a dissolução do ultra-romantismo. Aquelle escripto d'*O Bejense* é pouco conhecido; mas n'elle começa o phenomeno moral e intellectual da dissidencia da *Eschola de Coimbra*, em 1865, proclamada na carta *Bom senso e bom gosto*, e no folhetim *Theocracias litterarias*, repellido pelo *Jornal do Commercio*.

Este phenomeno da chamada *Questão de Coimbra*, que significou simplesmente a dissolução final do romantismo, mereceu ser considerado por Stengel, Goldbeck, Gubernatis, Paul Meyer, Monod, Gaston Paris e Fernandez de los Rios; mas não será bem comprehendido, sobretudo na transformação da poesia lyrica moderna em

Portugal, se se não estudar João de Deus como o seu precursor. Precedeu no movimento philosophico e critico os *Dissidentes de Coimbra*, e, sem conhecer a renovação das doutrinas metaphysicas nem as theorias sociaes, nem a synthese monistica das sciencias physicas ou naturaes, nem a indisciplina revolucionaria, sem ter em vista romper com o passado nem proclamar novas affirmações, como é que elle fecundou duplamente a poesia portuguesa, pela sua obra e por uma influencia immediata ? Isso que a todos arrebatava, isso que é bello porque vae além da personalidade, essa vibração que fascina e inspira, é uma orientação tradicional, que, depois de Camões, os poetas portugueses perderam, e que João de Deus por um tino genial tornou a achar. Entraram em Portugal as correntes do satanismo byroniano, do pessimismo de Baudelaire, do scepticismo enervante de Musset, e dos grandes gritos de justiça de Victor Hugo ; os ruidos passaram, esqueceram-se, e os versos de João de Deus ouvem-se por cima dos córos tempestuosos, na sua limpidez de melodia matinal, imperturbavel como uma voz da natureza. Nenhum de entre os modernos poetas tem como elle uma individualidade tão sua, e ao mesmo tempo intensamente nacional. E se algum dia houve poeta que, na expressão do sentimento individual, menos fôsse dominado pelo intuito de impôr o seu *pathos* (como os ultra-romanticos), ninguem ainda excedeu João de Deus na espontaneidade da linguagem, na absorpção contemplativa, na conformação dos actos da vida com a pura idealidade ; emfim, no desprendimento quasi censuravel d'essa parcella de gloria que lhe é devida, e sobretudo tão necessaria ao genio como estímulo. O lyrismo de João de Deus, embora derivado de uma individualidade cujas qualidades moraes reflecte, caracteriza-se por essa profundidade simples e lapidar que torna sublimes, em todos os tempos, as Canções do povo. O segredo, ou a força do seu genio artistico, consiste em saber repassar-se d'esse modo de sentir da multidão anonyma, e em exprimir-se com a novidade de uma elocução camoniana

nos mais caprichosos labores da estrophe e da rima, sem comtudo, poder-se descobrir uma antinomia entre o sentimento e a fôrma que o traduz. João de Deus não contrafaz o gosto popular, e ninguem é mais povo do que elle na passividade como se exprime: a intuição artistica levou-o á mesma comprehensão da critica philosophica, que achou a lei das manifestações do bello na relação organica ou genetica entre as concepções individuaes e o elemento tradicional.

E' por isso que o seu lyrismo é inexcedivel, e isto explica como tão cedo exerceu sobre nós todos uma acção profunda. A alta intuição revelou-lhe as fôrmas primitivas do lyrismo nacional, que entrou nos Cancioneiros trobadorescos do seculo xiv, que ainda no seculo xvi transparecia em trechos fragmentarios de Gil Vicente, Sá de Miranda e Camões, no seculo xvii tambem em D. Francisco Manuel de Mello e Rodrigues Lobo, no seculo xviii, na *Marilia* de Gonzaga, persistencia da *Modinha* brasileira, cuja regressão suscitou os principaes lyricos brasileiros, como Alvares de Azevedo e Castro Alves, que inconscientemente acharam a fôrma da *Serranilha*. João de Deus não tinha um passado que o dirigisse, e só por um vago instincto de artista soube amar Camões sem separar-se do povo. As cançõetas do *Campo de Flores* fazem-nos lembrar as mais deliciosas redondilhas de Camões e de Sá de Miranda, certas delicadezas das *Volts* e *Esparsas* nos Cancioneiros palacianos, e demonstram bem o poder intuitivo que o levou a achar o veio aurifero perdido do nosso fecundo lyrismo nacional.

João de Deus achava-se deslocado no meio das pequenas conveniencias de um jornal politico da provincia; esgotava-se na polemica. Regressou a Messines, vivendo algum tempo em Portimão, entregue á caça, á poesia objectivista e idyllica. Na *Folha do Sul*, redigida pelos seus amigos Rocha Vianna e Philippe Simões, publicou em 1865 algumas composições d'esta segunda phase artistica tão accentuada, como *Descalça*, *Maria*, e essa his-

toria commovente e intima de *Marina*, que tem em si o cunho de uma dolorosa realidade. E' admiravel o esbôço em prosa que acompanha essas quadras e que lembra, por vezes, na sua confidencia, a linguagem da primeira parte da *Menina e Moça*. Do contacto com a natureza são esses versos descriptivos do *Remoinho*, em que a palavra pinta de um modo surprehendente os effeitos da tempestade. N'este periodo de convivencia com seu irmão padre e entregando-se á leitura da Biblia, fez a traducção do *Cantico dos Canticos*, em uma linguagem que excêde os mais arrebatados transportes de S. João da Cruz ou de Fr. Luiz de Leão. A ingenuidade e verdade da alma primitiva foram na lingua portuguesa expressas pela graça e frescura das redondilhas populares, em que as locuções do vulgo dão o perfeito equivalente do estado de sentir de uma sociedade patriarchal.

Em 1868, foi o poeta eleito deputado por Silves, por iniciativa de alguns amigos que lhe admiravam a eloquencia natural; elle não conhecia o que é a politica dos *partidos médios*, que têm falsificado o regimen do constitucionalismo, acobertando com as fórmulas parlamentares o despotismo contra o qual a nação ainda teve força de reagir em 1847. Com uma eloquencia unica pela espontaneidade e pelo ideal, achou-se em uma camara sem ideias, então denominada dos Possidonios. Outros poetas com menos capacidades violaram em seu beneficio a maxima de Garção: «Almotacé que queiras ser de um bairro, Excluido serás, sendo poeta. . .», e fizeram-se directores de secretaria, ministros, embaixadores; João de Deus, que não sabe intrigar, não quiz pôr-se ao serviço de um bando que leva ao poder e ás honras os seus fundibularios. Fugiu a tempo dos *partidos médios*, e contentou-se com ser um simples homem de bem. Não tornou a ser eleito deputado. Fixou, então, de vez a residencia em Lisboa, que se agitava com as primeiras correntes democraticas; foi esta a fórma com que se propagára a nova *Eschola de Coimbra*, que no Porto se manifestara essencialmente critica. João de Deus soffreu terri-

veis angustias diante do problema economico da vida; a sua emoção descarregou-se especialmente nas Satiras, mas sem azedume nem desespero. Com o titulo de *Flores do Campo* appareceu, em 1868, a primeira collecção dos seus versos, reproduzidos em todos os jornaes desde 1862; a impressão que provocaram foi grande. Mas o poeta ia entrar n'uma terceira phase da expressão do sentimento: a paixão da realidade.

Sem revelar a ninguem os seus transe, e quasi sempre preocupado das afflicções alheias, viu-se forçado a coser á machina, a traduzir comedias de Méry e insignificantes livros de devoção, ou a escrever *Lóas á Virgem* para os festeiros do Almargem. Mas, em tudo se conhecia a elevação do artista. Que mimo inexcédível na traducção da comedia de Ponsard, *Horacio e Lydia!* O artista nunca pôde ser supplantado pela pressão da necessidade; onde elle poz a mão deixou a irradiação perenne do bello, como se pode vêr nas *Lóas á Virgem*. Pela poesia *Adoração*, o que ha de mais bello, o poeta entrava em plena consciencia da força, como um Goëthe. O seu ideal, agora, tomava uma outra direcção: o interesse pelos problemas pedagogicos.

Em 1870 foi convidado pelo gerente da casa Rolland para fazer uma *Cartilha*; apesar de ter caducado o convite pela falencia da livraria, João de Deus achou-se investido de uma missão: a educação popular. Creou o seu methodo novo de leitura na *Cartilha Maternal*, publicada em 1877; o seu espirito apathico tornou-se activo; aquella natureza contemplativa mostrou-se armada das mais finas ironias que o fizeram invencível na polemica com que defendeu o seu methodo do  ssalto da rotina professoral. A's luctas doutrinarias seguiram-se-lhe as complicações da exploração gananciosa da livraria que se apoderou da *Cartilha Maternal*. Tendo constituido familia, luctando com a exiguidade de meios e sem recursos definidos, nunca aquella grande alma se queixou nem da sua época, nem da sua sociedade, nem da patria. Toda a actividade era dispendida no ensino do methodo

de leitura que se propagava rapidamente pelo paiz; e contra a indifferença dos que o deixavam sem recursos, tinha só aquelle sorriso de invencivel bondade.

Encarando o problema pelo lado affectivo, achou uma fórma racional e simples para a arte de leitura. A parte negativa, que era a critica da antiga soletração, já tambem a entrevira o convencional Daunou, em 1793. João de Deus serviu a causa do ensino popular como um verdadeiro apostolado, pondo em acção o seu temperamento dotado da doçura de um Froebel e da bondade infinita de um Pestalozzi. Um dos criticos mais severos da *Cartilha Maternal* diz d'esta obra: «vem demonstrar exuberantemente que o poeta possui um talento privilegiado e uma propensão natural para o ensino, como raro se verá.»

O methodo de leitura propagou se por todos os municipios, e fundaram-se escholae moveis, que o ensinaram com vantagem em toda a parte. Mas o poeta teve de lutar para arrancar a *Cartilha Maternal* da exploração de ávidos livreiros, das imitações sophisticas, e, por ultimo, de uma cruzada de descrédito, sustentada pelos professores normalistas de Lisboa. Nas polemicas diarias da imprensa, João de Deus revelou-se um prosador de primeira ordem e um polemista cuja força era a noção do bom senso realçado pela fina ironia. Nenhum dos ministros que dispunham do poder, e que tinham sido seus condiscipulos, souberam pagar uma divida nacional, libertando-o das terriveis luctas da vida. Protestando contra esta indifferença insciente dos poderes publicos, por vezes em conferencias e esboços criticos conclamamos para que não deslustrassem a nossa epoca com o labéo d'aquella que deixou expirar Camões no catre da indigencia. Até aonde chegou a boa palavra? em que consciencia vibrou? O facto era de si tão clamoroso, que a iniciativa da reparação impunha-se ante a opinião geral, ao unanime consenso.

Por julho de 1888, apresentou ao parlamento o deputado açoriano Augusto Ribeiro uma proposta para ser creado o logar de Commissario geral do methodo de lei-

tura — *Cartilha Maternal*, com o vencimento annual de 600\$000 réis (1). A proposta foi approvada, mas, na rapida passagem pelo poder, Oliveira Martins eliminou com um traço de penna essa despeza, para salvar a nação do abysmo da bancarrôta.

Quando em 1868 as suas poesias appareceram colligidas em volume com o titulo *Flores do Campo*, com o intuito de beneficiar um amigo, apesar de serem bem conhecidas, produziram um verdadeiro pasmo; esgotada rapidamente a edição, a casa Rolland e Semiond contractou em 1871 uma segunda edição das *Flores do Campo*, com um prologo por Anthero de Quental, que chegou a ser escripto e entregue. Faliu a livraria Rolland, e por um debito á Livraria Universal do Porto foi-lhe passada a segunda edição das *Flores do Campo* sem que para isso João de Deus fosse ouvido e pago. O poeta atravessava a mais terrivel crise economica, e para reagir contra ella teve de fazer um rebusco dos seus versos contractando a referida livraria do Porto a edição das *Folhas Soltas*, em 1875, por duzentos mil réis em quatro prestações. N'este volume entraram as publicações avulsas *Ramo de flores*, e a comedia em verso de Ponsard, *Horacio e Lydia*. Desde então os versos de João de Deus ficaram monopolizados pela livraria do Porto, que em 1892 tentou

(1) Anthero felicitou-o com a seguinte carta :

Villa do Conde, 15-7-88.

Meu João.

Não fizeram mais do que pagar uma divida, que eu, que os conheço, recei que ficasse sempre em aberto. Felizmente, enganai-me d'esta vez. Não sei quem foram os que propuzeram a lei : se os conhecesse quereria dar-lhes os parabens, coisa que um deputado raras vezes merece. Desde janeiro que aqui estou sem desemburrar, com tedio e desgosto por tudo quanto se passa n'esta pobre terra. Mas a noticia, que hoje me trouxe o jornal, foi um raio de sol, que me entrou em casa.

Do teu do C.

ANTHERO DE QUENTAL.

oppôr-se á edição completa dos versos do poeta com o titulo *Campo de Flores*, declarando que tinha para mais de mil e quinhentos exemplares das suas edições. Fez-se a publicação de todas as lyricas de João de Deus em 1893 com o titulo *Campo de Flores*; não fez o poeta as pesquisas pelo jornalismo portuguez, por cadernos manuscritos e albuns particulares, d'onde foram colligidas 127 composições nunca colleccionadas, mas reviu toda a obra dando-lhe a fórma definitiva da sua vontade como tem de prevalecer na litteratura. Pôde o despeito mercantil malsinar o *Campo de Flores*, de que o seu texto não é authenticico; vivo o poeta affirmou sempre a sua genuinidade. Não estava porém esgotado o campo da investigação; para mais de sessenta composições lyricas de João de Deus foram ainda achadas e incorporadas na edição *Ne varietur*.

Quando João de Deus esteve á morte com uma pneumonia, em 1893, disse que o consolára a lembrança de que estava realisada a edição authenticica dos seus versos. A mocidade das Escolas consagrou o seu nome em um Festival enthusiastico no dia 8 de março de 1895, seu sexagesimo quinto anniversario; este symptoma lhe revelara que a sua memoria nunca mais se extinguirá no coração dos novos (1).

O paiz inteiro, a imprensa, a Academia, a Universidade

(1) Lê-se em uma carta de Alfredo Serrano a Fran-Paxeco, de 7 de fevereiro de 1899:

«Quando eu pensei em lançar a base para o Festival de 8 de março de 1895, não fui tanto tocado pela obra puramente artistica de João de Deus, como não fui pelos seus trabalhos pedagogicos. A sua obra artistica era bella idealmente, mas em especial era boa moralmente, era de educação, de construcção social, — eu via romanticos, realistas, decadistas, a sociedade inteira das letras abraçar um homem que vivia mettido n'uma casinha para o bairro da Estrella; ao lado d'elle sentavam-se em boa paz inimigos rancorosos por questões pessoas e publicas; fallavam com elle e consultavam-o judeus, catholicos, atheus, e reaccionarios, afóra toda a escala politica, desde a absolutista até ao anarchista. Ser bom! Ser bom n'este seculo é ser heroe. E elle era-o.

«João de Deus por força tinha alguma cousa superior em talento, por

e os altos poderes do Estado acharam-se em communi-
dade affectiva n'esta consagração: João de Deus, como
poeta lyrico do amor era a expressão do genio nacional.
Portugal reconheceu-se n'elle. Depois d'esse dia memora-
vel, por se ter realisado uma — *unidade sympathica* —
João de Deus ficou pertencendo á historia. O poeta já
estava doente e extremamente debilitado; e invadido pelo
presentimento da morte, com tanta ternura o expressa no
distico:

— *Que vindes cá fazer, oh Mocidade? — Despedir-vos
de mim...*

A morte veio consummar-lhe a immortalidade. Em
11 de janeiro de 1896, dia affrontoso do *ultimatum* inglez,
expirava. Vivera sempre pelo coração, que o dirigira na
sua obra de artista e de pedagogista, o coração o matou (1).
Aquelle que pelos seus versos dera ás emoções uma ex-
pressão consoladora, ainda na sua morte teve o poder de
unificar em uma mesma *sympathia* todos os elementos
inconciliaveis da sociedade portugueza.

THEOPHILO BRAGA.

que ainda os maiores lhe chamavam mestre, e alguma cousa maxima em
caracter, porque todos lhe chamavam amigo. — De forma que elle, chro-
nicamente doente e pobre, dava aquillo que não tinha. Quem o conheceu
de perto chegava a não acreditar que elle distribuisse esmolos como o fa-
zia. — Ora, este poder de fazer transpirar na sua obra o sentimento prin-
cipal de uma nação, como o amor no povo portuguez: de revestir os
seus versos de uma forma clara e precisa, de inventar um methodo de
leitura para a maioria do povo que não sabe lêr, de se harmonisar sem
constrangimento com os temperamentos mais diferentes, é revelador da
sua qualidade primordial, essa me levou a pensar no Festival de 8 de
março de 1895, o ter sido João de Deus um ente bom.» (No opusculo *O
Jubileu de João de Deus*, pags. 13, 18 e 21. Manáus, 1900. In-16.^o.)

(1) «que as homenagens (sc. officiaes) não foram sinceras, reconheceu-o
amargamente João de Deus — vendo — ainda em 1895 — mezes antes de
morrer — que por ordem superior lhe mandaram retirar das escholas offi-
ciaes de Lisboa e Porto o seu methodo. — *Vanguarda*, n.º 5:850 — de
10-III-005.»

8-3-95

Erne under en farer, oh skuldade?
Dygdur-og de minis? Læntu og dem
Stundum þess þi og minna sandale!
E en la chespana a ætta vada. verra -
þess andan



O FESTIVAL
DE
JOÃO DE DEUS

8 - III - 1895

1905

1905

I

SAUDAÇÃO DOS POETAS

JOÃO DE DEUS

Ao ouvir esse nome adoravel, singelo,
Invade-nos o seio enorme commoção,
E pensamos — talvez, — que tudo quanto ha bello
Se fundiu e creou a sua inspiração.

Um raio de luar, a briza das montanhas,
Um frémito d'amor que passa no arvoredado,
O aroma dos rosaes, as musicas estranhas
Que dizem da espessura o mystico segredo ;

A vaga que soluça, o orvalho crystallino,
— Brilhantes onde o sol mirar-se ufano vem —
De toda a natureza o cantico divino,
Em risos de creança e lagrimas da mãe ;

Formaram do Poeta o genio deslumbrante,
Enchendo-lhe de luz a mente e o coração ;
E foi d'esse conjunto ethereo, palpitante,
Que irrompeu — assombrosa — a sua inspiração !

DOIS RETRATOS

Representando JOÃO DE DEUS, aos 29 annos de idade, quando ainda estudante da Universidade, e hoje que tem 65 :

Dois, e um só : — o moço e o homem ;
— jardim, — pomar, — rosas, — fructos,
riem, n'um, o outro consomem,
n'este, os sonhos, — n'esse os luctos

— O engano, — os desenganos ;
— o viço da rosa, — a essencia ;
entre esses dois, quarenta annos !
um instante... uma existencia !

— Vate gentil, — mestre e grande ;
— riso ao sol, — balsamo ás dôres ;
um seio só, que se expande
n'um amor de mil amores !

Dos dois, um templo completo ;
nos dois, a eterna creança ;
vaso de eleição, repleto
de Fé, Caridade, Esp'rança.

THOMAZ RIBEIRO.

PARABENS

— João de Deus!...

Que inspiração prophetica
segredou a teus paes e a teus padrinhos,
— hostia d'amor em corporaes d'arminhos —,
paixão, porvir, destino e sonhos teus?
Nome que é voto e saudação e supplica!
sacrario que irradia e que resume
sóes, e effluvios de mystico perfume!...

Ouve, João de Deus :

— (Peço perdão á Egreja e aos seus pontifices ;
peço-o tambem aos velhos patriarchas,
aos juizes, prophetas e monarchas
do velho testamento. — A ti Moysés.) —
— «Sem mais escudo» — vou chamar-te, escuta-me:
poeta, e mestre, e pae, e humano, e santo ;
omnimodo talento. — Assim meu canto
consagra o que tu és.

Mas, que serias tu nos tempos biblicos ?
Se bem decifro os divinaes arcanos,
se tivesses nascido ha tres mil annos,
tu serias David, o rei cantor ;
transformarias de Saul os impetos
n'uns extasis de paz, serenos, calmos ;
e os penitenciarios tristes Psalmos
em canticos de amor ;

Sim, que a tua alma inda é mais pura e candida;
e mesmo, a amar Bethesabé, terias
poupado a vida ao desditoso Urias!
conheço o astro bom que te conduz.
Ha nos teus olhos luz tão branda e limpida
que te mostra divino entre os humanos!...
Tu serias, nascendo ha dois mil annos,
... o gemo de Jesus!

E não é caso, amigo, para pêzames
o retardares tanto a vinda ao mundo,
antes, com sentimento mais jocundo,
te damos — parabens — do coração.
Nos carinhos do affecto patriotico
bem vês como são tuas nossas almas.
Tens a festa dos ramos e das palmas,
e prescindes da cruz e da paixão.

Lisboa, 8 de março de 1895.

THOMAZ RIBEIRO.



AO DIVINO JOÃO DE DEUS

Quando nos idos tempos passageiros
Meus cordeiros guardava, e a minha altura
Fazia par'cer grande a dos cordeiros,

Por um entardecer d'alma brandura,
Maviosa fruta ouvi, tão doce e branda
Que o seu encanto inda em minh'alma dura.

Ouvindo assim tocar, fui-me em demanda
Do divo tocador, qual veloz cerva,
Ou qual o doente que, dormindo, anda;

Porém, sentado na crescida erva,
Achei-te a ti, eu que encontrar julgava
Marsyas, que tinha a fruta de Minerva.

Agoas e plantas tudo te escutava,
E até o meu rebanho, mais travesso
Do que um rancho de tityros, parava!

Foi ahi, n'essas margens do Permesse,
Que tu, subida gloria das Camenas,
Por quem o mór apreço é pouco apreço,

Me induziste a provar as mui amenas
Agoas d'aquella fonte, e me ensinaste
A correr os meus dedos p'las avenas ;

Foi ahi, novo Orpheo, que me levaste,
Pelo Helicon, á fulgida morada
Das bellas Agannipides que honraste.

Foi desde aquella tarde bemfadada
Que, entre os da minha fruta tocadores,
Minha fruta encantou e foi cantada.

A ti, sol dos arcádicos pastores,
E' pois que eu devo o cubiçado tino
Com que tiro da fruta riso e dores. . .

Fizeste-me o que sou, genio divino,
Porquanto os que possuem mer'cimentos
Menos do engenho vieram que do ensino.

Se pelos doces, languidos relentos,
Graças a minha fruta insinuante,
Fiz palpitar de amor lobos cruentos ;

Se fiz parar o curso marulhante
Do Mondego, se fiz parar, no trevo,
Do meu rebanho cada rez saltante ;

Se logrei enlevar n'um triste enlevo
As loucas Mimallonides joviaes,
Se tudo isso fiz, a ti o devo.

Porém, dos Deuses gloria e dos mortaes,
Se tanto te devia, estava escripto
Que devera dever-te muito mais!

A ambição, monstro nunca assaz maldito,
Fez-me odiar a minha solidão,
De um sereno pastor fez um proscripto.

Deixei a minha frauta, o meu bordão
E o meu rebanho, e fui-me a correr terras,
Que sepulturas de almas virgens são.

De cidade em cidade, subi serras
E lá de cima, olhando para baixo,
Só vi angustias, odios, lutos, guerras. .

Da ambição me offuscava o tredo facho,
Para o mal caminhava, cegamente,
Qual para o mar o ambicioso riacho.

Por babilonias, entre falsa gente,
Entre tristezas mil e mil perigos,
De tantos vícios vêr, vi-me demente. . .

Debalde procurei leaes abrigos,
Foi pago com traições o meu amor,
E só traições colhi dos meus amigos.

E cada vez o mal ia peor,
A tal ponto que a minha dor agreste
Julguei-a das dor's todas a maior!

Foi então, doce Arion, que me appar'ceste
E me mostraste como tudo é vão
Sob a estrellada abobada celeste;

Seguindo o teu exemplo, foi então
Que eu o mundo deixei para voltar
Aos deliciosos prados da illusão!

Aqui me vim esconder e recobrar,
Aqui, onde de novo pastoreio
E onde outra vez Castalia oiço cantar.

De novo bebo o mel do devaneio,
Minha bocca em vez d'ais, solta canções,
A paz voltou, suavissima, ao meu seio;

Quaes semicapros egipans brincões,
Meus desejos são puros como rosas,
E doceis minhas simples ambições;

Vivo calmo a cantar canções viçosas
E a ouvir, sempre encantado, o bom Mondego,
Onde cantam mondégides maviosas!

Sou de novo feliz! vivo em socego,
De novo ostenta flor's a secca haste,
De novo o mudo falla e vê o cego!

Graças te rendo a ti que me ensinaste
A tocar minha avena e que depois,
Vendo-me já perdido, me salvaste!

Cantem, quando passar's os rouxinoes,
Sigam-te como sombras os poetas,
Acclamem-te rainhas, reis e heroes!

Que os teus pés pisem só jasmins, violetas,
Seja-te o inverno doce primavera,
Realise-se tudo o que projetas!

Contigo ainda conversar quizera,
Meu rebanho, porém, vou deitar fóra,
Que, de se vêr sem mim, já desespera.

Aqui não posso ficar mais agora,
Pois, meus olhos, cordeiros saltadores,
Balindo, querem que eu, sem mais demora

Os vá guardar no teu *Campo de Flores!*

Limbra, 5 de março de 1895.

EUGENIO DE CASTRO.



Como a rei que, amado sendo,
longe agora se sentisse
dos seus dominios, mas visse
que n'estes vinha vivendo,
— pois presente sempre achamos
aquelles a quem amamos — ;

como a rei que nos houvesse
— rei nómada de pastores —
deixado, e o que mais tivesse
amado : um *Campo de flores*,
sua tenda d'alvo linho,
sua harpa ebúrnea e suave
mais doce que um canto d'ave,
que as fallas brandas d'um ninho ;

como a rei que, — embora fosse
rei de altivas caravanas, —
foi mais do que os pobres doce,
pondo em palavras humanas
— para fazer-se entender
até dos mais pequeninos —
o seu natural saber,
os seus Proverbios divinos ;

como a rei que, em vez da guerra,
o Amor cantara e a Mulher,
— pois só por isso na terra
valera a pena viver, —
mas que na alma guardasse,
entre flores de romeiral,
pedra d'ára onde rezasse
até á hora final ;

como a senhor, P'ae, amigo,
patriarcha de Poetas,
doce Abrahão, bardo antigo,
conductor d'almas inquietas ;
como ao de todos Eleito,
que houvesse tido no peito,
no biblico olhar de ensino
de um povo inteiro o destino ;

como áquelle, a quem, um dia,
tivessemos confiado
nossas almas, se era o guia
para as guiar destinado,
— e que afinal, descontente
de tanto encantar a gente.
o rebanho abandonasse
e ao longe se desterrasse ;

como a rei que ainda scismando
no exilio recolhido —
quizesse acceitar chorando,
— por ser presente trazido

d'aquella Patria deixada —
um torrão de gleba amada
embora mal este enchesse
a humilde mão que lh'o dêsse :

— trago estes versos, punhado
pequeno, e pobre torrão
d'esse Reino da Illusão,
onde reinaste adorado.

Coimbra, 8 de março de 1895

MANUEL DA SILVA GAYO.



Bemdito luctador dos campos da Sciencia;
alma feita de luz constantemente bôa;
espírito gentil de estranha transparencia
que todo o Bem resume e todo Mal perdôa!

Tu, que possues no peito esse sacrario d'ouro
d'uma doçura infinda e limpidez constante;
que tens, no coração, o genial thesouro
d'uma bondade extrema, esplendida, brilhante!

Tu, que rasgaste á Idéa um horizonte extenso,
e prodigo espalhaste as joias dos teus cantos;
tu, que gravaste em bronze esse poema immenso
d'uma *Cartilha* santa em maternas encantos!

Tu, que infundiste a Esp'rança em canticos de Amor
e risos de Alvorada em paginas fulgentes;
da infancia portugueza eterno protector
e amigo protector de tantos innocentes!

Que sabes imprimir nos versos mais divinos
a alma da Poesia, os threnos mais suaves;
e em notas immortaes os sons mais crystallinos:
como os beijos das mães e os canticos das aves!

Que tens o sentimento e abrigas os carinhos
da nobreza da alma em doces vibrações;
a quem o genio deu os nobres pergaminhos
que exalçam, destacando, os grandes corações!

Alma feita de Amor constantemente bôa!
Eterno lutador escravizado ao estudo!
Espírito do Bem que todo o mal perdôa,
bemdito á luz da Sciencia,
ó Mestre, eu te saúdo!

Figueira da Foz — Março de 1895.

AUGUSTO FORJAZ.



FESTA DE FLORES

Vista-se hoje de gala a excelsa natureza...
que seja mais azul o céu peninsular!
É vós, auras subtis, volvei com ligeireza,
e vinde na harpa eólia um hymno modular.

Encerra tu, ó mar, a rúmore fereza
na extrema solidão da quadra tumular!...
seja hoje tudo festa... encantos... singeleza...
e venha o rouxinol seus canticos trinar.

Que o dia é de prazer, de entusiasmo e hymnos!...
Tingi-vos, ó vergeis, c'ó as mais mimosas côres!
Tu veste, ó horizonte, os trajos purpurinos!...

Dia de gala, sim, — de gala e de esplendores!
Que venham muito tarde os laivos vespertinos
manchar o festival das musas e das flores.

Lisboa, 1895.

OLIVEIRA MASCARENHAS.



Cantando e amando quanto ha bom e bello,
Em teu harmonioso verso exprimes
As paixões e as idéas mais sublimes,
Com um modo de dizer sempre singelo.

E' este o teu segredo, é este o élo,
Que prende a tua ás almas que redimes,
Quando a doçura que na voz imprimes
Nos insinua um casto e santo anhelô.

Era assim que Jesus fallava, e as gentes
Sentiram germinar uma alma nova
Feita de amor e paz benevolentes ;

E agora tu, em derradeira prova,
Vaes ensinando a lêr os innocentes
Na *Cartilha* que os seculos renova!

SANTOS VALENTE.



Sempre que o leio, sinto-me captivo
De um não sei quê, de infinda suavidade,
E entram commigo uns longes de saudade,
Que me deixam sizudo e pensativo.

Sonho ; quizera em triste soledade
Viver das gentes apartado e esquivo,
E erguer-me a esse planeta primitivo
Onde respnda a eterna mocidade.

Já o seu nome é tão suave e brando,
Tão euphonico, meigo e delicado,
Que fica nos ouvidos suspirando...

Diz a lenda que vive descuidado,
Ramos tecendo, e flores emmoitando,
Da Chimera nos seios reclinado.

GONÇALVES CRESPO.



Amor, o thema eterno da poesia,
Achou na tua lyra novo encanto,
Percorrendo com languida magia
A escala da alegria até o pranto.

Orpheo, cantando, as féras commovia,
Tão bello, e mavioso era seu canto,
— Diz a lenda, — mas, cheia de harmonia,
Teus versos causam ainda mais quebranto.

Se os tigres não amansam na floresta,
Fazem o povo em canticos de festa
Acclamar-te dos poetas o maior;

E a mocidade em côro, alas unidas,
As creancinhas á frente agradecidas,
Vir coroar-te entoando hymnos de amor!



D'ONDE?

(A JOÃO DE DEUS)

Modesto rei, que assusta a realeza,
E em sonhos vive, entre pombinhas mansas,
Lyra que encerra a Alma portugueza,
Alma gemea das timidias creanças.

Pastor antigo que, fallando, adejas
Em versos de oiro, por tão longes mundos,
D'onde te veiu a lyra em que versejas,
De que atavismos claros e jocundos?

LUIZ OSORIO.



Orpheo, que se abres, da garganta doce,
Essas aladas notas de harmonia,
Perde-se ao longe a minha phantasia,
Regresso ao lar, que a tua voz me trouxe ;

Ave perdida que, a sonhar, deixou-se
Ficar cantando, e sem saber, desfia
Toda a caudal de perolas que havia
Dentro de si, como se um escriptor fôsse ;

Orpheo, que embalas no teu meigo canto,
Como em doirado e luminoso manto,
Esses que sonham n'um ideal feliz :

Anda, vâa por lá ! corta os espaços . . .
Os teus irmãos levantam-te nos braços,
Erguem-te ao céu as almas infantis.

7 março-95.

LUIZ OSORIO.



... Et les provinces d'Algarve... au-
ront peut-être un jour leur Camoens...

(*Proclamação do general Junot.*)

Tem um sorriso limpido, tranquillo,
Cheio de amor, de transparencia e luz,
Que nas telas divinas de Murillo
Brilharia nos labios de Jesus.

Não se cansa ninguem jámais de ouvil-o,
De si derrama perolas a flux ;
O seu olhar é um luminoso asylo,
Que veste os rotos e agasalha os nús.

O' sonhador de *Heresta* e de *Marina*,
Ha n'essa tua pallidez divina
Um quê sombrio de tristeza e dó ;

E eu ao vêr o teu vulto austero e doce,
Digo commigo : — Emfim, realisou-se
A hespanholada immensa do Junot...

JOAQUIM DE ARAUJO.

DEANTE DO RETRATO DE JOÃO DE DEUS

«O seu olhar é um luminoso asylo
Que veste os rotos e agasalha os nós,»
Disse-o alguém.

Olhae, fitae a luz
Que jorra em nós aquelle olhar tranquillo.

Vêde essa luz como hoje aqui se espalha,
Como ella é doce, e vasta e redemptora;
Como transforma a noite n'esta aurora,
E vem beijar aquelle que trabalha !

E' a obra do mestre, obra de amor,
Evangelho da paz.

Estas creanças,
Flores que desabrocham como esperanças,
Dão-lhe hoje o coração — dão-lhe esta flor.

E elle, o pae, o poeta, o bom, parece
Glorioso estar dizendo : «Os máos, os vís,
Que me cusparam o insulto. Sou feliz
Porque a infancia me adora e me conhece.»

28 de fevereiro de 1884.

JAYME VICTOR.

PERFIL

De Camões até nós não houve trovador
Que não soubesse dar na lyra phantasista
Uma nota qualquer ; mas como tu, artista,
Nenhum vibrou a corda elastica do amor.

Ainda como tu nenhum pintou a dôr,
Que um'alma sente quando ao longe perde a vista
N'outr'alma que se aparte... O' candido lyrista
Que ao jardim do ideal foste colher a flor

Das almas virginaes; acceita me este culto.
Bem sei que não realço o teu lendario vulto ;
Mas, cantando-te, quero a todos dizer isto :

Lateja-lhe no craneo um cerebro gigante !
Tem harpas divinaes no coração d'amante,
E no rosto uma auréola — a pallidez de Christo ! ..

1877.

JAYME VICTOR.



Antigamente Orpheo tocava lyra
E as pedras, mal o ouviam, se agitavam...
Este caso que os velhos me contavam
Muito tempo eu julguei fosse mentira!

Mais coisas viu porém, quem isto vira...
Era o tempo em que as pedras, se faltavam
No mundo homens, em homens se tornavam :
Por isso Orpheo as pedras seduzira !

Move-se agora o Mundo em outros eixos :
Correndo tudo ao invés de antigas éras,
As almas é que se fizeram seixos...

Poeta, a quem nós todos damos palmas :
Egual prodigio é o que tu hoje opéras...
Não moves pedras : mas commoves Almas !

Coimbra, XII -- 94.

CARLOS DE LEMOS



IGNOTO DEO

(A JOÃO DE DEUS)

Dizem que não ha Deus; mas eu repito
A phrase do poeta aureolado:
— Se não houvesse Deus, nada era nado,
Não poderia haver João do dito!

Ha Deus, ha, sim senhor. Desde o precito
Ao monarcha no solio collocado,
Tudo por esse Deus é governado.
Se algum atheu não crê, eu acredito,

E tanto ha Deus, que é força ter a gente
Uma força qualquer que nos impelle
A acreditarmos n'elle piamente.

E tanto ha Deus, seja este ou seja aquelle,
Um nume sempiterno, omnipotente,
Que ha um Sêr immortal que é João d'elle!

19 de fevereiro de 95.

EDUARDO FERNANDES (*Esculapio*)

Eu vou cantar em verso um bohemio de outr'ora,
Um philosopho estranho, um nobre sonhador,
Um poeta immortal que toda a gente adora,
— Como se adora a luz... como se adora o amor!

O sorriso da Infancia... (oh! gratidão da Dôr!)
Em torno d'elle gira, em torno d'elle mora,
— Como em torno do Sol o Mundo estonteador,
— Como em torno da Hostia... as benções de quem chora...

Bemdito seja sempre o prosador clemente
Que abriu o olhar ao Povo, e deu-lhe docemente
Talvez em cada letra um monte de esperanças.

As Mães hão de lhe erguer uma estatua singela,
E a base d'essa estatua, immaculada e bella,
Ha de ser simplesmente... um Livro de creanças!

Coimbra, março de 1895

LUIZ GUIMARÃES, FILHO.



Quando reuniste um dia o teu ideal disperso
Nas rimas geniaes de uma assombrosa lyra,
Foste um Poeta assim, que a Humanidade admira,
Legaste ao mundo todo o teu Poema em verso !

Mas uma vez sorrindo á turba ambiciosa,
Sentiste a Ignorancia a confundir-se ao pó,
E fizeste a tua Obra — uma *Cartilha* só, —
O teu sceptro, o teu dom, o teu Poema em prosa !

Bemdito sejas pois, oh lyrico sublime !
Tu, que déste á Miseria o escudo para o Crime,
Tu, que déste ao teu Povo um germen de esperanças.

O teu docel é a luz, o teu throno é o talento,
E a pedra para a estatua e para o monumento
Que o Mundo te hade erguer. . . é um Livro de creanças !

Coimbra, 13 de dezembro de 1894.

LUIZ GUIMARÃES, FILHO.



CARTILHA MATERNAL CAMPO DE FLORES

Quereis derramar n'Africa a torrente
da civilisação? Sonho brilhante...
porém, inda de nós é tão distante
o lenitivo d'esta sêde ardente...

Junto de nós, deserto atroz, ingente,
sem sorrisos de oásis verdejante;
e nós, mortos de sêde: — A'vante, ávantel
'stamos bradando aqui continuamente.

Para o nectar levar á ardente plaga
fecundando-lhe o seio virginal,
é mister que elle jorre d'esta fraga.

Onde a vara?... Oh cegueira sem igual!
Onde a vara de luz que a rocha alaga?
Tomae-a: é a *Cartilha maternal!*



No deserto da vida, eterna imagem
a que esta mesma vida se compara,
o exausto caminhante ás vezes pára,
a vêr se alguém encontra na viagem.

Nem viv'alma, nem flor, nem doce aragem,
fonte alguma de amor se lhe depara
que aquella sêde mate, que o matara,
ou retrate de amor linda miragem.

Mas lá desponta ao longe a verde palma,
além murmura a fonte dos amores,
além suspira a briza... Alegra-te, alma!

Este oásis é cheio de esplendores,
a sêde nos mitiga, a dor acalma;
de amor fonte immortal... *Campo de Flores!*

ANNES BAGANHA.



I

Quando eu hontem passei pela campina,
O olhar detive n'uma flôr singela;
Que flôr mimosa! mas que flôr aquella!
Branca, gentil, airosa, pequenina . . .

Trémula, ondeando a pétala divina;
Em segredo baixinho disse-me ella,
(Mas enleada assim como a donzella,
Noiva que a mão entrega purpurina) :

— Vae, caminheiro, em busca da cidade,
Quando ámanhã lá despontar a aurora,
Verás da festa a doida alacridade,

E canta e ri tambem; mas, sem demora
Dize a João de Deus que de saudade,
Longe no campo uma bonina chora. —

II

Quando eu hontem passei pelas estradas
Surgiu-me em frente, aos pulos, um pequeno,
Olhos negros e grandes, bem moreno,
Curta jaqueta e calças remendadas.

— D'onde é que vens, rapaz? disse eu. (Boiadas
Passam ao longe, no horizonte, ameno,
A aragem leve ia beijando o feno,
E o sol bebia as aguas abrazadas...)

«Deus o salve, senhor. Agora eu venho
Do meu collegio, e já que o vejo, tenho
A pedir-lhe um favor, se lhe approuver.

(E fitando-me, erecto e com vaidade:)
Como á festa não vou lá na cidade,
Diga ao João de Deus que eu já sei lêr.»

III

E eu vim... eu vim pensando que na terra,
A's vezes toma Deus a fórma humana...
Ou d'Elle a chispa prometheica emana
Por entre a fraga e os alcantis da serra!

Fazer chorar a flôr gentil, que encerra
O seu perfume que a nossa alma irmana,
Dar luz ao cer'bro, que a fortuna insana
Na escuridão da estupidez encerra;

Só Deus... E como Deus teve o sacrario
Na alma casta e subtil do visionario
Cujo nome só diz: — *Amor, perdão*;

E' por isso que amamos o poeta
Com nobre orgulho da nossa alma inquieta,
Por isso clamo: — Adoro-te, João!

8 de março de 95.

GUILHERME DE SANTA RITTA.



Tens como o Christo o amor por as creanças,
A mocidade, a crença, o ideal;
Na alma tens um mundo audaz de esp'ranças,
Alma de luz ingenua e sem mal.

E's o singelo artífice do amor
A quem Deus cónfiou o seu segredo:
— De transformar as dôres em brinquedo,
Adormecendo em versos nossa dôr.

São canticos de amor, árias celestes,
Essencias são das almas ideaes,
Raios de sol em regiões astraes...

São os teus versos, ó divino artista,
Uma pintura alegre entre cyprestes,
Vivo pintor, estranho phantasista

A. DE ALBUQUERQUE.



I

Já sabem o teu nome as andorinhas,
que noivam loquazmente nos beirões;
já faz ecco nos cerros dos casaes...
já o dizem trigueiras pastorinhas!...

Quem sabe se as viajantes avesinhas
o levaram também ás sideraes
esferas radiosas, não mortaes,
mais brancas do que testas de rainhas?

Quando nasceste, certo, as harpas de ouro,
que vibram no sol claras harmonias,
celebraram, n'um alto e largo côro...

as horas bemfeitoras dos teus dias...
E os rouxinoes disseram que o teu choro,
faria enternecer as penhas frias!

II

O missal dos teus versos tem mysterios,
que acham ecco no peito das donzellas ;
Ora são preces pias ás estrellas . . .
Ora são ais no pó dos cemiterios !

Faz-nos pensar na flôr dos ermitérios,
no trémulo luar das eiras bellas,
na sombra dos pinheiros e das cellas,
nos campos verde-mar, nos bosques serios !

Eu supponho que todas as mulheres
que lêrem de teus carmes o primor,
acharão n'elles mysticos prazeres . . .

as caricias de um sol renovador.
E por ti dizem baixo . . . frageis sêres !
«Ai! quem nos dera o seu primeiro amor!»

III

Escorre de teus versos a doçura
de um vinho antigo, vinho bom de amores,
vinho de Salomão, cheirando a flôres,
vinho de vinha antiga, vinha pura . . .

Nos teus versos debuxa-se a figura
d'aquellas que hão logrado teus louvores.
Passam aéreas, vagas, nos labores
do teu carne... *Racheis* de linha pura!

E não julguem os homens que has sabido
só celebrar, n'um goso embevecido,
o ardente amor, ou lyrico ou silvestre!...

Porque, se é nosso mestre o adverso fado,
por muito haver soffrido, te has tornado
— Mestre da Lyra, da Amargura Mestre!

IV

Fallou Jesus aos simples da Judéa,
aos párias, aos ganhões, aos ovelheiros,
em parabolás simples, nos outeiros,
nas praias, ao luar que orvalha a areia.

Seu nome tinha um templo em cada aldeia,
e sob as largas frondes, nos telheiros,
apinhavam-se as tribus, os cabreiros,
para ouvir os milagres de uma Ideia.

Se tu fosses de então, também farias,
como Jesus, correr nas turbas frias
o oleo fresco e bom dos Evangelhos...

Teu canto erguer-se-ia puro e immenso...
cheirando a mel, a myrrha, a nardo, a incenso,
e as almas caíriam de joelhos!

V

Em muitos corações tens puro nome
inscripto em aureas letras esculpidas.
Nos corações das mães agradecidas,
tens um culto perenne e alto renome.

Nome sublime!... Luz que não consome
o Tempo!... tu nos dás as mais sentidas
endechas, ora ternas, doloridas,
sangue que a alma poreja, e o pó não sóme!

Teu nome é só composto de fulgores
de Via-Lactea, de clarões de céos,
nimbos, auroras, linho branco e alvares...

— Nome amado dos cultos e plebeus,
— Nome que excede a alchimia dos doutores,
— Nome amado por Deus — João de Deus.

VI

Se cantam os teus versos as creanças
como canção de paz n'um olivedo,
á luz do vivo sol, ou manhã cedo,
quando a Aurora desmancha as louras tranças;

Se teus louros, mais verdes que Esperanças,
deu-t'os a Musa, em maternal segredo,
tal e qual como a Orpheo, que, sem ter medo,
alçando a voz, tornava as fêras mansas;

▲ mim, que nada sou, deixa e consente
subir a ti, como ante uma ára pia,
o meu incenso sobre a braza ardente...

A ti, santa columna da Poesia !
Pallio de Amor ! Clarão que guia a gente !
Novo Orpheo ! Pae dos Sons ! Pae da Harmonia !

DIAS D'OLIVEIRA.



SR. JOÃO DE DEUS

Eu ensino os meus pequenos
pela *Cartilha Maternal*
ha um mez, ou inda menos,
e já lêem, bem ou mal.

Elles lêem n'um jornal
quantas cousas aparecem
escriptas com typo igual
áquelle que já conhecem :

Pois se fosse com o caturra
modo antigo de apprender
— *b a ba, fugiu a burra* —
inda tinham que moêr...

Assim, não sei que os seduz!
E sentem — todo o carinho
do *Hymno d'Amor* — Jesus
doído do passarinho...

Têem tal ingenuidade...
Versos tão simples os seus...
que eu não sei quando é que hade
nascer outro João de Deus!

Os meus filhos já o adoram.
O seu livro é um feitiço
que elles lêem e decoram
inteiro, sem dar por isso.

Cá vimos pois, pela mansa,
cumprimental-o também.
Foi d'elles esta lembrança,
confirmada pela mãe.

E se só hoje é que vingo
dar conta da commissão,
é que hoje foi domingo
e na sexta feira não.

O patrão da lancha

HENRIQUE ARTHUR.



POETA E PAE...

Versos fluentes como um jorro de agua,
— agua cantante d'entre a penedia,
agua lustral, aonde, em romaria
as Almas vão lavar a sua magua!...

Eu puz-me a ouvir a estranha melodia:
e a minha Dôr adormeceu, e trago-a
— pedra rolada n'uma adusta fragua —
sem uma aresta, docemente fria...

Unica lyra, feita Carne e Sangue!
Entre as miserias de uma raça exangue,
pura Gloria de ineffaveis brilhos!

Rei dos Poetas, como vos invejo!
Pae das creanças, com que amor vos beijo
pela Esmola que destes aos meus filhos!

Faro, 8 de março de 1895.

JOÃO JARDIM.



Un vent impétueux fait trembler la montagne ;
Les rochers fracassés sont lancés jusqu'au ciel ;
Les arbres en lambeaux volent dans la campagne ;
— Calme-toi, dit Elie, ô vent faible et mortel ! —

Soudain la nue éclate, et verse un feu qui gagne
Et le ciel et la terre et l'Horeb solennel :
La foudre gronde, et l'onde en hurlant l'accompagne ;
Mais le prophète dit : — Ce n'est point l'Eternel. —

Voici qu'un doux zéphyr, léger comme un vol d'âmes,
Succède, harmonieux, aux bruits, aux vents, aux flammes ;
Lors Elie, à genoux, dit : — Voici le Seigneur ! —

Le Seigneur dans la paix et non dans la tempête
Se complait comme vous, ô tendre et doux poète ;
Il est zéphyr de l'âme, et vous, parfum du cœur !

J. BÉNOL'EL.



No Album offerecido pela Academia de Coimbra ao dr. João de Deus encontram-se, entre outras, as seguintes poesias:

GLORIA . . .

«Luz da humanidade
Justa celebridade
E pura gloria tua!»

JOÃO DE DEUS

Ouro, não temos; ricos . . . de revezes!
Mas, mais que o ouro a gloria nos encanta!
E' João de Deus uma reliquia santa
 Que nós, os portuguezes,
 Ciosos em excesso,
A disputar as glorias uma a uma,
Não cederemos a nação alguma,
 Por nenhum preço!

Mas, que digo eu? Não é o poeta
Da sua nação só, d'esta vaidade;
— Luz diffusa do rasto de um cometa,
Lustre e gloria de toda a humanidade!
Que em politica, em letras o ideal
E' a communhão, humana universal! . .

MUSAS DE JOELHO

«.....
Com tantos primores
Taes frutos e fiores
De engenho inspirado.»

JOÃO DE DEUS.

Dos peitos façam-se ameias
Para ao mundo inteiro o expôr,
Com corações por cadeias
A prendel-o .. com fervor !

Ao fogo de Almas tão cheias
De mocidade e vigor,
Sentindo girar nas veias
Sangue de patria e de amor.

Clamemos a João de Deus :
«Não d'essa Musa os trophéos,
As musas curvam-se aqui ;

Se amor e patria sentimos
Amor e patria nós vimos
Glorificar hoje em ti !»

Coimbra, 5-3.º-95.

AUGUSTO MORUJÃO.

(Recitada no Theatro de D. Maria)

Em vinte lições apenas,
Mas liçõesitas pequenas
E dadas rindo e brincando,
Na *Cartilha Maternal*,
(Affirmo-o, porque é verdade)
Ficou meu filho Fernando,
Aos quatro annos de idade,
Sabendo lêr menos mal.

E outros vão pela mesma ;
Lá para o fim da quaresma,
Se a paciencia me ajudar,
Teremos novo leitor.
E' este o maior louvor
Que eu julgo poder mandar
Ao poeta que mais brilha.
E todos sabem de cór :
— Ao gran poeta da *Cartilha*.

JOSÉ CABRAL.



Camões comparado
Aos mais escriptores,
.....
Os mais são collinas,
Elle é a montanha!

JOÃO DE DEUS.

Seja Camões a montanha
Que entre collinas se erguia...
Só vós, senhor, n'este dia
Projetaes sombra tamanha!

Sombra tal e tão estranha,
Sombra que mal se avalia,
Sombra de alta orographia ..
Sombra que nunca se apanha!

E n'essa altura suprema,
Comparando as vossas fronteas,
Seja a d'elle o Chimborazo...

Sempre no vosso *systema*,
Os escriptores sendo montes,
Vós serieis o Parnaso!

Quizera em vosso louvor
Pedir aos anjos um hymno;
E' vosso o *Hymno de Amor*...
Lá nos céos não ha melhor
Que o vosso canto divino!

Fosse um ramo de mil côres
Por mãos de fadas tecido..
Não teria mais primores
Que tem o *Ramo de Flores*,
Sendo no *Campo* colhido!

Fosse um thesouro ideal,
De pedrarias e oiro...
Na *Cartilha Maternal*
Vós déstes a Portugal
Mais precioso thesouro!

E pois que em vosso louvor
Só tereis hoje nos céos
Humanos votos de amor...
Desçam benções do Senhor
Sobre o poeta... *de Deus!*

EUGENIO MONIZ.



NO ANNIVERSARIO DO POETA

Fiquem desertos os ninhos,
fiquem desertos os berços ;
e *bébés* e passarinhos
vão todos, em procissão,
encher-lhe a casa de versos
e o coração de carinhos,
n'uma tremenda ovação.

Nas encostas dos outeiros
estão florindo os loureiros :
ó aves gentis, furtae . . .
E ao passar por minha casa,
chamae, batei com a aza,
que eu tenho cá dous filhinhos,
enlevos meus e da mãe . . .
são tam novos, coitadinhos !
Mas deixal-os ir tambem !

Bicos cheios de verdura,
boquitas cheias de amor,
ide, em rapidos voêjos,
desfolhando pela altura

canções e sorrisos de ouro,
pairar em torno ao cantor...
Cingi-lhe a fronte de louro!
Cobri-lhe a face de beijos!
Enchei-lhe o lar de esplendor!

CAMILLO GUEDES.



AO MAIOR POETA LYRICO

Poeta do Amor e das Creanças,
A tua alma é sacrario de esplendores...
A tua Musa de irisadas tranças
Canta maviosa n'um *Campo de Flores*...

Ave celeste, namorado cysne
De algum lago ceruleo, empyreal,
Não ha sombra de mácula que tisne
As azas de oiro, luz do teu Ideal!

Para cantar nasceste e para amar...
Pairas na Luz, divina borboleta...
Viverás sempre na Alma popular...
Onorate l'altissimo Poeta!...

Coimbra, novembro de 1894

GONÇALVES CEREJEIRA.



NO SEU 65.º ANNIVERSARIO

Se alguém me falla nos teus versos, presa
De estranho enthusiasmo sinto a alma !
Dos teus versos a lyrica pureza
Casada á forma diamantina e calma,
Trazem-me a alma d'enthusiasmo presa !

Mas se leio os teus versos, meu poeta,
Redobra o enthusiasmo no meu seio !
Poesia portugueza tão correcta,
Com tanto engenho e original rodeio,
Ninguem a urdiu ainda, meu poeta !

Inebria-me a fé — sempre florida
Pelo pranto que choras — dos teus versos ;
Pois sinto, ao lêl-os, mais ardor á vida,
E sonho um mundo de ideaes dispersos...
Chóro... e a fé em mim é mais florida!

Poeta ! que bella que é a tua *Heresta* !
Que doce colorido, que turnura !
Ha poucas poesias como esta :
Sublimemente ébria de candura,
Soberba de intuição a tua *Heresta* !

Mestre ! Leio em teus versos a tua alma
Candida e nobre, esplendorosa e bôa !
Alma de heroe, vaes receber a palma ;
Alma de heroe, cingir-te-ha a c'rôa
Que bem merece tua santa alma !

A mocidade portugueza de hoje,
A mocidade que ensinaste a lêr,
Ao mais sagrado dos dever's não foge ;
Prestando culto ao genial saber,
Vae, toda em festa, coroar-te hoje !

João DE DEUS, que immensa a tua gloria !
Ah ! que dita maior te resta, pois ?...
O dia d'hoje — grava-o na memoria
Como um trophéo de inextinguiveis sóes,
— Disco de luz.da mais fulgente gloria !

Poeta, grande poeta, eu te venero
Co'a mais rasgada e viva sympathia
De um coração de portuguez sincero !...
A commoção, o pranto me desfia...
Eu te saudo, mestre, eu te venero !

VIII III-XCV.

ALFREDO NUNES CORRÊA.



AO MESTRE

(No album de João de Deus)

O Mestre passa ! — e com mais doce brilho
O sol dispõe-se a illuminar-lhe o trilho . . .
O sol que aqueceu com chammas de oiro
No peito o amor fervente e duradoiro.

O Mestre passa ! — em tintas diamantinas
As nuvens vão molhar as franjas finas,
Pois gostam de bordar no céu, a côres,
A gloria que Elle obteve em seus amores.

As flores de entre as hervas delicadas
Vão n'ó espreitando a rir-se de enlevadas ;
«Ha-de olhar para nós, dizem comsigo,
«Que temos n'Elle um verdadeiro amigo !»

O Mestre passa ! — e os ribeiros trémem
De que vá perguntar-lhes porque gemem,
E se fique a escutar ás brandas aguas
Os versos em que conta as proprias maguas.

Passa junto da escola e, ao vêr-lhe o vulto,
Solta o bando infantil ruidoso culto :
Basta escutar os risos que resôam,
E os beijos que no ár contentes vôam.

De commovido o Mestre enxuga presto
Os olhos turvos de agua... — Oh ! quem lavára
O coração do Bem na fonte clara
Para enxugar assim um pranto honesto !

6-3-95.

DINIZ NEVES.



MINIATURA

• *Valde honorandus est Joannes!* •

Arte, talento, bondade,
— facho de luz tricolôr —
eis a sublime Trindade
d'este Poeta do amor!

Não reparte mais encanto
a alvorada festival,
do que derrama este Santo
no *Campo* do seu ideal!

Com ineffavel doçura
trina como o rouxinol;
como o ribeiro murmura,
resplandece como o sol!

E a sua alma *crystallina*
se traduz no seu olhar,
como a estrella matutina
quando se espelha no mar!

Campo Grande.

GERMANO VENDRELL.

AO GRANDE POETA

(Palida homenagem do mais humilde dos seus discipulos)

Nas mãos rugosas
Do príncipe dos poetas,
Vamos depôr violetas,
Lirios e rosas!

A sua obra selecta
De educador e poeta,
E' como um sol que projecta
A mais viva e intensa luz...

Cantor divino de amores,
Os seus versos são primores,
São como um *Campo de flores*,
Como fallas de Jesus!

A sua vida é um templo,
Um acrisolada exemplo,
Como outro não comtemplo,
Do Bem — santa encarnação...

Tem de Deus o nome augusto ;
— Mas as virtudes de justo
E o seu talento robusto,
Tambem tal nome lhe dão!

Nas mãos rugosas
Do príncipe dos poetas,
Vamos depôr violetas,
Lirios e rosas!

— 3 — 05.

DEI FIM BRITO GUIMARÃES.



JOÃO DE DEUS

(O meu poeta mais querido)

Coração diamantino
Todo feito de luz,
O teu canto divino
E' o verbo de Jesus!

Singelo e peregrino
Esse canto traduz
O choro do menino,
E as lágrimas dos nus!

Ah! se a crença me falta,
E me atormenta e assalta
A duvida e o receio,

N'uma angustia de dores,
Abro o *Campo de flores*,
— A biblia onde leio! —

Evora, março 4 de 1895.

FRANCISCO RAMOS.

VILANCETE

(A JOÃO DE DEUS)

Lyra de Sá de Miranda,
Se echos antigos recordas,
Bem sei quem te vibra as cordas.

Tempos idos, tempos idos,
Em que nos bosques soavas,
E enchias as penhas bravas
De saudades e gemidos.
Quatro seculos volvidos,
Lyra singela, hoje acordas:
Bem sei quem te vibra as cordas.

No coração da creança
E no espirito das mães,
Espalha os eternos bens
Do saber e da esperança.
E como Arca de Alliança,
De enleio doce transbordas,
Quando elle te vibra as cordas.

PRIMAVERAS

(A JOÃO DE DEUS)

Gentil andorinha
No ár esvoaça,
E açoita co'as azas
A gente que passa.
 No vae-vem continuo
 Não perde um momento,
 E afoita procura
 Dos seus o sustento.

Assim vae creando.
Com todo o carinho
A prole que é sua,
Lá dentro do ninho.
 E apenas alados
 Os filhos estão,
 Envia-os sósinhos
 Em busca de pão.

Assim como a mãe
Lhes foi repartindo,
Emquanto implumes,
Um amor infindo ;

Tambem tu repartes
Do teu coração,
Trabalho, amor,
Carinho, instrucção.

MOTTA COELHO.



DOIS LIVROS

Letras — Palavras — Sons; corpos do pensamento;
Cellulas que contém lá dentro um universo;
Fórmulas da Ideia Mãe; pedras do monumento
Da Sciencia, da Arte, e do saber diverso.

Rima — Cadencia — Metro, e em vibrações disperso
O mysterioso fluido, a flôr do sentimento,
Que fazem perpassar nas syllabas do verso
Do gemer ao sorrir, do goso ao soffrimento.

Mestre! Ensinaste a lêr. Nas folhas da *Cartilha*
A' treva cerebral de muitas gerações
Levaste o verbo, a luz, a flamma que rebrilha :

E fizeste vibrar, Poeta! nas canções
Do teu *Campo de flôres* o som que maravilha
Em lyrica volata os nossos corações.

CONDE DE SABUGOSA.



Tu amas os pequeninos
Como o terno e bom Jesus;
E com teus cantos divinos
Enches nossa alma de luz!

Do desditoso ignorante
Tu és o pae desvelado!
Seja pois por ti constante
Nosso affecto acrysolado.

E' pura estrella do bem
O teu nobre coração;
O nosso por ti contém
Uma eterna gratidão.

Acceita, bondoso pae,
Nosso presente mesquinho;
E' pequeno, porém vae
Com elle o nosso carinho.

E Deus escutando as preces
Das creanças, lá do céo
Abençôa tuas messes
Exaltando o nome teu!

8-3 95.

Pelos Alumnos do Coll: gio P'gresso.

MARIA PALMIRA CASTELLO BRANCO.

O poeta é como as aves
Que se envolvam pelo azul,
Umás, quaes brizas suaves,
Outras, rajadas do sul!

Uns arremeçam-se altivos,
Qual aguia fitando o sol;
Outros, na sombra, furtivos,
Cantam, como o rouxinol.

Tu então és a andorinha,
Ave santa, tutelar,
Que terna e meiga se aninha,
No beiral do nosso lar.

Nuncia de alegres bonanças,
Doce paz trazer-nos vens,
Entre os risos das creanças
É a grata benção das mães!

6-3-95.

ACCACIO ANTUNES.



A JOÃO DE DEUS

O teu sereno trajecto
Enche-se agora de flores
Em grande prova de affecto,
Dôce cantor dos amores.

Entre as paixões, o tumulto
Que as nossas almas agita,
Nunca se esquece o teu culto
De uma bondade infinita.

Poeta — em canções divinas
Mostras enlevos de amor,
Mestre — as creanças ensinas
Em livros de alto valor.

Quem adorar-te não ha de,
Bello, perfeito, sereno,
Se o teu sorrir de bondade
E' como o do Nazareno?

Hoje prepara-te a festa
A mocidade escholar.
E' franca, humilde, modesta,
E de um encanto sem par.

Todo o paiz a teu lado
Vês, em brilhante homenagem,
Aguia de vô arrojado,
Cysne de branca plumagem!

JOAQUIM DOS ANJOS.



AOS POETAS

Poetas! irmãos das fadas,
Filhos do sol rutilante,
Vinde assistir, de mãos dadas,
A' festa viva e brilhante!

Vinde entoar vossos hymnos,
Todos respeito e amor,
Ao Mestre dos pequeninos,
Ao genial trovador!

Lyra suave, encantada,
Que d'ôces sons faz ouvir!
E' uma alegre alvorada
D'essas manhãs do porvir.

Que o sol os seus raios de ouro
Derrame no firmamento.
Vamos! cantemos em côro
Um hymno ao grande talento.

Rosas de grata fragrancia
Cubram a fronte immortal
Do meigo amigo da infancia,
Da honra de Portugal!

JOAQUIM DOS ANJOS.

NA MORTE DE MINHA FILHA

Pairou-me um dia a Morte sobre o lar
E, impiedosamente,
O peito me envolveu em agras dôres,
Como jámais as soffre e nunca as sente
Quem pae não é. E então, p'ra me enganar,
Lancei ao coração e á Mãe afflicta
A mingua de um consôlo :
— Vá, não póde guardal-a o Campo-Santo
Na algidez do seu solo ;
Elle comprehende bem o nosso pranto,
E far-lhe-ha com sua mão bemdita,
Doce leito de rosas perfumadas
Nas paginas sagradas
Do seu *Campo de flôres.*

ANTONIO SILVEIRA



CARTA A JOÃO DE DEUS

*No dia do seu anniversario natalicio
em 8 de março de 1895*

Esta carta mal escrita
E feita sobre o joelho,
E' carta de amigo velho,
O coração é que a dita.

E' só este o seu valor.
Que n'um dia de tal festa
De qualquer cousa immodesta
Nos livre Nossö Senhor.

Eu sinto a alma a pular !
Aquella santa alegría
Que ha tantos annos não via,
Veiu-me hoje visitar.

Assim a modo em segredo ;
Pouco tempo se demora,
Sei que amanhã vae-se embora
E não volta cá tão cedo.

Mas antes pouco que nada...
E em todo o caso obrigado
Por me haver proporcionado
Esta visita inesperada,

Que me avivou a saudade
D'esses tempos bem passados,
Sem tristezas nem cuidados...
Como é bella a mocidade!

Essa avezinha ridente,
Que nos vem cantar no seio,
E antes de chegar ao meio
Parte a voar de repente,

Assim como umas estrelas,
Que estão no céo a luzir;
E deitam logo a fugir
Quando a gente olha para ellas.

A's vezes fico a scimar,
No céo os olhos pregando;
Julgo até que estou sonhando
E não desejo acordar;

Pois em tal hora parece
Que é n'esse manto de tule,
Tecido de ouro e azul,
Que a minha alma mais se aquece.

Se não fossem as estrellas
Que álem brilham... O' João!...
Se não fosse o coração...
Queria faria cousas bellas ?

O céo de astros reluzentes,
As avezinhas, as flores,
E cá no peito os amores,
E' tudo que inspira a gente.

Não ha nada que enlouqueça
Como é este amor aváro...
Mas ainda agora reparo...
Onde tinha esta cabeça!...

O meu fim era saudar
O poeta do amor, das mães,
Era dar-lhe os parabens,
E tenho-o estado a maçar.

LIBANIO BAPTISTA FERREIRA.



«João, disse Deus, vou dotar-te :
Concedo-te o engenho, a arte
E o meu nome; és, pois, dos meus.»
O Poeta está consagrado.
Que o Poeta seja louvado,
E louvado seja Deus!

CONDE DE MONSARAZ (*Macedo Papança.*)



João de Deus! De Deus... porque é divino.
João, ou seja o primo de Jesus
Ou o outro que vela junto á Cruz,
É divino tambem.

E não atino
Senão co' esta razão: foi prophacia
— Se já não foi destino —
De quem previu que João de Deus seria
Um poeta divino.

ALBERTO PIMENTEL.



As mães, e o amor purissimo,
As flores e os corações,
Deus... Eis o filão riquissimo
Das suas aspirações.

De mais nada elle precisa,
Pois com estas singelezas
A poesia divinisa
Em finas delicadezas.

SERGIO DE CASTRO.



Corre, de voz em voz, teu nome puro ;
Vês a Gloria, poeta, abrir-te os braços;
Chega-te ao templo, enfim! ante os teus passos,
Aplanam-se os dominios do futuro!

Duplamente, poeta, foste eleito;
Como se fosse pouco um só thesouro,
Além de te ser dada a lyra de ouro,
Coube-te em sorte um coração perfeito.

FERNANDES COSTA.



MEU JOÃO

Se estas festas, se isto tudo
Me entusiasma e alvoroça,
Não sei como deva ou possa
Ficar-me quieto e mudo;

Por isso, n'estas palavras
Meus parabens te remetto,
E desculpa se me metto
Pelo campo que tu lavras.

FRANCISCO DE ALMEIDA.



Todos roxos, os melros, ao luar,
No froixel de ouro dos pequenos berços,
Dão aos filhos lição. E' singular!
Antes de os ensinarem a voar,
Ensinam-lhe os teus versos...

JULIO DANTAS.



Que melhor obra fazer ?
Primeiro, as flores cantar,
Logo depois, ensinar
As creancitas a lêr...

CASIMIRO DANTAS.



O PRIMEIRO LYRICO

Pedi ao Céu o Verso diamantino
E fez um *Campo* de divinas *Flores!*
Cantou maviosamente os seus Amores,
E é *de Deus* porque Deus o fez divino!

Coimbra — 94.

LOPES VIEIRA.



AO GRANDE LYRICO

Eu abomino os atheus...
Pois vi o *Campo de Flores*,
E entendo que só *um Deus*
Póde operar taes primores.

Aveiro. 7 — 3 — 95.

M. S.



NO SEU 65.º ANNIVERSARIO
NATALICIO

E' mais bello que o mar, que o azul celeste,
E que do espaço infindo os mais primores,
Mais bello do que o Bello o que nos déste
No teu livro immortal *Campo de Flores!*

Lisboa, 8 — 3 — 95.

CESARIO TAVARES.



A sua obra é como a Arca de Alliança
onde a infancia se acolhe envolta em folhas d'hera ;
biblia cheia de luz, de amôr e de esperanza,
madrugada gentil de eterna primavera.

Aveiro, março de 1895.

FIRMINO DE VILHENA.



Se n'esta vida mortal
Sinto triste o coração,
Abro o livro divinal:
A — *Cartilha Maternal*,
Chamo os filhos á lição.

Mangualde, 11 — 3 — 95.

ANTONIO NUNES D'ALMEIDA.



Em mimos, em graça,
bellezas, frescor,
ninguem o ultrapassa,
que elle hoje é o maior...

Só podem acaso
os outros brilhar,
quando elle no occaso
(é o sol...) mergulhar...

Porto. XI — 94.

MANOEL DE MOURA.



Teus versos são a tua alma,
— E a tua alma fel-a Deus
Da luz suavissima e calma
Que se espelha pelos céos :
Fel-a de threnos, de rosas,
De sorrisos de creanças,
— De mil coisas deliciosas,
Boas, serenas e mansas.

Não surprehende, pois, o encanto
Que em teus versos se contém :
— Vem de Deus, que te ama tanto,
Que além da alma, lirio santo,
Deu-te o seu nome tambem.

Coimbra.

AUGUSTO DE MESQUITA.



DEPOIS . . .

(A JOÃO DE DEUS)

Mais tarde, quando as esp'ranças,
os ideaes musicôres,
se tornarem so lembranças,
— quereremos ser crianças
n'esse teu *Campo de flores*.

8 — 3 — 95.

LUIZ DE MORAES DE CARVALHO.



THEATRO DE LISBOA

*Se os versos lhe não dão bastantes meios
De que elle gose as distrações que ha,
Deram-lhe em vida os dias todos cheios
De uma gloria que não perecerá.*

E se o livro, entre todos immortal,
Feito a bem das humildes creancitas,
Lhe não deu um fulgente cabedal,
Fel-o rico de benções infinitas.

Ora, quem vae colhendo, em sua esteira,
sorrisos e canções,
Pode viver feliz a vida inteira
sem ir a distrações.

HEMETERIO ARANTES.



«Todo aquelle pois, que se fizer pequeno como
este menino, esse será o maior no Reino dos Céos.

(S. MATH. Cap. XVIII, vers. 4)

Sêde creanças para entrar na Gloria!
Prégava Jesus Christo.
De João de Deus a gloriosa historia
Cifra-se toda n'isto.

Seculos que elle viva,
Ingenuo e bom, vivel-os-ha cantando,
Como até hoje, o Sonho casto e brando
Da crença primitiva.

CARLOS DE LEMOS.



O' Poeta sem par, vivo irmão de Camões;
De quem podes tu ser? de quem, senão de Deus?
Se quanto vem de ti faz luz nos corações,
E se Deus é o Amor, e o Amor são versos teus?

AFFONSO VARGAS.



Leio-o... e a alma abala
Meu sêr, que se evapora :
A estrella offusca a aurora
E o labio perde a falla,
 Não suspira!...
— Sim! quando o labio cala,
 A alma admira!

Porto, XI — 94.

HUGO DINIZ.



OBRA COMPLETA

Para que não pudesse
Haver na patria amada
Alguem que nunca lêsse
A musica doirada
Dos doces versos seus,
Quadras de crystal
Que são a maravilha
Da musa nacional
Que fez o João de Deus? . . .
A maternal Cartilha.

arco, 8 — 95.

OLIVEIRA SIMÕES.



NO ALBUM DA FILHA DO POETA

JOÃO DE DEUS ha só um,
Podem seculos sem termo,
De cada inhospito ermo,
De cada brêjo commum,
Formar mimoso jardim :
Campo de Flores assim
Não se verá mais nenhum !
João de Deus ha só um.

M. DUARTE D'ALMEIDA.



OS GEMEOS

(A JOÃO DE DEUS, O MESTRE)

Quando das aves o bando,
Da madrugada que nasce
Aos rubros clarões dispersos,
Passa cantando, cantando :
— Não sei que amor n'ell' renasce,
Que vão cantando teus versos !

8-3-95.

SANTOS TAVARES.



Quando Elle canta,
Brilhante como o sol,
Suas canções suaves...
Calam-se logo as aves
E emudece a garganta
Do rouxinol!

E em silencio calmo de uma paz immensa
O seu canto sobe... sobe... enleva... encanta!
E a Aurora, lá cima, a Aurora, ouvindo-o pensa!
Que linda canção! que matinal garganta!

Coimbra.

MARIANNO GRACIAS.



No seu regresso a Coimbra, os Estudantes foram alegres e joviaes, cantando e fazendo improvisos. Entre os diferentes versos que foram cantados destacam-se os seguintes, que o foram tambem no sarau de D. Maria:

Tudo accusa um Creador :
A terra, o mar e os céos :
E, p'ra coisa ser melhor,
Até o João é de Deus !

Tu já foste como eu sou,
E eu não sou como tu és :
O teu bandolim quebrou-se ;
O meu vae beijar-te os pés. . .

HILARIO.

*

Que canções e amor reparte
A sua alma o João de Deus ;
Por isso está em toda a parte :
E' da terra e é dos céos !

GONÇALVES CEREJEIRA.

EM CASA DE JOÃO DE DEUS

(IMPROVISOS)

Aos quatro filhos do Poeta

Antes de vós, em tempos que lá vão,
De perto o conheci, do fundo o amei;
Vós, filhos, como a pae beijaes-lhe a mão,
Eu, também, como a mestre, lh'a beijei.

Chegam os estudantes do Porto

Desfizeram-se as nuvens pelo azul;
Eis do Porto os rapazes; raça forte!
Ao que as palmas já tem de todo o Sul,
Vem saudal-o, cantando, todo o Norte.

Chegam os de Coimbra

Lá veem outros; escuta-os com socego !
Veem cantando, qual tu, tambem, cantaste ;
São lembranças que trazem do Mondego,
Canções, talvez, que tu por lá deixaste !

Durante as saudações academicas

Hymnos e flôres, versos, alegria,
A Mocidade, alli, resplandecente . . .
Foi-se a manhã, João ; mas inda é dia,
E são roseas as nuvens no poente !

A' visita d'El-Rei

Veiu El-rei visitar-te, veiu aqui . . .
Quão grata foi d'El-Rei a gentileza !
Deu brilho, ao mesmo tempo, a ti e a si,
E a tua honrou a sua realeza !

A offerta da grã-cruz

Como se fôsse leve a tua cruz,
Outra, por cima, El-Rei te concedeu ! . . .
Se El-Rei se tem lembrado de Jesus,
Trazia-te, em vez d'ella, um Cyreneu.

Non sum dignus

«Daes-me cento por um no vosso aprêço !
Que semente produz tão fartas messes ?
Senhores, attentae, que o não mereço . . . »
— As mães d'elles que digam se o mereces. —

Resposta ao Poeta

Despedidas não são. Exulta ! espera !
São romeiros de amor, veem-te saudar ;
E cada vez que volte a primavera,
Has de vêl-os, Poeta, aqui voltar !

A retirada dos estudantes

Vão-se embora ; lá vão, lá vão seguindo ;
Rua acima, lá vae a Mocidade !
Agora, a tua dôr estou sentindo ;
Que saudade, Poeta, que saudade ! . . .

9 de março de 1895.

FERNANDES COSTA.



II

IMPRESSÕES CRITICAS E NOTAS DE MOMENTO

EXCERPTOS

Dos Discursos proferidos no theatro de D. Maria II, no sarau promovido pela Academia de Lisboa em honra do grande lyrico, em 9 de março de 1895.

SENHORES. — O céu litterario de Portugal, um tanto ensombrado durante o largo periodo das luctas constitucionaes, que convulsionaram o paiz, não se obscureceu inteiramente: algumas nebulosas, condensando-se em novos astros, illuminavam com um fulgor deslumbrante essa longa noite da nossa litteratura.

Entre as individualidades mais brilhantes da geração velha, da scena litteraria já desapare-

cida, e o nucleo formoso dos da geração nova, que vimos admirando, destaca-se um vulto de primeira grandeza, tão extraordinario, tão colossal que é impossivel filial-o n'esta ou n'aquella pleiada; tão gigante, que Anthero de Quental não hesitou em approximal-o de Camões, affirmando, com aquelle desassombro que o caracterizou, que a linha de continuidade artistica entre elle e João de Deus se havia quebrado ha tres seculos!

A consciencia collectiva illustrada ainda não ousára eleger para occupar o solio pontificio da poesia lyrica nenhum dos grandes poetas que se succederam ao immortal auctor dos *Luziadas!*...

Só João de Deus que é grande, talvez tão grande como Camões,— que á distancia de tres seculos soube tapetar-lhe a via Appia da sua grandeza futura — só João de Deus conseguiu encarnar em si no gráo mais alevantado o genio absoluto da poesia lyrica e o ponto mais culminante que ella pode attingir na sua evolução progressiva!

Como os raros poetas geniaes, João de Deus sobrepoz e em parte substituiu á sensibilidade individual innata, inculta, differente de homem para homem e essencialmente incommunicavel, uma sensibilidade collectiva homogenea, impressionavel ás vibrações do meio social, ainda as menos sensiveis.

E se a função superior da poesia, como de todas as manifestações da esthetica, é reger as almas, empolgando-as pelo lado sensacional, a obra de João de Deus effectuou incontestavelmente esta sublime aspiração: e tão suggestiva, tão impressionista que vae até o ponto de condensar n'uma só sensibilidade todas as sensibilidades; educa e enleva as almas fazendo-as reflectir-se entre si de modo a avivarem-se pelo mutuo reflexo. Pelo contrario a acção dos grandes fundadores ou reformadores de religião, dos sabios, dos legisladores e dos estadistas, quando muito. . . consegue disciplinar juizos e vontades; rarissimas vezes corações!

E' por isso que a obra do grande lyrico é chamada a desempenhar uma alta função social no seio da familia portugueza: a socialisação das sensações que determina naturalmente a socialisação das almas, e cuja resultante é preparar convenientemente o terreno onde devem medrar as fórmas sociaes mais perfectas — a alliança da democracia com a arte que alguns têm considerado irrealisavel.

E' que, senhores, a poesia da alma é o factor que inspira os nobres sentimentos e gera as acções alevantadas; os grandes poetas, como os grandes artistas estão destinados a ser os iniciadores das massas! E tudo isto conseguiu João de Deus, não admittindo em poesia o imperativo categorico — a arte pela arte — não esmagando

com o seu desdem as multidões, não construindo sobre o cume de montanhas inacessíveis, capellas onde vinte fieis, quando muito, poderão encontrar logar para rezar as suas devoções. Preoccupou-se, sim, com o ennobrecimento da vida humana pela communhão e solidariedade com a classe laboriosa, soffredora e productora da Humanidade. O que o tornou grande foi a sua relação intima, a sua cooperação com o povo, cuja mentalidade cultivou, construindo esse grandioso monumento de amor civicó, a *Cartilha maternal*, em cujo frontal elle pode inscrever desassombradamente aquelle conceituoso verso do grande lyrico latino:

Levantei um monumento mais duradoiro que o bronze!

Senhores: Chateaubriand parecia ter diante de si João de Deus quando disse dos poetas:

«Estes cantores são de raça divina; possuem o unico talento incontestavel com que o céu brindou a terra; celebram os deuses com bocca de oiro e são os mais simples dos homens; conversam como immortaes ou como criancinhas; explicam as leis do universo, e não conhecem os assumptos mais innocentes da vida.»

Cóimbra.

FRANCISCO FERNANDES.

*
* *
*

MEUS SENHORES. — A Academia de Coimbra, associando-se com o mais espontaneo e fervente entusiasmo á sympathia e significativa homenagem promovida pelos seus collegas de Lisboa em honra do eminentissimo poeta João de Deus, cumpre um dever e satisfaz um orgulho: — cumpre um dever, e dever sacratissimo, porque, em verdade, á mocidade das escolas é que, de facto e de direito, cabia a celebração d'esta festa, que, sendo uma corôa de applausos ás virtudes civiças de um homem, é tambem a apothose de um incomparavel cultor da Poesia e de um benemerito e luzidissimo arroteador dos incultos cerebros infantis; e satisfaz um orgulho, e justissimo orgulho! porque os resplendores e as aclamações d'este triumpho doiram e consagram muitas paginas dos seus annaes.

Sim, senhores: o revoar das nossas palmas, o resoar dos nossos vivas, esse imponente, esse magnifico, esse commoventissimo espectaculo do nosso ardor e do nosso entusiasmo, se de preferencia miram á consagração do primeiro lyrico portuguez, é tambem certo que se espalham e se repartem por tudo aquillo que deu côres e vida, luz e alma, á extraordinaria, á singularissima, á imperecivel obra do grande Mestre.

Como da admiração da Natureza renascem imos pregões ao Creador, assim da contemplação da sua obra resurgem, aureolados e nitentes, os recantos da terra e os espelhamentos das agoas, que o seu talento espiritualizou e a quem a sua penna deu a immortalidade.

N'aquelle *Campo de Flores* — tão variegado que deslumbra e tão pleno de perfumes, que impossivel é aspirar-se de uma só vez, — n'aquelle *Campo de Flores* presente-se, como sob um poente em braza as estrellas, que logo surgirão, o murmuro deslizar d'esse Mondego, que ora se espriguça no seu leito auri-fulgente da areia, ora cubicosamente beija nas margens as boninas; ali adivinha-se, ali se estende a curva sinuosa do Choupal, tapête ceruleo de folhagem, onde os rouxinoes, em noites estivaes, vão desgarrar os seus amores; ali se dilue, ali se esboça, como em téla escoceza, aquella melancolica paysagem do Penedo da Saudade e o sinistro, o quasi-horrendo abrir do Penedo da Meditação; ali palpita, ali sente-se, ali vive-se aquella despreoccupada e agitadissima vida de Coimbra, tão nossa e tão unica — cabeça ao vento, bandolim nas mãos, epigrammas nos olhos e trovas nos labios, — mas consertando e tendo sempre, bem puros e bem lidimos, sob o negro d'estas capas — azas de corvos suflando sobre os banquetes da Bohemia — um peito aberto para guardar as lagrimas dos que choram

e um coração para, soffrendo, mitigar as dôres, que mais repungem:

«Despe o luto da tua soledade
E vem junto de mim, pomba esquecida . . .
Do orvalho do céu!
Tens nos meus olhos pranto de piedade,
E se és, mulher, irmã dos que hão soffrido,
Mulher! sou irmão teu.»

Ah! meus senhores, este orgulho não pode nem deve esconder-se: João de Deus é nosso, essencialmente nosso; e tanto que, ainda ha bem pouco, um dos nossos maiores publicistas hodiernos, tão avêssô áquella atmosphera coimbrã, confessava abertamente que a poesia de João de Deus marcava o «apparecimento do genio espontaneo precursor da Escola de Coimbra.» Mas de Coimbra...

Sim! Ser-lhe-ia talvez mais ajustada esta apothese se a academia portugueza, erguido em seus braços o Poeta, o levasse até ali n'este delirantissimo triumpho, e, depois de collocado sobre o pedestal, que defronta a nossa velha Universidade e em que se alteia aquella singelissima columna — modesto, mas eloquente symbolo da gratidão de uma academia inteira pelo Cantor immortal das nossas glorias —; ser-lhe-ia talvez mais ajustada esta apothese, repito, se, collocado ali o Poeta, a academia portugueza recingisse, então, com uma mesma corôa as

duas frentes dos dois maiores lyricos nacionaes :
— *Camões e João de Deus* . . .

Meus senhores: Assevera Comte que a Poesia busca raizes na Philosophia e tende á preparação da Politica; — n'aquella encontra bases para a fixação dos seus typos e alhana caminho ao destino d'esta.

E é de notar-se que ao lêr-se a obra do Poeta é uma impressão quasi avêssa áquella que nos fica: não lhe encontramos a envergadura do bom philosopho, na accepção restricta da palavra, nem arcaboço de bom politico, no seu mesquinho significado. Muito ao contrario: dir-se-ia que a sua obra fôra fundida de uma só vez, perfeita, limpida, subtilissima, no cadinho do seu coração, onde qualquer negativismo philosophico jámais dera entrada e onde nunca espumejaram as vagas revoltas da politica. Os seus sarcasmos mesmo semelham balas incendidas por fachos de bondade.

E, comtudo, João de Deus não se furtou nem podia furtar-se á verdade da maxima comteana. Elle é antes, por uma revelação espontanea e ingenua do seu espirito, a prova mais frisante e transcendente d'esta affirmativa.

Não enquadrando na technologia scientifica a larga, fluente, magestosa, colorida e harmonica corrente do seu pensamento, as suas concepções philosophicas passam, rapidas e diaphanas como

fumo que se esvae, e confundem-se na elegancia e rythmo do verso, como a luz com o calor. Ellas ficam vibrando, ardendo, volatilizando-se no ar, como outras tantas syntheses philosophicas que o immenso poeta, o povo, atira para o céu em noites luarentas de esfolhada...

Esta, a meu vêr, a razão primeira e principal d'aquelle dulcissimo lyrismo, tão caracteristico e tão espontaneo, como nascente brotada em rocha, que nós ficamos muitas vezes na vaga incerteza de se elle representará a simples manifestação de um genio ou condensará, como a obra de Homero, a veia poetica de um povo...

Não nos desdiz o Mestre; e tanto que o seu mais acurado empenho e a sua vontade mais estreme — medida por onde affere a primazia do verso — é que as suas composições encontrem facil gasalho e prompta repetição nos labios das raparigas...

E, em grande parte, tem João de Deus realisado este *desideratum*.

O povo canta-o, o povo adora-o; e é possivel que mais tarde, comprehendida a sua bondade e reconhecido todo o merito e alcance do seu trabalho litterario e educador, se lhe teça essa maravilhosa e finissima epopêa, que se chama lenda, a qual o povo, no dizer de um dos nossos mais primorosos oradores, nutre com o sangue do seu coração e com o leite da sua alma. E' pos-

sivel. . . porque na sua obra se envaza e se modela o claro, o sublime, o quasi celeste desferir do éstro popular.

Quando a maioria dos nossos poetas se abordava ainda á contemplação dos árcades e dos românticos ou se deixava influenciar já pela litteratura estrangeira — Victor Hugo e Musset, Byron e Beaudelaire, — João de Deus aproximava a, tanto quanto possivel, do elemento popular, bebendo n'ella a fresca, saluberrima e inexaurivel seiva das suas emoções e dos seus cantares.

E', porisso, senhores, que a festa de hoje, apesar de entrajarse vestes academicas, é tambem uma festa nacional.

Quasi o mesmo na sua vida politica. Assumpto á cadeira parlamentar, unicamente pela penhorante amabilidade de amigos que não pela triste mendicancia de votos, sobejavam-lhe desejos de bem-fazer e recingiam no incendio de patriotismo. Mas bem depressa conheceu, como já antes o havia experimentado um outro grande escultor da nossa lingua, que não era aquelle o tablado proprio, onde devem gastar as suas energias e mostrar, a plena luz, a pujança do seu talento. E retirou se. . . ficando mais sereno e mais forte, porque d'aquelle mar enturbado de ambições e de egoismos jámais veria erguer-se, na expressão de um eminente tribuno, o es-

pectro do remorso a recordar-lhe nos naufragios da honra as maculas da consciencia.

Ainda differentemente de Anthero — um grande morto, que a nossa alma sempre chorará, — João de Deus, que se não tinha deixado avassallar por nenhum pessimismo philosophico, não vae tambem agora, nas aggremações politicas, procurar e encontrar proscenio para a expansibilidade dos seus sentimentos humanitarios. Não se aggrupa, não se adstringe, não se filia em partido algum; não o seduzem nem o empolgam essas verdadeiras marchas triumphaes de Laveleye; a união iberica não o chama nem o perturba. E' nas intratadas intelligencias infantis que elle vae espargir a benefica semente da sua politica.

Presentindo aquella phrase de Leon Donnat — «não é preciso crear leis, mas sim descobri-las», — João de Deus, que, na sua curta carreira parlamentar tinha visto fazer muitas leis, sem que uma só se descobrisse, pensou, e pensou bem, que a felicidade popular só teria realisacão e fixidez, desde que cada um conhecesse e palpasse a esphera dos seus direitos e comprehendesse e medisse bem as condições do seu meio. Só assim a sciencia politica seria, com effeito, a direcção voluntaria das sociedades, no dizer de Greef. Mas para lá chegar, que enor-missima jornada a emprehender!...

Abria-se-lhe, de repente, ouriçado de abrolhos e cavado de abysmos, o grande, o difficilimo, o transcendente problema da instrucção.

Senhores : Não cabe nas ensanchas d'este humilimo discurso, nem encontra espelho na palidez d'esta voz, o agradecimento sincero e ardente, espontaneo e immorredoiro, que no coração de todo o portuguez vive e móra, como justissima, ainda que insufficiente homenagem á collossal, á indefinivel obra do Poeta.

A architectura prende ; a esculptura domina ; a pintura deslumbra ; a musica seduz ; a eloquencia arrebatada, e a poesia encanta, commove e deleita ; ah ! mas um trabalho d'estes — a *Cartilha maternal* — faz mais que tudo isto : extasia e vence.

Nos seios maternos bebe-se o leite, que fortalece a materia ; na *Cartilha maternal* aspira-se o leite, que illumina o espirito. Grande, sublime, singularissima obra esta !

Até aqui João de Deus, pelas estreitas relações havidas entre a Poesia e a Philosophia, serve brilhantemente o seu paiz, enriquecendo a sua litteratura e envasando em incomparaveis versos as concepções tradicionaes e philosophicas ds nosso povo ; e agora, pela influencia da Poesia na Politica, desfere mais largo o vôo ; agiganta-se, alteia-se, culmina-se ; porque as suas energias e o seu talento se não gastam apenas

em favor de uma nação, mas em prol de toda a Humanidade!

Meus senhores: E' costume ainda, no seio das familias, erguer á noite as mãos para o céu e pedir por todos os que andam sobre as agoas do mar. Eu sou do litoral; e ali, onde rarissimas vezes se finda um anno sem que os nossos olhos tenham de chorar a horripilante, a pugentissima tragedia de um naufragio, sei bem o ardor e a sinceridade com que são feitas estas orações.

Mar revolto, encapellado, cheio de resacas e fragoado de traições, não o é menos o Mundo. De todos os lados e por todas as fôrmas, sopram e se desencadeam sobre esta formosissima e preciosa cabeça humana as nortadas, que mais dóem e as ondas que mais damnificam. O Direito não é já a clava da justiça, mas o azorrague da riqueza; a Moral o incorruptivel baluarte do Bem, mas a fementida sentinella da Hypocrisia; a Politica a simples expressão da vontade dos governados, mas o arbitrio pernicioso dos governantes! Um facho de revolta, pávido e ensanguentado, atravessa funebremente o orbe inteiro!...

Com isto confrange e tortura! e é facil de vêr-se que bem depressa se quebraria de encontro aos escôlhos da injustiça ou se afundaria nos sorvedouros da inveja o fragil batel do nosso Destino, se nas plagas do Futuro não luzisse o

diamantino pharol da Instrucção. Só ella salva o homem; só ella pôde salvar as nacionalidades.

Outr'ora, additou-nos o lar a heroicidade, servida pela Fé; hoje seria pouco: - sem a instrucção, largamente diffundida e seguramente aliçada, difficil, se não impossivel nos era conservar a herança recebida.

E João de Deus — quem ha ahi que o conteste? — tem sido o obreiro mais infatigavel, o cooperador mais imperterrito, e o batalhador mais denodado no vencimento e na conquista d'esta sacratissima cruzada. Elle, dando ás creanças do seu paiz a *Cartilha maternal*, defende da maneira mais pacifica, mas tambem da maneira mais pratica esta querida e desventuradissima nação, tão digna de melhor sorte: — chamando-a ao convivio das ideias, que hoje, felizmente, são patrimonio da humanidade.

Compreheideis agora, e compreheideis bem, todo este enthusiasmo, todo este brilho, todas estas galas — toda a sinceridade e espontaneidade das nossas saudações.

Ah! é que elle, salvaguardando os espiritos das trevas da ignorancia, como a Providencia defende das escuridões do tumulo os que andam sobre as agoas do mar, ascende muito o humano... é quasi Deus!...

Coimbra.

ANTONIO SILVEIRA.



Visto uma capa, e, de vestil-a n'este momento, sinto me orgulhoso: — que nem eu sei se debaixo da minha batina de estudante um coração me pulsa, ou acorda uma geração; sei só que n'este logar me sinto ennobrecido, e que esta hora unica, em que ajoelhamos perante um Poeta, nos traz ao coração o sagrado orgulho de nos sentirmos alto, porque até elle chegamos. E para isso viemos, paiz em fóra, alma cantante n'um enthusiasmo de novos, dizer aqui, por boccas que não mentem, tudo o que ao nosso coração disseram as amadas paginas d'essa amada obra que João de Deus nos atirou para que a vivessemos, a nós, que vivemos só pará a sentir.

Hora unica, disse eu, e hora consoladora esta em que vejo os meus companheiros na vida; mãos dadas por uma mesma ideia, affirmarem a esta desgraçada patria, que teve heroes e hoje só tem mendigos, que ha ainda em muito coração de rapaz o sagrado amor das coisas do seu paiz, e que essa lendaria alma portugueza, que palpitou de gloria e de altivez nas paginas da nossa historia immorredoira, a trazemos nós aqui, dentro do nosso peito, anciada e pura, a escachoar ainda de enthusiasmo no nosso sangue generoso e novo!

Momento tragico do destino o que atravessamos agora, raça de predestinados para vivermos a agonia de uma nacionalidade, trouxemos todos para a vida já o desgosto de a soffrermos, e foi amargo o leite que nos deram, e foi maldito o berço em que acordámos: — uma velhice para nós a infancia, e, ainda balbuciantes na vida, os nossos labios já não tinham fé, os nossos corações não tinham crenças. Da nossa extincta gloria accusadora — sombrio naufragio de um povo no lôdo do esquecimento — pagina d'oiro escripta em sangue, constellada de epopêas e salpicadas de heroismos, levados n'uma irremediavel queda para a vergonha e para a morte, roubados, humilhados, vendidos e cuspidos, qualquer coisa de bem grande e de bem nosso nos deixaram os seculos que foram: — é a obra dos nossos Poetas, maravilhosa mortalha que nos envolve em luz, e que, da morte mesmo, hade chamar-nos ainda para uma gloria immorredoira.

Mais um seculo de fatidica desgraça vae morrer, e n'este funesto momento, cheios de sombrios presagios, todo um povo, esquecidas as horas que lhe segredam desastres, se levanta para a consagração de um genio, rasgando para o futuro um arco victorioso de apotheose, em que se enquadre, luminoso e dominador, esse homem perfil de Poeta e de Santo, delicada illuminura d'alma, em que resuscitam as côres da nossa alegria já morta, para a qual ainda os

nossos olhos se alongam n'uma derradeira esperança de incerta, duvidosa e mentida felicidade. Porque não somos só nós, os que aqui estamos que fazemos a João de Deus uma consagração ao seu nome; todo um paiz se levanta para senti-lo, e até aqui chega a saudação desconhecida que vive nos seus versos: — é o homem dos nossos campos religiosos que se descobre ao toque de trindades, aguas dos nossos rios murmurantes que vão a dizer os seus lamentos, nosso céu luminoso, que se espelha em seus livros, a voz das nossas aldeias que o diz em suas cantigas, as paisagens da nossa amada terra que se espiritualizam em seus versos, e assim João de Deus anda disperso por toda essa abençoada e desgraçada patria portugueza, e em cada coração vive um pedaço da sua obra, que só com retalhos d'alma foi escripta.

Mas, porque em volta de nós tudo é perdido, não deixemos nós passar, com o entusiasmo d'esta hora, o nosso entusiasmo sagrado: — um nobre combate, cheio de tragicas pugnas, nos espera; para a vida nos chamam desconhecidos caminhos; e convençamo-nos de que, deixada a nossa capa de estudantes na nossa ultima hora de mocidade, temos que vestir uma pesada armadura de combatentes, fundida em audacia, temperada em sacrificios. Os braços, que hoje se levantam para saudar e applaudir, têm de robustecer-se para a lucta, e é n'elles que have-

mos de erguer a patria envilecida para que a tornemos digna do Poeta que hoje consagramos. Que não é elle que tem de baixar-se a levantar-a, mas ella que tem de erguer-se para que possa merecel-o.

E só assim não morrerá uma terra que tem poetas como elle, e onde ha quem os saiba sentir.

ALEXANDRE BRAGA, FILHO.

Nova Alvorada, n.º 1 (V anno), abril 1895. — Famalicão.

«Se não parecesse ridiculo, eu chamaria *Fausto* áquelle dos nossos poetas cuja alma vibra a um tempo com a aragem das correntes mysticas e com a effusão das emoções naturaes, instincto metaphysico e temperamento sensivel como, desde Camões, Portugal não tornou a vêr. Esse poeta é João de Deus »

OLIVEIRA MARTINS.

Esta semana foi a semana de João de Deus, e, apezar do meu compromisso me apertar no circulo portuense, — quando me parece, abusando do meu pequeno publico e do grande amigo que me convidou para esta secção, desato

por ahí fóra e sou eapaz de ir até ao Japão na esteira de um pensamento.

Tenho muito respeito pela prudente sabedoria de Victor de Laprade, como por todos os membros da Academia franceza, concordo, em grande parte com o que elle diz contra o realismo na arte, batendo nos fanaticos da côr, como os santões do Cairo batem com a cabeça no umbral das mesquitas, mas — que quer o illustre sabio? — eu sou um meridional, um impulsivo, um sentimentalista, possúo — e essa é a minha unica propriedade — uma admiração extrema por essa natureza abençoada da minha terra, que, quando lhe parece — e tem muitas vezes esse appetite — faz como as grandes damas ricas e mundanas, muda tres vezes de toilette, vestindo-se de madrugada, de margaritas, similhando uma noiva, de oiro, ao meio dia, como uma rainha, e á tarde, de lilaz e rosa pallida como as imagens melancholicas da poesia da saudade.

Mas, como diz João de Deus «nunca se diz nada sem razão», e póde ser que de Laprade a tenha n'este ponto, embora eu a tenha tambem, deixando-me ir atraz de um raio de luz, no meio da valsa das côres, attendendo a que não posso abrir os olhos sem as vêr, e cada vez mais deslumbrantes, mais largas, mais indefinidas, visões de myope.

Foi quasi por uma razão d'esta ordem, mais

pela alvorada batida no coração, que eu fugi esta semana do Porto e fui, com a rapaziada até Lisboa, levar o meu *bouquet* espiritual a João de Deus, que festejava o seu anniversario, e comigo e com ella o paiz todo, que o adora.

Até me lembrei, no caminho de uma outra peregrinação feita quando era pequenito — tal é a doce e perpetua infantilidade dos adoradores da luz! arrastado pelo contagio da procissão que ia benzer os ramos. Havia um perfume delicioso a lyrios, pelas ruas, as palmas e ramarias balouçavam se no ár, como a floresta de Shakespeare, mas que não escondia a destruição e a batalha, antes parecia o pombal de todas as paixões boas das almas gratificantes. Da outra vez, entrámos na casa de Deus, com o coração cheio de incenso, como um thuribulo, e agora, rescendendo alegria e festa e frescura, como um açafate de fructa.

*

Melhor, mais justo e mais caricioso movimento da alma da patria do que este que levou toda a mocidade, todo o pensamento, toda a sinceridade até á casa de João de Deus, não tenho eu na memoria, nem creio que o houvesse nunca na minha terra. Porque os enthusiasmos pelos extinctos e gloriosos heroes da patria foram sempre originados na consagração de uma obra politica, de um alto valor como pensamento, de uma

alta verdade como justiça historica; em quanto que esta a que assistimos agora partiu do simples movimento do coração, de uma caricia da alma singela pelo cantor das singelezas da alma. Mas .. que estou eu a dizer? qual é a manifestação collectiva, espontanea ou não espontanea, que não tem um significado geral a par de um ensinamento grandioso? E como andaram por ahi uns philosophos de má-morte a notificar, felizmente ha muito tempo, que a patria estava perdida, que a mocidade vivia pallida na ruina dos seus globulos vermelhos, eis que ella se congrega, se incorpora, recolhe todas as flores dos campos e dos jardins, e vae-se por ahi fóra até á capellita de João de Deus, onde cantava um rouxinol espirito, mas onde era necessario que surgisse todo o Portugal — primavera.

Afinal foi a vingança das pequeninas flores, dos perfumes suaves, das vozetas modestas e simples contra o trovejar das sabedorias funebres. Porque eu, assim como tenho olhos para vêr todas as côres, e sorrisos para rir todas as alegrias, tambem tenho ouvidos para escutar o balbuciar das floritas, que vivem todas regaladas entre o trevo e a camoêza. Pois a conjuração partia d'ali; porque houve uma conjuração. As violetas é que tomaram a iniciativa por serem agora o formidavel batalhão dominante, congregaram as primeiras rosas dos campos, os botões dos lilazes, as estrellas prateadas das margaritas,

os calices de oiro dos junquinhos e combinaram, de suspeita, fazerem a apotheose do poeta que tem passado toda a vida de trabalho a cantar as coisas simples e sinceras da face da terra e do coração humano. Tanto assim, a que elle, n'uma confusão de creador sublime, chegou a conceber este projecto grandioso — de meter no cerebro das creanças todo o côro d'aquellas pequeninas vozes e toda a omnipotencia d'aquellas côres e d'aquelles perfumes. Naturalmente, quem se havia de encarregar d'essa deputação mysteriosa e encantadora? A mocidade, aquella cathedra de creaturas que está mais em contacto com a frescura das violetas e cujo pensamento tem ainda os orvalhos das madrugadas da primavera.

*

Ahi têm, as carpideiras da nossa nacionalidade, como ella se arrefece e morre! Ahi a têm, representada na sua mocidade, isto é, — na sua simplesa desataviada de vaidades e de orgulhos e de offensas — acarretando por todos os caminhos, partindo de todas as cidades, canastras e canastras de flores para festejar a graça do verso e a bondade da acção humana! O significado geral d'essa manifestação é este que eu lhes estou dizendo; porque não está para morrer, nem quer morrer, quem sente todo aquelle entusiasmo por estas duas virtudes que são todo

o segredo da vida — o bem e o bello. De João de Deus nós podemos dizer aquellas extraordinarias palavras de Barbey a Lamartine: «Para apparecer no seu esplendor quasi mystico, — tanto é puro e religioso, aos olhos da posteridade! — Lamartine não carece de estatua, nem que fosse de Miguel Angelo, nem de uma biographia! O seu esplendor, o seu, sae d'elle mesmo, como o esplendor dos seraphins.»

E realmente João de Deus, como Lamartine, como todas as grandes personalidades illuminadas pelo genio, tem em si mesmo, na sua propria hora, a sagração da sua vida, a apotheose do seu character, e no meio do seu trabalho tão fecundo e tão fertilisante, apanhado de surpresa, como um astro apanhado no espaço, pela luneta do sabio, ouvindo o clamor da sua glorificação immediata, como se a patria estivesse impaciente de fazer justiça — facto nunca visto na vida da nossa terra — elle admira-se...

Estas honras, este culto
Bem se podiam prestar
A homens de grande vulto:
Mas a mim, poeta inculto,
Espontaneo, popular
... E' devéras singular!

E, todavia, este homem, que se espanta com a grandeza das manifestações que lhe são feitas, como a Hespanha se commoveu, ainda outro

dia, com o culto de José Zorilla, não se admira da grandeza da sua obra, nem espera que se aproximem d'elle, de um estrepitoso clamor de applausos, todos aquelles que têm sido gratificados pelos esplendores do seu talento, como as floritas do campo inundado pelos esplendores do sol!

Eu não sei se depois da esplendida festa de Lisboa, os philosophos merencorios continuarão a affirmar que estamos a dois dedos do abysmo em que se submergem as nações.

Para mim, nunca me pareceu que estivéssemos mais proximos de uma esplendida alvorada de renascente justiça e de deslumbrante futuro, como agora que enchemos de flores e de versos a casita de João de Deus.

EMYGDIO D'OLIVEIRA.

Jornal de Noticias, n.º 60. (Anno VIII), 10-III-95.

JOÃO DE DEUS

O que se vae fazer a João de Deus é uma apothese, uma antecipação á obra da Posteridade. Vão leval-o vivo, e não velho ainda, o que

é mais raro, ao templo da Gloria, a cujas portas de bronze e ouro tantos cadáveres têm apodrecido esperando entrada.

Descontada a relatividade da pompa, é uma festa como a que tiveram Voltaire e Victor Hugo.

João de Deus é mais feliz que Camões e Boccage, os dois maiores lyricos portuguezes antes d'elle, os quaes, coitados, não obtiveram dos seus contemporaneos nem gloria nem pão, extinguindo-se magros e desilludidos da justiça e da bondade humana.

Mas a apotheose, por muito que a façam ruidosa e brilhante, será sempre acanhada, porque terá por theatro um paiz pequeno, ao passo que as que se fazem em Paris têm por theatro o mundo inteiro. E João de Deus merecia uma d'estas, porque não é só um dos maiores lyricos da peninsula, é um dos maiores lyricos de todo o mundo no seculo xix. A prova? Quereis uma prova? Ahi a tendes n'esse curioso factó, talvez unico em se tratando de poeta portuguez: elle ainda vive e seus versos correm no emtanto de boca em boca, recitados com alterações, variantes, versões diversas, como os canticos de Homero pelos rhapsodos da Hellade heroica. E em meio das disputas litterarias para firmar a authenticidade de uma quadra sua, elle conserva-se inalterado e grave, abstracto e contemplativo, sem perceber o rumor e menos ainda a causa d'elle, rimando e descantando sempre,

mas em silencio, para dentro de si, sem pensar no typographo que terá de imprimir-lhe os carmes, nem no editor que terá de pagar-lh'os. João de Deus verseja como os outros fallam e andam.

Diz Jules Lemaitre do pobre grande Maupassant, que elle fazia contos como a macieira *faz* maçãs. Pois bem, João de Deus faz versos como as roseiras *fazem* rosas e os rouxinoes cavatinas. Tem a alma lyrica e cantante, como outros a têm aphona e cornea.

Sua obra é curta, consta de um livro, grosso, é certo, mas de um só livro. Porém muito mais curta é a obra dos rouxinóes, seus patricios, e dos sabiás da minha terra, porque esses pobres lyricos não têm amigos que lhes rhapsodiem os cantos, nem editores, que os mandem á immortalidade da letra de fôrma.

Entretanto, não é coroado pelas Musas que deve ser representado João de Deus em futura estatua: mas coroado pela Infancia, rodeado de pequenitos, como o pallido galileo.

João de Deus fez mais que cantar a Natureza e o Amor — libertou a infancia da gargalheira de tréva a que, ha seculos, a condemnára a estupidéz dos mestres. O alfabeto era como o Increado: tinha todos os elementos da vida, mas no estado de cahos; João de Deus entrou n'elle com uma candeia accesa — a sua «Cartilha Maternal»... *et lux facta est.*

Nós, que fallamos a lingua portugueza, que temos essa grande honra e não menor infortunio, não nos vamos já d'aqui a levantar essa estatua a João de Deus porque ainda não medimos bem a grandeza da sua obra humanitaria, porque ainda não comprehendemos todo o valor d'esse diamante que elle, em uma noite de Natal, foi esconder sorrindo em um dos sapatos de um seu filho, n'elle brindando, assim, toda a infancia destinada a fallar o portuguez.

Não me admira nada que em Portugal se ensine a lêr e escrever por methodo que não seja o de João de Deus; o que me faria espanto seria exactamente o contrario, tão certo é e tão vulgar que as verdades mais simples são as que mais custam a conquistar o mundo; mas o que me causa uma estranheza discreta é que não tenha subido ainda aos conselhos da corôa um ministro com massa cinzenta sufficiente para comprehender a necessidade de preparar meia duzia de mestres da *Cartilha maternal*, mandando-os aprender esse methodo com o proprio auctor, de modo a não se perder a intelligencia verdadeira, a interpretação authentica d'esse systema de ensino.

Disse me João de Deus que elle ainda não fôra bem comprehendido e, portanto, bem applicado. Ainda é, felizmente, tempo de remediar a esse mal. Se eu fosse portuguez e tivesse, n'essa qualidade, o direito de me dirigir aos po-

deres publicos d'este lindo paiz, pedir-lhes-hia que, n'uma fólga de politicancia, lêssem a *Cartilha* de João de Deus e se dignassem de comprehender-lhe o valor intellectual e moral.

Com esses dois livros — o *Campo de Flôres* e a *Cartilha maternal*, já ha com que fazer uma gloria e fundir um monumento na admiração de um povo. Pedem-me uma ideia para a corôa litteraria de louro e oliveira com que pretendem glorifical o a oito de março proximo, e eu dou phrases, por não ter uma ideia digna de tão preciosa grinalda. Resigno-me á impotencia dolorosa de exprimir a minha admiração pelo grande poeta e bonissimo homem que tem o dôce nome de João de Deus.

Vou lêr-lhe a obra mais uma vez: o melhor meio de provar admiração pelo sol é beber-lhe a luz e aproveitar-lhe o calor.

Fevereiro, 1895. Lisboa.

VALENTIM MAGALHÃES.

Meu caro amigo Alves Corrêa:

O dito por não dito. Não conte com o meu estudo sobre o João de Deus. Já está feito pelo Eça de Queiroz. Acabo agora mesmo de o lêr.

O essencial do meu artigo vem n'aquellas duas paginas. O essencial: que o resto seriam explicações e commentarios.

«E para elle, como poeta, não existiram senão dois interesses, a mulher e a divindade» — diz o Queiroz.

Perfeito. O João de Deos ahi está. Alma religiosa e amorosa chega pelo finito do Bello ao infinito do Bem; ascende da mulher, que o encanta, ao Deos que o deslumbra; ergue-se, lingua de fogo, dos olhos de *Marina* aos olhos de Jesus; eleva-se n'um suspiro da terra ao céu, e voltando em extasi idealisa a natureza e divinisa a mulher, a flôr que a perfuma, a nuvem que ella vê, o chão onde ella poisa.

João de Deos, amando, primeiro appetece, depois adora, por ultimo resa. O desejo dilue-se na beatitude, o beijo evola-se na oração. Poesias ha no *Campo de Flores* que só harpas d'oiro e voses de anjos deveriam cantar, ou na ingenuidade da manhã, ou na saudade infinita do crepusculo. A's veses, lendo-as, ajoelho em espirito. Assim a *Heresta*, *Marina*, *Rachel*, *Noite d'amores*, *Enlevo*, *Thuribulo*, *Adeos*, *Amor mystico*, *Adoração*, *Encanto*, *A Vida*, *No leito nupcial*, *Amo-te*, *Ultimo adeos*, incomparaveis hymnos religiosos, dos mais puros que através dos seculos, na miseria da vida, têm balbuciado a lingua humana.

O limpido gorgueio da cotovia na luz alvores-

cente é como que a expressão sublime da alma da terra, da idealidade das coisas. Mas a coto-via só gorgeia quando a alva desponta. Assim João de Deos. Só ao raiar de uns olhos amorosos modula o cantico divino.

Não ha em toda a sua obra uma unica paisagem, onde não destaque, sidereamente, um vulto alado de mulher. A mulher ideal: a que pisa o globo, diademada de estrellas. Olhando o paraíso, absorve o, — calcando o mundo, santifica-o.

As poesias catholicas de João de Deos não valem, como religião ou inspiração, os versos amorosos. A fé não basta para attingir o sublime. E' necessario que a alma se desencarne, que momentaneamente se liberte das almas inferiores a que chamamos corpo, unindo-se em estado de graça á alma absoluta. — Espirito de Deos.

E então a obra de arte é já revelação, — e o poeta, — propheta, vidente, illuminado.

Esse delirio divino em João de Deos, provém da mulher. N'uma carta lyrica do poeta ha esta phrase, terminando: «Amo-te, e é quanto possuo e quanto sou!»

Phrase prodigiosa de vehemencia ignea! O amante, á força de amar, transsubstanciado em amor! Tudo o João de Deos.

Eu quisera reunir em volume, para meu uso, os mais bellos canticos do poeta. Eliminar as

traduções, obra de sua natureza secundaria ; eliminar as satiras, breves anedotas sem alcance ; e eliminar d'entre os versos de paixão as sensualidades communs, os galanteios futeis de namorisco. O resto, um livro unico. *Campo de Flores?* Já não. *Campo de estrellas.* *Jardim sideral.* *Lirios de luz innocente,* a que mil milhões de annos não roubarão uma pétala.

Biblia de amor. Amor divino, como na terra triste os eleitos o sonham e em orbes espirituallizados humanidades angelicas o realisam.

Porto — 9-3 05.

Seu amigo, etc.

GUERRA JUNQUEIRO.

Se, pelo seu poder de representação da apparentemente incoercenda subjectividade, o poeta lyrico se torna accessivelmente intelligivel a todos os actores-espectadores do drama humano, pelo mesmo character synthetico da emoção objectivada, elle é o desespero dos frios temperamentos analyticos, os quaes não logram definir as personalidades litterarias que se dão a examinar senão pelo sommatorio de differenciaes,

penosamente hierarchisadas. Quando o artista é, como João de Deus, simultaneamente simples pela ideação e pela expressão, o esforço critico aborta na impotencia de irresoluções fundamentaes.

Aferida a espontaneidade do escriptor na prompta transmissibilidade da sua obra, o mesmo simplismo que o personalisa o torna refractario aos minuciosos reparos e ao processo pedante das schematicas correlacionações.

Não nos encontramos aqui com uma d'estas physionomias estheticas em que se entrecruza a influencia das varias correntes historicas da evolução litteraria geral. Consoante nos romantics francezes, não é caso de buscar no proto-romantismo hespanhol, que Schlegel considerava como a causa primaria, do proprio romantismo germanico, não é caso de ahí ir pacientemente procurar o motivo proximo, determinativo de um condicionalismo poetico, que resulta o logico corollario de uma individuação naturalmente definida. Não é ensejo, como na, aliás destacada, figura de Alfred de Musset, de cotejar as singelezas facticias dos poemetos frivolos com os modelares substractos do incomparavel Byron. Para Baudelaire, quem não pensa em Pöe, quem não pensa em Quincey? Com o ataraxico Leconte de Lisle, não surge, apesar de tudo, o confronto-contraste que, em seu separatismo aproxima os cyclos confundidos da *Lenda dos Seculos* com

os periodos systematisados dos *Poemas barbaros*, dos *Poemas antigos*, dos *Poemas tragicos*?

Aqui, no sublime exemplar portuguez, nenhuma interdependencia, tão inconfundivel é a condição subjectiva do artista que, mesmo querendo-a reproduzir, elle transforma, incorporando-a, a alheia imaginação, das suas mãos bem-ditas cahindo em perolas vivas a morta greda que se dignou animar, conforme no caso typico da comediasita do semsaborico ecclletismo de Ponsard.

Entre nós, o apparecimento litterario de João de Deus marca a epoca da revertencia á franca realidade, brotando ingenua e pura do transporte interior que deu plasticidade esthetica á emoção physiologica. Desvairados pelo ultraromantismo, immobilisados no neoclassicismo, ou desmoralisados pelo mysticismo mundano, a poesia de João de Deus foi um abrupto, inconsciente protesto da simples natureza, eterna e candida.

E' assim que, melhórmemente do que com os primeiros versos de Daudet e de Maupassant pretendeu Zola, a critica portugueza pôde reivindicar para o naturalismo tal lyrismo, fundindo á realidade concreta um tão amplo rapto no destino do supremo, transcendente ideal.

J. P. DE SAMPAIO (*Bruno*).

A JOÃO DE DEUS

A dissolução anarchica dos elementos constitutivos da nacionalidade portugueza invade as instituições e os homens da nossa terra. A politica, sem orientação definida, continúa a mover-se no apertado circulo das conveniencias pessoas: é empirica e varia diariamente com os subterfugios adrede inventados para sophismar a difficuldade dos problemas e illudir a vigilancia da opinião publica. A questão financeira coarcta impiedosamente os ministros melhor intencionados, apertando-os entre a exiguidade dos recursos industriaes e a necessidade de sustentar uma hierarchia funcional. A instrucção primaria, secundaria e superior mais semelha um *tohu-bohu* heterogeneo, incoherente e improficuo que uma instituição social homogenea, como a synthese philosophica do nosso seculo, coherente, como a seriação organica do dynamismo psychico e proficua nas suas influções theoricas e praticas, vigorizando as energias mentaes pela formação do character e orientando o espirito moderno pela affirmação do naturalismo universal.

No meio d'esta fermentação anomala parece-me ouvir a solemnidade biblica do vate messia-

nico: *Está posto o machado á raiz da velha arvore!*

.....
Mas, não!

Com as desgraças da patria devemos inebriar a dedicação civica, a sublime loucura do heroismo, se não quizermos perecer como os judeus, quando carpiam os sentidos prantos do exilio nas margens dolentes do Euphrates!

As illuminuras mais brilhantes do Santo Imperio Romano-Germanico contrastam caprichosamente com os dias da sua decadencia!

E a França de 1789?! E o Portugal de 1640?!

Nas horas da provação mais cruel impõe-se a epilepsia heroica da nevrose social!

*

A historia patria é uma rehabilitação civica; a commemoração dos nomes illustres, que a esmaltam, retempera o sentimento da autonomia, como a peregrinação a Meca inflama a crença no coração do beduino.

*

Na transição da philosophia para a politica encontra-se a poesia como synthese das doutrinas especulativas cultivadas no meio philosophico e força progressiva nos dominios da arte politi-

ca. Compreende se o parallelismo e invariavel permanencia rythmica na graduação thermometrica dos movimentos sociaes condensados na philosophia, politica e poesia.

A' completa ausencia de doutrinas philosophicas corresponde uma philosophia degenerada e uma politica sem orientação definida. Intitulam-se nephelibatas, decadistas e symbolistas na poesia; ecleticos, pessimistas e inconscientistas na philosophia; anarchistas, amorphistas e hybridistas na politica. Mas, morreriam de horror os principes da philosophia, da poesia e da politica se encontrassem as suas creações geniaes tão pouco estimadas, assim abastardadas!

O movimento progressivo deve começar pela philosophia, d'onde irradiará para as syntheses poeticas e programmas politicos. O nosso Anthero reformava a philosophia ao mesmo tempo que limava os seus Sonetos immortaes e acompanhava um movimento patriotico. Mais um symptoma da lei formulada.

João de Deus, agitado pela envergadura artistica da sua alma superior, violou a realisação historica d'essa lei; nacionalisa a poesia, adivinhando um progresso philosophico e politico, que difficilmente pôde prevêr-se através das nuvens espêssas, que turvam o horizonte patrio. Em conflicto permanente com os poetas degenerados e politicos desorientados vingam-se de uns e outros com ironias assucaradas — protesto ve-

hemente d'alma ingenua. Da politica actual nada espera; a poesia chamada *moderna*... não a comprehende.

João de Deus symbolisa uma poderosa força do progresso nacional, essencialmente patriótico.

ABEI ANDRADE.

O DESFILAR DO CORTEJO

Estas linhas de singela homenagem são escritas á hora em que o *Cortejo* vae atravessar a cidade, em direcção á casa de João de Deus, e serão publicadas vinte e quatro horas depois. Independente da gratidão publica, affirmada pela mocidade, que o magnânimo educador ensinou a lêr, e do preito ao egregio poeta, ha um facto superior que d'aquelles factos se deriva: é a lição moral que alevanta o espirito popular e que reduz ás legitimas proporções os inuteis que por ahi *gozam a vida*. Gozar a vida é aquillo em que se empenha aquelle cêrdo que come bem, dorme melhor, faz a Avenida em seu trem janota, possui fêmeas por lista e tem amigos a pêzo de notas de Hamburgo e de cédulas da rua de

S. Paulo. Julgava o desprezível satisfeito que todo o mundo era seu, e a melhor parte do paiz — pois que está alli a Mocidade — embarga-lhe a passagem ao trem janota, com o desfilar imponente em busca da habitação do poeta. — «O Poeta? Que é pois o Poeta? Qual é a importancia social d'esse alinhador de versos? E, como auctor de um methodo de ensino, que é elle mais que um mestre escola? Onde está a justificação d'esta balburdia?» — Tal raciocina, a sustêr as impaciencias das outras bestas, que escarvam no macadam, o cêrdo grato ás *cocottes* e aos amigos que arranjou a pêzo.

*

Alguem responderá, pelo povo: — Esse mestre-escola surprehendente, esse bemfeitor luminoso, que além móra á beira do jardim da Estrella, é o legitimo crédor da gratidão de um povo. Libertou-lhe o espirito, facultando-lhe o ensino pelos processos *humanos*; habilitou-o a lêr nas tábuas da lei os seus direitos e os seus deveres; nos Evangelhos e nos outros livros sagrados a genese da civilisação perfeita; nos pensadores bem intencionados a indicação do seu caminho melhor na travessia da existencia; e ensinou-o a lêr os versos que á sua alma, á doce alma popular, arrancou — e pôz em linguagem divina. Abriu — aos cegos do entendimento —

olhos de comprehensão: isto como *mestre-escola*. Como *poeta*, adoçou as almas e lidou na obra de benção — de reconciliar as creaturas desesperadas com o Creador e umas e outras entre si. Foi grande, e porque foi bom, foi maior ainda; e, porque foi o Melhor, foi o Maior de todos! Generoso obreiro, nem lhe faltou a humildade: vêjam-n'o no seu retrahimento, na sua austera existencia, repartida entre o favor e o perdão: digo o perdão — que o ha alli para muitos delinquentes que se abrigam á grande sombra protectora do misericordioso!

•

Tal se deverá responder ao assombro dos inconscientes. E mais não diremos, — que a Posteridade tem direitos inilludiveis. Por mim, congratulo-me com a geração que soube affirmar-se grata, desmentindo assim a tradição cruel que nos vem desde o Camões, e congratulo-me, especialmente, com essa generosa e ardente Mocidade, que do bom impulso de uma hora resgata desfalecimentos de prolongados dias!

* * *

... Acabo de assistir durante alguns minutos ao desfilhar do cortejo. Devo dizer-lhes — que fugi.

Um enternecimento que me ficava mal *diante de gente* invadiu subitamente o meu sêr. Foi ao vêr em marcha os pequenitos das escolas. A figura de João de Deus, o bemfeitor da infancia, assumiu n'esse momento para mim proporções e feição extraordinarias, n'esta quadra de pequenos espiritos e de pequenas almas. Eu tencionava ir vê-lo antes de lá chegar o Cortejo! fui encerrar-me na Bibliotheca e pedir ao trabalho que me abafasse a commoção. E aqui tem João de Deus — porque eu lá não fui...

JOÃO BRAZ (*Silva Pinto*).

O Pimpão, n.º 1:130 (anno XX), 1895.

DEPOIS DO CORTEJO

Quanto maior fôr a emoção tanto menor é a faculdade de expressão. Esta lei da sensibilidade exemplificou-se em mim de uma maneira mais duradoura do que eu suppunha. Alguns dias antes dos festejos em honra de João de Deus o meu espirito suspenso vagava entre a tristeza e a alegria, preso não sei por que surdas emoções.

Assim mesmo fui vêr o poeta, e quando ahi estive nas vespas do cortejo abracei o dizendo lhe : Não sei, meu amigo, porque estou alegre e triste ! Só hoje, reflectindo, achei a explicação do meu estado. E' que eu inconscientemente, por sympathia talvez, por um presentimento inexplicavel traduzia um estado analogo ao do poeta. Muito pode a amisade !

Com effeito, n'essa noite do dia 7, vespas da apotheose do amado lyrico, João de Deus parecia pesaroso, ia dizendo, quasi fatigado por graves pensamentos. Um poeta, um artista, devia de estar radiante, como que aureolado d'essa alegria do talento que se sente justamente applaudido. De certo que o rumorejar das festas, a hora da justiça que se aproximava, a commoção da esposa e filhos, a sinceridade do culto que se lhe ia prestar, tudo emfim, era de molde a abalar a alma enternecedora do poeta. E quando ás 10 da noite chegava o sr. Silva Bastos a communicar-lhe da parte do ministro do reino que el-rei iria agracial-o pessoalmente com a gran-cruz do merito litterario, João de Deus puxou-me pelo braço até á sala : Ouça isto — que diz você a isto ? — perguntou-me o poeta com uma placidez que me assustou. Seria indifferença ? Não apreciaria o velho cantor das *Flores do Campo* tão significativa honra ? Sentiu e apreciou ; e a sua placidez dava a medida da sua funda commoção.

A velha alma portugueza, dolente e amorosa, dizia mais na mudez dos seus labios do que as palavras poderiam traduzir. O portuguez sentiu-se como que repleto de orgulhoso amor, d'essa gratidão que em nossas almas é uma quasi dôr. Passaram-lhe pela mente Camões no hospital, o seu amigo Anthero, O. Martins e tantos e tantos que a ingratiidão patria lançara na *caverna do esquecimento*. Depois, os ultrajes por elle recebidos, a sua natural modestia e esta hora de triumpho chocando-se no seu largo e generoso peito arrancaram-lhe essas palavras mysteriosas que mais pareciam gestos: Ouça isto; que diz você a isto?! — Oh! feliz do rei e da nobre mocidade que foram proporcionar ao velho solitario esse momento de indizivel consolo! Feliz tambem de mim que pude assistir á apothese em vida de um querido amigo!

Mas não lhe levei palmas, nem flores, nem o incenso da minha humilde prosa. Levei-lhe, apenas, o meu coração vago, indeciso, receoso, como que a não poder ser eu só que lhe tributasse aquelle culto ruidoso e quente! Levei-lhe essa alegria entretecida da vaga tristeza com que o abracei, e que só pude perceber quando no dia seguinte li estes seus versos:

Que vindes cá fazer, oh Mocidade?
Despedir-vos de mim?... Quanto vos devo!
Tambem levo de vós muita saudade,
E em lá chegando á outra vida... escrevo.

Tambem não comprehendia como estes tempos prosaicos podiam lembrar-se de um homem que não era ministro, nem banqueiro. Um poeta, como João de Deus, applaudido por esta geração! Ainda pasmo e pergunto a mim mesmo se não sou victima da minha phantasia! Igual sentimento manifestou o poeta n'estes versos:

Estas honras, este culto
Bem se podiam prestar
A homens de grande vulto;
Mas a mim, poeta inculto,
Espontaneo, popular,
... E' deveras singular!

Aprofunde o leitor a amargura d'essa pungente e desoladora surpresa! Pasmados, o poeta e os pensadores, com os olhos mergulhados nas desditas da nossa querida patria, ficarão por longo tempo interrogando o que significam as festas deslumbrantes com que se acaba de consagrar o fervente cultor do Bem e do Bello, esse amavel Pestalozzi, encanto das mães e das doces criancinhas!

Comtudo, uma grande lição encerra o acto da glorificação de João de Deus. A sinceridade e espontaneidade das festas se de um lado provam o valor real do poeta, por outro indicam-nos que ainda não morreu entre os portuguezes a eterna aspiração pelo ideal, que sempre brota do coração humano.

E quanto é bello vêr que essa aspiração partisse da juventude academica, robusta esperanza do futuro! Affigurou-se-me vêr n'esse bando de crianças reboando os áres com as ruidosas salvas das suas mãosinhas innocentes, o bater das azas de aguias futuras que remontavam á luz, tão audazes no seu vôo como esses antigos portuguezes dos tempos heroicos! Ainda cala-me nos ouvidos o borborinho singular da alegre mocidade como não sei que preludios de hymnos vindouros! Ainda ouço a marcha longa e triumphante dos novos, como se fossem passos de heroes futuros na gloriosa estrada da Historia! Ainda vejo o poeta, sereno e forte, como que a imagem robusta da minha patria rejuvenescida!

F. D'AYALIA.

Jornal de Santarem, n.º 583 (XIII anno), 17 3-95.

Mais do que um poeta, João de Deus é a poesia pura. Pode assim dizer-se d'elle, como se disse tanta vez de Lamartine. E pode accrescentar-se que o altissimo cantor, além de ser o primeiro poeta portuguez do seu tempo, tem um logar glorioso no Parnaso contemporaneo, como

lh'o assignalou Canini, por exemplo, chamando-lhe — o maior poeta do amor de todos os paizes.

Primeiro poeta portuguez! Não é pela grandeza dos pensamentos como Anthero de Quental, nem pela grandeza dos sentimentos como Gomes Leal, mas, não é tambem pela originalidade como Guerra Junqueiro, que o nobre vate attinge a essas altas culminancias. João de Deus nunca cantou na sua vida senão as crenças e as idéas anonymas, o que toda a gente sente. Os seus versos são religiosos e amorosos. Se ha, na sua obra, algumas paginas escassas de satiras e epigrammas, não representam mais do que um incidente insignificante. O poeta de Deus e o poeta da Mulher, eis o que é, simplesmente, este eleito preferido das musas e opulento herdeiro da lyrica camoniana. Maior poeta de amor de todos os paizes? Que admira? A feição amorosa foi sempre predominante no caracter nacional. Ora, João de Deus, a mais que portuguez é algarvio. Basta para explicar a effervescencia do sentimento, que a sua lyra de oiro fia em novellos de sonho e de graça.

Mas . . . Pendurar o retrato de João de Deus na nossa galeria é facil e simples. Parar diante d'elle com orgulho semelhante ao de D. Ruy Gomez na scena do terceiro acto do *Hernani*, é um dever, que não custa a cumprir. Reduzir, porém, ás dimensões da miniatura uma tão grande e elevada figura, é que não é tarefa de

tanta singelesa. De resto, João de Deus é de todos os homens celebres o que menos se presta a uma biographia, cheia de notas chronologicas e detalhes exactos. Dito d'elle que é um grande poeta e um nobre espirito está dito tudo para os que o conhecem e amam; os outros, se quizerem comprehendel-o e amal-o, precisam de lê-lo, porque a obra de João de Deus não é das que a critica precisa explicar. Mais do que isso: não é das que a critica póde explicar.

A. DA S.

Actualidades, n.º 4 (1 anno).

DOIS POETAS

Na historia da evolução litteraria, Anthero apparece n'uma epoca anterior aquella em que devera viver, ou melhor, soffrer, como um caso esporadico, sem antecedentes proximos, isolado, como um grande Sol no Céu. Não veiu a Aurora annuncial-o. Apparecendo impôz o movimento de Renascença, mais propriamente do genesis, — movimento iniciado em Portugal por Eugenio de Castro que foi o Arauto e o Rey, —

Anthero seria o glorioso obelisco da gloriosa pyramide. Como o Sol veio antes da Aurora, quer-me bem parecer que o tempo d'hoje é um crepusculo onde o Poente gouacha e ruiua de vez em quando; byzantinismos e barbarismos de decoração, e que em breve a noite virá, dôce Irmã-da Caridade, trazer o calmante benefico á angustiosa febre do Poente. Anthero não foi um precursor; antes um salto brusco que deu a Natureza para depois tomar a sua evolutiva trajectoria.

Com effeito, que herdamos nós de Anthero?

Os Novos têm de commum com Anthero a espiritualidade que desaparecera da litteratura portugueza desde meados do seculo xvii; e o pessimismo que abre o lábaro de vez em quando, em quasi todas as nossas obras. Mas isso mesmo poderia ter vindo de Baudelaire, Moréas, Nietzsche, Schopenhauer...

Os outros nada. (A não ser este romantico Carlos de Lemos, discipulo de Anthero, ficando-se na tradição gloriosa do Augusto Mestre, sem pensar na constante e rapida evolução para o Fim, para a Synthese.)

Contemporaneos de Anthero?

Ficaram a gemer no seu aniquilamento psychico, Almas sem a força divina de Crear, envoltas n'uma atmospheria de imitação.

Mas que pasticharam elles? Hugo. Hugo o ôcco, Hugo o inimitavel, porque para imitar

Hugo era necessario, e elles não o comprehendem, possuir o seu *genio verbal* d'elle, a sua prodigiosa verbosidade. Porque Hugo não tinha outra coisa.

Lapidario oriental de rimas orientaes. Esta opinião é de Hennequin, Morice, Rod . .

O que imitaram? Nada: uma sombra.

Entretanto da geração fraca, amorpha, do grande Anthero, dois Poetas se destacaram: João de Deus e Theophilo Braga. (Claro está que falo sómente dos que escreveram em verso. Não me poderia esquecer do grande morto, Oliveira Martins, e do delicado prosador que é o sr. Eça de Queiroz, embora nem toda a sua obra colha os meus applausos.)

Theophilo Braga produziu um grande Poema: *A Bacchante*. Com certeza que o Poeta antes de começar aquelles versos evocou as divindades protectoras da Grecia. Ha na *Bacchante* a serenidade da Venus de Milo e a graça de Aphrodite que Luciano nos descreve. Levado por uma orientação errada, o Poeta transformou-se em erudito, e de toda a sua obra que poderia ter sido colossal, resta-nos a *Bacchante*.

Hoje, do cyclo que fechou, é João de Deus o grande Artista.

Decadente, ólho para elle, como um velho que vê, ao correr a cortina, uma scena infantil, candida, simples . . O mesmo encanto angelicante das velhas Canções do Cancioneiro da Va-

ticana, soluça nos versos de João de Deus. E' toda a Alma poetica de um povo, quintessenciada n'um Poeta.

E se as suas incorrecções enodôam por vezes a pureza dos divinos Rythmos, a sua vasta obra esconde-os, como um soberbo Escorial faz desaparecer ediculos.

Em Alhambra cabe bem a Cathedral que o grande Rey mandou fazer.

João de Deus foi um Poeta das syntheses parciaes. Por isso não terá continuadores. Só os grandes poetas que abrem periodos é que os têm.

Homero teve discipulos. Camões não os podia ter, como épico. João de Deus fechou o periodo ha que tempos aberto e que Garrett julgou abrir.

Égual a Bernardim Ribeiro, a sua estrella brilhará tão alto, tão alto, que os nossos olhares extasiados quasi a confundirão com a de Anthe-ro, o POETA

Coimbra — 1904.

HENRIQUE DE VASCONCELLOS.

Aos ultimos lampejos do brilhantismo das festas em honra do grande lyrico portuguez, João

de Deus, quando já os academicos de fóra de Lisboa vão, caminho de suas terras, acabar a glorificação do eminente poeta, com o seu trabalho escolar, vamos notar o que foi todo esse entusiasmo que inundou os nossos corações. o que foi a homenagem ao sabio pedagogo, e que fructos d'essa manifestação grandiosa se podem tirar.

João de Deus foi o poeta que, até hoje, nas differentes fórmulas culturaes da poesia lyrica, melhormente soube comprehender e interpretar o coração e o sentimento popular. Ha na sua vida qualquer cousa de vago, de mysterioso, que nos encanta e que nol-o faz adorar; ha na sua poesia uma impregnação suave de mysticismo e de simplicidade que nos attrae a alma, que nos enleva o coração e que nos arrebatam o espirito. E depois, a par das suas mimosas poesias, a par de todo o seu carinho paternal para com as creanças que elle tanto tem amado e a quem tanto tem servido, o grande poeta acha se cercado de uma auréola fascinadora e encantadora, com que o enfeitou o povo. As aneddotas da sua vida coimbrã, o seu desleixo pelo estudo official, como o seu desleixo pelas produções mais sublimes do seu estro, os factos mais ou menos veridicos da sua vida de estudante, deram-lhe a doce cambiante de um personagem quasi mythico, que ninguem vê, que não frequenta reuniões, casas de espectáculo, acade-

mias, mas que todos adoram vagamente e quasi que inconscientemente.

E' aqui mesmo que está toda a grandeza de João de Deus — na quasi inconsciencia com que nó todos saudamos aquelle vulto grandioso e nos ficamos presos junto a elle, entre o conhecimento directo das suas qualidades moraes e a magestade assombrosa dos seus versos divinisimos!

Como em França a Victor Hugo e em Hespanha a Zorrilla, em Portugal a apotheose ao grande lyrico João de Deus, serviu de mostrar que, ainda n'este paiz, não está de todo apagado o pundonor, e que ainda nos resta algum brio pelas nossas tradições, como uns olores dispersos de uma amphora, a que se roubou a essencia.

Como em vida de Camões a patria estava prestes a cair nas garras do leão hespanhol, e os exercitos do duque de Alba já faziam ribombar os seus canhões, em vida de João de Deus a nação portugueza passa pela crise mais terrivel e mais desconsoladora — a crise moral, sem filhos que lhe tentem ainda reanimar as forças ou aquecer lhe o sangue que com tanto ardor lhe circulou outr'ora nas arterias.

Camões cantou a alma portugueza, considerada em todas as suas evoluções historicas, desde a sua independencia de Castella até ao aureo apogeu da nossa nacionalidade, do seculo xv ao

seculo xvi; João de Deus cantou a alma portugueza em todas as suas emoções mais intimas, mais entranhadas, n'esse lyrismo doce e amoroso, que se torna a caracteristica mesologica do nosso povo.

Camões viu expirar a patria e com ella morreu; João de Deus vê-a definhando, depauperada nos seus sentimentos moraes e eivada pela corrupção e pelo vicio.

Para celebrar a festa do anniversario de João de Deus, correram a Lisboa todos esses moços academicos dos nossos primeiros estabelecimentos de instrucção do paiz; todos os jornaes da capital e da provincia encheram paginas e paginas de consagração ao nosso primeiro poeta; todo o povo foi em solemne romaria á casa do amigo das creanças; retumbaram por toda a parte as acclamações dos estudantes, correspondidas por todos os amigos do trabalho e da justiça. Mas foi só isto? Não!

Da grandiosa manifestação ao poeta gigante do *Campo de Flores* deve ficar alguma coisa mais do que a recordação do entusiasmo das festas. Deve ficar, como estímulo á ordem, á moralidade, aos bons sentimentos, um signal perduravel e grato . . . A patria, só depois de sessenta annos de escravidão, desde a morte de Camões até á Restauração da independencia, é que resuscitou triumphante! Oxalá que o Portugal de agora se não deixe morrer miseravel-

mente . . . Como está, quasi que é indigno de ter no seu seio um poeta como João de Deus!

ALFREDO SERRANO.

A Nação, n.º 12:058 (48.º anno), de 12-3-95.

.....
Quem eu conhecia bem, pelo que me diziam, e pela sua obra, era João de Deus. Sim, ao pé de tudo que me arripiava e que eu julgava ser doença geral, eu via romanticos, realistas, decadistas, a sociedade inteira das letras, abraçar um homem que vivia mettido n'uma casinha para o bairro da Estrella; ao lado d'elle sentavam-se em boa paz inimigos rancorosos por questões pessoas e publicas; fallavam com elle e consultavam-o judeus, catholicos, atheus e reaccionarios, afóra toda a escala politica, desde o absolutista até ao anarchista. Ser bom! Ser bom n'este seculo é ser heroe! E elle era-o.

João de Deus, por força, tinha alguma coisa superior em talento, porque ainda os maiores lhe chamavam mestre, e alguma coisa maxima em character, porque todos lhe chamavam amigo. O seu talento estava em bruto, por assim dizer,

pois que elle era ignorante por systema, mas a sua intuição era tal que, por uma quadra, apontava infallivelmente um poeta, e por cinco minutos de conversa descobria um caracter. A bondade da sua alma reflectia-se em tudo que fazia. Olha: lembra-me ácerca o que me disse, não ha muito ainda, Silva Pinto, á porta da livraria Bertrand: — Eu nunca fui a casa d'aquelle homem, no meio das minhas afflicções, que não viesse de lá consolado. De fórma que elle, chronicamente doente e pobre, dava aquillo que não tinha. Quem o conheceu de perto chegava a não acreditar que elle distribuisse esmolas como o fazia. De onde lhe vinha o dinheiro? Dava tudo, de fórma que no fim de cada mez quantas vezes pediu emprestado para comer, e d'isto mesmo fazia mão larga em dois dias! Repara que tudo isto acontecia, ainda mesmo quando o nosso poeta tinha a vida mais desafogada. É praticar a caridade, respeitar as opiniões de todos, não dar escandalo a ninguem, ser indulgente para os que nos fazem mal, isto é ou não é o cumprimento da doutrina de Christo, que desgraçadamente nem os que se dizem mais religiosos levam a effeito práctico? Mas ha mais. Consagrar o sentimento magno da humanidade, a suprema aspiração de todo o sêr pensante, o Bem, por um ramo de arte, como João de Deus fez com a poesia amorosa, não é grande? Dizia Hegel — vá tambem erudição — que as paixões da alma

e as affeições do coração não são materia de pensamento poetico, senão n'aquillo que ellas têm de solido, de geral e de eterno.

ALFREDO SERRANO.

Diario de Noticias, de Manáus, n.º 240 (1.º anno), 1.º-1-9.

JOÃO DE DEUS

Um apóstolo vestido de administrador de concelho.

Todo elle é doçura.

Oihar, voz e gestos de pelucia branca.

Alma amorosa e ingenua, n'este seculo de electricidade e de carvão de pedra, João de Deus, *venu trop tard dans un monde trop vieux*, lembra-me um santo que, para alcançar a dalmatica rubra e a palma verde dos martyrios, trocasse a tranquillidade da sua Thebaida pela grave e ensobrecasacada posição de verificador da alfandega.

O seu genio e o seu character nadam á flôr dos dias que vão correndo, como duas gôtas de doirado e perfumado oleo á flôr de um pantano.

Aos quatorze annos deram lhe uma capa e uma batina em vez de um gibão de briche e

de uns safões de pelle de carneiro; deram-lhe livros em vez de uma planta silvestre. E lá foi para a Universidade de Coimbra, elle que devia ir para os montes, para mais perto das estrelas, atraz de um rebanho de rezes doces, ao lado de um cão pacifico—leal edredon para os relentos do outomno.

O divino ephebo, que devia entalhar o seu nome nos troncos das faias, começou a usar o nome em bilhetes de visita.

Na Grecia teria andado cingido de linhos puros, com folhas de loiro nas melenas longas, endoidando as moças que, á volta das fontes, ouvissem a carinhosa musica dos seus idyllios.

No seculo xvi, vestido de velludos molles, trazendo no indicador um precioso anel dado pela muito erudita infanta, filha de D. Manuel, teria enchido de entusiasmo os sarãos do Paço da Ribeira e subido as frageis escadinhas de muito leito armoriado.

João de Deus é o maior dos poetas portuguezes d'este seculo.

Outros subiram mais alto, mas depressa desceram da altura que atingiram: João de Deus não os acompanhará no regresso.

Preoccupados com particulares estados d'alma, alvorando atraz de fugitivas theorias philosophicas, extasiando se em face de modernismos ephemeros, a obra d'aquelles empallidecerá, pobre de suggestões universaes e eternas, ao passo

que a obra de João de Deus, menos vistosa, menos emphatica, baseada n'um velho thema — o Amor —, e executada com uma simplicidade pastoril, ficará sempre nova e sempre virgem da degradante poeira do tempo, graças á grande qualidade que possui — a humanidade.

O que são os versos de João de Deus? Emoções simples ou musicas leves. Mas essas musicas são tão carinhosas, tão cheias de velludo para o ouvido, tão prodigas em cobrir de arminhos os corações bons, que a sua simplicidade vale cem vezes mais que todas as garridas metaphoras, faiscantes comparações, engenhosos conceitos e complicadas syntaxes, empolgantes mas fugitivos como todos os successos faceis reunidos em torno das composições, que eu chamo scenographicas, escriptas sem alma, com o degradante intento de captar applausos immediatos.

D'aqui a trezentos, a mil annos, o que serão as concepções philosophicas, que actualmente julgamos tão visinhas da verdade? Simples documentos de archeologia intellectual apenas interessantes para os eruditos de então.

Assim, as obras realisadas sob o prestigio de taes concepções; isto é, a maioria das obras modernas, não passarão de hirtas curiosidades bibliographicas, emquanto que os versos do poeta das *Flores do Campo* exhibirão o orvalhado frescôr que hoje têm para nós os madrigaes de

João Segundo, as mutiladas estrophes de Sapho, os amaneirados erotismos de Ronsard e os melancholicos vilancetes de Bernardim Ribeiro.

Graças a minoria intelligente que a pouco e pouco tem convertido a maioria estúpida, João de Deus é um poeta popular.

Mas enquanto varias dezenas de abalisados paspalhões passeiam a sua mediocridade ajojados sob o peso de attentiosas considerações, rodeados de salamaleques, João de Deus vive pobre e esquecido, o que é uma felicidade para elle mas uma vergonha para os seus compatriotas.

D'est arte, João de Deus, que, passando os dias longe de toda a depravação moderna, a lêr a *Biblia* e os *Lusiadas*, sublinha bem na historia a desgraçada situação dos verdadeiros artistas da época, é e sera o vivo protesto lançado contra a injustiça de hoje, que põe loiros nas cabeças ôcas e se espreguiça fatigada e indifferente perante a ascensão das grandes e duradoiras obras.

Como vingança lançada á cara d'esta cretinissima sociedade em que vivemos, se João de Deus fosse um nobre, devia enrolar á volta do seu escudo de armas uma fita onde estivesse escripta com o seu sangue a conhecida legenda: *O tempo põe tudo no seu logar.*

EUGENIO DE CASTRO.

O REI E O POETA

O dia de hontem veiu compensar-nos largamente de todos os dissabores e de todos os azedumes da vida quotodiana.

Foi um momento de feliz repouso, um parenthesis de pura tranquillidade intellectual, que nos deu a intima convicção de que nem tudo está amortecido, agonisante ou embotado n'este paiz; e de que ainda ha olhos e attentões que se voltam para espectaculos nobres e elevados, fóra de todas as miseraveis e desgraçadas luctas politicas e sociaes.

Passava hontem o anniversario de um grande poeta, d'aquelle que n'este seculo mais alto erigiu o culto da sua lingua, e que notas mais delicadas e mais puras fez vibrar ao lyrismo nacional.

Passava hontem o anniversario natalicio de quem, no nosso paiz, só pode ser comparado aos mais puros e delicados cultores da lingua portugueza, como Bernardim Ribeiro e Camões; de quem n'este seculo melhor soube interpretar e traduzir os sentimentos da alma lusitana, a suavidade e a ternura da sua poesia, — e ao mesmo tempo, rompendo em guerra contra os velhos methodos de ensino, produziu o methodo mais simples e mais claro que se conhece, o mais breve e o mais facil, para que dentro de um

espírito inteiramente mergulhado em trévas, se faça rapidamente a luz. .

Esse homem pela indolencia do seu temperamento de peninsular, por uma particular tendencia do seu espirito ao afastamento e á solidão — ninguem o vê, ninguem o conhece, ninguem o encontra!

Sabe-se ha muitos annos, têm-no sabido gerações successivas de portuguezes, que existe, que pensa, que escreve, que vive, um grande artista e um grande apostolo da instrucção, que se chama João de Deus. A gravura e a photographia têm-se encarregado de popularisar os seus traços physionomicos.

Mas onde pára? Nunca ninguem o viu n'um café, n'uma tabacaria, n'uma livraria, n'um theatro. nem sequer na Avenida!

Tanta gente a acotovelar-se por essa capital, disputando evidencia, disputando celebridade, disputando honrarias, n'um feroz *struggle*, as mais das vezes sem meritos proprios que justifiquem um tal afan, mas vencendo, trepando sempre, uns pela audacia, outros pela intriga, raros pela força moral e intellectual, uns apparecendo conselheiros, outros viscondes ou grã-cruzes, outros deputados ou senadores, outros socios d'isto, d'aquillo e d'aquelle outro; — e n'este infernal *steeple chase* de ambições, poucas justas e honestas, quasi todas ferindo o são criterio, offendendo a consciencia publica, ninguem

vendo, ninguém encontrando, ninguém reconhecendo João de Deus!

E quantos annos, quantos lustros e quantos decennios se passaram, sem ninguém se lembrar. n'este dia 8 de março, de volver o olhar para quem, não era só um grande artista, um inspirado e divino *virtuose* d'este idioma que todos fallamos e é o principal distinctivo da nossa nacionalidade, mas é também entre nós o maior obreiro da instrucção'

Ha alguns annos a esta parte que alguns escriptores, entre elles a pessoa que escreve estas linhas, se davam ao trabalho de lembrar á sua geração que o anniversario de João de Deus não podia continuar passando entre as columnas do noticiario indigena como o anniversario de qualquer preclaro cidadão, cuja existencia tem consistido em envenenar com manteiga avariada ou com zurrapa os seus contemporaneos, ou a emprestar-lhes alguns magros cabedaes a razão de 15 % de juro... ao mez.

Mas como Lisboa é a unica capital da Europa que possui o raro condão de nunca ter podido formar uma *Sociedade de Homens de Letras*, nem sequer um *Gremio de Jornalistas* — as reclamações que ha annos a esta parte vinham fazendo varios homens de letras, passaram sempre desapercibidas, e de João de Deus ninguém se lembrava, occupados como todos têm andado e continuam andando, com os mul-

tiplos e complicadissimos problemas do mais alto alcance nacional, que costumam ser resolvidos com a proficiencia e o patriotismo que nós todos sabemos — debaixo da Arcada ou á porta da Havaneza...

Só não passaram despercebidas estas reclamações á briosa classe academica, que essa ao menos, ao contrario dos homens de letras do nosso paiz, conhece as vantagens e a importancia do principio associativo.

A mocidade academica portugueza resolveu celebrar condignamente, no anno de 1895, o anniversario do grande poeta; — e levou a cabo a sua generosa e brilhantissima empreza, por um modo que todo o paiz lhe ficará reconhecido.

Mas Alguem houve que interpretando tambem n'este dia os mais nobres sentimentos do espirito portuguez, e lembrando-se que é o chefe supremo do paiz que tem a honra de chamar seu a João de Deus, foi hontem de manhã, modestamente, sem o mais leve apparatus, a casa do Poeta, para o abraçar e pôr-lhe ao peito as insignias da grã-cuz de San Thiago.

Este acto espontaneo de El-Rei, que tantos actos nobilissimos conta já no seu curto reinado, é certamente um dos que mais o nobilitam, dos que mais prestigio hão de dar ao seu nome.

Glorificando e honrando por um modo tão simples e tão espontaneo o grande poeta João de Deus, El-Rei mostrou a essa mocidade que

horas depois acclamava victoriosamente o maravilhoso auctor do *Campo de Flores*, que n'este paiz onde as Lettras são inquestionavelmente, ao lado das Descobertas e Conquistas, o seu maior titulo de gloria, — as Lettras continuam sendo um dos mais bellos caminhos para a consideração, para a celebridade e para a gloria a que devem aspirar todos os espiritos generosos e cultos. Não para a gloria passageira feita de complacencias e de esmolas, mas para a gloria duradoira que excede ao capricho dos amigos e das gerações, e constitue no futuro mais um alicerce para a affirmação e consolidação da nacionalidade.

Essa distincção de El-Rei a João de Deus, devemos consideral-a como sendo feita a toda a litteratura.

O acto de El-Rei, tão espontaneo, tão delicado, tão nobre na sua simplicidade, honra não só o Monarcha — honra ao mesmo tempo o povo que o conta como seu chefe supremo.

O paiz generoso e entusiasta, o Portugal novo que hontem solemnizou com tanto brilho e tamanha alegria o dia 8 de março, deve a estas horas estar sincera e profundamente grato ao seu Rei, que tão brilhantemente soube ser o interprete dos sentimentos de reconhecimento e de admiração do povo portuguez, pelo genio poetico e pela singela e bondosa figura de João de Deus.

MARIANNO PINA.

INTERVIEW

João de Deus, o chefe do Estado e a imprensa republicana

Extinctas as vibrações dos ultimos vivas, finalisada a glorificação do poeta, nós que nos contamos entre os seus velhos admiradores e os seus amigos mais devotados, dirigimo-nos antehontem á modesta casa da Estrella, que a mocidade de Portugal acaba de elevar á altura de um Capitolio. E' que assistiramos á nota final do saráo; presencearmos a onda de rapazes que, parecendo ter ciumes da familia de João de Deus, queriam roubar-lh'o. monopolisar a gloria de o trazerem nos seus braços, ao collo, o atrio e a escadaria do theatro atapetados com as capas negras, como no theatro de Coimbra costumam fazer ás divindades do palco.

João de Deus, no estado tão fragil da sua saude, na sua melindrosa convalescença, não se resentiria do enthusiasmo febril e doido d'essa hora de despedida?

Foi o que nos apressou a visital-o logo no dia seguinte.

O poeta recebeu-nos amavel e sorridente, na sua sala, cercado de toda a sua familia.

— Como se sente, João de Deus? A festa de hontem á noite não lhe fez mal?

— Não, nenhum. Teria dormido um pouco melhor, se não fosse isso; tinha de manhã os bronchios um pouco tomados, é certo, mas agora não me sinto mal.

E depois de uns curtos minutos de dialogo sobre o estado da sua saude, abordámos o assumpto obrigado, a festa nacional em sua honra, a ordem do dia, emfim.

— Não esperava nem merecia o que se me fez, disse-nos João de Deus n'aquelle tom desprezencioso, que é uma das suas virtudes. Qualquer movimento de sympathia por parte da mocidade, não me faria surpresa. Cantei o amor, com algum sentimento, depois procurei fazer alguma cousa util á educação; os rapazes são generosos, e qualquer sympathia que me manifestassem, comprehendí eu.

— Mas esta corrente de sympathia e de affecto estendeu-se a todo o paiz, a todas as classes, desde o chefe do Estado...

— Ah! exactamente, e ahi está o que constitue a minha surpresa, porque nem o Garrett, nem o Camillo, nem o Herculano, nem o Latino tiveram este culto em vida. E' justo que elle se preste aos grandes homens, mas erraram começando por mim, creia.

Protestámos, é claro, contra este requinte de delicada modestia, mas o poeta derivando para outro campo o assumpto:

— Quer v. que lhe diga, o que era bom, para

que nada perturbasse o bem estar que faz ao espirito tudo o que acabam de me fazer, é que se não desvirtuassem os factos. Que diacho! Ha tanta occasião de fazer politica, que bem podiam evitar de a fazer commigo. Porque a verdade é que eu estou reconhecido ao chefe do Estado, sobretudo pela maneira despretenciosa por que se appresentou aqui. Não tinha o ár de quem vinha trazer-me uma mercê, de quem vinha fazer-me uma honra. Entrou em minha casa como um amigo, como um velho conhecido, que não está á espera que lhe agradeçam um favor. Poz-me tanto á vontade, que, eu, que fiquei impressionado, confesso, quando o ajudante me annunciou a sua visita, chamava d'ahi a pouco o meu amigo visconde de Ouguella, que estava n'aquelle gabinete, para lh'o appresentar. Seria preciso, para não dar a essa homenagem, assim dispensada, todo o valor que ella tem, seria preciso não ser sério. Pois até para ahi me attribuiram um desprimor de que eu nunca seria capaz! O que vale é que muita gente me conhece. Ora eu comprehendo que dos factos se tirem todas as consequencias, para um fim politico; mas que se disvirtuem, se neguem ou se alterem, como para ahi se fez, isso é que realmente não parece sério. Emfim, talvez seja o contrario. Como eu vivo fóra do mundo... Depois que cousas que se inventam! Não disseram todos os jornaes que eu pedira desculpa ao

rei de não lhe appresentar minha mulher e minha filha por não estarem em *toilette*? Não é verdade. Appresentei a El-Rei toda a minha familia apenas me manifestou desejo de a conhecer. Em summa, o que eu quero accentuar é que qualquer gentileza que me façam, venha de um rei ou viesse de um presidente de republica, não sou tão cego ou tão pouco educado que a não reconheça; lamento que se transtornem factos para se fazer politica com uma cousa que a não tem, e me attribuem intenções ou actos que não são dignos de mim.

E são estas palavras verdadeiramente dignas, elevadas e consoladoras, que nós pedimos venia ao grande poeta e ao grande character de deixar aqui consignadas n'este logar.

Correio da Manhã, n.º 3:237 (anno 12.º), 12-3-95.

Lisboa, 10 de março.

As festas commemorativas do anniversario de João de Deus impuzeram-se de tal modo, durante a semana inteira, ao espirito publico, que todos os outros assumptos de geral interesse foram absorvidos por esse assumpto pacificante.

Ha oito dias que se não falla absolutamente

em politica; ha oito dias que, nos jornaes, mesmo os mais batalhadores, a politica cedeu o passo á glorificação da arte, e é como que a medo, como que envergonhada, que ella tem osado, por méro dever de officio, erguer alguns debeis sons.

Depois da celebração do Centenario camoneano, em 1880, ainda o paiz inteiro não tinha vibrado unisono sob tão geral commoção. Não está aqui um simples accidente, de effeitos momentaneos e rapidos, do qual em pouco só restem uns remotos e apagados eccos. Está um facto de maior alcance para quem socialmente queira analysal-o; está um symptoma de vida physica, de communicação intellectual, que nos apraz reconhecer, e que os estudiosos e pensadores devem ponderar.

Como se accendeu no paiz inteiro este rastillo? como lavrou este incidente? como se transmittiu, rapida, a todas as fibras do nosso organismo esta corrente electrica e nervosa?

João de Deus, na beatitude extatica da sua adoração pela simpleza e immortalidade do Bello, não tinha as condições para ser uma determinante activa da agitação que em torno do seu nome e da sua fama se produziu. João de Deus é um symbolo passivo, em volta do qual se congregaram, impellidas pela urgencia de affirmarem a sua solidariedade, fortes e incontestaveis energias.

Em toda esta manifestação nacional, tão unanimemente acceita, tão rapidamente diffundida, o que nós vemos, a esta hora, sobrelevando a todas e quaesquer outras reflexões, é a facilidade de communição com que uma idéa generosa, um principio de justiça, passa de espirito para espirito, ateando-se primeiro nos dominios da intellectualidade comprehensiva, e descendo logo d'ahi a electrizar as massas.

Em 1880, na celebração do Tri centenario do nosso épico, o mesmo phenomeno foi tão intenso, que todos quantos attentamente o reconheceram e observaram unanimemente viram n'elle o acordar do espirito patriotico, a revivescencia da alma nacional. Parecia que se estava dormindo um somno de esquecimento, de desânimo, de morte, e logo se ficou satisfeito, reconhecendo-se que o somno era ligeiro e que d'elle nos era facil despertar.

O que acaba de passar se com João de Deus é uma repetição do mesmo facto. A alma commum da nacionalidade portugueza, inconscientemente adormecida sob o pezado de successos que a affligem, e que mal comprehende, aproveita o primeiro ensejo, que se lhe offerece, para a si propria se consultar, para sentir e contar as suas pulsações, para reconhecer que está sempre prompta a resurgir, ao primeiro impulso, ao primeiro abalo.

Este phenomeno social é eloquentissimo e

cumpre não ser perdido de vista, cumpre ser attentamente reconhecido e meditado.

Não pôde nem deve ser desconhecido, ou atenuado, quer por leviandade, quer por firme proposito, o seu valor. Tem na vida publica, na evolução politica, uma significação, da qual pôde ser tirada, contra qualquer veleidade aventureira, lição proveitosa.

O paiz é uno, tem alma, tem sangue e nervos, vive e sente, é capaz de impressionar-se, de apaixonar-se, de affirmar convicções e crenças, de manifestar aspirações e desejos, de dizer mesmo a sua vontade, se fôr preciso.

Uma idéa é lançada em germen no terreno da opinião: se o momento é opportuno, se as condições são propicias, a idéa rapidamente germina, cedo inicia á luz a sua vida vegetativa, dentro em pouco é arbusto vivaz, alarga as ramas, avigora-se, floresce, fructifica. Se nasceu máo grado de alguém, é tarde para arrancar a.

No laboratorio occulto e mysterioso onde os grandes problemas da sociedade civil e politica lentamente se elaboram, antes de lhes ser assegurada estabilidade pratica e definitiva, não devem ser ignoradas estas leis de alchimia sociologica, pelas quaes os factos, tantas vezes inapreciaveis e heterogeneos, a final se combinam.

Como nasceu a primitiva idéa de se celebrar nacionalmente a gloria litteraria e artistica d'a-

quelle que limitou a sua missão terrena a ser um lyrico sentimental e um terno e dôce educador? Mal se sabe.

Essa idéa brotou de um cerebro isolado, obscuro, de um simples fanatico talvez, n'uma hora de fervor, de inspiração. Atirada para os dominios da publicidade, e quasi que abandonada a si, caiu em terreno adequado, encontrou circumstancias opportunas, que lhe favoreceram o desenvolver-se; e por mais que parecesse dever ficar restricta no ambito de uma simples manifestação esthetica, de um culto de privilegiados do gôsto a um genio seu eleito, em breve rompeu a esphera da aspiração primitiva, salvou os diques que se affiguravam estar-lhe impostos, cresceu como um mar, trasbordou.

Se havia forças que não pensassem em associar-se-lhe, se havia mesmo — o que não sabemos — forças que tentassem oppôr-se-lhe, essas forças, chegado o momento supremo, irresistivel, tomaram fatalmente a direcção e o sentido do movimento geral, reconhecendo que não só não podiam contrariar-o, como nem sequer podiam conservar-se á parte, afastadas d'elle.

Tal é o poder invencivel da opinião na vida organica de uma sociedade culta; tal é a intensidade de energia collectiva, quando ella quer applicar se persistentemente a fixar um ideal, a realisar um desejo.

A homenagem a João de Deus não foi concebida,

desde o inicio, na vastidão que alcançou; surgiu n'um vago indefinido, preparando-se n'uma lenta indecisão, limitada quasi a não perder de vista o seu objecto. Parecia ser uma occupação desenfadada da mocidade escholar, em horas de ocio e dias de férias; não tinha programma, nem preparos apparatusos, nem trabalhos de propaganda, nem solicitação de adhesões; não appellava para ninguem, nem para a associação dos particulares, nem para a protecção dos poderes publicos; não buscava apoio, não fazia convites, não armava nem desarmava projectos.

Era uma cousa simples, fatal, que se havia de fazer tal dia; que se havia de realisar naturalmente, como se estivesse na ordem natural das cousas. Nenhum convencionalismo; nenhuma hesitação tambem; nenhum desânimo, nenhuma duvida.

Dois dias antes da data solemne, não estava assente ainda o programma da festa!

E' que esse programma tinham-o todos n'uma especie de instincto, que os determinou a tudo isto, n'uma especie de força inconsciente, que residia em todos os corações.

Sabia-se apenas que a festa se havia de fazer, porque a mocidade tinha deliberado que ella se fizesse. A mocidade acudiria de toda a parte, juntar-se-hia em massa numerosa, atravessaria a cidade n'uma grande expansão de entusiasmo uvenil, e iria finalmente saudar o poeta em sua

casa, abraçal-o, beijal-o, victorial-o. Que magnifico e esplendido programma! Que programma tão simples!

E a mocidade não quiz outrò. Deixar as concepções arrevesadas e complexas aos espiritos complicados!

No dia marcado, no dia proprio, a mocidade juntou-se, como dissera, e partiu. E no dia marcado, no dia proprio, como por encanto, o paiz inteiro sentia, via que a festa era toda sua; que estava inteiramente associado a ella; que em todos os jornaes de todos os cantos, desde o maior, o mais considerado, ao mais humilde, o mesmo assumpto predominante e unico apagava a oportunidade e o interesse a todos os outros; sentia e via quanta força de expansão e de dominio ha n'uma idéa superior e justa, e tinha de reconhecer a solidariedade de todas as particulas que o constituem.

No dia marcado e proprio, a mocidade juntou-se, pensando que partia sósinha, bastando-se a si mesma, crendo ser ella unica a manifestar toda a expansão, a traduzir toda a festa. Mas viu ao seu lado o paiz inteiro, a patria toda. Na cidade toda a população, no paiz todo o povo, na esphera intellectual todas as cabeças pensantes, todos os órgãos da publica opinião, nas camadas dirigentes os mandatarios do poder, officialmente representados, e assumindo o seu lugar, á frente de todo o movimento, n'uma in-

spiração opportuna, generosa, intelligente, o primeiro magistrado da nação!

E a festa particular, iniciada em humilde berço, tendo apenas a acalentar-a o fervor juvenil d'aquelles por quem a idéa foi acolhida desde o comêço, transformou-se, mal pôde explicar-se como, n'uma homenagem nacional.

Eis como inexoravelmente se propaga nos espiritos, se fortalece e cria raizes nas almas, um pensamento generoso, uma nobre idéa.

Não podemos nem devemos profanar as reminiscencias d'esta semana excepcional na vida publica portugueza com quaesquer considerações de ordem politica extranhas ao assumpto relevante que a todos interessou e a todos commoveu.

Quando, ha dois dias apenas, rapidamente bosquejámos n'este mesmo logar, sob a sua original e estranha feição de politico ephemero, o vulto immoral do poeta, lembramos nos de ter dito que, como deputado. João de Deus nunca frequentou o Terreiro do Paço, nem cuidou de saber onde eram as secretarias.

Quer dizer: João de Deus, que pela sua não assiduidade nas camaras fôra para o paiz um deputado pouco proveitoso, pela sua pertinacia em não querer tomar conhecimento com as escadarias e os corredores, que conduzem aos santuarios da administração e aos gabinetes dos ministros, tornou se para os seus eleitores um deputado impossivel.

Vimos, quando elle a escreveu, e no original, a carta dirigida pelo poeta aos influentes eleitores do seu circulo, fazendo lhes vêr a desvantagem que tinham se pensassem na sua reeleição.

Essa carta era um primor de bom senso, de critica aos nossos costumes politicos e de fina graça. É pena que não tenha sido conservada.

Muitos e solidos argumentos empregava o poeta para convencer os d'aquella desvantagem; temos, porém, a convicção de que o maior, o mais convincente de todos, o que levou, de certo, os eleitores a seguirem-lhe o conselho, a tomarem-lhe á letra a palavra, foi aquelle em que lhes significava que vissem bem como nunca lhes conseguira dos governantes nenhum favor local nem pessoal, e que isso mesmo seria o que lhes havia de succeder, d'ahi em diante, se insistissem em conferir-lhe uma honra da qual elle agradecia a intenção sem querer acceitar-lhe os encargos.

Os eleitores, que se gloriavam muito em ter o poeta para seu compatricio, não queriam todavia mandal-o como simples producto algarvio, para as camaras. Precisavam de ter aqui quem os livrasse de soldados, quem lhes arranjasse empregos, quem lhes obtivesse permutações e transferencias, quem lhes conseguisse derivantes e concertos nos caminhos e estradas, quem lhes isentasse de impostos e alcavalas os engenhos

e artes de péscia, quem patrôcinasse os interesses dos influentes amigos e combatesse os adversarios, quem soubesse levantar o ferrôlho, a toda a hora, nos gabinetes ministeriaes, e andar pelas repartições, apressando expedientes, estimulando empregados, acompanhando as pretensões na sua marcha, desde o despacho do ministro até ao officio do ultimo amanuense, subindo e descendo escadarias de pedra e passeando activo, de portão para portão, de arcada para arcada.

Ora, o poeta era uma glória regional, muito exclusiva, refugiada constantemente nos domínios ideaes da arte. Não sabia, nem podia accumular.

Os eleitores algarvios depressa o comprehendiram. E, passada a primeira experiencia, que tão mal lhes sahiu, concordaram que tal patricio os honrava muito em Lisboa, na vida e na esphera do entendimento; mas que tinham toda a conveniencia em eleger para deputado um outro patricio, que mais proveitoso lhes fosse na vida e na esphera do material e do práctico.

E assim fizeram.

João de Deus, desenganado da politica e achando carradas de razão aos seus circumspectos e previdentes eleitores, deixou-os em paz, ancioso de que para sempre tambem o deixassem n'ella, e votou d'ahi em seguida a sua existencia inteira á realisação de um novo ideal.

Não fosse elle um espiritualista, um poeta impenitente!

Esse ideal realisou-o.

E' a CARTILHA MATERNAL!

J. I.

O Commercio do Porto n.º 60 (anno XLII), de 12-6-95.

A PROPOSITO DE JOÃO DE DEUS

A Monsieur le Conseiller Thomaz Ribeiro

Monsieur le conseiller

«Nous voulons élever un monument littéraire à João de Deus, m'avez vous dit, voulez-vous y contribuer?»

Ma surprise était bien grande (vous avez dû vous en apercevoir):

L'artiste s'adressant à un artisan, le sculpteur au maçon!

Si je n'étais étrangère et c'est à ce titre que vous avez fait appel à mon insignifiant concours — je devrais décliner l'honneur que

vous me faites, n'ayant guère le talent de vous offrir quelque chose qui soit digne de votre grand poète. Mais, ayant joui depuis longtemps déjà de votre beau ciel, ce ciel de Portugal si brillant et si hospitalier; ayant vécu au milieu de votre peuple, dans ce pays charmant où j'ai rencontré de bien nobles cœurs, et voyant ce peuple se lever en masse pour faire l'apothéose d'un de ses illustres enfants, il y aurait peut-être de l'ingratitude de ma part à refuser mon humble tribut d'admiration pour le grand et beau talent de l'auteur des *Folhas soltas* et des *Flores do Campo*.

Que de belles choses dans ces pages, marquées de l'empreinte du génie, d'un génie tout portugais! Comme j'ai joui de cette poésie, si pleine d'âme et de sentiment! Comme elle m'a souvent émue, cette lyre merveilleuse! Que de sublimes, gracieuses et délicates pensées:

A Piedade
E' filha da mulher,
Que sempre quiz metade
D'uma afflicção qualquer.

As almas discretas,
São como as violetas.

Sa ravissante poésie de l'*Adeus*:

«A ti que em astros desenhei nos céos, etc.»

ses beaux vers :

«Foi-se-me a pouco e pouco amortecendo, etc.»

sa description si vive et pourtant si doucement mélancolique de la vie :

«A vida é o dia d'hoje, etc.»

On voudrait tout citer! Ne sont-ce pas des perles?

— Et pourtant, il y a un petit livre qui m'a plus émue encore, un petit livre sur lequel j'ai vu penchées des petites têtes blondes et que des mains mignonnes me montraient, tandis que le regard brillait de la joie du premier triomphe et que les lèvres roses s'écriaient: «Je le sais déjà tout à fait!»

Petit livre, que j'ai vu aussi dans des mains rudes et calleuses et au moyen duquel des esprits incultes ont réussi encore à apprendre à lire à un âge où l'étude est difficile. Que de fois ai-je entendu faire l'éloge de cette méthode, vraiment admirable! Je n'en connais pas de meilleure dans aucun autre pays; je l'ai vue produire des résultats merveilleux dans votre langue, belle et riche, mais — difficile.

«Je voudrais tant savoir lire, me disait un jour une pauvre servante, pour aller avec un livre de prières à l'église, mais c'est impossible

à moins d'un miracle.» On lui donna le «João de Deus» et le miracle se fit. Quelques mois après elle alla à l'église, portant avec un sourire de naïf orgueil son livre de prières, et regardant autour d'elle comme si tout le monde devait s'en apercevoir. Ne riez pas de cette simple ambition, n'avons-nous pas tous nos petites vanités, et notre Dieu si bon et si indulgent n'aura-t-Il pas eu un regard de complaisance pour la prière de la pauvre jeune fille? Et n'aura-t-Il pas eu aussi une bénédiction pour celui dont les efforts tendent à perfectionner l'image de ce Dieu sur la terre?

«Comme c'est triste de ne pas savoir lire, me disait une autre jeune fille de la province, séparée de sa famille, ma mère m'écrit et il me faut toujours faire lire ses lettres par d'autres.» — «Apprenez-le par le livre de «João de Deus» et vous le saurez bientôt.»

Et elle le sut bientôt, et quand elle épela la première fois «uma carta da terra» une larme de joie tombait de ses yeux.

Oui, elle est admirable cette méthode, et le Portugal a raison d'en glorifier l'auteur.

Pour combien de déshérités de la fortune et de l'instruction ce petit livre n'a-t-il pas été le «Sésame, ouvre-toi» des plus nobles trésors de ce monde, des trésors de l'intelligence? N'a-t-il pas semé des fleurs sur le chemin aride de l'enseignement? N'a-t-il pas rendu facile la tâche

des mères et des instituteurs? Et facile aussi le premier travail des enfants?

Oh! l'enfant! cet ange du foyer! Comme je voudrais qu'on lui rende l'étude douce et gaie, pour qu'il soit heureux et joyeux comme l'oiseau, dont il doit souvent envier le sort.

Vous m'avez demandé une pensée d'un écrivain de mon pays; laissez-moi vous citer notre Hildebrand:

«L'Enfance est sacrée, on doit la traiter avec prudence et respect; l'Enfance est heureuse, mais pour cela elle doit partager aussi peu que possible les maux de notre vie sociale. On doit souvent contrarier et ennuyer l'enfant — pour son bien — mais tâchons surtout de ne pas l'exagérer, car toute une vie de félicités, plus tard, ne pourrait compenser une enfance opprimée, ne pourrait racheter le bonheur détruit d'une jeunesse innocente.»

Plus que personne João de Deus a été le bienfaiteur de l'enfance, et ce titre ne vaut-il pas celui de grand poète?

Certes, il est beau de savoir consoler ainsi ceux qui pleurent un être aimé:

Imagem sua, Deus não volve ao nada,
Não aniquila a flôr que ao chão cahira
Lá d'esse eterno abril.

Il est grand de savoir ainsi exprimer sa foi :

Eu vejo a Deus na rosa, quando chora
Lagrimas ternas, lagrimas de encanto,
Ao vêr mais uma vez raiar a aurora.

Elle est idéale, cette prière à la Vierge ;

Virgem, Mãe do mesmo Deus !
Virgem, filha do teu filho !
Não ha estrellas de mais brilho
N'esses céos !

Mais — mettre une joie au cœur des humbles, être grand et s'incliner vers les petits, avoir des ailes pour planer (car — «Deus lhe fez a graça de azas para voar!») et les abaisser doucement pour protéger l'innocence — c'est plus que beau, grand et idéal; — c'est divin! Car n'est-ce pas le Divin Maître qui a dit: «Laissez venir à moi les petits enfants!» N'est-ce pas de Lui la sublime promesse: «Ce que vous faites au plus pauvre des miens, c'est à moi que vous le faites!»

Voilà pourquoi la couronne d'or de João de Deus sera son plus modeste petit chef d'œuvre; sa plus noble récompense: le regard radieux de l'enfant, le sourire de naïf orgueil de l'humble servante, la larme de joie de la pauvre fille.

VITALIA DU VERGLE.

JOÃO DE DEUS

No velho theatro oriental de Kalidasa e nas operas modernas de Wagner apparecem personagens phantasticos, que vão rodando no espaço em carros aéreos, arrebatados pelo vôo das aves, turbilhonados n'uma nuvem azul feita de sonho e de lenda.

Pois João de Deus é bem irmão d'esses estranhos personagens, que tanto pertencem á humanidade como á mythologia, e que tão depressa pousam o pé na terra como se libram na rútila idealisação de um nimbo.

Tambem elle é simultaneamente um homem e uma lenda, uma pessoa e um mytho, uma realidade e um sonho.

Poucos o têm visto, e todavia todos sabem que elle existe.

Muito poucos lhe têm fallado, e, comtudo, todos o têm ouvido.

Não é um homem que se encontre em toda a parte, mas um poeta que ninguem vê e toda a gente conhece.

Nos botequins falla-se d'elle, e elle não frequenta os botequins.

Nos *foyers* dos theatros cita-se o seu nome, e os porteiros dos palcos nunca tiveram o trabalho de lhe abrir a porta.

Os ministros sabem que elle existe, e elle

nunca appareceu um momento debaixo da Arcada.

O seu vulto nunca fez sombra á banca de um jornalista, e, por isso mesmo, todos os jornalistas fallam d'elle sem inveja.

O unico modo por que elle lembra aos outros homens consiste justamente na sua conhecida obstinação em não querer ser lembrado; desaparece, não porque vá n'isso um effeito de falsa modestia, mas desaparece porque, sinceramente, não quer apparecer.

E, assim, a lenda possui-o mais do que a realidade, é quasi um sêr ideal de quem se contam anedotas, casos excentricos, phantasias romanéscas, poemas soffridos e sonhados, aventuras de um espirito alado que só tem roçado as azas pela culminancia estrellada dos nobres sentimentos e dos intuitos bemfazejos, da sinceridade patriarchal e da simplicidade paradisiaca.

Na sua phase de Coimbra, elle é tudo menos o prótoplasma de um bacharel: é um poeta, um desenhador, um musico, um bohemio, um visionario, que, montando n'um burrico, vae pelas margens do Mondego, enquanto os outros dormem, entrando, como Christo, n'uma Jerusálem de nova especie, phantasticamente architectada de salgueiros e luar; e que, recolhendo a casa, onde não terá um cobertor para deitar sobre o leito, é capaz de cortar um pedaço da capa

para, como S. Martinho, cobrir os hombros de um mendigo.

Os seus desenhos apparecem e desaparecem nos albums, porque elle mesmo os traça e os apaga, e a sua viola, que suspira no silencio da noite, perde com a luz da manhã o encanto mysterioso que tivera durante a serenata amorosa.

E os outros partem formados ou reprovados. Elle fica, não para ter uma carta, mas para continuar na illusão, passeia sonhando, como o rei da *Sakuntála*: o luar, a vida, o *crayon*, o Mondego, a pobreza encantam-n'o, a realidade, o despertar do sonho assusta-o.

Foi assim que as gerações academicas o conheceram successivamente, não como um simples homem, mas como a personificação de um espirito errabundo e sonhador.

Para colher os seus versos era preciso recebê-los na memoria, como n'uma taça que se enche á beira da fonte: não sendo assim, a inspiração derivava como a agua, cantava e sumia-se.

Espalhava perolas, e não as apanhava no chão. Foram os outros que as recolheram, e então pozeram o seu nome no rosto de um livro, em que a lenda continuava ainda, porque o poeta apparecia n'uma aureolação de flores do campo, simples como a sua alma, e de genios amorosos, ingenuos como ella.

Empurraram-no para o parlamento, onde não

havia boninas nem amores. Esteve lá, e ninguém deu por isso, — nem elle mesmo. Sahiu como entrou, sem saber o que os outros haviam dito, nem o que elle havia sonhado entretanto.

Achou a porta aberta, fugiu, e respirou com sofreguidão no azul que tornára a encontrar.

Depois voltou-se para a infancia, e teve colloquios secretos com todos os grandes amigos das creanças, com Jesus, com S. Vicente de Paula, com Pestalozzi, com Froebel, com Castilho, consigo mesmo.

Pensou então a *Cartilha maternal*, que não é senão a applicação pratica dos seus processos de ingenita simplicidade á arte de ensinar a lêr.

Tudo o que não era absolutamente preciso na soletração, foi rejeitado como falso e ocioso.

Reduziu o trabalho da creança ao strictamente indispensavel, ao singelo mecanismo da phonetica exacta.

Assim como se descasca um fructo, para lhe aproveitar apenas o que é saboroso e util, João de Deus desbastou as letras do alphabeto, esmiolou-as pacientemente até encontrar o verdadeiro valor que ellas deviam ter na prosodia.

Castilho, que o precedeu, e é grande injustiça esquecer, derramou ondas de alegria sobre o abecedario, tornando-o suggestivo ao espirito impressionavel das creanças, poetisou-o, vitalisou-o pelo rythmo e pela figura, procurou tornal-o insi-

nuante e fixo na memoria pelo encanto que exercia sobre o ouvido e sobre os olhos.

João de Deus simplificou o adelgaçando-o, de modo que uma luz branda e clara o penetrasse e colorisse.

Castilho faz lembrar as pessoas dedicadamente piedosas que, para suavisar o captivo das aves e mitigar-lhes a nostalgia do bosque, lhes engrinaldam a gaiola com ramos frescos e verdes.

João de Deus assemelha-se aos passarinhos experimentados e peritos que sabem regular sabiamente a alimentação das aves, de modo que a quantidade e qualidade do cibato seja a mais propria e conveniente ao equilibrio de um organismo delicado.

Desde que o conseguiu, o auctor da *Cartilha maternal* appareceu ainda no vaporoso mysticismo da lenda, com a sua cabeça levemente grisalha enquadraada entre um côro de cabeças luminosamente loiras, que lhe sorriam agradecendo.

Finalmente, os novos, em plena justiça, que é a arma da mocidade, prepararam-lhe uma apotheóse, e a primeira coisa que elle fez foi espantar-se de que a mercesse:

Estas honras, este culto
Bem se podiam prestar
A homens de grande vultó;

Mas a mim, poeta inculto,
Espontaneo, popular,
...E' devéras singular!

Que differença entre este homem, tão ingenuo e desambicioso, e outros muitos que, insaciáveis de honras, vivem a disputal-as, e morrem no desespero de não serem os ultimos a fechar as portas do Capitolio depois de terem sido os primeiros a abril-a!

Que differença entre este homem, tão modesto e tão simples, e outros muitos que se têm feito preceder pelos arautos da fama, pelos passavantes da lisonja, seguir pela legião dos cortezãos e dos caudatarios, pela facil camarilha que se contenta com a mercê de um adjectivo ou de um sorriso honorifico!

Que profundo contraste entre este homem que se esquece de si proprio, e aquelles que gastam a existencia a fazer-se lembrar aos outros!

João de Deus reúne qualidades raras de escriptor, que por isso mesmo lhe conquistaram uma ovação unanime, em que nenhuma nota discordante nos arrepiou os ouvidos.

O proprio diabo — o diabo negro da maledicencia — não ouzou mandar ao conclave o seu cardeal.

E' que o grande lyrico das *Flores do Campo* vive hoje como hontem no seu proverbial retrai-

mento, na solidão modesta do seu lar biblico e, não solicitando a gloria, não cansa, não aborrece, não se impõe á opinião publica.

E' que na sinceridade amorosa da sua lyra e na fluidez sonora do seu metro traduz o sentimento espontaneo e simples, o lyrismo ingenuo, quasi pastoril, da alma portugueza.

Colhe na emotividade nacional o que d'ella recebeu e devolve-lh'o depois de purificado pela arte.

Se as flores dos nossos campos e as aves dos nossos bosques pudessem fazer versos, falosiam como João de Deus.

Nos seus proprios defeitos, no abandono ás vezes repetido da sua metrificação, ha uma graça, uma espontaneidade, uma lisura de processo que faz lembrar um capricho de coloração na pétala de uma bonina, uma irregularidade pittoresca na gamma de uma ave.

E' que, finalmente, João de Deus, não conhecendo a inveja, nem a vaidade, paira n'uma atmospheria de honestidade profissional, que contém em respeito os invejosos, os maldizentes, e os vandalas.

E assim é que, graças ás suas peregrinas qualidades, se fez comprehender e estimar, a maior felicidade a que um escriptor pode chegar n'um paiz onde se lê pouco e se critica muito.

A festa do dia 18 não foi senão um breve parenthesis de evidencia na vida de João de Deus.

Amanhã, elle, o lyrico inexcedivel, continuará a ser o estranho personagem da lenda de Coimbra, que o passeia ao luar pelos sinceiraes do Mondego, fazendo suspirar a viola das serenatas; que o esconde entre uma singela moita de flores campestres, n'uma Arcadia moderna onde as aguas cantam saudades e os rosmaninhos sorriem perfumes; que o emmoldura n'um «panneau» infantil em que um enxâme de cabeças loiras lança sobre elle, como um diluculo, um olhar cheio de amor e um sorriso cheio de gratidão.

ALBERTO PIMENTEL.

Diario Popular, 11 — III — 1895.

Em João de Deus duas entidades distinctas se podem considerar: o grande lyrico e o grande semeador da luz nas almas tenras cuja redempção prepara pela portentosa acção da sua *Cartilha Maternal*. E' um duplo-aspecto d'uma só alma illuminada pela Bondade summa.

A infantil ingenuidade d'aquelle espirito, a feminil bondade d'aquelle homem, que todavia sabe ser um forte quando tem de erguer a mão armada do azorrague deposto pelo Christo, a fim de volver a expulsar do templo os vendilhões que

o maculam, quer o templo seja o de Deus vivo da sua fé, quer seja o profanado templo da Escola, profanado por vendilhões de peor consciência que a dos outros; a infantil ingenuidade d'aquelle espirito attrahia-o naturalmente para as creanças — tal qual outr'ora se viu, na Judeia, quando o Mestre dizia, com o seu eterno sorriso — *Deixae vir a mim as creancinhas!*

*

A obra de João de Deus, o primeiro lyrico portuguez, sem mescla de preocupações alheias do mais puro lyrismo — *expressão espontanea de todas as emoções que excitam a alma, elevando-a para o Bello e para o Bom* — precisa de ser aquilatada em face do character do poeta, porque esse character explica aquella obra.

Cantar as flores, as aves do céu, as arvores da floresta, as estrellas da noite, as harmonias da natureza, as eternas graças do eterno feminino, o riso das creanças e os esplendores da aurora, as côres apagadas do crepusculo, as esperanças indefinidas d'uma vida que o tumulto furta á vista e apenas não furta á contemplação interior; tudo isso que foi sempre, em todos os tempos, desde a infancia da poesia, desde que o homem soube balbuciar esperanças e suspirar queixumes, a fonte inexaurivel da inspiração, tal a obra poetica de João de Deus, onde de

longe a longe apparece, qual borboleta irisada, uma ironia doce mas ironia que não fere, que não estridúla gargalhadas de sarcasmo, mas apenas esboça um sorriso, ligeiramente malicioso, d'uma maliciosidade boa, por paradoxal que isto pareça.

Escola não a tem. A sua escola é a sua inspiração de momento. O seu mestre é elle ; o seu modelo é elle. Evoca, ou antes, transfere ao papel, pois que nem evocação chega a existir, as suas emoções, e ellas se transformam para logo em primorosos versos.

Repete-se muito, ha quem diga ; sim, como se repetem as emoções. Porque sempre a um mesmo estado psychico, corresponde uma expressão identica...

HELIODORO SALGADO.

Emquanto n'esta formosa tira de terra que indolente se espreguiça ao longo do Atlantico, se fallar portuguez, sempre vermelhos labios de mulher amada repetirão, em arroubos de paixão, as lyricas immortaes de João de Deus, que tão perfeitamente synthetisam a alma enamorada do povo portuguez.

E a certeza d'esta fórma de perpetuação será, quer-nos parecer, a que mais terna e desvanecidamente eccoará no moço coração do velho poeta.

BERNARDO PINHEIRO DE PINDELLA.

A APOTHEOSE DE JOÃO DE DEUS

A natureza antecipou se marcando no dia 8 de março o nascimento de João de Deus, quando o dia natalicio do illustre poeta devêra ser em abril, no mez sorridente das flores, quando a primavera faz a sua entrada triumphal, envolta na atmospherá dos perfumes e no côro chilreante dos passaros.

A poesia, porém, amenisa tudo, e ainda quando o anniversario de João de Deus fosse no mez de dezembro, n'aquelle *asperrimo dezembro* do Natal dinamarquez, não faltariam flores a engrinaldar-lhe a festa e a perfumar-lhe o seu ambiente.

João de Deus é uma das personificações mais bellas do nosso character peninsular: vivo e indolente, devaneador e apaixonado, crente e sen-

timental. E' uma flor do Meio dia, cheia de seiva e colorido, modesta e timida ao mesmo tempo. A gloria é a preocupação constante dos poetas, e nunca ninguem sentiu entre nós mais ardente a sêde da immortalidade do que Bocage. Com que entusiasmo elle exclamava ao vêr os seus versos elogiados na bôca de Filinto: — *Zoilos, tremei! Posteridade, és minha!*

Sob este ponto de vista, João de Deus é a antithese completa de Bocage. Este tinha a inspiração orgulhosa, cheia de fogo, rebentando quasi sempre n'um caudal de ironia e de sarcasmo; João de Deus tem a inspiração serena, espontanea, quasi inconsciente.

Se ha parallelismo entre um poeta e um actor, João de Deus podia-se comparar a Antonio Pedro, o eminente artista, que tocava sem o querer, naturalmente, a méta da perfeição. Quando alguém lhe elogiava o talento e o trabalho, respondia sempre — *Foi o que calhou!* João de Deus é como a *flor do campo*, que rebenta formosa sem cultivo, velada apenas pela graça de Deus, o jardineiro supremo. As suas poesias são verdadeiras flores do campo, mas das mimosas, das encantadoras na sua singelesa, das que, guardadas n'um album, conservam perfeitamente a delicadesa da fórma, o colorido transparente da corolla, o avelludado do calice, a disposição encantadora das pétalas. E estas flores, estes mimos da phantasia e do sentimento,

leval-as-hia dispersas a aragem, se mãos amigas não fizessem piedosamente a colheita e não formassem com ellas o mais viçoso ramo, o mais artistico matiz. O prodigo deixaria dissipar a sua herança litteraria, e quando os amantes do bello lhe fossem tomar contas, elle daria em resposta, o que já escreveu uma vez, sob o apagado desenho de um Christo: — *Resurrexit, non est hic!*

João de Deus é o poeta da natureza, das creanças, do amor, de tudo o que encerra uma ideia nobre e um sentimento generoso. Apostolo do ensino, seguindo n'este caminho as pisadas de outro poeta illustre, João de Deus tentou reformar a escola primaria e brindou a infancia com a *Cartilha maternal*. O mundo escolar estava para com elle n'uma divida de gratidão e teve agora ensejo de lh'a pagar, iniciando esta romaria do bello, esta apotheose do talento. João de Deus já não é nenhuma creança, mas a sua festa é uma festa essencialmente da mocidade, não tanto por quem a realisa, como por aquelle a quem é consagrada, espirito eternamente juvenil, fresco e perfumado como manhã de primavera.

Em todas as escolas do paiz eccôu a voz da cruzada e ninguem quiz faltar a este jubileu nacional, primeira manifestação d'esta natureza que entre nós se faz a um poeta vivo. Ainda ha pouco era a Hespanha que coroava o vene-

rando Zorrilla; cabe-nos agora seguir-lhe o exemplo e não será esta a ultima vez que a parte pensante da nação portugueza prestará o seu tributo de reconhecimento e glorificação aos seus homens illustres.

Applaudindo de todo o coração o procedimento da mocidade academica portugueza, o *Diario de Noticias* encorpora-se gostosamente no cortejo e sauda com todo o entusiasmo o portentoso lyrico das *Flores do Campo!*

Diario de Noticias, n.º 10:492, XXXI anno (8—3—95).

CAMÕES E JOÃO DE DEUS

Entre a vida e o caracter de João de Deus e a vida e o caracter de Camões ha a differença que vae do positivismo do seculo xix á impetuosidade aventureira do seculo xvi. Não que João de Deus seja a encarnação do espirito febrilmente investigador da actualidade, porque não ha nada mais refractario á corrente do mercantilismo e da especulação que a alma ingenua e pura do cantor das *Flores do Campo*. João de Deus é o poeta biblico, o sonhador eterno,

que anda á espera do Messias do amor, e que nas nuvens douradas do céu e nas sombras vapôrosas do crepusculo, imagina vêr de continuo, o recorte ondulante da sua amada querida, a esposa dos *Cantares*, a estatua salomonica, a Sulamite.

João de Deus é o *Thomaz dos passarinhos* dos Contos de Paganino. Para elle nada mais indifferente que esse bulicio dos *boulevards*, que essa agitação bolsista, que esse côro pharisaico em tórno do bezerro de ouro. Comtanto que não paralyse a harmonia das espheras, que elle escuta, dormindo ou acordado na nave da sua imaginação etherea, que desabe o mundo em volta d'elle, pouco se lhe dará.

Camões era tambem um temperamento saudoso, uma harpa eólia, vibrando aos suspiros de uma alma gentil, mas era ao mesmo tempo a coragem intemerata, o soldado venturoso, o trovador dos salões palacianos, o espadachim das serenadas, o amphytrião das ceias fidalgas de Goa, traçando no rosto do seu inimigo uma cutilada com a mesma facilidade com que rimava um vilancete.

Um ponto ha de contacto entre os dois grandes poetas: é que ambos elles souberam interpretar admiravelmente o lyrismo peninsular. João de Deus quasi se pôde dizer um poeta do *Caucioneiro* de Rezende, transviado no seculo XIX. A redondilha confiou-lhe os segredos da

sua melodia popular e saudosa, suave como um canto de rouxinol, triste como as lamentações do fado. João de Deus também se elevou nas azas da musa petrarchista e o seu soneto *Vae-se-me pouco a pouco escurecendo*, compete brilhantemente com o soneto de Camões *Alma minha gentil que te partiste*.

Não foi, porém, nosso intento, ao encimar este insignificante artigo com o título *Camões e João de Deus*, fazer o confronto litterario entre os dois grandes luminares do Parnaso portuguez. Estes parallellos, tão vulgares sobretudo nos discursos academicos, valem quasi sempre mais pelo engenho de quem os delinea, do que pela verdade da critica, tantas vezes sacrificada no desejo de encontrar pontos de similhaça ou pontos de contraste. São jogos floraes do espirito, para os quaes a nossa intelligencia não se julga com a força e com a habilidade dos luctadores emeritos, dos mestres do estylo, dos athletas da palavra. Uma pequenina referencia historica nos suggestionou a penna n'estas brevissimas considerações, tributo modesto de um escriptor obscuro a um talento privilegiado.

Quando em 1880 se celebraram em todo o paiz, e em diversas partes do mundo, como um jubileu nacional e como um renascimento patriotico, as festas em honra do cantor dos *Lusiadas*, houve um escriptor portuense, o

sr. Diogo Souto, que n'um esplendido sarau do Palacio de Crystal recitou uma poesia, que causou grande impressão pelo arrojado do conceito.

Sim, dizia o poeta portuense, n'uma linguagem, cujo brilhantismo pallidamente reproduzimos, isto é bello, isto consola, isto redime de algum modo a ingratidão das gerações extinctas, mas estou certo que se o poeta resurgisse, os lumes se apagariam, os eccos da festa morreriam immediatamente, as vozes da acclamação unanime expirariam nos labios, o espectáculo encerrar-se-ia monotono, o enthusiasmo da apotheose converter-se-ia no gelo da indifferença e a musa da inveja ergueria de novo o seu canto supplantado á hosanna que sae agora triumphal da bocca de todos.

Era a verdade que fallava assim na linguagem mordente da ironia, mas felizmente Diogo Souto parece ter-se enganado no conceito que formou da justiça humana para com os vultos primaciaes da intelligencia. Um facto bem frisante o contradiz e crêmos que não será o unico a registrar-se nos annaes do nosso reconhecimento e da nossa civilisação. A consciencia nacional, se já se penitenciou em 1880, levanta-se agora solememente a depôr a sua corôa no pedestal de gloria de um dos seus mais benemeritos contemporaneos.

João de Deus não precisa de esperar pelo

premio e pela justiça da posteridade, e estamos certo que o futuro confirmará o *veredictum* do presente.

Sousa Viterbo.

Diário de Notícias, ib.

Poeta e educador, João de Deus é a perfeita encarnação da alma portugueza, no que ella tem de mais singelo e de mais puro, de mais nobre e de mais elevado, de mais profundo e de mais conceituoso.

Lisboa, 95.

S. DE MAGALHÃES LIMA.

JOÃO DE DEUS

Grande seria a ingratidão do exercito para com um dos seus prestantes e dedicados amigos, se não se associasse á mocidade academica, nas suas justas manifestações de respeito, sympathia e veneração, feitas em honra do illustre e mavioso poeta João de Deus.

Não são só de hoje os serviços que a poesia tem prestado aos exercitos. Confunde-se nas trevas da mais remota antiguidade a sympathia dos poetas pelos homens de armas, e não ha poeta illustre da Antiguidade, que não tenha cantado o valor militar, e as acções famosas praticadas pelos heroes das antigas éras.

Parece que os feitos grandiosos dos velhos guerreiros, eram como a scintilla divina, que inflammava o estro dos poetas épicos, inspirando-lhes esses famosos versos, cheios de profundos pensamentos, que ainda hoje, chamado o seculo das luzes, são o assombro dos espiritos mais bem formados. E se as acções famosas praticadas pelos heroes inflammavam o estro dos poetas, dando-lhes uma *furia grande e sonora*, tambem é verdade que os poemas, por sua vez, eram como que o grande impulsor, que impellia os guerreiros ao commettimento de façanhas grandiosas. A alliança do valor militar e da poesia épica, foi constante e sempre leal, e não houve poeta afamado que não dedicasse os seus versos ao *valor militar*.

Virgilio começa o seu famoso poema, dizendo: *Arma virumque cano...* Ariosto, ao principiar o seu *Orlando*, diz: *l'arme... l'audaci imprese io canto*; o grande Camões canta *as Armas e os varões assignalados*, e a *Iliada*, famoso poema de Homero, não é mais do que uma preciosa arte de guerra, d'aquelles tempos,

cheia de regras e preceitos tacticos, cantados em versos divinos.

Vê-se, pois, quanto os poetas têm engrandecido o valor militar, podendo-se affiançar que os guerreiros devem mais á poesia do que á historia.

Fria, impassivel, a historia estuda os heroes sobre todos os pontos de vista, examinando-os nos mais minimos detalhes; e como não ha homem, que não tenha em si alguma cousa de terreno, por mais illustre que seja, succede, ás vezes, que a verdade historica empana-lhes o brilho das suas proezas e virtudes; ao passo que a poesia toma os seus heroes pelo lado melhor, e na sua linguagem divina, avoluma-lhes os feitos, dá-lhes vida e colorido, elevando-os ás mais altas regiões, e faz com que a imaginação popular, no decorrer dos seculos, transforme os heroes em semi-deuses.

O *quam dulce est pro patria mori*, nascido da poesia épica, tem feito com que muitos guerreiros tenham encarado a morte e como um principio de vida immortal. Não ha homem de coração, que ao lêr as façanhas dos antigos portuguezes, cantadas por Camões, não se sinta inflammado de um santo e admiravel desejo de gloria, e de empregar a sua vida praticando feitos dignos de nome, derramando o seu sangue pela patria. Nenhum poder ha como o poema épico, para incitar o valor militar ao

commettimento de grandes feitos; e o que succede nos povos civilizados, é o mesmo que acontece nas tribus selvagens. Os nossos camaradas que têm assistido ás campanhas de Africa, varias vezes nos têm narrado como os cafres, e outros povos rudes, antes de começarem a lucta, entôam os seus cantos de guerra, como incitamento a novas façanhas, não deixando nunca de celebrar, nos seus cantos, o valor e coragem dos seus heroes, ainda mesmo nas festas de paz. Podemos, pois, affirmar que em todos os tempos e em todos os logares, a poesia e o valor militar, têm sido sempre alliados intimos, amigos dedicados, que se devem, mutuamente, enormes serviços.

João de Deus, poeta genial de primeira grandeza, devia tambem seguir as tradições dos poetas das velhas edades, cantando luctas homericas, feitos famosos e o valor militar; entretanto, ou porque o grande poeta seja dotado de uma fina sensibilidade, coração de ouro do mais elevado quilate, alma aberta a todas as modernas virtudes sociaes, mais propria para se inspirar nos canticos de paz e amor, do que no poema heroico, em que se cante a guerra e os seus horrores; ou porque os acontecimentos militares do seculo, não são de natureza a inflammarem o estro dos poetas heroicos, o facto é que João de Deus preferiu o genero lyrico, e os seus versos ahi estão para attestarem o valor do seu ta-

lento poetico, e hão de passar de geração para geração, não se fixando menos na memoria dos homens, do que qualquer dos immortaes poemas dos grandes poetas heroicos.

Mas está escripto no livro dos destinos que os poetas hão de ser sempre uteis ao valor militar. Embora elles nasçam para só cantar o amor, as flores dos prados, a familia, a egualdade, a patria, a caridade, elles não poderão fugir a esse *atavismo poetico*, a essa lei fatal, que lhes ordena, que sigam as tradições dos antigos poetas, e que sejam uteis ao genio militar. E quando do seu talento fecundo não brota o entusiasmo que faz heroes, resalta a luz que illumina o seu espirito. Do enorme talento do poeta João de Deus brotou essa luz famosa, que tem illuminado o cerebro de muito cego de espirito, e que, em algumas dezenas de annos, terá illuminado todas as cidades e aldeias do nosso Portugal. Esse facho luminoso chama-se: a *Cartilha maternal*.

Não ha official arregimentado, que não conheça a benefica influencia que o precioso livro tem tido sobre a instrucção do nosso exercito. Vae sendo menor, em cada anno, o numero de recrutas analphabetos dos contingentes annuaes, e quando nos informamos do methodo por que aprenderam a lêr, é raro que os recrutas não nos respondam: *pelo methodo de João de Deus*.

O eximio poeta, pois, é o mais valente sol-

gado portuguez da guerra contra a ignorancia. Os seus serviços são enormes porque desappareceram aquelles terrores pelos antigos methodos, que affastavam das escolas as creanças e os proprios adultos, e contam-se hoje, por muitos milhares, os alumnos que frequentam as escolas onde se ensina pelo methodo João de Deus.

O ensino da leitura se é de uma grande importancia para todos, para o soldado é de uma importancia capital. Não só esse ensino é necessario para o seu desenvolvimento moral, mas ainda para a sua instrucção professional, porque o soldado que não sabe lêr, difficilmente poderá ser um *bom soldado*, em toda a comprehensão da palavra.

Quer isto dizer que de um analphabeto nunca se póde fazer um soldado?

Não, não queremos avançar uma tal proposição. Já aqui temos dito, por mais de uma vez, que para se fazer um soldado capaz de fazer a guerra basta alguns mezes; mas de um *simples* soldado a um *bom* soldado vae uma distancia enorme, e por isso se elle não souber lêr, ou não se demorar muito tempo ao serviço, esse soldado ficará sempre ignorando um grande numero de disposições necessarias ao seu mister. João de Deus, com a sua *Cartilha maternal*, veio ser o mais prestante auxiliar do commandante de companhia, pois que, não só tem con-

corrido para que o soldado esteja mais no caso de receber a instrução militar, mas ainda tem sido elle, com o seu methodo maravilhoso, que tem fornecido esses milhares de homens sabendo lêr, e de que nós temos feito os nossos melhores cabos, e muitos dos nossos sargentos.

Bem sabemos que ha quem não tenha grandes sympathias pelo soldado illustrado, fundando as suas razões no bom numero de incorrigiveis fornecidos pela classe de *voluntarios*, geralmente, a classe mais illustrada dos conscriptos. Mas, por Deus, não confundam a *instrução* com a *educação*. Infelizmente, todos nós sabemos que alguns dos voluntarios são *empurrados* para o exercito pelas suas familias, quando elles já são *refractarios* a todo o conselho e correccção paternaes. Esta é que é a verdade. A educação do espirito e a do sentimento, que é a base de toda a subordinação esclarecida, não é possivel dal-as por completo, em alguns mezes, áquelles que trazem as suas faculdades atrophiadas pela pessima educação recebida em meios depravados. Não basta tão pouco tempo para destruir os effeitos da pessima educação recebida no seio de algumas familias.

Muitos paes, levados por um errado systema, tudo desculpam aos filhos, não se lembrando que se tornam como os doidos dando fogo á propria casa.

A milicia, em alguns mezes, não póde corri-

gir no seu ambiente de disciplina, os erros filhos de longos annos.

Desde que falhem os meios disciplinares, tudo está perdido, pois que o mal é da *constituição do individuo*. Ora não é justo que confundamos os males que resultam da pessima *educação*, com a illustração que vem da *instrucção*.

João de Deus tem sido o mais valente soldado que tem combatido com as trevas da ignorancia. Tem elle feito com que a *casa da guarda*, tenha sido illuminada pela luz da leitura. Nós, os officiaes arregimentados, que estamos constantemente na brecha, acompanhando o soldado, temos sido testemunha dos progressos devidos á leitura.

Vêmol-os, carinhosamente agrupados, seguindo com cuidado as historias que os soldados mais instruidos lhes lêem.

O soldado vae compartilhando do pão do espirito, e a sua alma vae sendo invadida por uma luz suave que vem da *instrucção*.

Mesmo na paz, mesmo na caserna, o seu espirito se illumina do clarão do combate quando uma boa leitura da historia militar é o alimento do seu espirito. E esse labutar que vae pelas escolas dos campos e das cidades; essa alavanca que tem removido as antigas difficuldades do ensino da leitura; esse grande auxiliar do mestre escola, devemol o todos a João de Deus, porque o methodo expedito, veiu destruir os

horrores dos antigos methodos que nos levavam muitos mezes da infancia para decorar 25 letras, sem conseguirmos formar um nome.

Saudemos, pois, o illustre poeta que com as suas primorosas poesias tem enchido a nossa alma da mais suave fragrancia, e que, com seu methodo immortal, se elevou a regiões a que jámais os grandes poetas chegaram; saudemos aquelle que mais tem concorrido para que o grande poema de Camões seja lido e comprehendido; saudemos o valente soldado da instrução primaria, que, ás escolas regimentaes, tantos serviços tem prestado; saudemos o mavioso cantor das flores dos nossos campos, do amor, da caridade, e de todas as grandes virtudes. Igual a Lamartine na poesia, excede-o, sem duvida, nos serviços prestados aos povos, com a sua maravilhosa *Cartilha*. E, saudando o poeta illustre, nós tambem, aqui de um canto da *Revista Militar*, saudamos a mocidade das nossas escolas, que tão bem soube compenetrar se dos seus deveres, prestando ao auctor do *Campo de Flores*, o tributo da sua admiração. E terminando o nosso despretençioso artigo, pallido reflexo do que em nossa alma existe de veneração, para com aquelle a quem devemos muita amisade, desde os nossos primeiros annos, nós diremos, como ha dias dissemos n'um outro jornal: se as honras militares e postos, tambem se concedessem áquelles beneme-

ritos que na vida civil prestam serviços ao exercito, do peito do grande poeta penderiam hoje as mais elevadas insignias das nossas ordens militares, e elle seria hoje marechal do exercito.

J. X. D'ATHAYDE E OLIVEIRA.

Cap. de caç. de El-Rei.

Revista Militar, n.º 5 (anno XLVII), de 15-3-95.

O OBULO DO CONDIPCULO

Ao lado de João de Deus frequentei a faculdade de direito na Universidade de Coimbra. Desde então ligou-nos a mais intima amizade. Descrever o nimbo refulgente que lhe circumda já a fronte em prematura apotheose, é frustraneo e banal, por isso que a glorificação do eminente lyrico está feita com os applausos e louvores de nacionaes e estrangeiros.

O meu amigo Thomaz Cannizzaro, um dos mais inspirados poetas da Italia, a quem Victor Hugo escrevia, dizendo: «Vivez dans ce monde où l'immortalité attend vos vers, et vivez dans l'autre où l'immortalité attend votre âme», Thomaz Cannizzaro verteu em italiano varias poesias de João de Deus.

Poucos annos depois de publicado o primoroso livro: *A maior Dôr humana*, traduzia o melodioso vate de Messina as sentidas estrophes do nosso poeta:

NO JARDIM DO CORAÇÃO

Sulla Tomba di Teofilino e Maria Grazia

Due fiori ci son nati
nel giardino del core,
non appena sbocciati
mutaron di colore;
svelti dai nostri petti
cadder sul verdi pian
dove i più cari affetti
e i nostri sguardi stan.

Diversas composições poeticas de João de Deus se encontram no volume *Fiori d'Oltralpe*, do illustre italiano.

Muitos dirão da ruidosa fama que as musas grangearam ao glorioso lyrico portuguez, eu fallarei sómente agora do seu nobilissimo coração. e para isso bastar-me-ha citar Francisco de Sá de Miranda:

Homem de hum só parecer,
De hum só rosto, hũa só fé,
De antes quebrar, que torcer,
Elle tudo pode ser,
Mas de côrte homem não he.

VISCONDE DE OUGUELLA-

MENS SANA

Apparecem de vez em quando nos dominios da arte umas innovações revolucionarias, na apreciação das quaes a humanidade hesita.

Se por um lado o cunho manifesto do talento, impresso em algumas d'ellas, convida a acceital-as por obras artisticas, por outro lado o bello, que ficou ausente, não enthusiasma a quem as estuda, e já parece que não sejam artisticas essas obras, que a ninguem abalam nem commovem.

Acode então a critica, e nota a desobediencia aos canones da arte, tão antigos como ella que, ha seculos, produz maravilhas que, essas sim, parecem sempre novas; e, porque não póde ser artistica a producção, que não encante pela harmonia e não commova pela idéa, condemna a novidade.

Mas, tanto os innovadores accusam de caducas as velhas regras, tanto apregôam os modernos processos, tanto atordôam as gentes com novos ideaes, e tanto elevam as suas concepções ás alturas de novas escolas, que os sinceros dizem na sua singeleza:

— Os novos ideaes?! Póde bem ser. Mais parecem a subversão da arte immortal e a negação do bello eterno, mas póde bem ser. As novas escolas!

E, comtudo, para dirimir a contenda, bastaria um criterio sempre infalivel, que é este: — o fim maior e necessario da arte é a emoção, e esta, só por si, destroe toda a duvida. A obra, que se presta á duvida, não é artistica, muito embora possa ser a obra de um artista.

O verdadeiro segredo do facto incomprehen-sivel — o de artistas produzirem creações que a arte rejeita — conhecem-n'o os medicos.

Sabem elles que a doença não poupa órgãos nobres, nem exceptua privilegiadas faculdades. Tanto póde um homem, robusto e intelligente, coxear do corpo como do espirito. Tanto é aleijão o tartamudear na falla como o gaguejar na arte. Tanto póde desequilibrar-se o talento como a circulação do sangue, sem que logo o talento se annulle de todo, sem que no momento o sangue páre de uma vez.

Intentar aperfeiçoar a arte, em qualquer das suas manifestações, talhando processos fóra das regras, com as quaes, na diuturnidade dos tempos, os grandes artistas de todos os povos têm enthusiasmado as gerações, é um desequilibrio do talento. Não vêr que a obra resultante d'essa intenção tem sempre a sua parelha n'outra manifestação, já esquecida, da infancia da mesma arte, é uma perturbação devida a esse desequilibrio. Imaginar-se um musico, um poeta ou um esculptor, em pé sobre as ruinas de tudo o que na sua arte foi consagrado pelas multidões, e

ver em si mesmo o creador de um mundo novo que haja de tomar o lugar do mundo antigo, é um delirio. Apregoar a nova reformatão com a mesma convicta e sincera credulidade, com que os hystericos mentem, é um symptoma.

Mas — perguntar-me hão — a que vem tudo isto na festa de João de Deus?

A resposta é simples:

Uno a minha debil voz á de todos os portuguezes na saudação ao grande lyrico.

Como homem, applaudo o enternecido philosopho, que se concentra e todo se absorve em accender a primeira luz, de que as crianças necessitam.

Como cidadão, proclamo o litterato que é uma gloria da minha patria.

Como artista, festejo o inspirado, que é um poeta encantador.

E, como medico, celebro o espirito são, que nos canta a natureza em poesias sempre novas, feitas pelas regras sempre velhas.

M. BENTO DE SOUSA.

As qualidades mais proeminentes de João de Deus, abstrahindo do seu talento genial de poeta e de artista, são a sua bondade natural e a sua elevada e perfeita tolerancia.

Frequentador assiduo da casa do grande poeta, tenho notado que ahi, como no templo da Paz que haja de vir a formar-se d'aqui a seculos, passam em devota romaria homens de todas as crencas religiosas e politicas, de todas as escolas philosophicas e litterarias.

Tenho ahi visto — socialistas, republicanos e monarchicos; catholicos, protestantes, livres pensadores e judeus; realistas, romanticos e symbolistas: todo um mundo de espiritos nas suas infinitas manifestações intellectuaes e affectivas!

E aquelle formoso espirito, como sol bemfazejo, paira sobre todos, aquecendo-os na doce luz do seu coração amavel.

Lisboa, 15 de fevereiro de 1895.

JOSÉ DE CASTRO.

A OBRA PEDAGOGICA DE JOÃO DE DEUS

Ha muito que a discussão da *Cartilha maternal*, tão procellosa nos primeiros tempos, serenou; e todos, a uma voz, glorificam hoje o seu auctor.

A critica não emmudeceu, os dissidentes não desapareceram; mas a propria impugnação serviu para pôr bem saliente o caracter genial da nova arte de leitura, e o que ninguem já agora poderia com justiça, é recusar a sua admiração e o seu reconhecimento á obra patriótica do eminente pedagogo.

As bellas lettras, pela voz do seu mais querido representante, prègaram a cruzada iniciadora das primeiras lettras, e o prestigio d'essa voz communicou-se á doutrina, e, o que mais é, á causa do magisterio.

De toda a parte affluiram discipulos que vinham receber na intimidade do poeta uma especie de sagração. Não têm conta os professores que elle formou. A sua casa foi por muito tempo a nossa principal instituição de ensino normal. Alli, todo o dia enclausurado, elle, que ama com delicia a natureza! apostolava incessantemente o seu methodo.

Ao mesmo tempo o seu livro, dedicado ás mães de familia, veiu fortalecel-as no exercicio da sua missão educativa. As mulheres, que sabiam de cór os seus versos, ficaram encantadas de encontrar na *Cartilha maternal* a mesma adoravel singeleza, e puderam, como nunca, retêr junto de si o espirito irrequieto de seus filhos n'essa tenra idade da vida em que tão preciso lhes é o calor do lar domestico.

A festa que se vae celebrar em honra de João

de Deus, é já em grande parte o côro de agradecimentos de todos que tiveram a fortuna de lêr nas primeiras palavras as meigas confidências da ternura maternal.

BERNARDINO MACHADO.

João de Deus deu á causa da educação mais do que a sua amovel *Cartilha maternal*, deu-lhe toda a sympathia e todo o prestigio do seu nome aureolado. Ninguem melhor do que o grande lyrico para convidar as mães á sua missão educativa, e para transmittir a todos os corações um impulso fervoroso pela emancipação dos espiritos. A sua propaganda espalha-se com a fama dos seus versos; e é preciso aprender a lêr até para bem os admirar.

BERNARDINO MACHADO.

Meu caro Thomaz Ribeiro

Associo-me á homenagem que o teu jornal vae prestar ao nosso grande poeta João de Deus.

E' o primeiro nome que a infancia abençoã, mal começa a soletrar as palavras da nossa lingua. Isto mostra quanto foi sempre generoso e bom o sentir que inspirou a sua penna. Por elle, pelo muito que elle tem trabalhado em enaltecer as letras portuguezas, não falla só em nós a admiração do seu grande talento: falla tambem o affecto sincero do nosso coração.

Sempre

Teu amigo dedicado

HINTZE RIBEIRO.

Lisboa, 2 de março de 1895.

Meu presadissimo amigo

Tem V. insistido commigo para que lhe remetta os versos pedidos em homenagem a João de Deus. Infelizmente a minha antiga musa, ciosa talvez de me vêr entregue em noites desveladas ao estudo da tabella judiciaria, fugiu de mim com despeito ou pavor, resistindo obstinadamente ás minhas evocações e requebros.

Desde a adolescencia, admirador e amigo de João de Deus, ser-me-hia gratissimo tomar parte

com V. na brilhante glorificação do cantor da *Heresta*.

Não me foi, porém, possível cumprir a promessa, e escrever em prosa pareceu-me quasi um sacrilegio, tanta é a veneração que professo pelo grande poeta.

Espero que V. me indulte, e que me deixe na minha silenciosa obscuridade assistir a esta apotheose, a que o meu coração se associa com o mais enlevado contentamento.

De V., como sempre
amigo admirador e muito obrigado

ANTONIO D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO.

S. C., 2 de março de 1895.

Nunca perpetrei um verso sequer, mas adoro a Poesia como a divina arte, consoladora e sublime, que, a um tempo, suavisa e traduz o que de mais intimo se passa na nossa alma.

Quer dizer, para mim, profano, a verdadeira poesia é a poesia lyrica, subjectiva, humana, eternamente nova e eternamente verdadeira. Ora o nosso grande João de Deus é um dos melhores poetas lyricos do mundo, e os seus

versos, de uma intensidade tão vibrante, e também de um rythmo tão natural e de uma harmonia tão doce, hão de ser sempre para mim de um encanto superiormente delicioso.

A minha admiração, pois, seria toda para o genial poeta, se a não disputasse igualmente o auctor da *Cartilha maternal*, o evangelico amigo das creancinhas, o benemerito apostolo da instrucção.

CARLOS LOBO D'AVILA.

Ha tempos alguém failou a João de Deus em o propôr para presidente honorario de uma commissão destinada a consagrar de fôrma perduravel a memoria, por muitos titulos saudosa, de um dos nossos mais eminentes escriptores.

João de Deus excusou-se, indicando que só El-Rei deveria occupar aquelle logar, como representante da nação que o escriptor falecido servira e honrara de modo tão notavel.

Singular bom senso e rara modestia que, reunidos a uma extraordinaria bondade e a um privilegiado talento, dão os traços caracteristicos da figura moral de um dos maiores e melhores portuguezes da actualidade.

JOÃO FRANCO CASTELLO BRANCO.

CARTA
DE
GUERRA JUNQUEIRO

Meu querido amigo

Conhece de ha muito a minha admiração pelo seu genio. Enche-me, pois, de alegria a luminosa festa d'amanhã.

Em pensamento o acclamo e lhe beijo as mãos.

Seu amigo

GUERRA JUNQUEIRO.

Porto, 7-3-95.

CARTA
DE
RAMALHO ORTIGÃO

Meu querido amigo

Interrompo um artigo que estou escrevendo para a *Gazeta de Noticias* com o titulo *João de Deus* para assignar, em nome do Chagas doente,

o officio da Academia que V. encontrará junto a este bilhete. O dia de hoje pertence a uma rissonha homenagem da mocidade, na qual o meu bigode russo pareceria uma mancha de bolor.

Por isso é ás escondidas, furtivamente, rapidamente, atraz da porta, que eu o aperto ao meu coração, n'um estreito abraço, cheio de alegria, de ternura e de saudade.

Velho dedicado, admirador
e amigo

RAMALHO ORTIGÃO.

OS AMIGOS DE JOÃO DE DEUS EM COIMBRA

João de Deus estanciou em Coimbra bastantes annos, alguns dos quaes ainda depois da sua formatura. Não admira por isso que, dada a elevação da sua intelligencia, a sua grandeza de alma, a singeleza das maneiras, e a indefinita bondade com que a todos recebia de braços abertos, elle grangeasse durante esse longo periodo amigos numerosos, uns que o conheciam e tratavam de perto, outros que o presavam em alto gráo, mas que, por natural acanhamento e

modestia, não eram, como usa dizer-se, das suas relações. D'estas não fazia elle absolutamente nenhuma selecção; entrava de tudo o que havia na *briosa* (entenda-se, na briosa) academia em grande ou pequeno numero: uns que eram extravagantes de marca, jogadores, azevieiros e até dados á embriaguez, como um pobre theologo de Moura, que morreu victimado pelo alcoolismo; outros que eram caçadores, como o falecido Simão de Calça e Pina, outros musicos, actores ou *actrizes* do theatro academico, oradores, romancistas e poetas; outros, finalmente, que não primavam por nenhuma d'essas qualidades, mas que eram simplesmente rapazes, bons rapazes, cheios de vida, de entusiasmo e da alegria da mocidade.

Não sendo possivel, com magua o digo, fazer chronica de todos elles, já pelo seu grande numero, já porque, decorridos tantos annos, semelhante trabalho ficaria necessariamente imperfeito e incompleto, terei de limitar me só áquelles que, votados exclusivamente ao amor das lettras, acompanharam João de Deus durante o periodo mais activo das suas composições poeticas, e que formaram por assim dizer escola.

E' certo que, pouco a pouco e quasi insensivelmente, se constituiu então em Coimbra um grupo valioso de rapazes de extraordinario talento e de variadas aptidões, que, reconhecendo em João de Deus incontestada supremacia, o

tomaram por seu guia e mestre nas lides gloriosas do pensamento. Era pequeno esse gremio, mas era realmente forte, como estudantes, como prosadores e como poetas.

Germano Vieira de Meyrelles, já falecido, e os michaelenses Anthero Tarquinio de Quental, que tambem já não existe, e Francisco Machado de Faria e Maia, dedicavam-se com affinco ao estudo da philosophia.

Antonio Lopes dos Santos Valente cultivava especialmente a antiguidade classica, a philosophia, a historia e a litteratura da Grecia e de Roma.

Alberto da Cunha Sampaio tinha suprema predilecção pelas sciencias sociaes, e Severino de Sousa Azevedo pela nossa poesia classica e romantica, de que possuia já então vasto conhecimento.

A João de Sousa Vilhena coube um quinhão muito importante, como adeante se verá, no desalinho bocagiano do poeta genial das *Flores do Campo*.

Rodrigo Augusto Velloso, menos homem de gabinete que homem de acção, foi um divulgador intelligente, activo e laborioso das idéas e theorias da escola, de que fazia parte, e pela qual tinha a mais sincera e devotada sympathia.

João Eduardo Lobo de Moura, Antonio de Azevedo Castello Branco e Theophilo Braga foram todos tres amigos de mais recente data de João

de Deus, em Coimbra; o primeiro, como Alberto Sampaio, dedicava-se ás sciencias sociaes, e era, além d'isso, muito versado nas litteraturas classicas; o segundo publicou ainda durante a sua formatura bonitos versos, e o terceiro havia já dado á luz em S. Miguel, sua patria, o notavel volume das *Folhas Verdes*.

Santos Valente foi o primeiro que se distinguuiu entre todos, logo no primeiro anno juridico, e ainda não eram passados tres mezes. Pois, tendo o nosso lente de Encyclopedia Juridica e Historia do Direito patrio, o dr. Joaquim José Paes da Silva, passado, como era costume, uma dissertação para as ferias do Natal, dissertação que devia ser escripta em lingua latina, succedeu que no primeiro dia de aula depois das ferias, o mesmo lente, apenas se sentou na cathedra, disse que recebera as dissertações de todos os seus discipulos, as quaes em geral estavam boas, tres muito bem feitas, mas uma especialmente — accrescentou curvando muito a cabeça — «essa está escripta em latim de Cicero.» É, voltando-se risonho para Santos Valente, designou por esse modo o auctor da dissertação a todo o curso, a quem n'essa occasião impressionou fortemente aquella bella cabeça romana que, no chistoso dizer de Anthero de Quental, o bigode e a pêra desfiguravam horriavelmente!

O curso do primeiro anno, jubiloso por esse

testemunho do alto valor e merecimento de Santos Valente, passou logo a chamar-lhe *Cicero*, e ainda por bastante tempo foi conhecido em Coimbra pelo *Cicero*.

Mas, se a ordem chronologica me levou a falar primeiramente do meu illustre condiscipulo, amigo, companheiro de casa e collega Santos Valente, é certo que o primeiro logar n'esta revista dos amigos de João de Deus, em Coimbra, pertence de direito a Severino de Azevedo, actual conservador do registo predial e advogado na comarca de Mafra, porque foi elle quem, fundando o periodico litterario *O Academico*, apresentou ao publico o grupo de prosadores e poetas da escola de João de Deus.

Ainda agora, por occasião de me enviar o seu *photo*, que eu lhe pedi para ser aqui reproduzido em gravura, me escreveu elle com o mesmo enthusiasmo as seguintes linhas: — «Assisto commovido e enthusiasmado á glorificação do nosso João, do nosso bom João, do nosso amavel e condescendente guia e mestre, que a todos alentava, dignando-se, n'aquelle nosso tempo, achar *bom* tudo o que, sem aprofundar as leis do metro, comesinhamente se rimava; e *excellente* tudo aquillo que, por *nebuloso*, mal se comprehendia; que, *harmoniosamente* e *com arte*, se metrificava ou punha em prosa! — Elle, que já para nós era um idolo, eil-o, sem o esperar, erguido, pelo consenso geral de todos

que o lêem, no altar, que nós ha muito, mas despreoccupados, lhe haviamos reservado! — Elle, sem se desvanecer, acolhe de certo reconhecido as homenagens d'aquelles que o admiram; e a nós, que admirados assistimos de perto aos inicios da sua obra monumental, cabenos, sem duvida, o prazer de assistir, jubilosos, á consagração final d'essa obra! — Honra, pois, a todos aquelles que, justificando-nos, fazem justiça em vida ao grande lyrico da península, que só depois da morte se fez aos que, não menos dignos de admiração, illustraram com suas obras as letras patrias, como foram Camões, Bernardes, Rodrigues Lobo, Quita, Garção, Gonzaga, Alvarenga, Claudio Manuel da Costa, Pereira Caldas, Maldonado, Bocage, Tolentino e o Bingre.» — Termina a carta falando da vida de João de Deus, «vida, por assim dizer, casta, descuidada, sempre artistica e nunca inutil.»

O serviço que Severino de Azevedo fez aos amigos de João de Deus, publicando *O Academico* e franqueando-lhes as suas paginas, foi grande. Só o não reconhecerá quem de todo ignora o que vale a publicidade nos nossos dias. É foi principalmente um estimulo para novos e maiores commettimentos.

Severino de Azevedo, grande amigo de João de Deus e de todos nós, era um conversador jovial, animado e espirituoso; *bon vivant*, bom

estudante e bom poeta, da escola de Bocage, de verso cheio e harmonioso.

Bons estudantes, bons a valer, eram-no sempre que o queriam, os amigos de João de Deus. Citarei alguns exemplos.

Francisco Machado, nas suas lições, não só prendia a atenção do curso, que tinha na mais elevada consideração os seus talentos e estudos severos, mas não raro a dos proprios lentes, que se mostravam realmente surprehendidos de ouvir aquella linguagem, tão diversa da *sebenta*, e as considerações transcendentales a que se remontava o seu espirito, embebido nas especulações dos maiores philosophos d'este seculo. Foi muito fallada uma sua lição de uma hora que deu no quarto anno, em direito commercial, ouvida no maior silencio, e escutada com a maior atenção pelo dr. Diogo Forjaz, proprietario da cadeira, que no fim lhe dispensou palavras de louvor, o que não era costume da parte d'elle.

Alberto Sampaio, ameaçado no primeiro anno de levar um *R*, não por falta de boas lições, mas por infracção disciplinar, houve-se de tal maneira no acto que o lente, resolvido a castigar-o d'esse modo, desistiu do seu proposito, que não era intencionalmente ruim, mas quiçá um dever de officio; e honra seja á sua memoria, porque, reconhecendo o merito incontestavel do estudante, fez-lhe justiça inteira e devida.

Arriscado novamente a levar um *R* no quarto anno e segundo se dizia, por ser um dos principaes membros da Sociedade do *Raio*, foi para o acto decidido a jogar as ultimas para sahir incolume da contenda; e succedeu que, tendo-lhe o lente, de quem se temia, formulado um argumento fóra do ponto e das relações immediatas do ponto, Alberto Sampaio, agarrando a occasião pelos cabellos, e aproveitando com summa habilidade o *incidente*, invocou com áres solemnes os Estatutos da Universidade, que prohibem as perguntas fóra do ponto, e, pedindo licença para consultar alli mesmo o texto da legislação respectiva, prestou-se a responder ao argumento, e tão brilhantemente o fez que d'esta prova manifesta da sua grande capacidade resultou elle ficar approvedo *nemine discrepante*. O leitor, que não m...ou á Porta ferrea, como disse o nosso Garrett, nunca poderá talvez apreciar bem o que é um estudante de Coimbra escapar de um *R*, quanto mais de dois!...

Tanto basta para accentuar bem a valia intellectual de Alberto Sampaio.

Outro dos amigos de João de Deus teve a sorte de sahir a uma sabbatina, que tratava de diversos assumptos de direito penal, sendo o ultimo a pena de morte.

E' de saber que esta materia leva a discutir-se perto de um mez no quinto anno. N'aquelle tempo, segundo a tradição do dr. Basilio Alberto,

que fôra deputado ás côrtes de 1821, e tambem reitor da Universidade, agrupavam-se de um lado os argumentos a favor da pena de morte, e do outro os argumentos em sentido contrario. Os estudantes, em geral, repetiam essa *lengc-lenga*, que alastrava, juntamente com o oleo da lithographia, paginas e paginas de *sebentas*. Não seguiu esse caminho o estudante a que nos referimos.

Chegada a sua vez de responder, perguntou-lhe o arguente se era a favor ou contra a pena de morte. Se este dissesse que era a favor, elle esmagava-o com os cincoenta ou sessenta argumentos contrarios; se era contra, dava-se a inversa.

O defendente, porém, respondeu que a questão estava mal posta: — que para se entenderem seria mister saber primeiramente o que era *pena*, e assentar-se na sua definição; — e que, não se procedendo assim, poderia um caminhar para um lado, e outro para outro lado, sem nunca se encontrarem.

Acudiu o lente, o conselheiro Henriques Secco, ponderando que a observação era justa, mas que, faltando poucos minutos para dar a hora, convinha abreviar o mais possivel o que havia a dizer sobre pena, pois no caso contrario ficaria por tratar a questão da pena de morte.

O defendente allegou que não era seu proposito fugir á questão da pena de morte, e tanto

que, para maior brevidade, declarava aceitar plenamente a definição dada e adoptada na aula, se o arguente estava de accôrdo.

Satisfeitissimo, respondeu o arguente que sim, e accrescentou: «Diga-me agora cá a sua opinião, se é a favor ou contra a pena de morte?»

O defendente disse então, pouco mais ou menos, o seguinte: «Como, segundo a definição adoptada e o que aprendemos n'esta aula, a pena tem dois requisitos, um dos quaes é ser susceptivel de se graduar para ser justa, applicando-se exactamente á gravidade do delicto, nem de mais nem de menos; e o outro requisito é ser remissivel, isto é, poder-se levantar de sobre o sentenciado, quando, por effeito de algum erro judicial, se reconhecer a sua innocencia, vê-se claramente que, no facto de tirar a vida, na *morte*, não se dão esses dois requisitos, porque nem ella se póde graduar, nem tambem se póde levantar de sobre o sentenciado, restituindo-lhe a vida depois de morto. Portanto, *em rigor*, a pena de morte não existe, a *morte* não é *pena*. Para o ser faltam-lhe os requisitos essenciaes, e a mesma expressão de *pena de morte* implica contradicção nos termos. Historicamente, sômos forçados a reconhecê-la como uma abusão de tempos barbaros. Scientificamente, é um absurdo. Tal é a razão principal porque sou contra a denominada pena de morte.»

Com isto o arguente fez-se muito pallido e não disse chus nem bus. O lente desatou a rir, e levantou-se, contra o costume, antes de dar a hora. E riram-se também todos os estudantes que, allí mesmo, aos magotes, abraçaram com phrenesi o defendente.

João de Sousa Vilhena foi por muito tempo o companheiro inseparavel de João de Deus. Era sincera e verdadeira a admiração que dedicava ao poeta da *Beatriz*, da *Vida*, da *Heresta* e de tantos e tantos incomparaveis primores de sublimada inspiração.

João de Deus compunha de memoria as suas poesias; quero dizer, que primitivamente não escrevia sequer um verso. Em seguida, ia-as corrigindo e aperfeiçoando, estrophe por estrophe, quasi verso a verso. Só então, passado bastante tempo, é que as lançava no papel.

O Vilhena foi a primeira pessoa que se impoz a gloriosa tarefa de buscar, rebuscar e arrecadar as poesias de João de Deus, vigiando attentamente que alguma se não perdesse, e preparando-se para n'um futuro, mais ou menos proximo, correr o véo a esse monumento de gloria nacional.

Rodrigo Velloso, como acima disse, foi um divulgador incansavel das idéas e theorias da escola. Fundou varios jornaes academicos, exclusivamente litterarios, com titulos extravagantes e curiosos, como o *Tira-Teimas* e o *Phospho-*

ro. Os amigos de João de Deus lucraram imensamente com a publicação d'esses jornaes, que, além de serem um laço que os prendia perante o publico, os incitava ao culto das bellas lettras e ao trabalho constante e regular, sem o qual ordinariamente ficarão sempre estereis as mais bellas faculdades.

Rodrigo Velloso era um estudante sympathico, entusiasta, expansivo e ardente na propaganda calorosa do progresso. A liberdade, a instrucção, a publicidade, todos os poderosos instrumentos da civilisação, eram os dogmas fundamentaes da sua fé social. A elles sacrificava as horas feridas dos trabalhos academicos, o socego e a quietação indispensaveis nos intervallos do trabalho pesado de um curso superior, mas sem o trato dos espiritos de distincção ou de eleição é que elle não podia passar, comtanto que fosse util e d'elle sahisse uma resultante que de qualquer modo exercesse a sua acção n'outros espiritos, e os fecundasse para um impulso sempre ascendente e civilizador.

Por esse tempo tambem appareceu em Coimbra outro jornal intitulado *Hymnos e Flores*, do nosso amigo Alfredo Elysio. N'elle se começou a publicar um lindo poema de Santos Valente, a *Ermelinda*, no tom ameno, facil e espirituoso do romantismo, obra de verdadeiro gosto, não só de engenho e arte.

E visto que o nome de Santos Valente me

acudiu outra vez aos bicos da penna, direi que só Anthero de Quental e elle, d'entre os amigos de João de Deus, deixaram publicações importantes do seu tempo de Coimbra: são dois volumes que tenho á vista, as *Odes Modernas* e as *Primicias*.

Antes das *Odes Modernas*, tinha já apparecido a *Beatrice* de Anthero de Quental. Acerca das *Odes* poderá a critica divergir n'alguns pontos; mas a respeito da collecção de versos, intitulada *Beatrice*, é unanime a opinião de que são admiraveis.

Anthero de Quental, que eu conheci logo no comêço do anno lectivo de 1857-1858, era, em toda a extensão da palavra, um talento robusto. N'esse tempo, e alguns annos depois, lia tudo que lhe cahia nas mãos, até que a leitura das obras de Proudhon se tornou para elle exclusiva alimentação do espirito, o seu evangelho politico e social. De quando em quando, fechava os livros e ia a pé, com o Mantua ou com outros, á Batalha ou ao Bussaco, ou encerrado sempre no quarto só fazia versos. Bom e desventurado amigo, que uma morte inesperada tão cedo nos levou para sempre!

As *Primicias* de Santos Valente têm de notavel serem compostas de poesias latinas e portuguezas, e terminarem por um album, em que se encontram além de alguns dos escriptores já citados, os nomes de Caetano Teixeira Coelho,

falecido quando era estudante, José Perez Ramirez, Flório Telles Menezes de Vasconcellos, Luiz Carlos Simões Ferreira, e alguns versos, a *Saudade*, de quem escreve estas linhas.

Entre as poesias latinas, cujo elevado merecimento é desnecessario encarecer, uma ode sapfica sobre o *Penedo da Saudade* mereceu as honras de ser traduzida em bellissimos versos por João de Deus. Creio bem que o leitor apreciará devidamente o merito do original, pelos altos pensamentos que encerra, ao mesmo tempo que se deliciará com a melodia da versão, figurando no seu espirito esse logar encantador,

O locus certe nimium beatus!

de que todos quantos foram estudantes em Coimbra têm sempre a mais profunda saudade.

Eis a traducção de João de Deus:

NO PENEDO DA SAUDADE

Versão da poesia latina de Santos Valente a Alberto Telles

Que lagrimas de louca saudade
 Não derramou aqui D. Pedro outr'ora,
 Vendo á ordem de el-rei, seu proprio pae,
 Ignez assassinada!

Elle aqui vinha á tarde alheio a tudo
 Vasar do fundo de alma os seus gemidos,
 Enquanto o pranto lhe offuscava a luz
 Dos olhos arrazados!

E ainda hoje em dia, ao despedir da tarde,
Quando a noite assim vem baixando á terra,
Não nos parece ouvir como que uns ais
A quanto nos rodeia!

Não nos parece o musgo d'estas rochas
Orvalhado de pranto, e que suspiram,
Ainda como então, arvores, ár
E até as proprias pedras ?

Logar encantador ! D'aqui se alcançam
Largas campinas a perder de vista,
E alvejando dispersos os casaes
Por hortas e pomares.

D'aqui se avista o languido Mondego
Onde a face da lua se retrata,
Atravessando os campos e vergeis
Que inunda e fertiliza.

Dá com as suas aguas mais realce
Aos nobres e sagrados monumentos
Da cidade imminente. Em baixo as rãs
Lá se ouvem já coaxando.

Que bello, Amigo, ás horas do silencio
Ver este céo de estrellas esmaltado,
Em quanto a lua, a émula do sol,
Prateia monte e valle!

Aqui nos chama a doce poesia ;
Merece-nos a musa alguns momentos ;
Nem sempre o estudo austero. Ouve-se aqui
O môcho de Minerva.

Aqui se ostenta a rica natureza !
Aqui se aspira um halito divino !
Ah vem, Amigo, ouvir o rouxinol
No bosque solitario !

Duas extensas cartas antecedem os versos das *Primicias*, uma do insigne latinista Francisco de Paula Santa Clara, outra de Germano Vieira de Meyrelles, a quem já me referi. Germano, nosso condiscipulo, foi um dos mais distinctos academicos do seu tempo. A' rara penetração da intelligencia reunia uma imaginação que até lhe permittia algumas vezes repetir idéas vulgares de côres iriadas e pompa deslumbrante. Tinha muito pronunciado o sentimento esthetico, e sobretudo uma faculdade de assimilação verdadeiramente extraordinaria, grande facilidade de escrever, aprumo, entono e dotes verdadeiros de orador. E' sem duvida essa epistola um dos mais completos documentos para se formar juizo seguro do grupo dos amigos de João de Deus em Coimbra, mas a obra, ha muito esgotada, só poderá hoje encontrar-se talvez n'alguma bibliotheca publica. A lei implacavel da morte tambem nos arrebatou ha muitos annos esse excelente e dedicado amigo!

Permittam agora os leitores que eu me retire para ir dar um abraço em João de Deus, ainda que elle professa a opinião de que isto de uma pessoa fazer annos é grande tolice...

Ainda se os desfizesse...
Mas fazel os não parece
De quem tem muito miolo!

O anno passado, por engano, fui lá para o fe-

licitar na vespera do dia 8 de março com meu filho mais velho. Entreguei os bilhetes de visita, d'ahi a pouco appareceu João de Deus, e, quando eu começava a cumprimental-o, interrompeu-me dizendo com a costumada bonhomia:

— Estás enganado, não é hoje que faço annos; mas isso não tem duvida — os bilhetes já cá ficam para amanhã!

ALBERTO TELLES.

Correio da Europa.

ANTHERO DE QUENTAL E JOÃO DE DEUS

Vae para onze ou doze annos que Antonio de Azevedo, Anthero de Quental e eu, ovelha no meio de leões, fômos visitar João de Deus. Partimos da casa de Anthero, á calçada de Santa Anna, onde gosámos de agradáveis momentos em palestra de bons amigos. Disse-nos elle então que se affizera a não sair de casa pelo enorme tédio que tudo lhe causava, mas, como se tratava de João de Deus, de boa vontade nos acompanharia d'esta vez.

A tristeza e misanthropia de Anthero vinham de tão longe que certamente as herdou do berço. Ninguém conseguiu vê-lo contente e alegre. Passava a maior parte do tempo sósinho, tendo apenas por companhia os livros. Dispensava aos livros todo o affecto, lendo-os mais para se instruir que entretêr. Ao longo das paredes da saleta contigua da alcôva de dormir, em toscas estantes de pinho, alguns modestamente encadernados e quasi todos em brochura, guardava-os como jóias preciosas. Eram o seu unico thesouro, porque de bens de fortuna, como se sabe, nunca chegou a ser mais que medianamente favorecido. Verdade é que sempre se contentou com pouco. Fausto e riquezas despertavam-lhe escassas seducções. Modesto e comedido, não conhecia vícios nem extravagancias. Levando vida de anachoreta, Lisboa aos olhos d'elle era antes uma especie de deserto que uma *cidade de muitas e desvairadas gentes*.

Postos a caminho, depressa chegamos ao Salitre. Occupava João de Deus um predio barato, não sendo poucos ainda assim, os cuidados que lhe dava o pagamento do aluguer ao senhorio. Na sala das lições, ao lado esquerdo da porta da rua, acolheu-nos elle com primores de amabilidade. Cobria-o desde os hombros aos calcanhares um capote comprido e negro como uma vestimenta de padre. Da nuca pendia-lhe um grande lenço preto por cima de outro lenço de

linho branco, ambos desatados, pontas soltas, deixando vêr a calvice. Barba comprida nazarena, mais côr de castanha que loura. Nariz romano, bem saliente e bem feito. Brilhavam-lhe os olhos com alegria e doçura, reflectindo como um espelho a bondade do seu coração de ouro.

Contou-nos que aos seus discipulos dava lições todos os dias. O seu systema pedagogico operava milagres. Soldados analphabetos, creadas boças, creanças timoratas aprendiam em menos de tres mezes a lêr e escrever na perfeição. Julgava ser esse o seu principal triumpho, essa a sua maior gloria. «*Todavia, accrescentou encolhendo os hombros, a moeda com que me pagam é a injuria, a critica injusta, a calumnia. Nada vale o que tantas vigalias me custou! O resultado da minha intelligencia e do meu estudo não passa de uma bagatella, de um plagiato. Já viram como me tratam os jornaes? Tenham paciencia. Hão de ouvir o que dizem de mim e tambem o que eu digo d'elles...*»

Abrindo a gaveta da secretaria, tirou de lá montanhas de jornaes enfiados a cordel. Eram a colleccção completa das diatribes e das respostas. Leu muitas coisas, fez commentarios, atacou e defendeu-se com denodo. Não nos aborreciamos de escutal-o, porque elle, quando falla em maré de enthusiasmo, tem a palavra quente e calorosa de um tribuno.

Passamos depois aos versos. Primeiramente foi o Anthero que nos leu alguns sonetos. A sua voz cadenciada e grave imprimia-lhes mais tristeza ainda que a que elles continham na essencia e na fórma. Como a voz dos prophetas biblicos, não arrebatava, commovia; não fazia rir nem sorrir, fazia scismar e até chorar. Cheia de desalento, inspirada pela imagem da morte, era verdadeiramente o grito das almas abatidas e doentias.

Mais singelos e menos funebres, todos impregnados dos effluvios de um lyrismo consolador, os versos de João de Deus foram recitados afinal. Pareciam doces como gorgeios de rouxinol, perfumados como as flores da primavera. Animava-os a fibra do sentimento, distinguia-os a simplicidade das canções populares, encerravam mil encantos! Tinham a limpidez do cristal e o brilho das estrellas, porque ninguem soube ainda como elle fazer de um sorriso uma canção, de um sonho um poema, de uma lagrima uma perola!

Fugiram como relampagos esses onze ou doze annos; mas desde então quantas voltas não deu o mundo! Anthero deixou-nos para sempre. Desanimado, abatido, sceptico, pediu á morte, a sua amiga predilecta, que nos seus braços descarnados o levasse para o paiz longinquo em que não ha lagrimas nem gemidos, dores nem desgostos. Farto de esperar, sentia abandonal-o a grande força que triumphava de todos os males e de todas as miserias da humanidade, a crença.

Sem ella, esse balsamo do céu, também o poeta do *Campo de Flores*, como Anthero, já teria sido esmagado pela cruz do seu destino. As suas doenças, as suas maguas, os seus revezes têm-lhe cruelmente ferido o coração e mortificado a alma. Talvez que a unica consolação de toda a sua vida seja a que lhe proporcionam hoje as fervorosas homenagens dos seus admiradores!

Regoa.

DIOGO DE MACEDO.

Gazeta de Villa Real, n.º 8 (anno III).

Conheci-o e prezei-o ha uns trinta annos em Coimbra, já no seu viver de bohemio e já canonicado de superior intelligencia litteraria, e de um coração de ouro sem liga, mas bohemio sem os *cynismos* da sua camada ou anterior, que ia accender cigarros nas lampadas da egreja de Santa Thereza, ou simulava syncopes e extasis para apanhar dôces ás freirinhas d'esse convento, como um Grainha (estudante de medicina), e outros da mesma fornada escolar.

Era sempre o mesmo altruista, a mesma alma candida e digna de ser amada por todos que elle recebesse na sua intimidade, e a mesma bocca suavissima de palavra ou de idéa e até de ironia.

Uns quinze annos depois, em Lisboa, abraçei-o e conversei-o, e sempre a mesma individualidade característica do seu passado que lhe era glorioso. N'essa época andava João de Deus absorvido em uma composição poetica qualquer referente á Biblia, segundo me segredou.

E via-se então todas as tardes, a hora certa, e apenas durante uma hora, ou pouco mais, percorrendo lentamente o passeio do primeiro quarteirão da rua da Bitesga (lado direito), quasi que totalmente alheio ao que o cercava.

Foi necessario parar deante d'elle, e cortar-lhe o passo, para o fazer estacar e reconhecer-me.

Nunca mais vi João de Deus, e talvez não o verei mais; mas em qualquer tempo dos annos que elle viver, será sempre de intima saudade e de gratissima recordação para os que o conheceram e presaram, lembrar o seu nome que é a accentuação expressiva da sua alma, e a sua intelligencia genial, e, ainda melhor, a dignidade da sua modestia, e a honradez do seu character.

E para as gerações que vierem, será elle um padrão de gloria nacional e de superioridade individual.

Abrantes, 5 de março de 1895.

ANTONIO M. D'ARAUJO.

Homenagem da *Sociedade João de Deus*, de Abrantes (Supplemento)—
8-III-95.

FOI EM 1858

João de Deus era meu companheiro de casa em Coimbra. Eu era novato e elle já... bacharel.

As margens do Mondego seduziam o seu espirito bohemio.

Estava alli em Coimbra, no meio da academia, dirigindo-a nas suas aspirações poeticas, impondo-se pelo seu genio e pelas tradições que outras gerações escolares lhe tinham creado.

Foi n'esta casa, rua dos Militares, n.º... (já me não lembra), que elle escreveu alguns dos seus melhores versos.

Depois de quatro mezes de residencia do grande poeta, a nossa casa transformou-se n'um curioso museu: versos por todas as paredes, eram quadras, quintilhas, decimas, sonetos e outras variedades; uns concluidos, outros emendados, outros começados, outros riscados, uma completa anarchia poetica, onde floriavam verdadeiras perolas litterarias, hoje quasi todas conhecidas do publico.

Notavel, muito notavel, era a casa de jantar, que orgulhosamente ostentava os retratos de nós todos, os donos da casa e os convivas habituaes. Lá estavam os retratos do mallogrado Joaquim Marreiros, com o seu ár grave e suas muito bem penteadas, — do Santa Clara, o insigne latinista, pesadêlo do padre Simões e

espanto do padre Cardoso, — do Santos Duarte, o austero juiz de Loulé, o meu, e de muitos outros.

Mas que excellentes retratros feitos alli, a correr, com um lapis qualquer sobre a ultima camada de cal da parede!

Porque João de Deus não é simplesmente um versejador, é um poeta na mais lata e sublime accepção da palavra. As bellas artes têm n'elle um cultor esmerado e intelligentissimo.

Se, n'esse tempo, já fazia versos, como a grandiosa elegia *A Vida*, que lhe mereceram cartas admiraveis de João de Lemos, Castilho, Alexandre Herculano e Camillo Castello Branco, publicistas que João de Deus mal conhecia de nome, era parallelamente um pintor genial e um musico notavel.

Com um lapis mal aparado era capaz de desenhar um quadro do diluvio universal; com uma *banza* tocava uma *sonata* de Beethoven, o *Miserere* do *Trovador*, ou o *Malhão*; tudo com uma espontaneidade e delicadeza que encantavam.

Se com este tirocinio e com este exemplo eu nunca logrei ser poeta, é porque as musas antipathisaram cruelmente com a minha pessoa.

Mas se o não fui, o que hoje sei e sinto em bellas artes levedou com aquelle fermento, que com mão prodiga João de Deus espalhava por todos os que o cercavam.

Ahi fica essa nota da minha vida academica, em que cultivei a honrosa e captivante intimidade do grande poeta, orgulho da nossa provincia e honra d'este paiz.

Lisboa, 27 de fevereiro de 1895.

JOAQUIM TELLO.

JOÃO DE DEUS

N'uma festa de rapazes, será dissonante a voz de um velho, a recordar o passado, em sua memoria enfraquecida e saudosa.

Será! Mas, ao contemplar o idolo da juventude de hoje, o amigo das flores e das creanças, — os dois formosos sorrisos da bondade de Deus, — ao contemplar o poeta, envelhecido, alquebrado, doente, na sua philosophia que o afasta do mundo, na sua solidão que o afasta das grandezas e esplendores sociaes, — violeta modesta de lyrismo e de bondade, — traz-nos a reminiscencia a imagem viva d'esse João de Deus de outr'ora, moço, alegre, esbelto, tal como o conhecêmos em Coimbra ao começar o decennio de 1850.



João de Deus frequentára já o primeiro anno da faculdade de Direito, e por motivos que ignoramos, interrompera a formatura, vindo a matricular-se no segundo, depois de um ou dois annos de ausencia; de modo que era desconhecido para os que iam ser seus condiscipulos e se julgaram no tradicional direito de o caçoarem como caloiro.

D'aqui, scenas engraçadissimas, pois que elle se julgava com equal direito sobre os seus condiscipulos que não conhecia, tão pouco; e esse direito affirmou o, pelo seu bom humor e pela tradição que já deixára na Universidade ao frequentar o primeiro anno, tradição que não fôra esquecida pelos antigos companheiros de aulas, já então adiantadas no curso academico.

Logo os seus primeiros passos escolares foram marcados por um rasgo de audacia e de talento, que lhe valeu a perenne sympathica e affecto do dr. Ferrer, o lente mais prestigioso que, a esse tempo, contava a faculdade de Direito.

Vicente Ferrer de Netto Paiva era auctor do compendio da sua aula, e consequentemente intolerante com respeito á doutrina n'elle exposta, a que não soffria a menor objecção. Tambem tinha por costume, como consagrava muito

pouco tempo a ouvir os alumnos chamados á lição, não lhes permittir que lêssem nem uma só linha, devendo logo começar a expôr.

Ora aconteceu um dia que o moço João de Deus fosse chamado, estando perfeitamente *in albis*; mas nem por isso se atrapalhou, e com voz serena e firme, disse para o dr. Ferrer:

— Se v. ex.^a consente que eu leia uma linha do compendio, fallo toda a hora.

Ferrer, que sempre teve decidida predilecção pelos cabulas intelligentes, gostou da ousadia do moço estudante e accedeu á proposta.

Eis que João de Deus lê uma linha do compendio, e começa a desentranhar-se em objecções á doutrina, com grande pasmo dos condiscipulos, aterrados de tal profanação e grande gaudio do sabio lente, que viu logo alli um talento, original, espontaneo, e o que melhor era, audacioso.

Ao fim do anno lectivo, quando, segundo o costume academico d'esse tempo, João de Deus foi pedir licença para fazer acto, o dr. Ferrer, com a bondadé rude e paternal que o caracterisava, respondeu lhe que sim, e que teria certa a approvação, visto ser tão sabio que ousára affrontar de face a doutrina do seu compendio.

D'alli em diante, não teve o moço estudante melhor amigo do que o velho e austero professor; e como elle, já a esse tempo, fosse dotado da inercia que o sequestrou sempre da assidui-

dade a quaesquer actos, de uma vez que estava a ponto de perder o anno por faltas, Ferrer tomou sobre si o encargo de o ir buscar a casa todos os dias, á hora precisa, para o levar para a aula.

Nem sempre lhe pôde valer tão desvellado amigo, no peccado venial de faltar ás aulas, e João de Deus perdeu um anno por faltas, ao mesmo tempo que o perdia um outro estudante de longas barbas loiras muito bonitas, que, por isso, tinha a alcunha de *Christo*, e um outro que tinha por appellido de familia Santa-Martha.

O poeta, com a sua philosophia, impassivel a todos os revezes, ao ouvir a noticia, exclamou que a congregação da faculdade de Direito se havia revoltado contra o céo, fazendo perder o anno a Deus, a Christo e a Santa-Martha.

Gargalhada geral no auditorio.

* *
. .

João de Deus, com Anchietta, um ephemero que só frequentou a Universidade um anno, — e com Raphael Pinto Lopes, que crystallisou em grave e solcito funcionario administrativo, foram os ultimos tres estudantes typicos, d'aquelle typo lendario, que se conserva na tradição e que se perdem, graças ao progresso, que levou a Coimbra o caminho de ferro, as

mobílias polidas e o papel a forrar as paredes dos quartos dos estudantes.

Estes dois vivem no proficuo exercicio das suas funcções, um no seu concelho, respeitado e estimado, outro no centro d'Africa, glorioso nos seus trabalhos de exploração botanica e zoologica, dando ambos honra ao paiz.

João de Deus, seguindo outro caminho, mais conducente á sua indole e habitos, não lhes fica atraz em glorias, nem adquiriu menos renome.

Aquelle bohemio, que almoçava o perfume das flores e ceava as scintillações das estrellas, aquelle caprichoso que lia poetas latinos, francezes, italianos e nacionaes, em vez de lêr o Digesto e as Pandectas, aquelle perdulario de lyrismo, que, se não tinha sempre um vintem na algibeira, tinha sempre uma poesia mimossissima para offerecer, quedou-se poeta, e crystallizou em mestre amantissimo da infancia, como o fôra já outro brilhante poeta lyrico, Antonio Feliciano de Castilho.

Nasceu, em João de Deus, com a seiva da mocidade, o estro maviosissimo, que tão apreciado o havia de fazer entre os nossos melhores poetas lyricos.

D'elle não conhecemos poesias anteriores ás que foram publicadas na *Estreia Litteraria*, jornal de estudantes, fundado em 15 de março de 1858 por A. M. da Cunha Bellem, e que depois teve successivamente como redactores,

desde novembro d'esse anno, F. de Paulo Santa Clara, a quem um mez mais tarde se associou I. M. Cabral e Castro, sendo, em novembro seguinte, substituido Santa Clara por Bernardo Albuquerque e Amaral, até que o jornal findou com o 16.º numero do segundo volume em 15 de março de 1860, por occasião de ser expulso da Universidade o mallogrado e talentoso Vieira de Castro.

Por esse tempo, além de Mendes Leal e de Alexandre Magno de Castilho, que publicaram poesias na *Estreia Litteraria*, do dr. Francisco de Castro Freire, e dr. Zagallo, de Lamego, e de um professor de Elvas, M. Justino Pires, que eram collaboradores accidentaes e pessoas relativamente edosas, confiavam alli á publicidade as suas inspirações poeticas, Antonio Lopes dos Santos Valente e Francisco de Paula Santa Clara, na lingua de Homero e de Virgilio, o primeiro redactor do jornal em portuguez e ás vezes em francez, e sempre em portuguez Alfredo de Carvalho, A. Rodrigues de Sousa e Silva, F. de Sá Albergaria, Severino d'Azevedo, Eugenio de Barros, Alberto Telles d'Utramaçhado, e João de Deus, que entre todos levava a palma.

Se nos não enganamos, são duas quadras anonymas a Byron, publicadas no numero de 1 de agosto de 1858, os primeiros versos que alli apparecem pertencendo a este poeta, e é de

15 de novembro a primeira poesia por elle assignada, uma formosa paraphrase do verso de Victor Hugo:

Puis qu'ici bas toute âme.

Depois segue-se uma poesia tristissima e tambem anonyma, encimada por um emblema funebre e datada de Faro, novembro 1854. Depois varia a musa, que nos dá uma poesia critica, digna de Propercio:

*Ouve, Emilia, se a ventura
Pouco dura
Tambem dura pouco o mal.*

Esta poesia, tambem sem assignatura, tem por titulo *N'um album*; mas o album fôra uma parede caiada, e no original lia-se Amelia, em vez de Emilia. Foram amigos do poeta, que a salvaram de perder-se e que discretamente a disfarçaram.

Publicou o mesmo jornal, em seguida e todas assignadas, as poesias *Mosteiro e sombra*, *O beijo*, fragmento de Francesca de Rimini, *Folhas cahidas*, que saíram misturadas com outra poesia, o que motivou uma preciosissima carta humoristica do poeta, *A' lua*, a proposito da qual João de Deus recebeu uma carta anonyma em verso, respondendo lhe com uma das mais sentidas poesias da sua collecção; *A...*, trecho

de admiravel lyrismo, *Dé*, poesia que todos sabem de cór, *Lyrrio do valle*, e finalmente uma larga poesia de maior folego, que é encimada pela dedicatoria *À M. do C. e C. M. V.*

São estas as primeiras armas poeticas de João de Deus, que revelava n'ellas a sua doce e meiga inspiração, ás vezes as amarguras da sua vida, entenebrecida por uma saudade, e sempre a arte da metrificacão delicada, que tão apreciado o tornam.

*
* *
*

João de Deus, sobre ser poeta, desenhava tambem primorosamente, como se todas as musas lhe tivessem accalentado o berço. Mas os seus albuns e cartões eram, em regra, as paredes brancas dos quartos dos estudantes, onde elle deixára esbôços apreciaveis, que, no anno seguinte, a mão inexoravel do servente apagava a pinceladas de cal.

Ora aconteceu que uma das mais formosas e admiradas damas da Coimbra d'esse tempo pediu ao poeta para lhe desenhar no album. Aceitou elle o encargo; mas a sua invencivel inercia, o seu espirito de sonhador, vagueando de continuo nos mundos do imaginario, fizeram com que protelasse a conclusão do trabalho, já começado, que era um formoso Christo. A dona do album, não querendo perder o ensejo de

obtêr para elle uns versos de poeta de arribação, mandou o pedir a João de Deus, dizendo que lh'o devolveria; mas, ou directamente ou por interprete pessoal, fez-lhe saber que não gostava do assumpto escolhido no desenho começado e que mais preferiria outra qualquer coisa.

João de Deus, ao receber o album, apagou pacientemente, com borracha, todo o desenho feito, e depois no logar onde estivera o Christo, escreveu:

Surrexit: non est hic.

E devolveu prompto o album á sua dona.

*
* *

Dissemos do rapaz de ha quarenta annos, borboleta dos jardins da poesia, que depois viemos encontrar obreiro do bem, no casulo da escola, rasgando as trevas das intelligencias infantis, com o dulcissimo amor da sua *Cartilha maternal*, o melhor e o mais santo de todos os seus poemas.

A todos esses amores ephemeros da juventude, um sobrelevou e sobreviveu na sua alma de escol: o amor á puericia. Fôra um cantor e fez-se um apostolo, amou as flores do campo, e deu novo e melhor aspecto ás flores dos intellectos, a dasabrocharem nos jardins da vida:

fôra um mimoso e tornou se um bom, fôra um lyrico e tornou-se um santo.

Ha nomes predestinados. Como o seu glorioso homonymo que a igreja santificou, nasceu portuguez e no lado onde é mais quente o bello sol de Portugal; e se não foi pastor e soldado, como o João de Deus do seculo xv, fundou como elle, depois de uma mocidade aventureosa, uma congregação, não de irmãos hospitaleiros, mas de apóstolos da instrucção, confundindo-se com o santo no seu amor ás creancinhas.

Chamem-lhe philosopho, como a S. João de Deus chamaram doido, accusem-os, por equal, do seu desprezo pelas grandezas e exterioridades mundanas! Um enxugou muitas lagrimas e deu lenitivo a muitos soffrimentos com o santissimo ardor da caridade christã; o outro, o actual, tem enxugado tambem ou poupado muitas lagrimas infantis na doçura e suavidade do seu methodo de ensino, tem calmado ás creanças muitos soffrimentos, dos que lhes infligia a escola, antes de Castilho, precursor, nunca esquecido, do nosso poeta, no lyrismo e no affecto ás creanças.

Aquelle santificou-o o poder papal, depois de morto, a este faz-lhe, em vida, a apotheose gloriosissima a mocidade das escolas, que nunca teve inspiração mais feliz e mais louvavel, pois que, na mesma pessoa, solemnisa e festeja a poesia, como doce atmospheria da juventude, o

magisterio primario, como saudosa e grata recordação da puerícia, a modestia de character e honradez de coração, como as joias mais brilhantes da velhice que o poeta vae attingindo.

Honram se os rapazes, honrando os cabellos brancos, que são corôa de gloria na cabeça de um velho honesto e bom; honra-se a patria honrando e glorificando João de Deus!

A. M. DA CUNHA BELLEM.

Correio da Europa.

JOÃO DE DEUS

Conheci pessoalmente João de Deus em novembro de 1893.

Uma noite, com Trindade Coelho, que então projectava commigo uma publicação, que morreu breve — a *Revista Nova*, cujo ultimo alento se exhalou com o exame critico do *Campo de Flores* — procurei o na sua casa da Estrella.

Não ia decerto, como Edmundo de Amicis ao visitar Victor Hugo, dominado por esse irresistivel sentimento de pavor com que pela primeira vez se subia ao celebre segundo andar

da rua de Clichy. Mas não estava inteiramente a sangue frio, nem foi, sem mal dissimulado alvoroço, que, em seguida á apresentação do estylo, me senti estreitamente apertado nos braços do grande lyrico portuguez.

João de Deus não me vira nunca. Abraçou-me comtudo desde logo com mais effusiva cordialidade, como se eu fosse um amigo de longa data, e adivinhando que nada podia ser-me mais agradável do que o saber que o meu nome não andava perdido na sua memoria, alludiu immediatamente, com uma gentileza sem igual, a uns quaesquer versos de um livro por mim publicado dois annos antes. E como estava com algumas discipulas, convidou-nos a assistirmos á lição do seu methodo.

Alegrei-me com o ensejo, que se me proporcionava, de ouvir e apreciar o evangelizador admiravel no proprio exercicio do seu apostolado.

Emquanto o escutava, sentia que no coração se me tornavam realidade as palavras com que Vieira de Castro explicava a Camillo Castello Branco a impressão produzida pelo poeta: amava-o desde que o tinha visto, adorava-o desde que o estava ouvindo.

Curvado sobre o largo cartão onde mestre e alumnas liam em commum a lição da noite, com a voz levemente exhausta, que tão bem se casa á encantadora doçura do seu bello rosto

de Nazareno, João de Deus — o sr. dr. João de Deus, como as discipulas lhe chamavam — explicava carinhosamente as regras da sua *Cartilha*.

Amoravel, meigo, sem uma palavra que trahisse uma impaciencia, sem um gesto que denunciasse um assômo de irritabilidade, eu nunca tinha visto mestre mais digno d'este nome, nem apostolo que melhor, com mais fervor e mais fé, soubesse multiplicar — como um Christo de lendarios prodigios — pelos pobres e ignorantes, o pão sagrado do espirito. E quanto mais o ouvido se me concentrava na cariciosa toada da sua palavra, mais se me representava, n'uma visão de sonho, que uma rútila auréola sobrenatural vinha cingir-lhe — como a um Messias de religião nova — a irradiante cabeça de grandes olhos serenos, transparentes e profundos...

Terminada a lição e despedidas as discipulas, a conversação correu sem rumo, como um barco ás guinadas.

João de Deus saltava de um a outro assumpto, dos mais serios aos mais facetos, n'um constante devanear, entre aneddotas e paradoxos, sempre scintillante de *humour* e faiscante de graça.

E' uma feição esta do seu espirito inapprehensivel para quem só o leia e o conheça ape-

nas pelos seus livros, sendo entretanto das mais notaveis e mais dignas de estudo n'uma tão complexa e singular organização como a d'elle.

O methodo de leitura foi comtudo o thema favorito das suas divagações.

— As creanças, dizia-nos elle, viviam n'um regimen tyrannico. Os mestres iam-lhes gastando os miodos com o seu mostruoso *abc* — o que não admira, visto que até, com o tempo, se gastam os bronzes e os marmores! — e as creanças respeitavam-os como a entidades sobrenaturaes.

O *mestre* era para ellas o verdadeiro *papão* dos seus contos infantis — um sêr terrífico, um phantasma das sombras. Era a negação do seu proprio mister.

Commigo — accrescentava João de Deus, dando a nota comica, que a cada momento lhe acudia aos labios, ainda a meio das ponderações mais graves — commigo, quando era pequeno, succedeu que tendo-me um mestre sapateiro feito umas botas, que para todos os restos da vida me entortaram os pés, nunca tive coragem de me revoltar contra a tortura. Porque tambem a elle, como ao da escola, eu ouvia chamar *mestre* — o que para mim significava dpositario de toda a sebedoria — e associava os dois — o do *abc* e o da tripeça, o que me callejava os pés e o que me torturava

a cabeça — no mesmo resignado respeito, no mesmo supersticioso terror.

Ora o que é verdade, é que ambos seguiam, nas suas respectivas profissões, processos analogos: o mestre-escola, querendo affeição e torcer a minha intelligencia ao sabor dos absurdos e desconchavos do seu *abc*, em vez de ser o *abc* que se accommodasse ás necessidades e forças da minha intelligencia; o mestre sapateiro, querendo que os pés se me entortassem á medida e geito das suas botas, em vez de serem estas que se ageitassem ao feitio d'aquelles.

— N'isto, como em tudo, rematava elle, é a eterna contradicção, o eterno paradoxo das cousas.

Empregam-se lentes para, amplificando os objectos, os vêmos melhor: quer dizer que para melhor vêmos as cousas conforme são, precisamos de vê-las como ellas não são!

Sahimos de casa de João de Deus quasi sem termos fallado de versos.

O apóstolo absorvera inteiramente o poeta, e tão contagioso e communicativo era o enthusiasmo com que nos fallou das excellencias aliás provadas, do seu methodo, que dois dias depois, eu e o Trindade Coelho, como dois analphabetos convictos, começavamos com elle... a *aprender a lêr* pela *Cartilha maternal*!

*

Ha dias procurei-o de novo.

Encontrei-o, como um anno antes, leccionando o methodo.

O discipulo era um pobre e intelligente operario de uma fabrica de Lisboa, a quem João de Deus levara para a melhor sala da sua casa, e sentara entre os seus amigos.

Tão acerba, como da primeira vez, ouvi-lhe de novo a condemnação dos obsoletos systemas de ensino.

— Eu não quiz, ou antes não pude, ensinar o velho *abc* nem a minha mãe, que não sabia lêr. Embora fosse grande o meu amor por ambas, não me dava elle a coragem necessaria para as sujeitar aos mesmos tormentos de que eu fôra victima.

Pois hoje ensino por gosto a gente que nem conheço!

O motivo da minha recente visita era obtêr do poeta, além dos desenhos e dos versos inéditos que hoje publica esta folha, a precisa auctorisação para publicar uma carta por elle escripta, ha perto de trinta annos, ao fallecido jornalista Eduardo Coelho, de quem era amigo, e a quem pedia a inserção no *Diario de Noticias*, da poesia *Virginia*, que elle compuzera para ser recitada n'um theatro da capital.

A carta, a que alludo, parece-me que contém uma verdadeira profissão de fé, e que constitue um documento auto biographico verdadeiramente precioso. Eil-a :

Meu Eduardo. — A poesia que te envio nunca foi publicada nos jornaes, nem recitada no theatro, apesar do seu titulo; e como pessoas, cuja opinião litteraria tenho em muito, a não acham indigna d'isso, faça-se-lhe a honra que a imprensa me tem dispensado ás mais.

Na vespera de me pedirem uns versos para uma actriz recitar no Príncipe Real, tinha-me dito um homem não vulgar que versos sem doutrina, sem applicação, sem utilidade, os não apreciava. Preoccupado d'esta heresia escolhi para assumpto o util e o bello.

Ha gente que bania a arte se pudesse, e todavia gosam com muita coisa esteril como os sorrisos e titubeios da infancia, a magestade da aurora e a melancholia do crepusculo. Venderiam o quadro da *Transfiguração*, mas antes de o vender haviam de contemplar e admirar-o.

E' que não ha alma sem o sentimento do bello, embora amortecido; não analysam o que se passa dentro em si; e a esses me dirijo, symbolisando nos dois grandes luminares o que é apenas distincto e não contrario — o bello e o util.

Se pois quizeres pública. Não agrada a todos mas decerto agrada a esses habitantes do vacuo, somnambulos, caprichosas, vagas e attribuladas existencias chamadas mulheres (as que o são), poetas e artistas. — Do c. — *João de Deus.*

Ouvindo agora a leitura d'esta carta inedita, João de Deus achou-a *palavrosa*.

E este unico commentario, só de per si denuncia a constante evolução do seu espirito para

um ideal de simplicidade, que pôde n'elle talvez chamar-se a suprema arte dentro do absoluto desartificio.

João de Deus chamava *heresia* á ponderação sabia de quem não gostava de versos sem doutrina.

Tambem quero crêr que, se o poeta houvesse achado bom o conselho, e não tivesse considerado o conselheiro um hereje, a litteratura portugueza não contaria hoje esse lyricô assombroso, de tão colossal envergadura, que só pôde encontrar-se-lhe similar condigno remontando ao seculo aureo em que refulgiu o genio de Camões.

Os desenhos acima reproduzidos, e cuja nitidez oxalá não soffra com a impressão de um jornal de tiragem rapida como este em que escrevo, são dos poucos que têm escapado a esses extravagantes attentados com que João de Deus parece deleitar-se em inutilisar os seus trabalhos de maior valor artistico.

Desenhos, como estes, que hão de constituir para os leitores a melhor e mais grata das surpresas, tem elle feito aos milhares, tão distrahidamente e tão fóra de preocupações de escola, como faz os seus versos, e até como inventou a sua *Cartilha*: por uma vocação espontanea, por uma inspiração prompta, avêssa a estudo e a planos preconcebidos.

Os desenhos não divulgados de João de Deus dariam uma collecção valiosissima, se fosse possível ir resuscital-os das mezas de pinho; das paredes das estalagens, dos papeis de embrulho, das margens dos jornaes, onde os deixou perder sem dó o imperdoavel despreso que vota a todas as suas obras-primas. Tanto mais preciosos se tornam os que, por acaso ou por devoção de amigos, se conservam aproveitaveis.

A homenagem de hoje, promovida pela mocidade das escolas, devia propagar-se a todas as classes, e ser como de justiça, uma solemnidade nacional.

Todos, desde o mais obscuro até ao mais illustre cidadão portuguez, deviam commungar nos mesmos sentimentos, unindo-se no mesmo culto a esta verdadeira e legitima realza do talento — unica realza que resiste a todos os embates, até ao embate e ao aniquillamento da morte!

Mas ainda quando a mocidade escolar se encontrasse isolada, porque só ella comprehendesse o que se deve ao grande genio e ao grande coração de João de Deus, maior seria a honra que lhe adviria da sua generosa iniciativa.

Na quadra simultaneamente risonha e triste que o *Diario de Noticias*, por amavel conde-

scendencia do poeta, publica autographa, e que para este jornal foi expressamente escripta, vibra uma nota dolorosa, que é a predominante, do seu espirito n'este dia de glorificação: espelha-se o estado da sua alma em presença da extraordinaria manifestação de que vae ser alvo.

Elle teima em não ouvir, nos hossanas calorosos com que o acclamam, mais do que um adeus de separação, e escuta, com amargura, por entre as saudações mais enthusiaslicas, como que a despedida que a mocidade cheia de esperança leva á sua velhice cheia de saudades.

Não é por certo esta a significação verdadeira de tal homenagem; e essa mesma mocidade, com que n'este instante batem unisonos os corações de todos nós, ha de poder e querer, em annos futuros, repetir-lhe com equal enthusiasmo, e ouvir-lhe agradecer com menos desalentadas expressões, o preito caloroso que lhe rende hoje.

Porque ninguem já póde usurpar a essa brilhante pleiade de talentos novos a gloria de haver congregado em volta de si, e levado até junto de João de Deus, n'uma romaria de gratidão e de amor, as homenagens de quantos vêem n'esse grande evangelizador da instrucção popular, que é simultaneamente o maior e mais extraordinario dos poetas lyricos contemporaneos, a individualidade em quem presentemente

reside, por inauferevel direito de conquista, o mais alto e mais nobre primado da litteratura nacional.

ALFREDO DA CUNHA.

Diario de Noticias.

JOÃO DE DEUS POLITICO

.....

João de Deus é um poeta, em toda a accepção da palavra, unicamente um poeta, faltando-lhe todas as mais faculdades praticas tão indispensaveis a toda gente, como o bordão aos romeiros, para fazer a travessia da vida.

Em todo o caso, e visto estarmos a escrever com a mesma penna, e a servirmo-nos do mesmo tinteiro, d'onde saem as nossas considerações hebdomadarias sobre a politica, o que equivale a dizer sobre o mal do paiz, começaremos a fallar de João de Deus, sob o ponto de vista mais extranho á sua individualidade, isto é, estudando-o como aquillo que elle nunca foi, nem podia ser: estudando-o... como politico.

E verão os leitores que isto mesmo é estudal-o ainda como poeta.

Em mil outocentos e sessenta e tantos, os patricios algarvios de João de Deus, para quem este era motivo de justissima gloria, lembram-se de apresentar o seu nome ao suffragio eleitoral, e assim o enviaram, como representante do povo, a S. Bento.

Esta eleição, e a vinda e chegada de João de Deus a Lisboa, foram acontecimentos magnos, não diremos para a politica, mas para a mocidade d'aquelle tempo.

Era nas fileiras d'esta que os nossos dezoito annos de então nos traziam arregimentado, e o alvorôço, a anciedade que então sentimos, ante a perspectiva de podermos conhecer pessoalmente o poeta, são cousas que nunca mais nos esqueceram.

Como se fez a approximação? Como fomos apresentados? Onde nos encontrámos, a primeira vez? Tudo isto ficou já, para a memoria, perdido na noite dos tempos.

Ainda João de Deus não tivera occasião, nem tempo, de ir pela vez primeira ao palacio das Côrtes, e já nós eramos amigos intimos, amigos velhos!

Ia alto o mez de janeiro; as Côrtes estavam abertas desde o dia 2 do mez. Outros tempos, outros costumes, usa-se dizer. N'essa época, ainda a politica era dirigida por uns caturras,

mais ou menos austeros, que obedeciam aos preceitos da Carta e respeitavam o tribunal da opinião. Animados por taes sentimentos, abriam as Camaras, segundo o preceito constitucional, no dia 2 de janeiro!

Ja adiantado o mez, como dissemos. João de Deus trouxera para Lisboa o traje semi-campe-zino, semi-marítimo, com que longe de todos os preceitos da moda, andava lá na sua terra, em S. Bartholomeu de Messines. Amigos previdentes e circumspectos fizeram-lhe vêr que a etiqueta da cidade tinha exigencias mais apertadas, e que em Lisboa lhe cumpria apparentar habitos urbanos, deixando o gabão e o chapéu de abas para as plagas algarvias.

Em S. Bento, sobretudo, não podia nem devia passar-lhe pela idéa o apresentar-se assim.

Não conheciam João de Deus os alfaiates de Lisboa; os eleitores do Algarve haviam-lhe dado o seu diploma, e o poeta costumado á frugalidade do seu viver, estranhou, logo de principio, o preço das hospedarias. No Algarve, vivia-se mais barato, e melhor. O diploma de deputado era cousa muito honrosa e muito boa; o subsídio, porém, a que elle dava direito, só se recebia no fim do mez, e era preciso ganhá-lo com a apresentação e a frequencia nas Camaras. Estava, portanto, o poeta mettido em difficuldades, e, além d'isso, n'um circulo vicioso.

Para ir ás Camaras precisava de roupas cida-

dãs; para adquirir estas precisava de receber o seu subsidio. Ora, o subsidio não o recebia elle sem se apresentar, e a apresentação não a podia fazer sem recebê-lo.

Queriam os amigos de mais confiança tiral-o d'aquelle embarço; mas era tudo gente que não sabia ou não podia fazel-o.

Uns não tinham as menores relações com os bons alfaiates; outros eram demasiadamente conhecidos de todos elles, dos bons e dos máos.

Como, porém, se sáe de todas as situações, João de Deus sahiu d'esta, que aliás lhe não dava cuidado nenhum, cumpre dizel-o. Estamos a vê-lo ainda, com os seus bellos olhos luminosos, profundamente negros, o rosto amaciado, de cêra branca, o bello nariz hebraico, e a longa barba pretissima, mais baixo que alto, illuminado por um sorriso intelligente, bondoso, e ao mesmo tempo perspicaz e critico; estamos a vê-lo passeando horas inteiras no seu pequeno quarto, cujo comprimento se vencia em quatro passos, e onde os amigos se succediam, se accumulavam. . . o Manoel de Arriaga, o Casimiro Freire, o Anthero de Quental, o Jayme Batalha Reis, o Alves Crespo, o Christovão Ayres, o Zeferino Brandão, e tantos outros, tantos!

E o poeta, no meio de todos, fumando constantemente cigarros sobre cigarros, accendendo-os em isca, a fuzil e pederneira, (não admitia a invenção do lumes promptos) dizendo

versos quando estava de maré, percorrendo sobre as mais variadas cousas, sempre ao sabor da phantasia, sem preparo, sem erudição, que nunca teve, fertil em observações excellentes, que davam a medida inteira da penetração da sua intelligencia e da sagacidade do seu espirito.

Alli, em cima da pequena mesa, ao pé da palmatoria de estanho, estava toda a sua livraria: as *Lyricas* de Gonzaga, e o *Cantico dos Canticos*, arrancado a uma velha Biblia.

Não havia um jornal, que era cousa que nunca alli entrava, e que João de Deus não tinha memoria de haver jámais lido. Esta nota é importante; não será perdida para futuros apreciadores do poeta, os quaes encontrarão ahi talvez a explicação inteira da pureza com que o lyrico inimitavel soube resguardar constantemente a sua alma, no meio de tantas occasiões que para maculal-a nos offerece a vida.

Não havia mais livros. João de Deus tambem detestou sempre isto, que elle tinha na conta de serem, em geral, em vez de mananciaes de verdadeiro saber, fontes perniciosas de erro para a maior parte da especie humana.

Cioso do seu *eu*, queria mantêr-se alheio, extranho e superior a todas as influencias, excluindo as inevitaveis da familia, do meio, das primeiras impressões recebidas na infancia, dos primeiros encontros e embates com os homens e as cousas.

Assim, na sua poesia originalissima, de um individualismo possante, conhecem-se as proveniências naturaes d'onde ella emanou. Vem da poesia popular, regional, levada do Algarve para Coimbra, e aqui fortalecida nas circumstancias favoraveis do meio, o qual, pelo contacto com os filhos de outras regiões do paiz, lhe augmentou a esphera dos sentimentos e o circulo das impressões e das idéas.

Depois, vem ainda do exclusivismo das suas leituras muito restrictas: em Portugal, os seus predecessores foram Rodrigues Lobo, Camões e o suavissimo e encantador Gonzaga, geralmente tão pouco conhecido e lido. Não quiz outras influencias, não leu mais poetas, por meliores que fossem, por mais encomios que d'elles ouvisse. Quiz da Italia o divino Metastasio, com o seu doce e cadente lyrismo. A solemnidade, que por vezes resôa gravemente nas cordas da sua harpa, herdou-a dos grandes cantores biblicos.

A faculdade ingenita para a poesia, isto é, para a abstracção, para a contemplação, para o devaneio, para as subtilezas do sentimento e para a apreciação do bello, na essencia e na fórma, essa pôz-lh'a a natureza no cerebro e no coração. O resto fêl-o a doçura do nosso ambiente, o contacto da infancia inteira com a paz e a serenidade da natureza, n'aquella contemplação interminavel, em que os olhos se esten-

dem quanto podem até ás extremas dos horizontes, onde se esfumam as altas serranias, ou até á linha indistincta, afogada em neblinas, onde a curva da abobada azul se confunde com a immensidade argentina das aguas.

Eis o poeta, sim; mas não pensem que nos esqueceu o politico.

Resolvidas as difficuldades materiaes da *toilette*, conseguido que um alfaiate attencioso viesse, uma e mais vezes, a casa do poeta, provar e reprovar a sobrecasaca palaciana, conseguido que o chapeleiro lhe viesse trazer o chapéu lustroso e fino, e o sapateiro a bota macia e polida, um bello dia, ao acordar, João de Deus reconheceu que já nada lhe faltava para poder representar dignamente o seu circulo e todo o paiz, e, estimulado por um rebate de consciencia, deliberou fazer a sua entrada solemne no parlamento. Lá encontraria amigos e collegas, que o conduzissem pelos corredores, que lhe ensinassem as formalidades, que o introduzissem.

Ergueu-se da cama, fez as suas abluções, entrou na casa de jantar, onde mandou que lhe trouxessem o almôço, e não reparou em que, ou por ser ainda cedo, ou por ser tarde de mais, não teve á mesa a habitual companhia.

Acabado de almoçar e de vestir, sahiu.

Conhecia pouco das ruas; orientou-se, porém, tomando da Baixa, onde morava, a direcção

do poente. Era para esse lado que sabia ficar S. Bento. Foi andando e perguntando.

O dia estava picante, mas bem illuminado e claro, áres lavados n'um azul magnifico. Um dos bellos dias de inverno do nosso clima. O poeta gosava as energias da natureza a plenos pulmões, e ia pensando quanto era estúpido ter de encerrar-se uma tarde inteira n'um casarão sombrio, quando tudo o convidava a festejar as magnificencias do Creador, entregando-se á contemplação da sua obra sublime.

Subiu o Chiado, fez relações com o Loreto, que já lhe parecia um bairro excentrico, admirou o Calhariz, e atirou-se, finalmente, pelo Combro abaixo, como quem se precipita n'um abysmo.

No Poço Novo ficou indeciso. Alli bifurcam-se dois caminhos. O da direita, em frente, apertado, sombrio, mettido em casarias altas, logo lhe pareceu, pela tristeza, pelo rude do seu aspecto, pela sua pouca attracção, o caminho do dever, d'onde o gôsto o afastava e para onde a consciencia o impellia.

O outro, o da esquerda, descendo para o rio, mais obliquo ao poente, tinha o que quer que fosse mais agradavel, e que mais o attrahia. Por qual d'elles havia de tomar?

Perguntou: disseram-lhe que o da esquerda conduzia direito á Esperança!

Ficou radiante: era aquelle o caminho da vir-

tude, do ideal, da poesia. O caminho da esperança, emfim!

Mas objectou que o seu destino era dirigir-se á Camara, a S. Bento. Então, o seu interlocutor, que era um confeitiro do sitio, observou-lhe: «Isso é outra cousa; para as Côrtes vae-se por aqui!»

E apontou-lhe o longo e escuro corredor dos Poyaes.

Estava bem de vêr; o caminho da Esperança e o caminho da politica não podiam ser o mesmo. O poeta tinha de optar por um d'elles: ou a esperança, ou o parlamento.

Acordára aquella manhã picado pela tarantula da obrigação; vacillou um instante; porém, a sua hesitação foi rapida. Tomou para S. Bento.

Eil-o subindo a rampa da Estrella; notou a grande quantidade de gente, familias inteiras, grupos numerosos, festivos, que avançavam para o mesmo lado. Iria tudo aquillo para as Camaras? Provavelmente.

Chegando ao largo do edificio, affirmou-se, por causa das duvidas, se seria ou não alli. Era.

Estacou diante da moie formidanda, e no seu espirito investigador cavava fundo a pergunta, para que serviria um casarão tamanho!

E aquellas portas tão altas! Para quê? Que gigantes, que polyphemos entrariam por ellas!

Aquellas portas assombravam-o! Seriam as-

sim, para poderem dar sahida ás tábuas das leis, que se fabricavam lá dentro?

Perdido n'estas interrogações, entendeu que o mais acertado seria ir vêr, ir perguntar. Ninguém estava em melhores condições para isso; tinha o seu diploma, era deputado eleito.

No meio do largo, tornou a reparar nos grupos, nas familias ridentes e vistasas, que lentamente caminhavam pela calçada acima. Nenhuma, porém, tomára com elle a direcção em que estava. Talvez fossem entrar por algumas portas trazeiras, portas de altura meã, para gente pequena, humilde, simples povo, emquanto que aquelles cinco grandes portões gradeados, que via alli, diante de si, os destinára o architecto do edificio para os grandes da terra, os altos espiritos, cuja cabeça anda a topetar com os astros.

E o poeta sentiu uma vontade immensa de retroceder, de acompanhar os grupos e de entrar tambem, com elles, pelas portas de traz. Mas estava já com o pé no primeiro degráo da larga escadaria exterior, e machinalmente subiu. Entrado o primeiro portão, viu-se dentro de um perystilo, do qual todas as portas, menos uma, estavam fechadas.

Em frente d'esta, passeava, isolada, uma sentinella. A solidão, o silencio eram completos. João de Deus logo percorreu que a entrada devia forçosamente ser... pela porta aberta.

Pois não era: a porta aberta era a da casa da guarda; a porta de entrada para a Camara era a que ficava em frente da outra, no outro extremo do vestibulo, porta completamente fechada n'esse dia.

O poeta havia estado um mez inteiro sem se apresentar na Camara; resolveu-se por fim a fazel-o, e foi só ao chegar lá, que soube ser esse dia... um domingo!

N'esse tempo, os domingos de feriado parlamentar eram os domingos naturaes do anno; cahiam de sete em sete dias.

Agora, as férias parlamentares são incessantes, e alli, em S. Bento, todos os dias são domingos. Por isso, no seu tempo, João de Deus cahiu n'aquelle engano. Se fosse hoje, o seu equivoco não era possivel.

Foram estas as estreias do nosso poeta, como homem politico.

Depois, foi effectivamente vêr a Camara por dentro. Viu a casa, e viu os homens.

A casa era uma gaiola, sem ár, sem luz, que o suffocava e lhe partia, como de encontro a uma janella, as azas do espirito.

Os homens eram... os homens. O poeta evitára-os e fugira-lhes sempre. Não precisou vêl-os outra vez de perto, para insistir na resolução, em que cedo se puzera, de evital-os e de lhes fugir.

Não quiz nunca saber onde era o Terreiro do Paço, nem onde eram as secretarias.

Governava, então, o conde ou marquez de Avila. Uma bella manhã, procurámos o poeta no seu quarto (uma casa de hospedes, n'um segundo andar sombrio da rua dos Douradores). Achámol-o muito prazenteiro e risonho, esse dia. Disse nos:

«Ainda bem, que você veio. Quero-lhe recitar um soneto que fiz esta noite, durante uma insomnia que tive. Ouça lá isto:

Se morresse o marquez de Avila um dia,
Lá ia o pobre Portugal ao fundo,

et cætera todo o resto até ao terceto final.

Rimos, mudámos de conversa, esqueceu-nos completamente o soneto, e, como o dia estivesse bello e convidativo, sahimos os dois e fômos para o Passeio Publico.

Alli andámos largo tempo na rua do meio, para baixo e para cima, até que, chegando-se a hora do jantar, iamos a sahir, quando, á porta do lado sul, encontrámos o marquez de Avila (quer-nos parecer que elle então ainda era conde, que o soneto foi feito ao conde, e emendado mais tarde para o titulo de marquez; não asseveramos, porém, isto).

O illustre estadista titular entrava, muito apurado, envolto o pescoço e parte do queixo no seu perpetuo *cache-nez*.

Nós sahiamos de braço dado.

Avila e João de Deus conheciam-se da Camara. Pararam, para se fallarem. O ministro, muito affavel, estranhou ao poeta a sua longa ausencia, e perguntou-lhe, simulando interesse:

«Então, que tem feito?»

«Versos, respondeu João de Deus. O que se ha de fazer senão versos! Quer v. ex.^a ouvir uns que compuz esta noite?»

Eu fiquei litteralmente transido. Parêceu-me que João de Deus ia recitar o soneto satirico, ao proprio marquez em pessoa!

O poeta sentiu a impressão que eu estava recebendo, olhou-me e sorriu.

O marquez de Avila respondeu-lhe apenas:

«Diga, diga!»

Então, João de Deus recitou-lhe a admiravel poesia, que poucos dias antes compuzera e que principia assim:

Uivaria de amor a fera bruta
Que pela grenha te sentisse a mão;
E eu não sou féra, pomba! espera, escuta:
Eu tenho coração!

Quando acabou, o marquez de Avila, que o estivera ouvindo imperturbavel, e pensando, Deus sabe em quê! limitou-se a dizer-lhe:

«São muito bonitos. Continue, continue. E não se esqueça de apparecer lá pela Camara; olhe que precisamos de si!»

Separámo-nos. O que João de Deus e eu fi-

cámos dizendo, ainda me lembra, mas não vale a pena repetil-o; o que o marquez de Avila foi pensando, nunca eu o soube, mas imagino-o.

E aqui está João de Deus estudado como politico.

FERNANDES COSTA.

Commercio do Porto, n.º 57, anno XLII.

JOÃO DE DEUS

A minha meninice era impressionada de quando em quando com o apparecimento subito de uma figura que na minha imaginação deixava um rasto de luz, como de meteóro—a de João de Deus!

Sem comprehender a rasão da superioridade do poeta sobre todos nós, algarvios, o instincto desenhava-me o que a rasão não podia traduzir ainda em idéas e a *lenda* encarregava-se de completar a pintura. Tecia essa lenda a minha propria familia, teciam-n'a estranhos, teciam-n'a as aneddotas, umas absurdas, outras verosimeis, e tudo isso, na minha imaginação infantil, confundia-se e atropelava-se, fazendo-me vêr em João

de Deus não um mortal, como nós todos, mas o que quer que fosse de magestoso e indefinivel como um deus.

Quando vinha a Silves, — de emprestimo aos amigos, porque, se foi moda *trazer Alexandre Herculano ao peito*, tambem o foi no Algarve solicitar demoradas visitas do poeta, — procurava eu vê-lo e ouvil-o quasi ás escondidas; e a sua falla, a sua physionomia tão fóra do commum, e sobretudo a expressão do seu olhar, espelho de uma verdadeira alma toda feita de poesia, despertavam-me o pasmo. Quando eu ia a S. Bartholomeu de Messines — patria do poeta — espreitava a occasião de elle chegar á sacada da sua casa, essa janella que olha para um dos flancos da egreja onde recebeu o baptismo. Via-o estender o seu profundo e mysterioso olhar pelo espaço, concebendo e meditando talvez muitas das poesias, algumas das quaes foram porventura salvas do esquecimento do proprio poeta por mão piedosa de pessoa de minha familia. Será preciso dizer que João de Deus, na sua terra, era adorado por toda á população? que dispendia os thesouros da sua graça, da sua conversação por todas as casas de S. Bartholomeu, que velhas e moças o chamavam e apapricavam; que de noite, no adro da egreja, tocando no seu *harmonium flute* com esse poder de *expressão* que é o encanto especial da sua alma de artista, povoava as imaginações locaes

de visões e concepções mysteriosas, como se a Natureza fallasse ahi pelas cordas de uma harpa invisivel?

Anecdotas e pormenores lendarios?

Cruzavam o Algarve aos enxames, umas absurdas, como dissemos, outras genuinas, indiscutivelmente reaes.

Por um capricho de politica local, entendeu-se que João de Deus cortaria as difficuldades de uma eleição que não se mostrava favoravel nem a regeneradores, nem a progressistas. Foi tudo á urna por João de Deus, embora fosse bem conhecido o seu desapêgo ás questões de politica positiva e até abstracta. Dizia-me elle então, em 1868, na hospedaria da rua dos Douradores, onde a miude o visitava: «Bem me admira que Deus fizesse o mundo em seis dias; mas admirou-me ainda mais que os nossos patricios me tivessem feito deputado em tres!»

De uma vez conversavamos á porta de uma tabacaria na rua Augusta, esquina da rua da Bitesga, — hoje retrozaria ou coisa assim, — quando nos surge Raymundo Capella, que mais tarde foi consul no Maranhão e Bahia e hoje se dedica ao ensino particular no Rio.

— O' João! dá cá um conselho.

João de Deus, voltando-se para mim com essa expressão entre ironica e seraphica, profunda de

bondade e de magua: — «a unica coisa que eu lhe posso dar!»

Estas e outras são as ineditas. De sobejo são conhecidos os episodios da sua bohemia coimbran que passou tambem á lenda, essa bohemia derivada do proprio genio do poeta e da impressão que em todos os seus contemporaneos provocou bem espontaneamente, por certo, e ainda se encontra espalhada pelas differentes gerações academicas. E quem soube traduzir melhor na lyra amorosa a immensa poesia da alma e da natureza coimbrans? Quem varreu de vez essas sem-saborias que a geração anterior deixára sob a fórmula metrica, essa poesia insulsa, convencional, affectada, que medrou dentro de um poço tapado, e onde parece não ter chegado o ar da poesia de Goethe, de Byron, de Hugo? Agora, sim, agora é que a lyra academica sabia cantar a natureza e o amor, e o poeta que sob um estylo ingenuo, simples, rescendendo arômas campezinos, onde mal se poderia enxergar excrecencias de classicismo, de erudição, chama se João de Deus.

Junte-se a isto um rosto encantador, uns olhos meigos, formosissimos — vejam o retrato de João de Deus, quando academico, publicado pela *Mala da Europa*, — uma singular suavidade na abstracção d'esse espirito sempre errante pelas espheras mais puras do pensamento, uma perfeição moral que tem um não sei quê de mys-

tico, de superior, e imaginaremos bem como foi profunda a impressão e a influencia que João de Deus causou nas gerações academicas e de que a manifestação de hoje é um ecco, um prolongamento, impressões hoje mais arraigadas e seguras na consciencia da nação.

*

Todos sabem que João de Deus apenas compareceu duas vezes nas sessões parlamentares. O seu espirito era e é naturalmentes avêso ás positividades da politica. E assim se dispensou naturalmente de solicitar qualquer emprêgo a que lhe davam direito o seu talento, as suas relações e a propria lenda que o cercou sempre. Por isso de 68 em diante abre-se-lhe um periodo difficil que com outro espirito finalisaria pelo suicidio, mas que para o poeta significou logicamente a consequencia do seu temperamento, da sua sequestração voluntaria da intriga, do meio onde se mercadejam rendosas posições. A's difficuldades da sua existencia oppunha a resignação passiva do santo, temperada por um pouco de bohemia, manifestação atavica do viver academico. Rodeado de filhos, assistindo á evolução das suas intelligencias, o genio do pae ia comparando mentalmente essa evolução com o desconnexo ensino primario ministrado nas nossas escolas.

E' ahi que poderemos encontrar as verdadeiras raizes do seu methodo immortal. Por que hão de entrar de roldão as letras do alphabeto na memoria das creanças, quando tudo na natureza obedece a um desenvolvimento progressivo, gradual, espontaneo, partindo do facil para o difficil, do simples para o complexo? *a, b, c, d?* mas entre o *a* e o *b* ha um abysmo! Por que se não hão de approximar as letras de categoria ou indole analoga cuja pronuncia é auxiliada pelos mesmos orgãos? Como é que *b a* ou *p h a* com *o til*, fazem n'um caso *bá*, n'outro *fão*?

E assim o seu espirito foi levado progressivamente á constituição do *methodo*, Carta de nova e sympathica especie outhorgada á infancia do paiz, simples na sua contextura e no seu espirito, como tudo o que é genial, chegando a darnos a illusão de que aquillo podia ter sido feito por qualquer de nós.

Sómente faltou esta coisa bem facil, como no ovo de Colombo—o termos pensado n'isso!

Se os limites d'este artigo nos vedam o realçar a obra meritoria do pedagogo—cuja influencia se sente e se palpa no ensino—seria temeridade fallar da obra do poeta e da sua significação na historia litteraria de Portugal. A consciencia além d'isso aponta-nos para o conceito-

do sr. Theophilo Braga, e é elle que «a comprehensão de um grande poeta excede as condições da critica litteraria». No meu apoucamento critico vejo em João de Deus a sensibilidade portugueza a mais nacional, a mais completa e perfeita na arte de traduzir as sensações, os subjectivismos e os raptos do lyrismo amoroso tal como existe no fundo da raça iberica, e, voltando-me para verdades já feitas e insculpidas na historia pela observação e genio de Anthero de Quental, penso com elle, que ha tres mestres supremos, «tres exemplares acabados do estylo poetico portuguez: Camões, Alexandre Herculano e João de Deus».

E' isto que penetrou já profundamente na consciencia nacional, e nem de outro modo se explicaria a manifestação de hoje, a João de Deus, o cenobita litterario, esquivo e alheio a pompas e a reclamos, a quaesquer preoccupações de notoriedade, o homem que vive n'um ninho todo amor de familia, e vivendo da unica força que lhe dá a impeccabilidade da sua lyra e o cultivo da Arte a mais exquisita sensualidade dos sentidos e do Pensamento.

O dia de hoje é uma apotheose da iniciativa da mocidade das Escolas, que collectivamente comprehendem a significação da mentalidade de

João de Deus como poeta, como educador, como pensador. Se o paiz não vem todo em multidão saudar no largo da Estrella a figura mais sympathica do nosso meio litterario, póde affirmar-se absolutamente, sem receio de cahirmos na exaggeração laudativa, que toda a nação applaude a generosa iniciativa da mocidade academica, porque em toda ella vibra a obra symbolica e genuinamente nacional do grande poeta do *Amor*, tal como cada um de nós concebe ou concebeu já esse sentimento.

Mas penso que n'essa manifestação está implicita uma outra homenagem não menos levantada, não menos significativa e não menos fertil nas suas consequencias— a homenagem á bondade exuberante de João de Deus, ao seu Character Immaculado, ao seu desdem nada theatral—entenda-se,—pela mechanica especial a que obedece a intriga com toda a sua cohorte de mesquinhas e transigencias das quaes saem de improvisos altos empregos, prebendas e até reputações artificiaes que deslumbram os pobres de espirito e os ingenuos.

Para mim, a apothese de hoje contém em si essa significação moral. E' bom ganhar, sem outro esforço que não seja o da intriga, os commodos da vida. Mas, quando olhamos para João de Deus no seu altar de pobreza, hontem, e hoje n'uma situação remediada e conquistada sem lucta, sem desalojar ninguem dos seus interesses;

quando o vêmos internado constantemente no santuario da Familia, despreoccupado das ambições politicas ou litterarias que fermentam fóra da sua thebaida da Estrella, será pelo menos uma consolação aos nossos infortunios, como nação pobre e humilhada, vêr n'esse poeta um genio que a ennobrece e um exemplo de virtude.

Ainda este sentimento poderá ser uma força nacional para nos retemperarmos, para ganharmos o nosso *Renascimento* pelo trabalho honrado e digno, pela conducta severa da nossa Consciencia e pelo bom modelo de nós mesmos, insinuado na intelligencia e educação dos nossos filhos e transmittido pela Tradição aos nossos descendentes, á raça portugueza, destinada — quem sabe! — a resgatar um dia nobremente os erros e as culpas de quasi tres seculos da sua *Historia*.

E' isto mesmo que foi dito por Anthero de Quental com a superioridade das suas vistas de philosopho e psychologo, servida por uma linguagem tão pura na fórmula como profunda no pensamento, quando certa vez aconselhou a um poeta novato os melhores modelos de poesia portugueza:

«Como os grandes poetas são necessariamente grandes espiritos, e, sob a fórmula sentimental, profundos moralistas, a convivencia com elles alliviará os seus desgostos, transformará os seus sentimentos em verdades humanas, e ajudal-o-

ha a fazer-se homem, que é esse o fim soberano da vida ; e arte, sciencia, philosophia seriam vãs, se não fossem meios e instrumentos para esse fim.»

J. T. DA SILVA BASTOS.

Jornal do Commercio, n.º 12:375 (42.º anno), 8-III-95.

O METHODO JOÃO DE DEUS

A glorificação de João de Deus foi um acto de justiça, que tomou um character imponente e commovedor, associando-se a esse preito de admiração, sympathia e gratidão todas as classes sociaes e todos os partidos em que se divide a nação portugueza.

Ao prestar-se homenagem ao grande poeta e educador e recordando a incansavel propaganda do methodo de leitura feita pelo dedicado apostolo de João de Deus, o nosso amigo sr. Casimiro Freire, disse o *Seculo* que era de esperar que aquella obra de justiça fosse completada com a generalisação da *Cartilha Maternal* em todo o paiz e a sua adopção de certo vantajosa nas escolas do Estado.

Estes nossos votos, segundo parece, não se-

rão irrealisaveis, pois consta-nos que se pensa em tornar obrigatorio no ensino de primeiras lettras a *Cartilha Maternal*.

Deveriamos regosijar-nos á primeira vista, pelo menos, com esta noticia, sabendo nós, como tantas vezes o temos demonstrado com as estatisticas officiaes, que é espantosa a percentagem de analfabetos e que o methodo de leitura inventado pelo grande poeta facilita extremamente o ensino.

Mas — terrivel adversativa! — é preciso não sustentarmos illusões, nem proceder levianamente n'um assumpto que é muito serio e que interessa o futuro da nossa nacionalidade.

E' incontestavel que o methodo da *Cartilha Maternal* dá na pratica excellentes resultados, quaesquer que sejam as objecções scientificas dos pedagogistas; que é incomparavelmente superior a todos os methodos até agora adoptados para o ensino das primeiras lettras; que por elle tanto as creanças como os adultos aprendem a lêr sem difficuldade e sem os tormentos do *b a ba*; mas a sua adopção repentina e imposição obrigatoria ás escolas do paiz inteiro não será contraproducente, não irá servir apenas para desacreditar o methodo e dar razão aos inimigos da *Cartilha Maternal*, que os tem e não poucos?

A medida seria sem duvida excellente, se os professores e mestres dispersos pelo paiz intei-

ro estivessem aptos para o empregar e começar immediatamente o ensino dos alumnos pela *Cartilha Maternal*. Não succede infelizmente isso.

Para que essa providencia fosse devéras benefica e progressiva conviria que tivesse a completal-a, precedendo-a, uma outra pela qual se imporia aos professores e mestres a obrigação de previamente se instruirem no exercicio do methodo de João de Deus. Bem sabemos que um professor intelligente e applicado pôde conseguir habilitar se para ensinar pela *Cartilha Maternal* os discipulos, sem necessitar recorrer ao auxilio extranho, e só guiado pelas proprias luzes no estudo do Methodo. Mas raros, rarissimos serão de certo os professores n'essas condições, porque de ordinario os homens mais intelligentes e applicados não se contentam com o modesto emprego de professor primario, sempre mal remunerado e sem futuro. A grande maioria do professorado de primeiras lettras não poderia adoptar vantajosamente nas suas aulas o methodo de João de Deus, sem previamente aprender a ensinar por elle.

N'estas circumstancias, o mais sensato seria a adopção da *Cartilha Maternal* nas escolas de primeiras lettras gradualmente, á medida que os respectivos professores fossem dados por habilitados, quer pelo poeta, quer por outros professores competentes que com elle aprendessem.

Se se deseja com effeito e sinceramente generalisar e levar á pratica o methodo de leitura de João de Deus para acabar no mais curto praso de tempo com o analphabetismo, que é um dos nossos males, não se imponha a adopção obrigatoria da *Cartilha Maternal* immediatamente, mas sim obrigação dos professores se instruirem para a adoptar e depois a sua adopção nas aulas á medida que elles forem ficando aptos para o ensino.

Outra medida de grande alcance seria a expropriação ao auctor, ao grande poeta João de Deus, mediante uma justa indemnisação, da *Cartilha Maternal*, a fim de ser depois publicada e vendida por conta do Estado, mas baratissima, apenas pelo custo. Os livros de educação para se generalisarem carecem de ser vendidos por um preço modicissimo.

O preço da *Cartilha Maternal*, se bem que relativamente baixo, ainda assim é excessivo para as algibeiras das classes pobres e operarias. Desde que fosse expropriada pelo Estado e vendida só pelo custo da impressão, entraria facilmente em todas as casas, porque tinha a recommendal a, além de tudo, o seu preço infimo.

Com esta medida prestaria, decerto, o governo um grande serviço ao paiz, que precisa de instruir-se, de sahir do analphabetismo em que desgraçadamente ainda hoje se encontra.

JOÃO DE DEUS

Meu caro Pacheco

Extinguem-se os ultimos rumores do enthusiasmo que um grande poeta fez rebentar na mocidade portugueza. O sublime lyrico do *Campo de Flores* pôde emfim assomar ás janellas da sua habitação, sem que o acclamem da rua. A' porta d'aquella casa já não estruge o clamor das apotheoses; as capas dos estudantes deixaram de negrejar, e o grande poeta volta finalmente a cogitar na sua vida, momentaneamente doirada por um raio de sol consolador.

Passou a festa. A mocidade cumpriu o seu dever; e o paiz não pôde esquecer o generoso movimento dos que ámanhã serão homens.

A' porta d'aquella casa, meu caro amigo, já não estruge o clamor dos apotheoses, mas bate rudemente o fisco, exigindo ao poeta trinta mil réis de contribuição industrial.

A industria do poeta, assim collectada, é a de fazer versos. Toda a gente sabe, meu caro Pacheco, como tal industria é rendosa n'este bello paiz, onde os poetas levantam magnificos palacios á beira das correntes, com grandes parques cheios de sombra e em cujas avenidas vagueiam lentamente deslumbrantes equipagens de luxo... Toda a gente o sabe. E' coisa assente, de resto,

nos costumes do paiz—vem até nas leis—que os paes não poderão puxar as orelhas dos filhos quando, ainda em tenra idade, estes manifestem vocação para a lucrativa carreira das lettras... Isto só lá fóra acontece, nos paizes barbaros, onde os poetas morrem de fome, como ha poucos annos succedeu na França áquelle pobre Victor Hugo!

Tudo isto é notorio, e não ha portanto que estranhar no procedimento da fazenda nacional. Exige trinta e tantos mil réis por anno ao poeta João de Deus, mas dá-lhe em troca a liberdade de escrever os bellos versos que lhe aprouver! Acho até que devem mettê-lo na cadeia, se não pagar; porque, se a epoca é de sacrificios, sacrifique o poeta, uma vez por outra, um pouco do seu luxo:—supprima os faisões ao jantar, por exemplo, uma vez por semana; não vá todas as noites a S. Carlos; ou modere as despesas fabulosas das suas viagens ao Oriente!

A fazenda está pobre, e o povo não vê com bons olhos certas desproporções no imposto. Um poeta como João de Deus, que tem escripto os mais bellos versos lyricos que a poesia portugueza até hoje produziu, não deve pagar só trinta mil réis por anno. Que pague só isso o sr. conde de Valenças, cujos versos não valem dois caracos, e que, portanto, não podem tel o enriquecido; mas o grande poeta João de Deus, esse deve pagar contribuição mais puchada!

E' isto o que diz o povo. Eu, n'este ponto, meu caro amigo, como em muitos outros, estou com elle. O que quero é que os empenhos não assediem o sr. ministro da fazenda para isentar João de Deus d'aquella justissima contribuição. E' preciso, sobretudo, que as opposições se ponham de atalaia,—que não vá o sr. Hintze Ribeiro fazer uma de duas:—ou pagar do seu bolsinho aquelle imposto, ou riscar da contribuição industrial o gracioso artigo que diz respeito aos escriptores publicos! Em ambos os casos seria um escandalo. E para escandalo, meu caro amigo, já basta o de Sua Majestade ter pago do seu bolso os direitos de mercê que o divino poeta devia pagar pela gran-cruz de S. Thiago. Para escandalo, digo-lhe mais, já ha muitos annos que n'este paiz se não via outro assim. Foi um escandalo real!

Abraça o, meu caro Pacheco, o seu

JOÃO SARAIVA.

JOÃO DE DEUS

Na sua figura de semita, nos seus olhos de contemplativo, na lenda da sua mocidade, nos imprevistos da sua phantasia, nos arroubamen-

tos do seu lyrismo, no seu desprezo das coisas materiaes, e até na inconsciencia do seu genio, este poeta algarvio, tão bom, tão doce, tão simples, tão desapegado de tudo o que aos outros arrasta e absorve, é aquelle que por excellencia consubstancia na sua grande individualidade as qualidades typicas da raça portugueza.

Poeta e artista, é o coração que vibra sempre a sua lyra de ouro, e se vae buscar á linguagem metrificada a expressão do sentimento intimo, é porque não se inventou fórma mais simples em que esse sentimento seja expresso. Quando, nas horas melancolicas do nosso espirito, no tédio do mundo ou no isolamento de uma saudade, entre as quatro paredes do nosso quarto, percorremos os versos de João de Deus, e detemos a vista, e concentramos a alma n'aquelles em que a sua mocidade apaixonada distillou todas as amarguras, e em que tomaram fórma litteraria os éstos ardentes de seu coração, chegamos a esquecer-nos de que elle se serviu de uma arte, de um processo, para nos absorver no seu amor, para nos levar na aza do seu ideal, para nos martyrisar com o seu martyrio. E quando menos o julgamos está o nosso sentimento confundido com o sentimento do poeta, e pela mais recondita e mysteriosa de todas as elaborações psychicas, nós choramos as lagrimas que elle chorou, sentimos o que elle sentiu, amamos, soffremos como elle.

E porquê?

Eis a sua grandeza, eis o segredo do seu genio. E seria preciso recuar a Camões para encontrar a filiação do seu espirito. Esta vibrabilidade do sentimento portuguez, esta faculdade tão simples mas tão poderosa que ninguém mais a possui, herdou-a o grande lyrico de hoje do grande lyrico do seculo XVI, por um d'esses atavismos intellectuaes, indecifráveis á sciencia.

*

Se Garrett, já velho, tinha ainda o poder de reproduzir nos seus versos as louçanias de um espirito sempre moço, se Guerra Junqueiro conseguiu como nenhum outro poeta traduzir na opulencia da fórma a opulencia da phantasia, se Anthero conciliou admiravelmente com o sentir do artista os ideaes do philosopho, se Guilherme Braga dispôz da faculdade inimitavel de fazer vibrar na mais vibrante linguagem poetica uma alma de revolucionario, se Theophilio Braga procurou synthetisar n'uma obra de poesia os cyclos historicos da Humanidade, se Gomes Leal attinge por vezes, ainda que raras, a altura sublime que a sobem apenas os nevroticos do talento, se os grandes sacerdotes emfim da poesia nacional celebram nos seus altares o culto á deusa e nos degráos ajoelham os crentes da sua religião, não esqueçamos que

o altar mais alto é o mais modesto, o mais singelo sem que deixe de ser o mais sublime, o mais desornamentado, sendo por isso mesmo aquelle onde a homenagem é mais fervorosa, mais viva a fé, mais robusta a crença. Não esqueçamos que é n'esse altar que celebra culto esse pontifice incontestado — João de Deus.

E nós todos que arrastados nos egoismos da vida moderna chegamos a esquecer-nos do que devemos á tradição que nós embalou, se acaso estacamos na estrada por onde corremos vertiginosamente, e fitamos por momentos a vista e o espirito n'alguna das paginas sublimes d'esse poeta, se a *Adoração*, *Não sei o que ha de vago...*, a *Oração*, a *Vida*, a *Marina*, nos absorvem e concentram, se repousamos o espirito n'essa eterna poesia do amor, como o caminhante do deserto cola os labios á fonte que encontrou n'um oásis, sentimos a impressão que deve sentir o homem religioso da cidade ao entrar na capella simples de uma aldeia, erguida entre flores silvestres, muito lavada de ár e batida do sol, rescendendo a murta e a rosmarinho, na occasião em que com a essencia dos perfumes se eleva a Deus a prece dos sacerdotes e a aspiração das almas...

*

Se do poeta das *Flores do Campo*, das *Fo-*

lhas Soltas e do Campo de Flores derivamos para o genial creador da *Cartilha Maternal*, o poeta desdobra-se no apóstolo. Ahi o seu espirito toma uma feição tão util, tão humana, tão redemptora que chega quasi a ser divina. Tambem dezenove seculos antes d'elle outro apóstolo, outra intelligencia privilegiada, outro philosopho do amor e da bondade, chamára a si os pequeninos, abrindo o caminho para dizer aos grandes da terra: *Sinite parvulos venire ad me.*

A mais rotineira, retrograda e esmagadora de todas as educações atrophiava a intelligencia das creanças quando appareceu a *Cartilha Maternal* de João de Deus. E seria preciso ter n'esse tempo convivido com o poeta para se fazer uma idéa perfeita dos thesouros de amor altruista que lhe enchem o coração. Seria preciso vêr o entusiasmo com que esse homem, que tem nos nervos e no sangue o rythmo cadenciado e dolente da sua provincia, que parece ter na phisionomia e na personalidade todo o atavismo de uma raça, seria preciso vêr o entusiasmo com que elle, vencendo-se a si proprio, se entregou a um trabalho de Hercules, explicando o methodo, difundindo a sua doutrina, propagando-a, pela palavra fallada e escripta, occupando todas as horas do dia e parte da noite, em a explicar aos professores que as camaras de todo o paiz lhe enviavam, e tudo isto n'uma abnegação de san-

to, n'um desinteresse que o nosso tempo não comprehende, com tal dispendio de actividade, com tal ardor de apostolisação e com tal maravilha de lucidez, que pouco depois estava a *Cartilha Maternal* espalhada por todo o paiz, abriam-se escolas, a Allemanha aproveitava as bases d'esse trabalho verdadeiramente creador, o novo methodo era espalhado ao mesmo tempo por todo o Brasil; e para nada faltar á gloria do grande poeta, elle, tão amoravel, tão bondoso, de uma misericordia tão profunda e de uma ternura tão extensa, teve de lançar mão de um azorrague e de expulsar, como Christo, os vendilhões do templo, que eram n'este caso os que defendiam, chegando a insultar o Mestre, os interesses feridos...

*

Mocidade das Escolas de Portugal, honra-vos o que acabaes de fazer. Para alguns de vós e para os que de vós nascerem, é principalmente a obra de civilisação e do progresso que esse santo homem lega á sua terra.

Glorificae-o, cobri-o de flores, fixae na vida de vós todos este marco de affecto e de agradecimento, para que um dia vossos filhos parando deante d'elle aprendam de vós que todos os excessos da mocidade são redimidos sempre pela generosidade e pela gratidão.

Elle foi o poeta que melhor cantou o amor, elle foi o apóstolo que mais derramou a luz, elle foi o Christo mais adorado de todas as mães. Nasceu no mez em que nasce a primavera, e antes d'ella, como que para annuncial-a. Lançae-lhe sobre a cabeça aureolada pelo genio e pela bondade as frescas flores do campo, alegre-o com os vossos risos francos, remoeçae-lhe com a vossa mocidade o coração fatigado.

E nós todos, escriptores, politicos, poetas, nós todos os que pensamos, e que temos por isso o dever de honrar os bons e os grandes, não esqueçamos que elle é um exemplo. A bondade é um segundo genio, disse-o outro grande poeta. Pois d'este pôde dizer-se que tem o genio do cerebro e o genio do coração. Elle vive á parte, fóra dos nossos interesses e das nossas ambições, dedicado á familia querida, zelando de longe e na sombra a propaganda da sua obra de progresso. O seu nome é um nome nacional. O seu talento passou a fronteira, e a sua arte é tão intensiva e tão vasta que o maior critico da Italia, no prefacio de um livro em que traduz os poetas dos principaes paizes da Europa, confessa que em nenhum encontra um lyrico á altura de João de Deus.

E' pois dever de nós todos glorifical-o a elle que não tem escolas litterarias nem dissidentes, que é o pontifice consagrado. Honremol-o em

vida como a França honrou Victor Hugo, e a Russia Tolstoi, e a Hespanha Zorrilla e Aguilera. São as nações que se engrandecem engrandecendo os supremos representantes do seu genio e da sua raça.

O HOMEM

De João de Deus pôde dizer-se, com suprema justeza, o que está escripto de Fénelon: — é o mais amavel dos homens.

Ingenuo, simples como uma creança, a sua grande alma não abriga um sentimento que não signifique, como no seu immenso coração não entra um affecto que não ennobreça.

A sua Obra espêlha nitidamente o seu espirito de eleição.

E' o poeta do Amor, porque todas as suas palavras, todos os seus actos são inspirados e pautados por esse angelico sentimento.

E' a mais extraordinaria individualidade que temos conhecido.

Varão forte, nunca o abalaçam os embates da sorte adversa. Uma só coisa o entristece e afflige — é a desventura alheia. Se quizerdes vêr o seu rosto illuminado de intimo contentamento, dizeilhe que vos sorri a prosperidade.

Tudo está em perfeito equilibrio n'este homem singular, cujo nome todos declinam com vene-

ração extrema e cuja Obra todos celebram e abençoam.

Modesto como ninguém, bem sabemos quanto o contraria aquelle que lhe enaltece, embora com suprema justiça, os primores do seu caracter ou as inegalaveis excellencias das suas faculdades mentaes.

E comtudo, como elemento subsidiario para a justa aquilatação da Obra de João de Deus, é necessario não esquecer que o homem está na mais perfeita harmonia com o divino lyrico do *Campo de Flores* e com o genial creador da *Cartilha Maternal*.

Do seu trato intimo, da sua affabilidade, da sua conversação encantadora, repetiremos apenas o que já disse um escriptor distincto: — Lêl-o, é amal-o; ouvil-o, é adoral-o.

O BOHEMIO

Se nós fizéssemos parte da mocidade das Escolas que hoje vae bater á porta de João de Deus, levar-lhes-iamos com risos e descantes, toda a Primavera que agora cobre as arvores: braçados de rosas fulvas, negras e escarlates, galhos de macieiras, giestas, papoulas — as flores de que os quintaes estão cheios e os risos repenicados das raparigas. A festa de João de Deus seria a festa da Primavera; a sua casinha desap-

pareceria sob montões de rosas de tocar e de ramos de espinheiros, e em volta bandos de raparigas cantariam ao desafio, dansando.

Porque elle é ainda, como foi sempre, além do poeta simples e encantador que conhecemos, o bohemio lendario, vivendo um pouco ao Deus dará, prezo nos olhos das raparigas, guitarra sob o braço, coração ao largo. A sua vida de Coimbra é como aquella de que falla a canção:

Estudante, mangante,
Chapéo d'alguidar !...

e elle synthetisa admiravelmente a alma portugueza: lyrico, simples, espontaneo e descuidado...

Foi um pouco de tudo durante a sua vida — até sacristão! Dormia dentro de um colchão de palha, e d'elle conta a lenda que alta noite, quando todos dormiam, sahia montado n'um burrico, sob o luar, para as margens do Mondego. Olhava os choupos corcundinhas, os salgueiros finos como rendas e cantava trovas aos labios das raparigas...

N'uma discussão com Anthero sobre a existencia de Deus, lembrou-se de fulminar o adversario com este argumento terrivel:

— Estou na minha, pelas rasões que disse e ainda por esta, a mais forte de todas: — Se Elle não existisse — vê lá tu! — ficava reduzido a chamar-me o sr. João...

Dez annos lhe levou a fazer o curso, reprovado sempre, indo para as aulas aos empurrões, riso no coração, riso nos labios

Dansae pequenas, dansae,
tirolé!...

E quando terminou ficou surpreso. Que havia de ser d'elle então?... A vida de estudante tinha terminado, a mocidade é que nunca. Partiu a pé, sem destino, por esse mundo fóra. Foi redactor de um jornal de provincia, apaixonado de uma padeirinha—o grande amor da sua vida—e d'elle se conta, que perdido e tendo-lhe um camponio ensinado o caminho de casa, como não tivesse dinheiro para lhe pagar—cortou uma aba da casaca e deu-a ao pobre homem para elle se agasalhar!

Foi deputado por acaso e fez um discurso unico no parlamento e no tempos correntes:—um discurso por gesticulação.

Das suas poesias nunca fez grande caso. Curioso de tudo, resolvendo tudo, problemas de mathematica, um methodo para a pontuação das guitarras, chegava a dizer a um padre amigo, que com elle joga ás noites a bisca, como o homem achasse máos os versos:

—Póde emendar se quizer, padre Joaquim!...

Pois bem, rapazes! Atirem-lhe flores, rosas de tocar, cravos, abafem-lhe a casa sob uma

chuva de galhos de arvores em flor: de macieiras, de giesteiras, de espinheiros.

A festa de João de Deus deve ser a festa da Primavera.

Correio da Manhã, n.º 3:234 (12.º anno), 8-III-95.

JOÃO DE DEUS

Para quem escreve, para quem trabalha para o desenvolvimento e engrandecimento moral da patria e para quem deseja o progressivo adiantamento da intellectualidade do nosso povo, é grato vêr na apothese do grande poeta, como a nossa sociedade, e principalmente a do futuro, representada pela juventude academica, começa a fazer justiça aos sinceros e denodados propagadores da instrução popular.

A consagração do merito do glorioso auctor da *Cartilha Maternal*, callou no nosso espirito a esperança de que o paiz resurge para a vida moral e para o trabalho consciente impulsionado pelos influxos da civilisação; e além d'isso accentuou no nosso animo a convicção de que o trabalho pedagogico do mavioso poeta conheça a ser comprehendido e apreciado e a sahir

da penumbra em que pretenderam conservar o corypheus da instrução official.

A lucta empenhada pelos defensores do methodo de João de Deus tem sido persistente e porfiada. Em volta da maior e mais brilhante obra do poeta estabeleceram os maldizentes um assedio vulneravel pela luz que irrompia do monumento assediado.

Os factores de *cartilhas* do *ba bá* e do *pha fá*, atacados nos seus reductos de ignorancia e ignobil exploração mercantil, construidos em tempos immemoriaes pela mais crassa ignorancia dos processos pedagogicos, levantaram se em temivel algarada, e, protegidos pela ignorancia official, produziram o mais renhido e apertado cêrco na defesa dos seus miseros interesses.

Assim mesmo irradiou pelas malhas das hostes inimigas a luz que tinha por fóco a *Cartilha Maternal*, e essa luz que em 1878 começou a mostrar o seu poder illuminante não poudé ser escurecida por aquelles que só das trévas pretendiam viver.

Quem escreve estas linhas, pertence ao pequeno numero dos que primeiro admiraram a obra do glorioso poeta e do recanto da sua humildade a preconisaram como um sol destinado a vivificar e aquecer a instrução publica do seu paiz.

Foi n'uma pequena, mas austera e benemerita associação politica, que em 1878 pela primeira

vez travámos relações com a já hoje celebrada *Cartilha* de João de Deus. Alli se instituiu uma escola para diffundir e divulgar a instrucção por esse methodo facilimo e sublime.

O Centro Federal do bairro oriental, assim se denominava a benemerita collectividade politica a que nos referimos, professando o ideal da mais pura democracia e vendo que esta é absolutamente incompativel com a ignorancia dos povos, quiz espalhar e diffundir a instrucção na população do bairro em que se fundára, pelo meio mais facil, accessivel e proficuo.

Esta associação, adoptou pois o methodo de João de Deus, cujas cartilhas e mappas lhe foram generosa e gratuitamente offerecidas pelo mimoso poeta, e escolheu para professor da sua escola o já esquecido Carlos Barroso, que nos segredos do mesmo methodo fôra dos primeiros iniciados pelo insigne pedagogista.

A frequencia foi enorme. Menores e adultos analphabetos, sahiram d'alli em grande quantidade sabendo lêr e escrever.

A prova do methodo ficava feita se anteriormente não estivesse evidenciada pelos poucos professores que então o exercitaram com assombroso exito; mas apesar das claras e precisas demonstrações da verdade, os interesses feridos e os zangãos da instrucção official e semi-official redobraram os seus ataques; e muitos dos que anterior e publicamente confessaram as excel-

lencias de tão superior systema de ensino, sahiram depois a malsinal-o e combatel-o.

Novissima prova, e esta bem altaneira e brilhante, veiu confundir a ignára ou interesseira audacia dos adversarios da *Cartilha Maternal*. Uma pleiade de homens de bem, amantes da instrucção e da democracia, tendo á sua frente o character inconcusso e austeridade resistente de Casimiro Freire, lançaram os fundamentos da maior e mais victoriosa demonstração do valor da *Cartilha*. Referimo-nos á *Associação das escolas moveis*. Numerosas missões d'essa meritoria instituição têm percorrido o paiz, fazendo a breve trecho a luz em muitos milhares de cerebros que viviam e viveriam nas trévas sem o influxo luminoso da famosa descoberta realisada por João de Deus.

Os resultados d'essas beneficentes missões chamaram para o auctor do novo methodo as atenções dos poderes publicos, obrigando-os a votar-lhe uma pequena e apesar d'isso incompleta recompensa; pois, só seria completa se esses poderes, tendo em vista as necessidades da civilisação e atrazo intellectual das camadas populares, adoptassem e introduzissem officialmente o methodo em todas as escolas e obri-gassem o pessoal escolar a estudal-o e comprehendel-o para que o respectivo ensino fosse proveitoso a proficuo.

Felizmente que, — máo grado o desleixo of-

ficial, — a mocidade para quem João de Deus tanto trabalhou, acode de todos os pontos do paiz em romagem de entusiastico preito aos serviços do grande poeta e não menos grande apostolo da instrucção, adiantando se assim á iniciativa dos poderes que tem por dever distinguir e premiar o seu merito incontestavel.

Tão espontanea apotheose, é apenas o inicio do reconhecimento que a nação, em época mais ou menos proxima, ha de consignar no bronze immorredoiro em honra de quem com o genio theorico do pensador e o trabalho pratico do operario do progresso, soube legar-lhe, na *Cartilha Maternal*, poderosa luz para descerrar as trévas que a cercam.

A União (orgão dos Fabricantes de Pão), n.º 24 (anno II), 10-III-95.

III

CORTEJOS, SARAOS, MENSAGENS E CONFERENCIAS

§ 1 — A chegada dos estudantes de Coimbra, Porto, Aveiro, etc.

A idéa de celebrar o anniversario do genial poeta veio, como era natural que viesse, da mocidade das Escolas. Alli eccoaram sempre todas as idéas generosas; nos seus corações se formaram sempre, vindo da alma á exterioridade social, as grandes iniciativas de justiça.

Como bem diz um sabio professor, que n'este jornal escreve do valor pedagogico de João de Deus, a geração que bebeu o primeiro leite da instrucção na sua *Cartilha Maternal*, e que já hoje frequenta os cursos superiores, irrompe, espontaneamente, n'uma manifestação de agra-

decimento ao genio, ao caracter do homem, ao grande espirito que é todo feito de luz.

*

O movimento festivo é um pouco desordenado, mas como ahi está impresso o seu caracter de espontaneidade, é por isso mais sympathico. Não tem o formalismo dos Jubileus camoneano e pombalino, mas é mais sentido, mas é mais sincero. A idéa é dos estudantes de Lisboa, que constituiram uma commissão central, presidida pelo sr. Manuel Telles de Vasconcellos, e que tem como secretarios os srs. Diogo Rodrigues Acabado e Alfredo Serrano. Mas sendo a idéa das escolas de Lisboa, generalisou-se á *Academia de todo o paiz*. Vieram delegados da Universidade e de todas as escolas e Lyceus. Em Coimbra, no Porto, em Braga, em Vianna, em Evora, em Faro, em toda a parte a mocidade se expande em festas congratulatorias. Ao movimento escolar juntaram-se Associações e o Journalismos portuguez, e são innumeradas as conferencias, as mensagens, os numeros especiaes e unicos. Póde dizer se que o poeta do *Campo de Flores* foi consagrado por um *plesbicitum* das almas portuguezas.

*

Não se formou o que se chama *um program-*

ma. Um Cortejo do Terreiro do Paço a casa de João de Deus, é no emtanto a procissão civica mais encantadora, que mais enternece, que mais nos mareja de lagrimas os nossos olhos, que se sentem alliviados de contemplar tantas miserias sentindo se dulcificar pela impressão d'esta manifestação, que é santa.

Os estudantes, chegados a casa do poeta, entregam lhe, pelos presidentes das respectivas commissões, differentes dadivas — memorias para no futuro filhos e netos se envaidecerem, de possuirem a tradição do glorioso nome que tanto mereceu dos homens do seu tempo.

Enumeremos algumas d'essas dadivas:

Da Acadenia de Lisboa, uma pasta forrada a setim, com figuras allegoricas, contendo diversos desenhos feitos pelos alumnos da Academia de Bellas Artes. A pasta é fechada com fitas emblematicas das differentes escolas da capital, sendo encerrada em uma caixa de mogno com incrustações de prata.

Da Academia do Porto, um retrato do poeta, emoldurado em prata fôscas — moldura de grande merecimento artistico.

Este cortejo é no dia 8.

No dia 9, de dia, sessão solemne das Academias, e á noite saráo litterario e musical, celebrando-se, em prosa e verso, pela voz dos mais distinctos academicos do paiz, o genio, o espirito e a alma do primeiro entre os primeiros, do

herdeiro directo da inspiração de Camões, consoante a critica de Anthero de Quental.

*

Bem vêem que as festas não tem nenhum character deslumbrante, mas, mais do que nenhuma festa da sua natureza, estão calando no coração do povo portuguez. João de Deus é o seu poeta, o que mais é sentido, o que mais é comprehendido, o que mais cala no coração. Não tem artificios, não se importa de escolas; a escola é elle, mesmo sem se preocupar em ser mestre, mesmo sem se preocupar em ter discipulos.

Correio da Europa, n.º 3 (anno XVI), 7-III-95.

As escolas incorporar-se-hão no prestito, levando os estudantes a ellas pertencentes uns pequenos laços com as côres seguintes:

Escola Medica, amarello; Polytechnica, azul e branco; Instituto Agricola, encarnado e amarello; Instituto Industrial, azul e encarnado; Bellas Artes, côr de rosa; Curso Superior de Lettras, encarnado; Lyceu, verde. Os collegios particulares usarão dos seus distinctivos particula-

res. Não se poderão incorporar no cortejo os estudantes que não levarem os distinctivos mencionados.

O cortejo sahirá do Terreiro do Paço ao meio dia, seguindo este trajecto:

Rua do Ouro, Rocio, Largo de Camões, rua do Principe, Avenida, rua da Rosa, rua da Escola Polytechnica, Largo do Rato, rua do Sol ao Rato, rua Saraiva de Carvalho, rua do Jardim (á Estrella), largo da Estrella, travessa Nova da Estrella.

Em frente da casa de João de Deus, e depois de ter sido entregue ao poeta um Album com as assignaturas de todos os estudantes de Lisboa, dissolver-se-ha o cortejo.

Ainda não está definitivamente fixada a ordem porque as escolas se encorporarão no prestito, mas é provavel que seja a seguinte:

Casa Pia e respectiva banda, escolas parochiaes, escolas municipaes, collegios particulares, Lyceu de Lisboa, Collegio Militar, Escolas industriaes, Escola Normal, Escola de Bellas Artes, Industrial, Instituto Agricola, Curso Superior de Lettras, Escola Naval, Escola Polytechnica, Escola do Exercito, Escola Medica e a Tuna de Lisboa, Academia do Porto e Tuna, Academia de Coimbra e Tuna, commissão dos festejos.

De Coimbra e Porto vêm muitos academicos assistir aos festejos. Os estudantes da capital

vão esperal-os na quinta feira, dia em que elles chegam, pelas tres horas da tarde, á estação da Avenida, seguindo depois todos para a Escola Polytechnica, em cujo amphitheatro se realisará uma sessão solemne.

As companhias dos caminhos de ferro fazem grandes abatimentos nos preços dos transportes, concedendo vantagens especiaes para os estudantes da provincia.

De Coimbra calcula-se que venham uns 400 rapazes e do Porto mais de 100. Dos diversos Lyceus tambem se espera representantes.

Em muitas terras do paiz tambem se preparam festejos para o dia 8, em honra do grande lyrico. No Porto a assembléa dos Jornalistas e Homens de Letras resolveu enviar uma mensagem a João de Deus e pedir ao socio correspondente, conde de Monsaraz, para representar a associação na homenagem ao eminente poeta.

*

Em Paris, em vez da festa na *Revue Blanche*, que á ultima hora apresentava difficuldades, realisa-se um *punch* no café *Riche*, com discursos e poesias, que será presidido pelo iniciador das festas a João de Deus em Paris, o nosso collega Xavier de Carvalho.

A *Revue Blanche* publica o retrato de João de Deus pelo celebre pintor impressionista Vallaton.

Hoje foram os srs. Telles de Vasconcellos, Gentil, Conde e Santos e Silva procurar o sr. ministro do reino, a quem pediram feriado para os dias 7, 8 e 9, em que se realisarão os festejos.

Tambem foram aquelles cavalheiros entender-se com o sr. ministro da marinha, que pela mesma fórma concedeu os tres feriados para a Escola Naval.

Ha a certeza de que se fará egual concessão ás escolas dependentes dos outros ministerios.

A commissão organisadora do cortejo declara que enviou convites para todas as academias do paiz, bem como para os collegios particulares de Lisboa.

Dia, n.º 2:325 (5 III-95).

Hontem deliberou-se definitivamente sobre a ordem do cortejo e programma do saráo.

Adheriram á manifestação as seguintes corporações:

Sociedade João de Deus; Sociedade de Instrucção e beneficencia *A Voz do Operario*; Centro Socialista; Associação Auxiliadora da Classe dos Pedreiros de Portugal; Gremio Popular e outras.

A organização do cortejo é a seguinte:

Um pelotão de alumnos da Casa Pia (14 em duas filas), abrindo caminho.

- 1.º — Deputações das classes que adheriram.
- 2.º — Banda da Casa Pia e Corporação de alumnos.
- 3.º — Escolas parochiaes e municipaes.
- 4.º — Collegios de instrucção primaria.
- 5.º — Collegios de instrucção secundaria.
- 6.º — Curso elementar de Commercio.
- 7.º — Escolas industriaes e Curso de Mari-
nha mercante.
- 8.º — Collegio militar.
- 9.º — Lyceu.
- 10.º — Escola Normal.
- 11.º — Conservatorio.
- 12.º — Escola de Bellas Artes.
- 13.º — Instituto Industrial.
- 14.º — Instituto de Agronomia e Veterina-
ria.
- 15.º — Curso Superior de Lettras.
- 16.º — Escola Polytechnica.
- 17.º — Escola do Exercito.
- 18.º — Escola Naval.
- 19.º — Escola Medica.

20.º — Lyceus das provincias, excepto Porto e Coimbra.

21.º — Academia do Porto.

22.º — Academia de Coimbra.

23.º — Commissão e representantes especiaes.

No Terreiro do Paço estarão collocados uns póstes com o número de ordem porque se devem ir collocando as diversas corporações acima mencionadas.

Para as corporações não escolares que adherem, não haverá ordem de precedencia; a collocação ir-se-ha fazendo á medida que ellas chegarem. O mesmo succederá para os Collegios de instrucção primaria e secundaria e para as Escolas municipaes.

Esperando a chegada das corporações estarão no Terreiro do Paço os membros da commissão organisadora do cortejo, que, para regularisação dos trabalhos, indicarão a essas corporações os logares em que ellas deverão ficar.

O cortejo começará a desfilar ao meio dia em ponto e seguirá o trajecto já annunciado.

Os estudantes de Coimbra chegam hoje, pelas tres horas da tarde, em comboio especial, á estação da Avenida, onde são esperados pelos seus collegas de Lisboa.

Como o sr. director da Escola Polytechnica não quiz ceder o amphitheatro d'aquelle estabelecimento, a commissão accitou a offerta da empresa do theatro Avenida, realisando-

se n'aquella sala de espectaculos a sessão solemne.

O programma é o seguinte :

PRIMEIRA PARTE

Symphonia pela orchestra do theatro de D. Maria.

1.^o — *Hymno* a João de Deus, por 200 alumnos da Casa Pia.

2.^o — *Pae Adão*, monologo por um estudante de Lisboa.

3.^o — *Aria das joias* da opera *Fausto*, pela sr.^a D. Maria da Madre Deus Leite Diniz.

4.^o — Poesia de João de Deus, por um estudante de Lisboa.

5.^o — *A mi madre*, Ascuchi — *Suite de valse*s, Echeverri — *Hommage aux dames*, *gavotte*, Simões de Carvalho — pela Tuna de Coimbra.

SEGUNDA PARTE

Symphonia pela orchestra.

1.^o — Um numero de musica pela Tuna do Porto.

2.^o — Poesia por um estudante de Coimbra.

3.^o — *Stradella* — *Ouverture*.

Anillo de hierro.

Intermezzo do maestro Marques, pelo sextetto Frederico Guimarães.

- 4.^o — Monologo por * * *
- 5.^o — *Surprise*, valsa característica, Simões de Carvalho — *Rapsodias portuguezas*, Simões de Carvalho — pela Tuna de Coimbra.

TERCEIRA PARTE

Symphonia.

1.^o — *Homenagem a João de Deus*, marcha, Simões de Carvalho — *La Pandereta, jota*, Ramon Alulgora — pela Tuna de Coimbra.

2.^o — *Aria de Brama, Signore* — pela ex.^{ma} sr.^a D. Medina Godinho.

3.^o — Poesia, por um estudante do Porto.

4.^o — *Non t'amo piú*, Tosti — por Xavier Vieira.

5.^o — Monologo por um estudante de Lisboa.

6.^o — Numero de musica pela Tuna do Porto. Este programma póde ser alterado.

Batalha, n.^o 1:094 (7-III-95).

Em numero superior a 400, partiram hontem os estudantes que vão á capital tomar parte no grande cortejo civico em honra do eminente poeta João de Deus.

O comboio especial que os conduzia era for-

mado por oito carruagens-salão de 2.^a classe, vistosamente engrinaldadas com festões de buxo, capas, pastas, etc. Na frente da locomotiva via-se o escudo nacional cercado de bandeiras, palmas e flores, e ao centro uma grande lyra dourada e as iniciaes J. D.

O comboio partiu da estação A ás dez horas e meia.

Era superior a 300 o numero de pessoas que se apinharam na estação para vêr partir a nossa academia.

*

Pormettêmos na nossa ultima carta descrever a pasta album que os estudantes de Coimbra offerecem a João de Deus. Eil-a descripta de *fugida*: A parte da frente, que é coberta de pergaminho, serve de moldura a um retrato a crayon, do grande lyrico, copia d'uma photographia tirada em Coimbra em 1864; sobre essa moldura de pergaminho, liam-se versos de João de Deus, escolhidos das suas melhores poesias, pelo mimoso poeta Carlos de Lemos. O lado opposto é de setim vermelho, tendo ao centro uma lyra guarnecida por um ramo de louros, pintada pelo distincto professor de desenho da Universidade sr. João Vieira. A lombada da pasta é de pelucia azul, tendo no encaixe duas tiras de prata, e atada com fitas de moiré das côres das cinco faculdades, as quaes lhe davam um bello effeito.

O interior d'esta significativa offerta, era de setim branco Dentro da pasta-album, vimos em folhas avulsas (algumas das quaes emolduradas por bellos desenhos de Luiz Bastos e Antonio Augusto Gonçalves) ricas composições dos poetas e prosadores mais distinctos da academia.

O conjuncto da primorosa pasta era de um effeito deslumbrante, para o qual não deixaremos de dizer, que muito contribuiu o sr. Alberto Vianna, habilissimo encadernador, que foi incumbido da sua manufactura.

Gazeta da Figueira, n.º 327 (VI anno), 9-III-905.

A pasta album offerecida pelos academicos de Coimbra tem capas de pergaminho e é enleuada por largas fitas das côres das cinco faculdades universitarias.

Na capa da frente vê-se o retrato de João de Deus, com os trajes academicos, reproduzido a crayon pela sr.^a D. Luz Sartoris, da photographia que elle tirou por occasião da sua formatura em direito. Tem esta dedicatoria, ao fundo: *Offerece a Academia de Coimbra, 1894-1895.* Nas margens do retrato lêem-se os seguintes

trechos de algumas composições do poeta, dos seus tempos de estudante:

E por todos seu nome vae passando,
Todos, os seus preceitos decorando. . .

Oh poesia, poesia altissima
Como o fecho do empyreo! eu me ajoelho
E beijo a tua base, harpa celeste!
O coração, a corda que nos deste!

Alcantil ingreme, onde o raio é certo,
Contém mais seiva, que inda o musgo cria:
Quanto de fertil em nossa alma havia
Só deixa o ermo da saudade aberto.

E eu pallido, Maria! O pensamento
Não é trabalho que nos ê saude:
Esta imaginação é um tormento.

Mal avisto a ahobada dos céos:
Sim, meço a terra, mas não meço o mundo:
Onde eu acabo principia Deus!

Mais poesia em pobre margarida,
Que aos pés se pisa, enthesourada vejo,
Que em muita madre pérola polida
Que as cinzas guarda do finado harpejo.

Monges! tendes o habito; se os dotes,
Os doze dons do Espirito tivereis,
Crêreis que é mais poeta o doce favo
Que a abelha fabrica em mato bravo.

Na capa posterior o professor sr. João Vieira debuxou uma aguarella, onde se destacam os

titulos das obras do grande lyrico e insigne pedagogista.

Nas folhas interiores vêem-se:

1.º Desenhos e aguarellas, pelos srs. Antonio Augusto Gonçalves, Luiz Bastos, João Vieira, professores, e pelo sr. dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, representando trechos de paisagem e alguns dos monumentos artisticos mais notaveis da cidade de Coimbra.

2.º Uma marcha triumphal, escripta pelo professor dr. Simões Barbas em homenagem a João de Deus.

3.º Autographos em verso dos academicos srs. Carlos de Lemos, Henrique de Vasconcellos, Luiz Guimarães (Filho), Antonio Silveira, Sebastião de Carvalho, Augusto Morujão, Sousa Ribeiro, e em prosa dos srs. Manuel da Silva Mendes e Adelino Mendes de Abreu.

Ha uma pagina em branco, afim de ser preenchida pela photographia do grupo numeroso d'estes estudantes, que só tencionam tirar depois do seu regresso a Coimbra.

Este formoso brinde deve ser hoje exposto na livraria Gomes, na rua Garrett.

A chegada da academia de Coimbra foi o que se pôde chamar um encanto. Oh! mocida-

de! que divino prestigio o teu?! Como hontem comprehendemos o grito d'aquelle pobre Fausto, que com tanta e tão communicativa magoa te lamenta!

Muito antes das seis da tarde, muito antes — hora a que o comboio entrou na *gare* do Rocio — já ella estava apinhada de estudantes de todas as escolas de Lisboa e de muitos curiosos, que, em verdade, não perderam o seu tempo.

Não se calcula a animação, a alegria, o entusiasmo, mas animação espontanea, alegria sã, entusiasmo sincero, quando o trem surgiu do tunnel, enfeitada a frente da locomotiva a palmas, bandeiras e flores em trophéo com uma lyra ao centro, e enfeitados os intervallos entre as portinholas das carruagens a trophéos de bandeiras, palmas e flores com as pastas dos diversos cursos ao centro. Decoração muito simples e muito elegante.

Apenas a primeira carruagem emergiu do tunnel, os de Coimbra começaram a responder aos de Lisboa, e, debruçando-se das portinholas, agitavam capas e lenços e levantavam vivas. Todo o comboio passou por uma dupla e espessa fila que erguia vivas e batia palmas, envolvendo-se todos quantos alli estavam na moça e vibrante manifestação.

Os estudantes desceram como uma torrente pela rampa do lado do Carmo para o Rocio com a tuna no coice. A tuna ostentava o seu es-

tandarte e lá foram todos em massa para o theatro da Avenida por entre vivas ás academias de Lisboa e Coimbra, á academia portugueza, a João de Deus, não esquecendo as competentes saudações ao feriado.

No theatro da Avenida a commissão dos festejos deu as boas vindas aos seus collegas de Coimbra e o nome de João de Deus foi alvo de uma grande ovação.

Foram cinco os oradores: quatro de Lisboa e um de Coimbra.

Os academicos de Coimbra, em numero de 415, terminados que foram os cumprimentos da recepção, espalharam-se por cafés e restaurantes, animando-os com a sua trasbordante alegria e fazendo uma razzia nas provisões, pois que vinham, permittam-nos a phrase, um tanto atrazados, porque o restaurante do Entroncamento se lhes fechara, a despeito do comboio ter tido alli a demora sufficiente para qualquer refeição.

Os estudantes foram festejados em varias estações, muito especialmente na de Pôço do Bispo, onde lhes foram atiradas flores.

Dos cafés e restaurantes espalharam-se os rapazes pelas ruas e casas de espectaculos, animando uns e outros com a sua bella e ruidosa alegria.

Assignalaremos na tuna o rapaz que toca pandeiro. Não é um tuno, é um tunante. Não se

calcula a graça endiabrada, a desenvolta petulancia com que o agitava, não se imagina!



Por despacho ministerial foi auctorizada a em-
preza do theatro de D. Maria a ceder amanhã a
sua sala de espectaculos, para os estudantes
realisarem uma récita em homenagem a João
de Deus.

Jornal do Commercio, n.º 12:775 (8-III-95).

Foi magnifica e imponente a manifestação
feita hontem pela Academia de Lisboa aos seus
collegas de Coimbra que vêm tomar parte nos
festejos em honra do grande lyrico. O enthu-
siasmo foi indescriptivel e o acto de uma so-
lemnidade commovente, que produziu a melhor
impressão entre a muita gente que assistiu á
chegada e ao desfilar dos estudantes.

Pouco depois das quatro horas, já em frente
da *gare* do Rocio e em todo o largo era enorme
a multidão de curiosos. Numerosos grupos de
estudantes atravessavam a estação em todas as
direcções, subindo as escadarias que conduzem
á *gare*, onde o espectaculo era digno de ser
visto.

Os estudantes, com os seus distinctivos, laços de diversas côres e fitas grandes na lapella e no hombro, segundo os seus cursos, esperavam ao longo dos *rails* a chegada do comboio. Ferviam os ditos e as exclamações, e por todo aquelle mar de mil cabeças estouvadas uma gritaria infernal perpassava, n'um unisono de vozes ensurdecedor.

Os populares apinhavam-se cá fóra e enchiam todas as dependencias da estação, ao passo que nas janellas da *gare* e no largo se viam muitas senhoras. Não se fez apparatus policial nem era preciso, porque se tratava de uma festa fraternal em que havia a certeza de não ser perturbada a ordem.

A locomotiva appareceu na bocca do tunnel ás seis horas menos cinco minutos e logo rompeu uma estrepitosa salva de palmas, logo seguida de estrondosos vivas á academia de Coimbra e aos laços de amizade que unem todas as academias do paiz.

O cano da machina trazia á frente uma lyra dourada sobre as letras J. D., entre bandeiras portuguezas e trophéos de verdura. Seguiase o «fourgon» e oito carruagens com estudantes, vindo aquellas ornadas com ramos de buxo, bandeiras, flores e pastas de quintanistas.

Nada mais surpreendente e digno de descripção do que a entrada das carruagens na *gare*.

Os estudantes, revestidos dos seus trajés academicos, capa, batina e gôrro, subiam às janellas das carruagens, trepavam ao tejadilho, subiam por toda a parte e saudavam calorosamente os seus collegas. sendo correspondidos entusiasticamente. O berreiro então tornou-se formidavel e adivinhava-se a commoção em todos os rostos, ao mesmo tempo que os rapazes, empunhando as suas bagagens, saltavam pelas janellas, sem que o comboio tivesse parado, vindo cahir nos braços dos collegas conhecidos que os chamavam.

Estabeleceu-se então uma confusão enorme e toda a turba se agitou delirantemente. Os laços multicôres andavam como n'um mar revolto, agitavam-se gôrros e capas, e tudo procurava sahir para respirar o ar livre da rua.

Foi difficil a sahida, pois todos se apertavam com furia, e cá fóra, organisou-se o préstito, indo á frente a commissão academica de Lisboa, seguida de uns 4:000 estudantes, entre coimbrões e alfacinhas. O povo enchia as grades, pois que os rapazes seguiram pela calçada do Duque até ao Rocio, tomando então o caminho da Avenida.

Era magnificente o aspecto da multidão, que se apinhava no Rocio, revolvendo-se febrilmente. A onda dos estudantes seguia, n'uma enorme bicha, por entre os curiosos; os populares das grades, e as senhoras das janellas, agita-

vam os seus lenços brancos, e de todas as encruzilhadas vinha mais povo augmentar os grupos, confundindo-se com os estudantes e saudando-os com delirio.

O cortêjo seguiu Avenida acima, pelo lado oriental, marchando com a maxima ordem.

Os estudantes da Estudantina conimbricense transportavam os seus instrumentos, vindo um dos academicos com o pendão azul da academia e outro com o guião coberto de fitas offerecidas á *tuna*, com uma lyra de ouro.

A' passagem do préstito todos levantavam vivas, a que os estudantes correspondiam com furia, vendo-se por entre elles grande effusão de abraços e troca de saudações. A's seis horas e vinte minutos chegavam os academicos em frente do theatro, onde se dévia celebrar a sessão solemne.

No Theatro da Avenida. — A entrada para o theatro fez-se tumultuosamente, embora os membros da commissão se tivessem postado á porta para dar a primazia da entrada aos rapazes de Coimbra e não consentir a entrada dos que não fossem academicos.

N'um abrir e fechar de olhos se encheu a sala de espectaculos, agglomerando-se os estudantes no balcão e camarotes, de fórma a produzir um effeito deslumbrante, observado do palco, armado com uma das scenas da *Ave do Paraizo*, vendo-se a meio do palco, sobre o

proscenio, uma larga mesa coberta de brocado e circumdada de poltronas do mesmo estôfo. Nos comarotes estavam também algumas senhoras, a quem a empreza concedera entrada particular.

No palco tomaram logar os membros da comissão, os academicos da *tuna*, os representantes da imprensa e muitos estudantes, ficando muita gente á porta por não ter obtido logar.

Abriu a sessão o estudante Telles de Vasconcellos, presidente da commissão dos festejos, que effereceu a presidencia a um estudante de Coimbra.

Foi eleito por aclamação o nosso amigo João de Menezes, quintanista de direito, que depois foi substituido pelo quintanista Marreiros Netto. A seu lado sentaram-se o quintanista de direito Francisco Joaquim Fernandes e os estudantes José Luiz Cebola Junior, representante do lyceu de Evora, e Joaquim Picão Fernandes, representante do lyceu de Portalegre. Para a presidencia tinha sido convidado o quintanista Alberto Centeno, que não se achava presente.

A constituição da mesa foi saudada por uma ruidosa salva de palmas, seguida de muitos vivas.

João de Menezes agradeceu em phrase singela a manifestação e, felicitando a Academia de Lisboa por ter junto a si o grande poeta, lem-

brou que elle sahira dos bancos de Coimbra, motivo de intenso jubilo para os estudantes d'aquella cidade

Os estudantes Boal e Jayme Ribeiro, da Escola Polytechnica, em torrentes de entusiasmo, saudaram a chegada dos seus companheiros, referindo-se de fórma brilhante ao acto que alli os reunia, qual a glorificação de João de Deus, sobre cuja apotheose bordaram phrases que despertaram a assembléa vehementemente.

Francisco Valle, quartanista de direito, Antonio de Abreu Egas Moniz, novato de medicina, e André João dos Reis, quartanista de direito, tambem improvisaram dois pequenos discursos, que foram ouvidos no meio de palmas e vivas.

Todos os oradores tiveram arrancos de oratoria proprios de rapazes, lembrando a solidariedade academica, desde que em 1880 se glorificou o Cantor das glorias nacionaes, facto notavel na historia do paiz e traço que une indelevelmente todos os estudantes.

Terminou a sessão por um agradecimento do quintanista Fernandes, presidente da Estudantina, que não poude executar o hymno academico, por não estarem presentes todos os executantes e não o permittir o acanhado espaço de que dispunham. O seu presidente offereceu o concurso da *tuna* no saráo.

Soltaram-se ainda mais vivas e retiraram-se os academicos, seguindo pela Avenida abaixo,

já dispersos, em direcção ás suas casas e hotéis, para de-cansarem das fadigas da jornada.

Ao terminar a sessão, o presidente da comissão dos festejos preveniu todos de que, ás dez horas e meia, chegavam os estudantes do Porto, e que ás onze horas e meia se organizará hoje o cortêjo no Terreiro do Paço. A sessão terminou ás sete horas e cinco minutos.

D'aqui damos as boas vindas aos briosos academicos de Coimbra.

O Seculo, n.º 4715 (8-III-95).

«A' Imprensa do Norte do paiz:

«Além de outras deliberações tomadas em reunião da assembleia geral, ha dias realisada pelos estudantes do Porto, decidiu se pedir o concurso da Imprensa do norte nas manifestações que se projectam em honra de João de Deus, no dia do seu proximo anniversario natalicio.

Dirigimo-nos, pois, á imprensa no desempenho de esta ideia entusiastamente acclamada pela mocidade das escolas n'uma intelligente comprehensão do que deveria ser a apotheose do glorioso poeta nacional.

Queremos que a imprensa da nossa terra, representante da opiniao, se associe á academia portugueza no mais amplo sentido, incondicionalmente, apaixonadamente, para realisarmos todos, n'uma doce communhão d'almas puras e espiritos fortes, a mais sympathica affirmação de justiça e gratidão nacional.

E não precisamos de justificar-nos.

Dizer aqui, hoje, palavras de apotheose, quando se trata de uma consagração tao alta e por isso incompativel com os artificios impuros da rhetorica chilra e vã, seria profanação senão mortal peccado. Não; o que nós queremos é que, por retemperamento da alma popular, ainda tão profunda no meio de tantissimas provações, se lhe grave bem fundo o nome de João de Deus n'um supremo intuito de vibração nacional, capaz de emocionar os melhores corações, e de desvanecer, se é possível, o paiz, dando-lhe a forte consciencia de que cá dentro, áquem das patrias fronteiras, ha um character nacional, uma alma portugueza crystallisada n'um formidavel genio. Unica rasão porventura, mas felizmente poderosa, d'esta existencia que ainda temos!

Consequentemente, cabe á imprensa, n'esta imponente glorificação, uma influencia notavel, um papel distincto.

E desde já ousamos lembrar-lhe:

1.º que dirija um appello a todos os homens de lettras, para sob a presidencia de Theophilo

Braga, se realizar uma edição puramente popular da Obra completa e definitiva de João de Deus, pois não se comprehende que se conserve ainda relativamente dispersa e pouco accessivel a prosa d'elle especialmente, que á semelhança do que se dá com a de Anthero, é muito pouco conhecida;

2.º que diga ás Senhoras portuguezas quem é o grande lyrico como poeta de amor e como educador; que lhes mostre quanto ellas e a familia nacional devem a esse homem extraordinario, despertando lhes a gratidão que poderiam traduzir magnificamente contribuindo em nome de seus filhos para a criação de um monumento ao amigo das creanças.

Fazendo isto, além de outras manifestações que porventura lhe occorram, a imprensa prestaria á nossa ideia a melhor das cooperações, o que temos direito a esperar de uma instituição essencialmente orgulhosa das prerogativas do pensamento.

Porto, 3 de março de 1895. — A commissão executiva da Academia do Porto — *Alfredo de Magalhães, Samuel Maia, Manoel F. Machado, Serafim dos Santos, Adriano de Brito, Americo Campos, M. Ascenção Piçarra, José da Ponte e Sousa, Adelino Novaes, Gonçalo Sampaio, Bernardo Polonio, Armando Chaves, Bernardo de Carvalho, Fernando de Carvalho, Henrique Santos Cardoso, João Affonso, Lambertini Ro-*

drigues, Augusto de Castro, Candido da Cunha, Arthur Soares de Magalhães e Mario de Vasconcellos.

A chegada dos estudantes do Porto. — A's dez e meia da noite começaram a affluir á estação de Santa Apollonia os academicos de Lisboa, Coimbra e os representantes do lyceu de Coimbra. A' porta e dentro da *garé* era já grande a affluencia de povo, estendendo-se os estudantes em longa fila pelo passeio lateral do lado do sul.

Pouco antes da chegada do comboio, os estudantes começaram a accender balões á veneziana de que vinham munidos, de todas as côres e feitios. Cá fóra, a garotada fazia negocio com os rapazes, vendendo lhes páos para pendurar os balões e os archotes; o berreiro era continuo e o *charivari* infernal.

O comboio que conduzia os estudantes do Porto chegou a Lisboa ás onze horas menos dez minutos, dando entrada na estação por entre salvas e vivas estrepitosos. O espectáculo era verdadeiramente feerico, vendo-se no meio da grossa multidão, pois não estavam menos de 4:000 estudantes, as luzes dos balões que se agitavam de continuo.

Desembarcaram do comboio 111 estudantes, quasi todos revestidos dos trages academicos, do Lyceu, da Academia polytechnica e, na sua maior parte, da Escola Medica do Porto. Vinham tambem seis estudantes de Braga, conduzindo um estandarte azul e branco.

Os estudantes que aguardavam a chegada dos collegas formaram alas á sahida da estação, no lado do caes, onde estava tambem grande numero de populares. Os estudantes do Porto, com a commissão de Lisboa á frente, atravessaram as filas, seguidos da Estudantina União Academica, tuna presidida pelo quintanista de medicina Albuquerque e composta de 40 executantes, quasi todos tocando instrumentos de corda, flautas, pandeiretas e castanholas.

Então poz se em marcha o cortêjo, que, na verdade, foi imponente e como, desde a manifestação academica contra o *Ultimatum*, se não faz em Lisboa.

Os estudantes caminharam aos vivas, empunhando as bengalas com balões e archotes accesos, seguidos da tuna que executava uma marcha, produzindo o som da musica um effeito magnifico por entre a solidão da cidade e acordando os pacatos visitantes, que vinham ás janellas, ao ouvir o *brouhaha*, saudar os academicos, recebendo-os com palmas e agitando lenços.

O préstito encaminhou-se pelo Terreiro do

Trigo até á rua dos Bacalhoeiros, d'onde seguiu pela rua dos Capellistas, mettendo pela rua do Ouro e dispersando no largo de Camões, em frente do café Martinho.

Das embocaduras das ruas surgiam grupos de populares que vinham augmentar a onda, e, em frente do café, poderia calcular-se o numero dos circumstantes em 5:000.

Na porta do café subiü a uma cadeira o estudante Telles de Vasconcellos, presidente da commissão dos festejos, que saudou os seus collegas do Porto, respondendo-lhe o academico Alfredo Guimarães, quintanista de medicina. Os estudantes, cansados da viagem, dispersaram então a procurar hospedagem. alguns já roucos de berrar pela solidariedade academica e de victoriar o grande poeta, a quem hoje a academia vae prestar homenagem.

O cortejo, que se poz em marcha pouco depois das onze horas, chegou ao seu destino um quarto depois da meia noite.

No largo do Chafariz de Dentro, onde está installada a Academia Instrukção Popular, os socios chegaram ás janellas e saudaram enthuasiasticamente os estudantes.

Na rua de S. Nicolau estava postada uma força de policia commandada por um chefe, que se conservou como simples espectador, não se lembrando sequer de intervir na manifestação, que conservou sempre a maxima ordem.

Acompanhando a saudação por nós ha pouco feita aos academicos de Coimbra, abraçamos cordealmente os academicos do Porto.

O Seculo, n.º 4715 (8-III-95).

Eis o Album que os estudantes do Porto offerem a João de Deus, e que é obra exclusiva d'elles.

As folhas estão presas por um grande laço de seda branca, gentilmente aguarellado pelo sr. O. de Lima.

As folhas em que os academicos portuenses deixaram uma brilhante collaboração litteraria e artistica acham-se guardadas n'uma pasta que tem uma interessante pintura a oleo do sr. Carneiro Junior. O Album comporta: uma marinha em aguarella, de D. Lucia Aranha; o frontispicio em aguarella do sr. Candido da Cunha, que fez ainda um desenho; «O mendigo», um desenho do sr. Thomaz Moura, aguarella do sr. Ivo de Pinho; um desenho a carvão do sr. Carneiro Junior; outro desenho a carvão, «Na aula», do sr. Nunes Monteiro; um desenho do sr. Accacio Lima; caricaturas de academicos, pelo sr. Costa Monterroso; e uma aguarella do sr. A. Cardoso. Ha tambem no Album um trecho de musica escripto pelo sr. Augusto de Castro.

A parte litteraria do Album é feita pelos srs. Alfredo Magalhães, Samuel Maia, Diniz Neves, Eduardo Sousa, Henrique Cardoso, Marques de Andrade, Felix de Magalhães, Campos Monteiro, Oliveira Negrão, Serrão de Azevedo, Simões de Carvalho e Freitas Gonçalves.

N'uma das paginas do Album estão os nomes de todos os estudantes que vem a Lisboa.

Jornal do Commercio, n.º 12:375.

Aveiro a João de Deus. — No comboio da noite de quinta-feira, partiu para a capital a commissão delegada dos estudantes do lyceu d'esta cidade, composta dos srs. Padre João Simões da Costa, Antonio Pereira da Cunha e Costa, Annibal Pereira Peixoto Belleza, Arthur Soares de Sousa, Domingos Rodrigues da Silva Pufelin, Francisco dos Santos Victor e Antonio Roque Ferreira, sendo acompanhada pela fanfara da secção *Barbosa de Magalhães* do Azylo-Escola districtal, e pelos academicos e povo, dando muitos vivas. A mesma commissão era portadora da seguinte mensagem:

«Senhor! A academia de Aveiro vem tambem associar-se á homenagem que hoje vos presta o

paiz inteiro. Saúda em vós, o grande poeta do povo e das creanças, o grande apóstolo da educação, a primeira gloria da litteratura nacional n'este seculo. Acceitae, pois, este modesto preito de corações que vos pertencem.»

O Campeão das Provincias, (8-III-95).

Realisa se amanhã a homenagem organizada pela mocidade das escolas ao grande poeta João de Deus!

Não temos n'este logar que apreciar a individualidade litteraria, menos ainda a obra concreta d'esse genuino principe do lyrismo portuguez.

Apenas, no afundamento intenso de uma sociedade, pervertida pela avidez quasi inverosimil dos mais materiaes interesses, é grato e consolador associarmo-nos ás expansões de uma esperançosa mocidade, na saudação de uma alma de eleição, a qual, sem nunca ter procurado sequer o ruído mundano em volta de si, ainda na vida terrena bem merece da gloria. n'uma grandiosa apothese, como aquella com que a Hespanha ha pouco celebrava tambem o genio immarcesivel do seu grande lyrico — Zorrilla.

Apostolo do Ideal, João de Deus viveu a sua mocidade na devoção das Musas, e, impregnado

sempre de aspirações espiritualistas, o monumento pratico do seu labor utilitario representa-se, carinhosa, e como que maternalmente, n'um *Methodo de Leitura*, doce e suave alimento propiciado á lactação mental das creanças.

Tal é a sua alma egregia, e tal a sua obra civica, feita de affectuosa bondade!

Jornal do Commercio, n.º 12:375 (8-III-95).

§ 2 — O Cortejo e a recita no theatro de D. Maria

Apesar da chuva, que cahiu insistentemente durante todo o dia, mas com muito mais força á hora em que o cortejo civico de homenagem a João de Deus desfilava pelas ruas de Lisboa em direcção á casa do poeta, a festa de hontem teve um character imponente e commovedor, representando uma verdadeira glorificação.

O preito de admiração, sympathia e gratidão, iniciado pela mocidade entusiasta das nossas escolas, foi tributado ao eminente poeta pela nação inteira, que espontaneamente se associou á manifestação, quer encorporando-se no cortejo civico a par dos estudantes, quer concorrendo por differentes fórmãs para que o dia de hon-

tem fosse inteiramente consagrado a João de Deus. Todas as classes sociaes indistinctamente se disputaram a honra de demonstrar ao poeta como elle é querido e apreciado pelos seus compatriotas e contemporaneos.

Em romaria a casa de João de Deus, hontem convertida em templo, foram todos quantos comprehendem, que acima de todas as divergencias humanas, de todas as doutrinas religiosas e de todas as escolas politicas, está a Arte serena e sublime que tem por ideal o amor, o bem, a bondade, todos os dons naturaes que ornarn o character do divino poeta.

Desde os socialistas, que representam a aspiração humana para um futuro de bem estar e de solidariedade, ainda hoje apenas presentido, até ao chefe do estado, que sob qualquer regimen é o supremo representante do paiz, todos levaram ao poeta o seu obulo de amor e de gratidão. Não se poderia obtêr maior unanimidade no dia solemne em que se tratava de glorificar o poeta do *Campo de Flores* e o educador da *Cartilha Maternal*.

E se foi imponente a homenagem a João de Deus, no dia de hontem, chuvoso e lamacento, que gráo extremo de delirio não attingiria ella se a natureza tivesse alegrado a festa com os raios esplendidos do sol?

No meio da profunda e desoladora decadencia a que chegámos, a manifestação em honra

de João de Deus dá-nos como que uma consolação e uma esperança. A crise que atravessamos é antes de tudo moral; e a feição característica do grande poeta apresenta se-nos, em contraposição a isso, essencialmente moralisadora, na sua bondade sublime, no seu altruismo incomparavel e no seu alto espirito de sociabilidade.

Ora desde que a homenagem a João de Deus partiu da iniciativa dos estudantes, que em breves annos entrarão na vida pratica, espalhando-se por todo o paiz e galgando ás mais elevadas posições, e encontrou ecco em todas as camadas da sociedade portugueza, desde o povo operario até ás regiões do mando, podemos crêr na regeneração da nossa vida nacional.

Em casa de João de Deus. — Que festa e que alegria foi hontem n'aquella casa! Desde a vespera que a familia toda procurava onde havia de pôr um vaso com plantas verdejantes, um raminho de flores perfumadas! Que festa e que alegria! Os filhos de João de Deus não descansavam; a esposa do grande poeta vivia como n'um sonho, e João de Deus estava como que avergado sob o peso de toda aquella homenagem que ainda vinha longe algumas horas, mas que elle encarava já commovido, inquieto, sonhador, como se tudo aquillo lhe não fosse justo e proprio de seus meritos!

E foi assim que a escada da habitação modesta de João de Deus recebeu uma enorme profusão de vasos; que nas suas modestas salas foram depostos ramos de flores, que se dividiam e repartiam por todos os moveis, pelos humbraes das portas, por sobre as galerias dos reposteiros, por toda a parte emfim!

Que faina tão brilhante e tão sentida!

De manhã, levantaram-se todos ma! tendo dormido. Era preciso fazer os ultimos retoques na casa, os ultimos preparativos para a festa do patriarcha da familia!

De subito, batem á porta e annuncia-se a visita do rei.

O sr. D. Carlos não pôde deixar de associar-se áquella festa que era nacional, precisamente porque durante ella ia expandir-se a alma das escolas, ia fallar o espirito da juventude, o coração dos nossos filhos que hão de ser os nossos successores.

A's dez horas, pouco mais, da manhã de hontem, n'uma carruagem simples e apenas acompanhado por um dos seus ajudantes de ordens, o sr. D. Carlos apresentou-se em casa de João de Deus.

O rei n'aquella visita ficou sabendo que os amigos do povo são assim modestos e despreziosos. João de Deus ama sobretudo a patria e o povo. A sua espinha dorsal é rija bastante para dobrar se em cortezias que amesquinham

quem as faz. Mas João de Deus tem a fidalguia do espirito, que se não obtêm em pergaminhos por muito dourados que sejam.

Perante a visita do rei, João de Deus não se sentiu orgulhoso nem enfatuado. Encafuou-se na sua modestia. El-rei era uma visita com que não contava!...

O sr. D. Carlos offereceu-lhe as insignias da gran-cruz de Santhiago, que sómente se dá ao merito comprovado nas lettras, nas sciencias e nas artes. João de Deus acceitou-as reconhecido e grato, pois tão modesto elle é que julgava não as merecer.

Bem fez o rei. Como chefe da nação, o seu dever era admirar em João de Deus o trabalhador e o heroe a quem o povo ia felicitar. Quando el-rei sahiu da casa do poeta, este não se julgou maior do que se imaginava, e el-rei pode ter a estas horas a convicção de que o seu acto não encontra censuras.

Sahindo o rei de sua casa, João de Deus ficou extatico perante as insignias que o sr. D. Carlos lhe offerecera. O que era aquillo e para que lhe servia? Como havia de usal-as? O rei, que lh'as déra de manhã, era porque desejava que elle as tivesse ao peito na hora do cortejo civico de homenagem á sua pessoa.

Mas... como se punha o colar, a commenda e a grã-cruz?

Que trabalho para a imaginação de João de

Deus, que nunca vira deante de si e para seu uso taes distinctivos! Foi o seu amigo, o notavel homem de lettras, o visconde de Ouguella, que o visitou, quem o tirou de embarços! O visconde poz-lhe o collar, a commenda e a grã-cruz.

Quando ali chegámos, já revestido o encontrámos com taes insignias, e João de Deus disse-nos com aquella sua simplicidade que encanta:

— Foi o visconde de Ouguella quem me armou cavalleiro, pois que eu não sabia como tudo isto se usa. O rei quiz sem duvida que eu tivesse tudo isto ao peito, quando os rapazes aqui vierem! Bons rapazes! Cá estou! Dizem que eu estou bonito assim. Ainda não tive tempo para me vêr a um espelho, mas devo estar realmente bonito, pois não devo deixar de acreditar o que me dizem!

Alguem, um seu intimo, um amigo dedicado, um incansavel admirador de João de Deus e que é tambem um republicano por quem temos particular estima, notou que João de Deus usasse aquellas insignias.

— Pois que? respondeu João de Deus. Se eu fosse monarchico e o presidente da republica me offerecesse recompensas por trabalhos litterarios, não deveria acceptal-as?

Esta resposta evidencia o espirito justo e recto de João de Deus!

O Cortejo. — O tempo, que ante-hontem se conservara sereno e animador, turvou-se hontem

subitamente e a cidade acordou sob um pesado nevoeiro, prenuncio de temporal. No emtanto, os estudantes visivelmente contrariados por prevêrem o máo resultado que a chuva daria á manifestação, não deixaram de comparecer no ponto e hora marcados; e, pouco depois das onze horas, começavam a affluir ao Terreiro do Paço, tomando logar junto dos postes numerados que a commissão andara a collocar desde as seis horas da manhã. Chegámos á praça do Commercio e meia hora depois a policia tomava a embocadura das ruas e oppunha-se á passagem dos populares, que enchiam já os quarteirões visinhos, estendendo se ao longo dos passeios.

Nos largos viam-se já muitos estudantes de Lisboa, creanças das escolas, alumnos militares e academicos do Porto e de Coimbra, com os seus trajos caracteristicos e os seus estandartes.

O cortejo promettia ser imponente e magnifico e a concorrência dos manifestantes digna da solemnidade do acto, quando começou a cahir uma chuva meuda, que depois se transformou em grossas bátegas, pondo em debandada os grupos que já se haviam formado e que se recolheram debaixo das arcadas. A policia abandonou os seus postos e a turba misturou-se, vendo-se por grande espaço o largo sem ninguém e as arcadas atulhadas. O Collegio Militar retirou-se para a arcada do occidente, sendo a ultima a abandonar o seu logar a Escola Naval,

representada por 40 aspirantes de marinha, de grande uniforme.

Os membros da commissão academica, alagados até aos ossos, andavam de um para outro lado, procurando reorganisar o préstito. Pensou-se em addiar a manifestação para amanhã, ou celebrar no Colyseu dos Recreios uma grande sessão solemne, delegando-se uma commissão para ir felicitar o grande poeta e entregar-lhe as offertas.

Taes idéas foram postas de parte, desde que a commissão academica de Lisboa, conferenciando com os presidentes das academias do Porto e Coimbra, obtiveram d'estes a resposta de que os estudantes estavam promptos a seguir o itinerario marcado, apesar da chuva. Os alumnos da Casa Pia estavam já no Corpo Santo e combinou-se partir immediatamente, rompendo a marcha o Collegio Militar.

Pouco passava do meio dia e meia hora quando começou a desfilar o cortejo, abrandando um pouco a chuva, que, a espaços, se tornava incommoda. Ia á frente o batalhão do Collegio Militar, composto de quatro pelotões de 161 alumnos, em columnas de secções, com a competente bandeira, um corneteiro e um tambor do exercito, commandados pelo alumno n.º 197, José Candido Santos Rocha, e acompanhados por um prefeito do collegio e pelo sr. capitão Gualdino de Oliveira. Os rapazes, que vestiam o seu

grande uniforme, marchavam marcialmente e com grande garbo, sendo por vezes saudados com palmas durante o trajecto.

Seguiam-se os aspirantes de marinha, tambem formados e marchando, e os estudantes do Instituto Industrial, em grande numero, com os seus laços azues e vermelhos. Caminhavam depois algumas socias da Associação das Parteyras, com *bouquets* de flores naturaes, muitos membros do Centro socialista e Federação das Associações de Classe com os seus distinctivos, estudantes das escolas industriaes do Rato, Antonio Rodrigues Sampaio e Marquez de Pombal, e alguns operarios da Fabrica de Fiação e Tecidos lisbonense, tambem com ramos de flores.

Tomavam em seguida logar alguns alumnos da Escola do Altinho, em Belem, outros de uma escola particular, alumnos do Curso elementar do commercio, estudantes da Escola Academica, indo á frente e a marchar 40 alumnos competentemente uniformisados, estudantes do Lyceu Livre e da Escola Nacional, um numeroso grupo de alumnos da Escola de Bellas Artes e estudantes do Lyceu Academico.

Via-se depois um pelotão de policia e o batalhão n.º 1 dos alumnos da Casa Pia, em numero de 289, com a respectiva banda e terno de cornetas, formados em columnas de secção, commandados pelo major Madeira Nunes, alumno da Escola Normal, e acompanhados pelo seu in-

structor sr. Cunha Bellem. Os rapazes, alguns dos quaes de muito tenra idade, marchavam com grande correccão, sendo tambem alvo de manifestações enthusiaslicas por parte do publico.

Seguiam se á Casa Pia os alumnos do Lyceu de Lisboa, em grande numero, com os seus laços verdes, alumnos e alumnas das Escolas municipaes n.^{os} 1, 13, 19, 2 e 18 com os seus professores e prefeitos, o collegio de Nossa Senhora do Resgate, alumnos da Aula de pilotagem, estudantes do Instituto 19 de Setembro, collegio Universal, collegio Calipolense, Instituto Nobre de Carvalho, Instituto Academico, com o seu director Luiz Rodrigues, Escola João de Deus, grande numero de alumnos do Instituto de Agronomia e Veterinaria, com os seus laços azues e amarellos, estudantes da Escola Medica, em muito boa ordem, com os seus laços amarellos, Escola moderna pelo Methodo de João de Deus, e muitos estudantes da Escola Polytechnica, com os seus laços azues e brancos.

Vinha depois a academia do Porto, caminhando á frente quatro estudantes com os estandartes da Escola Medica, Academia de Bellas Artes, Instituto Industrial e Academia Polytechnica d'aquella cidade. Com elles vinham os representantes dos Lyceus da provincia, os de Braga com a sua bandeira, a estudantina portuense e, em seguida, os academicos de Coimbra, com os seus estandartes e a tuna.

Fechava o préstito a grande comissão academica promotora dos festejos, levando o presidente Felles de Vasconcellos o Album da academia, os escriptores Luiz Osorio, conde de Monsaraz, membros da imprensa, ainda outros estudantes e um troço de policia.

O cortejo era aberto por uma força de vinte guardas, commandados pelo chefe Constantino.

O sr. capitão Correia ia á frente dos seus homens, que, de espaço a espaço, abriam alas, trabalho que foi, por vezes, bastante difficil, pois que o povo tinha tomado os pontos principaes e agglomerava-se ao meio das ruas, interrompendo a marcha.

O povo apinhava-se na rua do Ouro, Rocio e Avenida, enchendo as embocaduras das travessas e agglomerando-se nos passeios. Na rua e nas janellas, apesar da chuva, viam-se muitas senhoras, offerecendo a cidade um aspecto magnifico.

Attendendo á precipitação com que se organisou o préstito e ao dia tempestuoso e insupportavel, o cortejo ia em muito boa ordem, posto que por vezes se observasse um espaço demasiadamente longo entre as diversas corporações. Tudo levava uma hora a passar.

O préstito seguiu o itinerario marcado, seguindo pela rua do Ouro, lado occidental do Rocio, Avenida, tomando a esquerda do monumento. Na embocadura da rua das Pretas, a

Casa Pia tomou a vanguarda, seguida de algumas escolas e do Collegio Militar, formando tambem os alumnos das outras escolas, que, até então, seguiam dispersos.

As creancinhas das escolas municipaes e particulares, sobre a lama e á chuva, caminhavam satisfeitos e alegres, enthusiasmas e soltando vivas. Muitas escolas, ao annunciar-se a chuva, se retiraram do Terreiro do Paço, livrando-se assim os pequenitos de chegarem á Estrella en-sopados. Algumas, como a escola parochial de Santa Engracia e outras, chegaram a formar junto do poste que lhe competia.

Os estudantes saudavam os populares e as senhoras das janellas, que lhes respondiam com enthusiasmo e soltavam vivas enthusiascos. A alma, porém, do cortejo eram os academicos de Coimbra, que despertavam um enthusiasmo sem egual.

Os rapazes agitavam as capas, as pastas e ramos de flores, atiravam doudamente com os gorros, dirigiam-se em phrase quente ás raparigas elegantes, e todos os saudavam agitando lenços e respondendo-lhes aos vivas. De uma janella da rua do Ouro, atiraram-lhes fitas de seda que foram disputadas com furia, e, na rua Rosa Araujo, um andar houve, onde estava um grupo de galantes meninas, a quem os estudantes fizeram uma ovação estrepitosa. Na Avenida, uma dama apeiou-se de um trem e começou aos vi-

vas aos estudantes, exemplo que algumas das janellas seguiram, saudando-os tambem com grandes salvas de palmas.

As tunas chegaram ainda a executar alguns trechos de musica, mas, como a chuva fizesse rebentar as cordas dos instrumentos, cessaram de tocar. Na rua do Ouro foi alvo de grande ovação o sr. conselheiro Francisco Beirão, que estava n'uma das janellas da Conservatoria, e no Rocio igualmente o foi o lente Emygdio Garcia, que estava n'um segundo andar da esquina e que correspondeu aos vivas dos estudantes.

Nas varandas do theatro de D. Maria foram extraordinariamente victoriados D. João da Camara, Eduardo Schwalbach, Raphael Bordallo Pinheiro, Augusto e João Rosa, Ferreira da Silva e outros, que assistiam ao desfilor do cortejo. As janellas da estação da Avenida e do Hotel Internacional estavam tambem cheias de senhoras, que deitavam flores sobre os rapazes. O cortejo acabou de passar no Rocio á uma e meia.

No theatro Avenida, o scenographo Eduardo Reis agitava uma bandeira portugueza. O maestro Alfredo Keil e o actor Eduardo Brazão tambem foram alvo de grandes ovações.

A' entrada da rua Rosa Araujo começou a chuva a cahir mais torrencialmente, augmentando de furia na rua Saraiva de Carvalho. Os estudantes iam encharcados e muitos houve que se

abrigaram nos portaes, seguindo outros em trens.

Pelo largo do Rato e rua de Santa Izabel as calçadas pareciam regatos.

Os srs. duques de Palmella, que assistiam á festa d'uma das janellas do seu palacio, ouviram alguns vivas soltados pelos estudantes. Estes levantaram tambem muitos vivas á imprensa, saudando-se mutuamente os presidentes das tres academias.

No cortejo tomaram parte umas 4:000 pessoas. Apesar da chuva, o povo enchia as ruas, mesmo as ultimas por onde passou o prestito.

Se o tempo se tem conservado bonançoso, a festa seria magnificente e imponentissima.

A chegada do Cortejo. — Desde o meio dia que no largo da Estrella se agglomerava enorme multidão, que foi augmentando incessantemente.

A chuva, que cahia por vezes copiosamente, não tinha poder para afastar ninguem d'aquelle local. Os visitantes pessoases succediam-se em casa de João de Deus. A escada apinhava-se de gente.

Finalmente, era hora e meia da tarde, quando ao longe se ouviu os primeiros toques das cornetas, indicando a aproximação do cortejo academico.

Abria aquella turbamulta de rapazes irrequietos, um pelotão de alumnos da Casa Pia, que marchavam em aspecto mavortico e solemne

por sob as copiosas cordas de agua que as nuvens despediam sobre elles.

O pelotão parou á esquina da calçada Nova da Estrella, onde esperou a approximação do cortejo, continuando depois a desfilar. Ao passar em frente da casa de João de Deus, das janelas onde se viam senhoras da familia do poeta e outras intimas da sua casa, todos trajando galas, foram despenhadas torrentes de flores sobre os visitantes. Após os pelotões da Casa Pia, iam as differentes escolas, pela ordem do cortejo, soltando vivas repetidos, n'uma algaraviada que simulava por vezes completamente o gorgear das aves suspensas do arvoredado no meio do campo.

N'uma janella, João de Deus, que está bastante doente, apoiava-se a sua esposa e a outra senhora, e nos olhos borbulhavam-lhe lagrimas de reconhecimento e amor, lagrimas que eram por assim dizer como que novas estrophes das suas poesias de amor e de paz, cheias de encantamento e de maga suggestão!

E as escolas continuavam no seu desfilar, com as intermittencias a que a chuva as obrigava, mas todas ellas enthusiasticas e vibrantes de respeito e de consagração ao principe dos poetas!

Quando chegaram as academias do Porto, Coimbra e de Lisboa, o delirio foi extraordinario. Os vivas reproduziram-se n'um entusiasmo febril. A casa de João de Deus subiram varias

commissões a fim de fazerem entrega dos presentes destinados a João de Deus, ao mesmo tempo que eram proferidos, quer da rua, quer das janellas, eloquentes discursos.

Das janellas fallaram João de Menezes, de Coimbra, Alfredo Serrano, de Lisboa, e Alfredo de Magalhães, presidente da Academia do Porto.

Da rua: Roquete, do Instituto Industrial; Cohen, sacerdote israelita, que recitou uma ode; Hilario, quintanista de medicina de Coimbra, que lançou a sua capa á rua, ajoelhou sobre ella, e assim dirigiu um discurso a João de Deus, sendo depois levantado em triumpho.

Não podemos, e era impossivel fazel-o, no meio de milhares de rapazes, sob uma chuva torrencial, tomar notas rigorosas do que se passou e se disse. Houve, porém, um discurso, pequeno e conciso, que não sabemos quem o proferiu, mas que pudemos colligir inteiramente, e que reproduzimos, porque elle é bastante para dar a idéa clara e nitida do que foi a festa de hontem.

Disse o orador:

«Em nome de todo o povo, eu beijo a mão ao maior dos poetas! Invoco n'esta hora o nome de todas as mães para beijar a mão áquelle que ensina a lêr as creancinhas!»

Estas palavras, de facto, dizem tudo quanto se poderia dizer a respeito de João de Deus!

Os estudantes cobriram o corpo de João de

Deus com os seus estandartes, e a pedido de um academico, para que se poupasse ao poeta mais commoções, depois de um ultimo e enthu-siastico — *Viva João de Deus!* — o cortejo dis-solveu se!

Quantas lagrimas de commoção escaldaram hontem o coração de João de Deus!

Cartas e telegrammas. — Até á noite, João de Deus recebeu mais de trezentos telegrammas de felicitação e mais de mil mensagens e cartas! São innumeradas as mensagens de associações populares, entre as quaes se destaca a da Associação Typographica Lisbonense e Artes Correlativas.

O Seculo, n.º 4:716 (9-III-905).

A festa de hontem é das que ennobrecem um paiz. Desde o chefe do Estado até ao operario humilde todos collaboraram na glorificação de um Poeta que é uma gloria nacional.

Felizmente! felizmente! Ainda não estamos dessorados, ainda nos não avassalou por tal fórma o egoismo excessivo, ainda não é tão grande a decadencia portugueza, que um simples nome, o nome de um escriptor, de um hu-

milde. de um homem singelo e bom, não tenha o poder de emocionar uma sociedade inteira.

Não podia ser mais agreste o dia. De quando em quando a chuva com grandes rajadas parecia tudo querer subverter. O sol que, ao que se vê, tem os seus caprichos terríveis, jurára não se associar á festa do poeta, talvez para saber qual dos dois vencia. Pois foi o poeta que venceu, ou antes foi o entusiasmo dos que o aclamavam.

E lá foram todos debaixo de agua, sem que por isso affrouxassem os vivas, e as palmas, n'uma alegria e n'um entusiasmo vibrante, como se fosse um desafio á natureza carrancuda e desamavel.

Que manifestação, que verdadeira apothose! E a Sua Magestade El-rei cabe a honra de a ter iniciado em casa do poeta. O chefe do Estado teve a alta e delicada comprehensão de que lhe competia um logar de honra n'uma festa nacional. E n'uma espontaneidade, para que são parcos todos os louvores, foi em pessoa offercer ao poeta glorioso a mais alta mercê que um monarcha pode dispensar a um homem de talento. E melhor devia El-rei ter reconhecido ao abraçar João de Deus, que a magestade real se não desdoira, antes se realça, quando se defronta com outra magestade — a do genio.

Consola-nos sobretudo que nas manifestações ao nosso poeta não houvesse uma dissidencia,

antes todos timbrassem em se associar a ellas. E injusto seria que depois de se citar El-rei se não citasse o Governo, que accedeu de prompto e da melhor vontade aos desejos da academia, que não contrariou antes facilitou por todas as fórmulas as festas projectadas; se não citasse a Academia das Sciencias, que não quiz vêr João de Deus por tal fórmula glorificado sem ter a honra de o contar entre os seus; se não citasse a Imprensa, que n'um côro de louvores espalhou a gloria do poeta; e se deixasse de dizer enfim que a sociedade portugueza deu hontem n'esta apothese do espirito uma prova de revivescencia moral.

Em casa do poeta. — A romaria para casa de João de Deus começou logo de manhã. Casa pequena, simples, modesta, mas cheia de aceio e conforto. Casa de entrada em frente da escada; tendo á direita a sala de jantar e á esquerda a sala de visitas. Aqui e alli um *bibelot*, um objecto antigo, revelando o gôsto do poeta pelo *bric-à-brac*.

Sobre uma mesa, em frente da sala de espera, os brindes offerecidos ao poeta pelo seu anniversario. D'entre elles commovem pelas dedicatorias offertas de humildes operarios, e destaca-se uma biblia antiga e um volume do *Campo de flores*, todo escripto á mão, imitando letra de imprensa, com uma perfeição admiravel, que revela uma paciencia benedictina. Por toda a

parte flores, muitas flores, e espalhados aqui e allí os jornaes do dia consagrados ao poeta.

A primeira visita que João de Deus recebeu foi a do sr. visconde d'Ouguella, com quem estava conversando quando lhe annunciaram a chegada de El-rei.

João de Deus, muito commovido por essa gentileza do chefe do Estado, correu á porta a recebê-lo. S. M. abraçou-o, apertou-lhe muito a mão, e dizendo lhe que tinha immenso prazer em vir saudar n'este dia o grande poeta portuguez, entregou-lhe as insignias da grã cruz de San Thiago, pondo-lhe ao pescoço o collar. El-rei demorou-se conversando com elle bastante tempo, manifestando n'essa occassião desejo de conhecer sua familia. João de Deus chamou á sala os seus dois filhos e pediu venia a S. M. de lhe não apresentar sua mulher e sua filha por não estarem ainda em *toilette*.

João de Deus apresentou a S. M. o sr. visconde d'Ouguella que, como dissemos, estava presente.

El-rei ia apenas acompanhado por um ajudante. Apeou-se do trem no largo da Estrella e dirigiu-se a pé a casa do poeta.

A visita real seguiram-se muitas outras, podendo dizer-se que a sala de João de Deus esteve sempre cheia de gente. Quando allí estivemos, em seguida ao cortejo, encontrámos lá os srs. ministro da justiça, Antonio de Azevedo

Castello Branco, Trindade Coelho, Francisco de Almeida, conde de Monsaraz, Raphael Boddallo Pinheiro, Vasconcellos Abreu, Lorjô Tavares, Joaquim Tello, Carlos José de Oliveira, D. João da Camara, Eduardo Schwalbach, Luiz Osorio, conde de Valenças, Libanio da Silva, Albano da Cunha, Valentim de Magalhães, padre Espirito Santo, Dias Freitas, Brito Aranha, Santos Valente, Cohen, Benoliel, Joaquim de Araujo, Affonso Vargas e Jayme Victor.

O poeta e o ministro da justiça. — A entrevista dos dois amigos e antigos companheiros da Universidade foi demorada. Assistimos a parte d'esse dialogo, que não é indiscrição reproduzir porque é mais uma revelação da modestia do poeta, que só tem por igual o seu grande talento :

— Não ha maneira, dizia João de Deus, de me convencerem da minha grandeza. Nem San Paulo seria capaz d'isso! E' realmente bom que se façam estas manifestações aos vivos, que aos mortos... esses, coitaditos, já morreram!... Sómente se enganaram em começar por mim. Alguma cousa tenho feito de claro e de sentido, é certo, mas isso não merece esta glorificação. Se se não fez ao Herculano, nem ao Anthero, porque m'a fazem a mim!

— Você não tem dissidentes, interrompeu o sr. Antonio de Azevedo.

—... Sim!... sim!... respondeu simplesmente o poeta, talvez seja por isso!

O Cortejo. — Não se formou ao meio dia, apesar de ser já enorme a concorrência no Terreiro do Paço, uma hora antes, — por causa da chuva. As grandes bâtegas de agua que cahiram fizeram dispersar os estudantes pelos arcadas, onde havia já muito povo, e forçando depois alguns collegios primarios a recolherem, por falta de abrigo e chapéos para as creanças. Ainda assim a concorrência no cortejo era enorme, e se o sol tivesse vindo illuminar com os seus raios a cidade, essa manifestação seria das mais bellas e das mais entusiastas que se têm feito.

Abria o prestito um pelotão da Casa Pia com a banda, seguindo-se as escolas particulares e municipaes, onde iam em grande numero creanças de ambos os sexos, com os professores, varias associações, os estudantes do lyceu, Polytechnica, Institutos, os do Collegio Militar fardados e precedidos de cornetas e tambores; a Escola Naval, uniformisados, marchando splendidamente, o que lhes valeu em varios pontos saudações especiaes, as academias do Porto, Coimbra, Braga e Santarem, com as suas tunas, cujos instrumentos a chuva obrigou a serem escondidos debaixo das capas; a commissão executiva, e alguns jornalistas.

Iam tambem os distinctos poetas conde de Monsaraz, representando a Associação dos Jor-

nalistas do Porto, e Luiz Osorio, o Instituto de Coimbra, os quaes occupavam a frente da academia com o presidente da commissão o sr. Telles de Vasconcellos, que sobraçava a pasta que foi offerecida a João de Deus.

Durante o caminho, não faltaram vivas entusiasticos, que a chuva não conseguia apagar n'aquellas almas sinceras e expansivas. De um primeiro andar da rua do Ouro, as senhoras lançavam sobre os estudantes varias fitas de todas as côres das faculdades, e em agradecimento, os estudantes atiravam para as janellas com os gôrros e as capas. Entusiasmo enorme. Em um segundo andar do Rocio, fizeram as senhoras uma grande ovação aos estudantes quando o alumno de direito Oliveira Valle levantou um viva ás damas de Lisboa.

Em frente de D. Maria, nova ovação a João da Camara, Lopes de Mendonça, Raphael Boddallo, artistas de D. Maria e em especial a Ferreira da Silva, antigo academico.

Na Avenida a chuva augmentou, a ponto de haver nova debandada, o que motivou uma certa paragem de metade do cortejo. Quando o Collegio Millitar passava ao Rato, nova pancada de agua, mas os pequeninos militares conservaram se sempre firmes.

Alguns estudantes mal podiam andar, tal era o pezo das capas molhadas.

A chegada ao largo da Estrella foi imponente.

No Largo da Estrella. — De sobrecasaca, gravata preta, e a grã cruz de San Thiago a tiracolo, assistiu João de Deus, da sua janella, ao desfilar do enorme cortejo. Nada mais commovente do que a manifestação entusiasta d'essa immensa multidão que enchia o largo e a rua, e que debaixo de uma chuva torrencial, agitando os lenços, e os estudantes as suas capas, acclamava o poeta dando vivas prolongados e calorosamente correspondidos ao *Auctor da Cartilha Maternal*, ao *Maior lyrico da Europa*, ao *Grande poeta do Amor*. Elle, visivelmente emocionado baixava a cabeça, agradecendo, e disse algumas, poucas, palavras sentidas em que trasbordava a commoção. Algumas senhoras o cercavam então, e n'esse momento subiu a sua casa o quintanista de direito João de Menezes que assomou á janella e agitando a bandeira da Academia, disse n'um improvisado apaixonado e eloquente que essa bandeira que servira ao Centenario do marquez de Pombal, tinha escriptos estes dois versos de Camões :

Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

Esse valor, disse o academico, era o valor guerreiro de Portugal, e esse era o que o épico celebrava. Mas hoje o valor que alli se celebrava era o da intelligencia, e o glorificado era

um poeta que depois de prestar o maior serviço á litteratura do seu paiz, tinha acabado por ensinar a lêr as creanças que hão de ser os homens de amanhã.

Estas palavras foram ditas com grande entusiasmo a que correspondeu a multidão, acclamando freneticamente o poeta. Fallou ainda outra vez o sr. João de Menezes, collocando a pasta sobre a cabeça de João de Deus, e agitando a bandeira.

Depois fallaram tambem por parte da Academia de Lisboa, Alfredo Serrano e Roquette, e pela do Porto, Alfredo de Magalhães, que n'um bello discurso fez em palavras cálidas o panegyrico do poeta educador, terminando por pedir á multidão que dispersasse porque João de Deus, ainda mal convalescente, podia soffrer com essa manifestação prolongada, exposto como estava á intemperie do dia

Outros vivas á familia e aos filhos de João de Deus foram erguidos pela multidão, de entre a qual um estudante, em voz muito alta, recitou uns versos vibrantes de entusiasmo.

Subiram ainda depois a casa do poeta muitos estudantes de todas as academias e os que representavam as commissões promotoras da festa. Uns entregaram lhe mensagens, outros proferiram palavras congratulatorias, e todos lhe beijaram a mão.

Este quadro, para quem o presenciou, foi

um dos mais commoventes. Em muitos rostos havia lagrimas!

PINHEIRO CHAGAS.

Correio da Manhã, n.º 3:235 (9-III-25).

O Saráo no theatro de D. Maria. — Foi uma festa de verdadeiro enthusiasmo, espontaneidade, admiração, alegria.

A sala offerencia o mais brilhante aspecto, completamente repleta, tendo os camarotes *bouquets*, capas estendidas, a tribuna illuminada e cheia de plantas em artistica disposição.

O camarote destinado a João de Deus e sua familia tinha superiormente uma riquissima corôa de flores artificiaes, e estava ornado de *bouquets*.

Antes de começar o saráo, irromperam na sala vivas enthusasticos: ás academias, de Coimbra, Porto e Lisboa, e a João de Deus.

Apenas levantou o panno, o vasto palco de D. Maria offerencia o mais primoroso conjuncto. No fundo do palco, levanta-se um bello trophéo, formado por estandartes, corôas e flores, e encimado pelo retrato do grande lyrico.

Os alumnos da Casa Pia, executaram então o hymno a João de Deus, que foi ouvido de pé.

João de Deus, appareceu então no seu camarote, ao lado da tribuna real, irrompendo na sala os mais entusiasticos vivas, sendo-lhe feita extraordinaria e prolongada ovação. Dos camarotes agitavam-se capas, pastas, lenços; as manifestações de que o mavioso poeta foi alvo n'esse momento são indescrptiveis.

O auctor da *Cartilha Maternal*, commovido, assistia de pé a mais aquella homenagem da Academia portugueza.

Toda a familia real que occupava o seu camarote, se associou tambem áquella saudação.

Os alumnos do Conservatorio, executaram em seguida a *ouverture* de Flotow, *Stradella*, e o *Anillo de hierro*, sendo muito festejados.

O alumno do 3.^o anno de direito, o sr. Antonio Silveira Junior, discursou de um camarote brilhantemente, sendo tambem alvo de muitos applausos.

O estudante do Instituto Commercial, o sr. Cancio, recitou depois o monologo o *Pae Adão*, seguindo-se a *tuna* de Coimbra, que executou primorosamente a *suite* de valsas de Echeverria, e a *Gavotte* de Simões Carvalho, *Hommage aux dames*.

N'essa occasião o estudante Hilario recitou uma poesia sua, de homenagem a João de Deus, ajoelhando-se no palco.

Foi-lhe então pedido que cantasse o fado, a que aquelle estudante accedeu, cantando delicio-

samente. Entre os seus versos citaremos esta estrophe, que fôra muitissimo applaudida:

Se o Padre Santo soubesse
Qual é a opinião minha,
Canonisava o João.
Mais um santo p'rá folhinha.

Antes de começar a segunda parte do saráo, fallou o sr. Roquete, do Instituto Industrial, em nome da academia de Lisboa, seguindo-se-lhe o sr. Móra, do 4.º anno, de Lisboa, que offereceu á tuna portuense, que executou deliciosamente o entre-acto do 4.º acto da *Carmen*, uma lindissima palma de orchideas e lilazes.

O sr. Pinheiro Chaby recitou correctissimamente as poesias de João de Deus, *Perdão*, *O Dinheiro*, *Muito pedir*, e a fabula *A cabra, o carneiro e o cevado*, sendo muito applaudido.

O estudante do 3.º anno de direito, o sr. Alexandre Braga, proferiu em seguida um brilhante discurso.

O sr. Xavier de Carvalho cantou a romanza *Non t'amo piu*, seguindo-se-lhe a tuna de Coimbra na valsa caracteristica de Simões Carvalho, inspirada composição, recitando ainda muitas poesias, e fazendo brilhantes discursos muitos estudantes.

O adiantado da hora inhiibe-nos de alongarmos a noticia d'essa brilhantissima festa, que deixou em todos os que a ella assistiram a mais

grata recordação, e na qual foram constantemente levantados entusiasticos vivas.

A todos os estudantes que n'ella tomaram parte foram offerecidos magnificos *bouquets* artisticamente confeccionados na casa do sr. Marius Lathelise, a *La Ville de Paris*.

Na sala foi distribuida uma bellissima producção litteraria do sr. Abel Andrade.

A saída do saráo em D. Maria, os estudantes em grande número tiraram os cavallos do landau em que estava João de Deus com sua familia, e arrancaram o vehiculo levando-o com uma velocidade incrível pelo Chiado, rua de S. Roque, Patriarchal, Rato, Santa Isabel até á casa do poeta.

Atraz do trem seguia uma grande multidão, levantando-se em todo o trajecto calorosos vivas a João de Deus.

João de Deus, ao chegar a casa, sentindo-se incommodado, recolheu-se em seu quarto, vindo á janella o seu amigo Casimiro Freire, que agradeceu em nome do poeta as manifestações, levantando vivas ás academias de Coimbra, Porto e Lisboa.

N'esta occasião o estudante H. Hilario cantou o fado, sendo muito applaudido, mandando-o o poeta chamar ao quarto para lhe agradecer.

A familia de João de Deus agradecia reconhecida á janella as manifestações.

O Saráo academico. — Extraordinaria a concurrencia hontem no theatro D. Maria. Os logares disputavam-se á força, quasi. Era tal a agglomeração no theatro que impossivel se tornava sahir da sala nos intervallos !

O camarote real, de gala, estava ornamentado com palmeiras e flores. Em todos os camarotes se viam ramos de flores, e o que era destinado a João de Deus estava ornamentado com uma lyra feita de flores.

O palco estava um verdadeiro primor. Todo ornamentado com flores, arbustos e palmeiras, apresentava ao fundo dois trophéos. Um era formado pelos estandartes e bandeiras das academias, rodeando uma grande lyra de flores, sobre a qual se via o busto de João de Deus, tendo pela parte superior a bandeira nacional. O outro, de verdura e flores, tinha artisticamente dispostos varios cartões parietaes do Methodo de João de Deus.

O effeito era imponente, devendo-se aquella ornamentação finamente artistica a Raphael Bordallo, que teve uma ovação.

O saráo foi tudo quanto possa imaginar-se de mais pittoresco e attrahente.

O rei e as duas rainhas occupavam o seu camarote; pelos demais espalhava-se uma enorme multidão de estudantes, com as suas capas, com as quaes ornamentavam os camarotes, muitas senhoras e muitas flores.

Quando o panno subiu, o palco estava completamente cheio de estudantes, á frente dos quaes se viam os alumnos da Casa Pia, que entoaram o hymno de João de Deus, cantando duzentas creanças os seguintes versos, inspiração do sr. Cesar da Silva:

Astro fulgurante de brilhante luz,
Vate eminente de gentil primor,
Alma sincera cuja voz seduz,
Com doce encanto, singular amor!

Pae das creanças, sonhador jocundo,
Phanal da escola, do saber balisa!
Dêste ao ensino, com amor profundo,
Methodo bello que te immortalisa!

Bem hajas, mestre excelso! Enriqueceste a escola
Com os trabalhos teus!
Gloria, pois, ao vate, ao grande pedagogo,
Gloria a João de Deus!

Dilecto ás musas, dedilhando a lyra
Com doce encanto, que não tem rival!
Mimosos carmes o cantor suspira,
Com melodia quasi divinal!

Grande na lyra, no saber, no estudo,
Engenho immenso, que não tem *senão!*
Na poesia, na bondade, em tudo,
És o portento d'esta geração!

Bem hajas, mestre excelso! Enriqueceste a escola
Com os trabalhos teus!
Gloria, pois, ao vate, ao grande pedagogo,
Gloria a João de Deus!

Ovação extraordinaria se seguiu a estas estrophes, havendo delirantes vivas a João de Deus e ás academias de Coimbra, Porto e Lisboa.

Depois de cantado o hymno entrou no seu camarote João de Deus, acompanhado por sua familia. Não ha palavras que possam descrever o enthusiasmo febril que se apossou de todos os assistentes. Salvas de palmas, vivas phreneticos, um verdadeiro delirio, que se prolongou por cerca de dez minutos, durante os quaes João de Deus, de pé, á frente do camarote, amparado por sua esposa, trahia a enorme commoção que d'elle se apossára.

Seguiu depois o saráo. O programma foi inteiramente alterado, porque a cada passo, dos camarotes ou do palco, surgiam oradores, tendo discursos primorosos, tendo todos por alvo o grande lyrico e a sua monumental *Cartilha*. Assim, proferiram discursos os academicos Silveira, terceiranista de direito; Roquete, do Instituto Industrial; Móra, da Academia de Lisboa; Alexandre Braga, filho, do Porto, que foi eloquente pintando as desgraças da patria, e que frisou bem a época de democracia que atravessamos; Macieira, Barreiros, Netto, que em nome do reitor da Universidade enviou um abraço a João de Deus; Fernandes Costa; Madeira, etc.

Muitas poesias foram recitadas. O sr. Pereira

Chaby recitou primorosamente as seguintes poesias de João de Deus: *Perdão! Dinheiro, Muito pedir e A cabra, o carneiro e o cevado*, que deram motivo a nova saudação a João de Deus.

No meio do espectáculo appareceram tres academicos, conhecidos bohemios de Coimbra, que, pela voz do sr. Oliveira Valle, saudaram o presidente dos bohemios, ajoelhando-se no palco.

Um dos bohemios recitou uma bella poesia, em que simulava acabar por *beber á saude de João de Deus*, mas, reflectindo que lhe faltava o vinho, mostrava que já não estava habituado a fazer saudes a *secco!* Uma estrondosa salva de palmas acolheu estes deliciosos versos.

Tambem Hilario, o bohemio, um talento pujante, uma alma de poeta cheia de inspiração e de sentimento lyrico, foi convidado a cantar o fado. Hilario improvisou uns poucos de versos, todos dirigidos a João de Deus, que produziram verdadeiro delirio.

Foi tambem muito applaudido o monologo do visconde de Monsaraz, *A recepção na embaixada*, que o sr. Chaby recitou muito bem.

As tunas do Porto e de Coimbra tocaram primorosamente.

Foi, emfim, uma noute extraordinaria de delirio e de encantamento, embalada pela vivacidade d'aquelles milhares de rapazes que se dependuravam dos camarotes, enchiam a platéa, invadiam as cochias e tomavam todo o palco.

Foi tambem muito saudada a sr.^a D. Maria da Madre de Deus Leite Diniz, que cantou muito bem a *Aria das joias*, do *Fausto*.

Quando o saráo acabou, dentro do theatro repetiram se os vivas entusiasticos e delirantes a João de Deus, a sua familia, ás academias portuguezas, etc.

Tendo descido o panno sobre o ultimo numero do programma, a marcha *Les Jeunes*, executada pela tuna do Porto, todos os estudantes sabiram em massa para o salão de entrada e para a rua. Alli repetiram se os vivas, e quando João de Deus, quasi desfallecido de commoção, trazido, por assim dizer, nos braços de sua esposa, entrava para o trem, os estudantes tiraram os cavallos que deviam puchar a carruagem, applicaram a esta algumas cordas que obtiveram n'uma estação de incendios, e pucharam elles o trem, sendo coadjuvados por muitos populares.

Subiram assim o Chiado, tomaram a rua Larga de S. Roque, e dirigiram-se para casa do poeta, no meio de vivas ensurdecedores, estranhos de energia e de entusiasmo!

Quantas recordações, nunca mais apagadas, ficarão no espirito do poeta e de todos que assistiram áquella festa de hontem, que nunca mais se repetirá com tanto entusiasmo e tanta fé!

A' noute, em casa do poeta. — Da rua de S. Roque, os estudantes e populares, talvez em numero de 2:000 pessoas, continuando a puchar

a carruagem, tomaram pela praça do Principe Real, Rato, em direcção á calçada Nova da Estrella. Alli foi o poeta tirado da carruagem quasi em braços, pelos estudantes, e conduzido ao seu quarto.

O sr. Casimiro Freire foi a uma janella, e em nome do poeta e da familia agradeceu á academia e aos populares aquella manifestação, e, dizendo que a saude do poeta não o deixava comparecer á janella, terminou levantando vivas a todas as academias do paiz.

Em seguida o academico Hilario tocou e cantou varias estrophes, sob as janellas, e sendo uma improvisada ao poeta.

João de Deus, a quem os estudantes foram beijar a mão, pediu a um dos nossos collegas que em seu nome agradecesse bem publicamente todas aquellas manifestações.

A partida dos academicos. — A commissão academica organisadora dos festejos em honra de João de Deus foi hontem pelo meio dia novamente procurar o sr. ministro do reino, a fim de lhe pedir mais um feriado para se prorogarem as festas por mais um dia. O sr. João Franco respondeu-lhes como da primeira vez, que só o rei podia satisfazer aquelle desejo,

promptificando-se, porém, a conceder o feriado se os directores dos estabelecimentos de ensino estiverem dispostos a abonar as faltas.

Os estudantes negaram-se a cumprir taes formalidades, e os de fóra de Lisboa resolveram partir hontem mesmo.

A' uma hora, começaram a affluir á *gare* do Rocio grupos de estudantes, vindos de suas casas, dos hotéis e do Martinho, onde houve bastos discursos e troca de saudações entre os academicos de Lisboa e de Coimbra.

Estes tomaram logar no mesmo comboio que os transportou á capital, ainda ornamentado da fórma que já descrevêmos, e que se poz em marcha pela uma hora e quarenta e cinco minutos.

Foi indescriptivel o entusiasmo que reinou na estação até desaparecer no tunel a ultima carruagem. A *gare* estava litteralmente cheia de estudantes de Lisboa, que saudaram estrepitosamente os seus collegas, os quaes subidos ás janelas das carruagens ou encarrapitados nos estribos, nos engates e tejadilhos, agitavam capas, gôrros e lenços, produzindo um effeito magnifico aquelles vultos negros revolvendo-se de continuo e gritando com toda a força dos seus pulmões.

Os de Lisboa erguiam os chapéos e soltavam ruidosos vivas, a que se associavam tambem muitos populares que foram assistir á despedida. Ao sumir-se a ultima carruagem, via-se ainda

na janella do guarda-freio um lenço branco agitado por mão febril, que por fim desapareceu com o silvo da machina.

Uns cincoenta estudantes da Escola Medica victoriavam os seus collegas de cima de uma pilha de madeira collocada á bocca do tunel, sobre o qual estava tambem muita gente, bem como nas janellas da calçada da Gloria. A' festa assistiram tambem muitas senhoras, havendo troca de discursos entre os estudantes, antes da partida.

Terminada a manifestação, os grupos esparlharam-se pelas ruas da baixa e pelos cafés, onde reinou sempre grande animação até á hora de partirem os estudantes do Porto.

A tuna portuense formou no hotel Continental, onde esteve hospedada, e dirigiu-se a casa de Alfredo Keil para o cumprimentar. Como o maestro, porém, estivesse ausente, poz-se a caminho para a estação da Avenida seguida dos outros academicos. O distincto musico foi depois á gare agradecer aos estudantes a honra recebida.

A tuna collocou-se em frente da porta da gare e executou alguns trechos de musica, rodeada por muitos academicos de Lisboa, que enchiam o recinto e que, de quando em quando, soltavam vivas.

A' hora de entrar, como os empregados exigissem bilhetes de gare, foi a porta forçada,

entrando os estudantes em tropel e espalhando-se pelo passeio lateral, junto do comboio, no qual tomaram lugar em tres carruagens de segunda classe os estudantes do Porto. Alguns alumnos da Escola Medica armaram-se de bengalas com globos illuminados de papel de côr e balões e rompeu a turba aos vivas, concorrendo, porém, os academicos á gare em menor numero do que pela manhã.

O comboio partiu ás oito e quarenta e cinco e repetiram-se as mesmas scenas. Das carruagens, os que partiam agitavam os lenços, as capas, os instrumentos e flores, e os que ficavam correspondiam. Oraram os estudantes Simões de Carvalho e Alfredo Guimarães, agradecendo a recepção. Terminada a manifestação, dispersaram os manifestantes em muito boa ordem.

No comboio das dez horas, partiram os cinco estudantes de Aveiro que aqui vieram representar a academia e alguns outros estudantes retardatarios, não havendo, porém, manifestações

O Seculo, de 11-III-95.

Correspondencia particular do «Commercio do Porto». — Lisboa, 11 de março.

Os rapazes vão-nos fazer falta.

Que alegria tem ido por estas ruas! Descan-

tes, vivorio, discursos; havemos de estranhar, n'estes primeiros dias, o passarmos do ruidoso bulicio que por cá tem ido, para a morna paca-tez habitual das ruas da baixa.

O povo não se fartava de mirar, principal-mente, os academicos de Coimbra, por causa do seu traje negro e as fitas de côr allusivas ás di-versas faculdades. O que dava sobretudo no gôtto aos que não conhecem os costumes dos estudantes da Universidade, era vê-los por toda a parte de cabeça descoberta, com os cabellos ao vento e á chuva, n'uma *insouciance* propria dos verdes annos, aos quaes é inherente uma saude de ferro.

Os do Porto, os de Coimbra e os nossos po-dem gabar-se de que realisaram uma festa bri-lhante, que mais brilhante seria se o calamitoso temporal que está cahindo ha tantos mezes so-bre esta cidade, com raros intervallos, não hou-vesse transtornado o cortejo, que ainda assim teve certa imponencia.

De entre os diversos episodios e pormenores da apotheose ao grande lyrico, ao inspirado poeta que mereceu dos portuguezes seus con-temporaneos analogas homenagens ás que os hespanhoes, não ha muito, prestaram a Zorril-la, o famoso auctor do *D. João*, destaca-se a visita de el-rei a João de Deus, para o felicitar e lhe collocar ao peito a gran-cruz de San Thiago.

O que n'outros tempos, quando o prestigio

dos monarchas assentava em bases tão diversas das de hoje, seria descer, é actualmente subir. O chefe do Estado, visitando a casa humilde do poeta laureado, subiu no conceito publico, porque se honrou honrando o merito.

A prova está em que não houve discrepancia na apreciação geral do acto de el-rei, acto dignissimo de um soberano da nossa época.

Das festas, a mais brilhante foi, sem duvida, o saráb realisado, no sabbado, em D. Maria II. O theatro estava bonito e animado; o espectáculo, tão original quanto agradável, correu sem a minima contrariedade; o enthusiasmo, traduzido em palmas e vivas, foi indescrível.

De tudo, porém, o mais saliente foi um discurso pronunciado pelo portuense sr. Alexandre Braga, e um delicioso fadinho cantado pelo estudante de Coimbra, Hilario, um bohemio e um bom poeta, fadinho que o publico applaudiu delirantemente.

O aspecto do palco, que estava transformado n'um jardim, vendo-se o busto do egregio poeta envolto em bandeiras nacionaes e lyras, tendo ao lado, em ponto grande, folhas da *Cartilha Maternal*, produzia bom effeito, principalmente por estar completamente cheio de alumnos das nossas escolas superiores.

Os ministros e tudo que ha de melhor na sociedade, no jornalismo, nas artes e na sciencia, affluio ao theatro para tributar a João de Deus

a sua respeitosa homenagem. Foram muitas as saudações que se levantaram, predominando os vivas a João de Deus, ás academias, aos estudantes das differentes escolas e ás damas.

A familia real assistiu a todo o espectáculo, que acabou depois da uma hora da noute.

João de Deus tinha ao peito a gran-cruz de San Thiago, com que foi agraciado por el-rei.

A' sahida do theatro, os estudantes fizeram com que fossem tirados os cavallos do *landau* que conduzia o poeta com sua familia e elles proprios o levaram, no meio dos mais entusiasticos vivas.

*

Os estudantes da Universidade regressaram hontem, de tarde, a Coimbra no comboio especial em que tinham vindo e que conservava ainda a decoração de gala com que entrára em Lisboa. Antes da hora da partida, na estação do Rocio viam-se agglomeradas milhares de pessoas, sendo grande o numero das senhoras. Os academicos de Coimbra tomaram os seus logares nas carruagens, subindo alguns para o tejadilho.

Durante meia hora ouviram-se ininterrompidamente vivas entusiasticos, trocados entre os estudantes da Universidade e os da capital á academia de Coimbra, á academia de Lisboa, á academia portugueza, á imprensa, á familia real e á patria.

O estudante da Escola Polytechnica sr. Jayme

Ribeiro, levantado nos braços de dois condiscipulos, proferiu algumas phrases saudosas de despedida aos seus collegas de Coimbra, assumindo n'esta occasião o enthusiasmo as raias do delirio.

Um estudante de medicina da Universidade proferiu tambem de sobre o tejadilho de uma carruagem algumas palavras de despedida e agradecimento á cidade de Lisboa. Disse que a patria de hoje, fazendo a apotheose a João de Deus, comprehendera melhor as suas responsabilidades do que aquella que abandonara Camões. Foi tambem enthusiasmicamente applaudido.

Os vivas continuaram até ao momento em que sôu o signal da partida e em que o comboio se moveu. Então a massa que se comprimia na estação rompeu n'uma acclamação atordoadora, agitando todos commovidos os chapéos ou lenços, sendo estas despedidas correspondidas pelos estudantes que partiam e os quaes, ás portinholas das carruagens, agitavam egualmente os lenços ou as capas, soltando tambem vivas.

Em seguida a multidão dispersou, espalhando-se os academicos pelas ruas da cidade até á hora da partida dos estudantes do Porto, no comboio da noute. A Estudantina Portuense, tendo sahido do hotel Continental, encaminhou se para a casa do illustre maestro Alfredo Keil, a fim de lhe fazer os seus cumprimentos, não o encontraram, porém, seguindo por isso para a estação da Avenida, onde Alfredo Keil, que teve conhe-

cimento da gentileza dos estudantes, lh'a foi agradecer.

Foi igualmente entusiastica a despedida feita pelos academicos de Lisboa aos do Porto, repetindo-se os mesmos episodios da partida dos estudantes de Coimbra. Os academicos de Lisboa estavam com balões venezianos na ponta das bengalas e a Estudantina Portuense executou varias peças até á partida do comboio, que foram acolhidas com palmas entusiasticas. Dois estudantes do Porto discursaram, fazendo as suas despedidas á academia e ao povo de Lisboa, de quem levavam as recordações mais gratas pela maneira como foram recebidos. Foram tambem calorosamente applaudidos.

Por fim o comboio partiu, crescendo n'esse momento o entusiasmo manifestado por vivas repetidos a todas as academias do paiz.

Commercio do Porto, n.º 60 (12-III-95).

§ 3 — Saraós, Mensagens e Conferencias

Na Academia das Sciencias.— A Academia Real das Sciencias, em sessão da segunda classe, associou-se á consagração de João de Deus.

O presidente da classe, sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, declarou que a sessão era exclusivamente dedicada ao eminente poeta. Lido o bello parecer elaborado pelo sr. dr. Theophilo Braga, resumo do brilhante elogio feito oralmente na anterior sessão, foi João de Deus eleito por unanimidade socio correspondente da Academia.

Votaram os socios effectivos presentes, srs. Thomaz Ribeiro, Gama Barros, Theophilo Braga, Antonio Candido, Silveira da Motta, Antonio de Serpa Pimentel, Teixeira de Aragão e João Basto.

O sr. dr. Thomaz Ribeiro, encerrando a sessão em seguida em homenagem a João de Deus, agradeceu a numerosa assistencia tanto dos socios da classe, como dos da primeira classe, que ficaram, desejando com a sua presença tornar mais solemne o acto da eleição.

Hontem foi entregue ao eminente poeta o diploma de socio d'aquelle gremio scientifico.

O Centro de Sciencias, Artes e Lettras. — O Centro nacional de Sciencias, Artes e Lettras que, representado por uma commissão, se incorporou no Cortejo, offereceu a João de Deus uma primorosa mensagem, engrinaldada por uma formosa illuminura de Pereira Junior.

A collaboração dos socios do Centro é distinctissima, como se pôde avaliar pelos seguintes excerpços que ao acaso offerecemos aos nossos leitores :

Quando a sciencia julga profunder
com sua vista o ultimo grão de terra,
correm de baixo, e ao longo d'uma serra
aves de Deus o amor a descantar.

Pereira Bravo.

Se eu fôra um rhapsodo, ainda que tivesse o éstro feliz
de Pindaro, só cantaria versos de João de Deus.

Esteves Pereira.

«Ao Poeta, singelo e grande ; gloria da Patria, alma de
eleito, espirito de luz ; áquelle que mais divinamente canta
as flores, os campos, o amor e Deus ; áquelle que inegua-
lavelmente sabe moldar na linguagem humana a intima
poesia da alma candida de Portugal ; ao mestre que nos
ensinou a lêr, ao poeta que nos ensinou a amar, ao grande
lyrico, ao grande apostolo, ao grande coração, a João
de Deus !»

Eram nove horas da noite quando saiu da sua
sêde a sympathica e benemerita Academia In-
strucção Popular, dirigindo-se a casa do poeta.
Ia levar-lhe um bilhete de felicitação gravado
em ouro, um mimo gracioso e gentil. Quando

chegou em frente da casa de João de Deus, estavam reunidos mais de duzentos individuos. O pequenito Antonio Rodrigues, o mais novo alumno da escola sustentada por aquella academia, foi o encarregado de entregar o presente, que João de Deus agradeceu muito commovido. Depois d'isso, e na rua, o nosso amigo Jorge Boaventura fez um rapido e eloquente discurso ácerca da significação d'aquella festa, terminando por um viva a João de Deus, depois do que a academia seguiu o seu destino.

Conjunctamente com o bilhete de felicitação, em ouro, foi-lhe tambem entregue a seguinte mensagem, assignada por grande numero de associados:

«As sociedades modernas, seguindo uma orientação de ideias completamente oppostas ás que seguiam as sociedades antigas, inscrevem dia a dia nos seus kalendarios, os nomes de todos os grandes apostolos da sciencia, da arte, das letras, e em especial os nomes d'aquelles que se esforçam pela instrucção popular, base de todo o aperfeiçoamento humano. Portugal, sempre devotado a todas as ideias nobres e generosas, não podia ficar indifferente a esse movimento de civismo e gratidão.

Assim, em 1880, seguindo o exemplo de outros povos na glorificação dos seus heroes, arrancou do esquecimento dos seculos passados, o nome

immorredouro de Camões, pagando dignamente á sua memoria essa grande divida nacional.

Com esse jubileu um novo sangue penetrára na sociedade portugueza e uma nova éra de trabalho e renascimento se inaugurára.

A animar tão benefica quão salutar demonstração do sentimento nacional, uma luz vivissima surgia a indicar o verdadeiro caminho a seguir.

Essa luz tão intensa e preciosa, era a *Cartilha Maternal ou arte de leitura*.

Só ella adoptada devida e officialmente no nosso ensino primario, transformaria rapidamente em cidadãos conscios dos seus direitos e deveres sociaes, essa legião enorme de analphabets, que nos envergonha perante a civilisação moderna.

Desde o raiar de tal luz, que sombra alguma pode offuscar, o nome de João de Deus ficou inscripto em letras de ouro na historia da instrucção popular, como o luctador que mais triumphantemente resolvera o difficil problema do ensino da leitura por um methodo facil, claro e rapido.

Com arma de tão poderoso alcance quem poderia ficar indifferente e silencioso?

A escola sobre taes bases era portanto o baluarte necessario para satisfazer as nossas aspirações e o monumento que melhor attestaria o valor da *Cartilha Maternal*.

Animados de breve redempção occupámos desde logo o nosso posto de soldados obscuros, e até ao presente nem um só momento deixámos de desvendar nos cerebros envoltos nas trévas, essa aurora sublime da instrucção.

Que importa que os nossos esforços para levantar uma sociedade que se afunda n'um profundo abysmo passem despercebidos?!

Que importa que esses sacrificios sejam como que uma gotta de agua lançada n'um vasto oceano, se nos ficam esses momentos de alegria, em que os nossos consocios, ao terminarem as suas lições, nos lêem esse bello Hymno de amor suave e mavioso, como só a vossa fecunda inspiração poetica poderia produzir!?

Só então ouvimos com jubilo e entusiasmo, repetir e abençoar o vosso nome!

Só então uma voz intima se faz ouvir em nossos corações, repetindo-nos essas palavras de incitamento e coragem — Caminhar é lutar!

Eis porque a ideia justa da commemoração do vosso anniversario natalicio, encontrou desde logo em nosso espirito a mais espontanea adhesão.

A Academia Instrucção Popular, que ha muito vos considerava uma gloria nacional, tendo já inaugurado nas suas salas o vosso retrato, não podia olvidar o dia 8 de março de 1895, sem vos prestar uma homenagem de consideração e respeito, em harmonia com as suas fracas posses.

Com essa vontade generosa e singela que palpita sempre nos corações dos filhos do povo e do trabalho, ella vem hoje trazer-vos a sua felicitação, conscia do quanto ella é rude e obscura, mas sincera e significativa para traduzir a expressão do seu immenso jubilo, pelo vosso 65.º anniversario natalicio.

Academia Instrucção Popular. — Lisboa, 8 de março de 1895.»

(Seguem-se 170 assignaturas.)

A «Sociedade de Instrucção e Beneficencia A Voz do Operario», enviou a João de Deus, no dia do seu 65.º anniversario, um bilhete de felicitação, com allegorias, trabalho artistico do sr. Alfredo Guedes.

A homenagem prestada por esta collectividade ao eximio poeta é simples, como é significativo o alto aprêço em que temos o auctor da *Cartilha Maternal*.

A «Federação das Associações de Classe» e «Centro Socialista» dirigiram a João de Deus a seguinte mensagem:

•O operariado de Lisboa, representado pela «Federação das Associações de Classe» e «Centro Socialista», não fica indiferente perante a sympathica e justa manifestação de hoje, em que, commemorando-se o vosso 65.º anniversario natalicio, se faz a apotheose do primeiro poeta lyrico da peninsula iberica, do notavel pedagogo europeu.

O operariado que pensa e lucta, crê que a sua grandiosa aspiração só se pôde realisar em toda a sua plenitude, quando todos os sêres humanos estiverem conscios dos seus direitos e deveres; facto que só poderá ser realisado, quando se educar convenientemente o povo e a instrução fôr accessivel a todos os individuos.

Com a publicação do vosso methodo de leitura, viestes fazer uma revolução completa n'esse ramo de ensino. A ordêm que estabelecestes, a fôrma do processo de ensino, que empregastes, tornam ameno e logico o que outr'ora era rude, barbaro e estúpido. Os adultos aprendem com immenso gosto, as creanças com summa facilidade. Extinguistes o seu maior martyrio; não sois simplesmente uma gloria nacional; sois um benemerito da humanidade.

Por isso homens e creanças te bemdizem, e nós como paes, e como apóstolos do verdadeiro progresso, em nome dos cegos a quem tendes dado luz, dos ignorantes a quem tendes ensinado, vos saudamos tambem.

Acceitae, pois, as saudações sinceras d'aquelles que vos proclamam o amigo das creanças, portanto dos nossos filhos.

Pela Federação das Associações de Classe — *Francisco de Assis, Luiz Judicibus, Carlos de Almeida Vasconcellos, Antonio José Lourenço, Ernesto Silva.*

Pelo Centro Socialista — *Silva Vianna, José Carlos Bello, Carlos Carvalho, Tiburcio Lobo, José Pereira.*»

A Voz do Operario, n.º 802 (10-III-95).

Instituto de Coimbra. — Eis o notavel parecer, redigido por Eugenio de Castro, ácerca da candidatura de João de Deus a socio honorario do Instituto de Coimbra:

«Pela direcção do Instituto de Coimbra fui encarregado de redigir e apresentar o parecer ácerca da candidatura de João de Deus.

Só por uma estricta observancia do *regulamento* d'esta academia posso explicar a necessidade de um parecer cujas conclusões seriam indubitavelmente as mesmas, fosse quem fosse a redigil-o — tão unânime é a admiração pelo genial poeta do *Campo de Flores.*

Está sobejamente provado que, no que diz respeito á critica litteraria e artistica, os juisos da maioria são, por via de regra, falsos. Assim se explica a obscuridade em que viveram e os desdêns de que foram victimas poetas e artistas da grandeza de Edgard Allan Pöe, Villiers de Lisle Adam, Dante Gabriel Rossetti, Charles Baudelaire, etc., e assim vêmos explicados os emphaticos louvores quotidianamente rendidos a insignificantes e a mediocres.

Para em tudo ser singular, João de Deus constitue uma excepção a esta regra. Enthusiasticamente acclamado pela minoria illustrada e pela maioria ignorante, a sua grande popularidade, longe de suscitar duvidas sobre a pureza do seu genio, é a confirmação da sua gloria superior.

A admiração que lhe tributam os humildes de espirito não é vencida em sinceridade pela que lhe consagram os intellectuaes; simultaneamente, a obra de João de Deus deslumbra estes pelas miraculosas maravilhas de pura Arte que encerra, e apaixona aquelles pelo amplo e vibrante sentimento de humanidade que exhala. A doçura dos seus versos, duplamente prestigiosos, tanto exalta um espirito complicado, amante de exotismos, como encanta um coração pastoralmente ingenuo.

Legitimo herdeiro dos nossos grandes lyricos da Renascença, irmão, pelo espirito, de Luiz de Camões e de Bernardim Ribeiro, João de Deus

não é somente um admiral poeta, é também o vivo e formidável protesto contra este diabolico amor da *realidade*, que nos leva as almas n'uma vertiginosa e dolorosa corrente de pessimismo e tédio. Enquanto as negações, crescendo e accumulando-se, enchem de sombra a vida, João de Deus, espirito exilado n'esta desamoravel época em que o jornal vae matando o livro e a industria vae aniquilando a Arte, João de Deus, cantando o Amor, a Mulher, Deus e as esperanças n'uma existencia melhor, mostra-nos que o maior philosopho é Anacreonte, que a Felicidade é irmã e visinha da Illusão, e que é mais doce um pequeno sonho que todas as grandes verdades.

Recebendo João de Deus como socio honorario, o Instituto de Coimbra cumpre um dever e enche-se de gloria.

Coimbra, 3 de março de 1895. — *Eugenio de Castro.*»

No Atheneu Commercial. — Esteve imponente a sessão solemne que hontem se realisou no Atheneu Commercial em homenagem ao grande lyrico. A sala achava-se repleta de ouvintes, entre os quaes se notavam bastantes senhoras. A' direita da bancada da presidencia estava uma

photographia emmoldurada do illustre poeta, cercada de flores.

A sessão foi aberta ás nove e meia horas da noite pelo sr. José Bastos, que leu officios congratulatorios e de desculpa pela não comparencia, justamente motivada, dos srs. Rodrigo Afonso Pequito, conselheiros Thomaz Ribeiro e Antonio Candido, conde de Valenças e dr. Magalhães Lima.

Em seguida, em breves palavras, disse que os empregados do commercio, com aquella festa, adheriam ao pensamento dos academicos na sua homenagem a João de Deus, e convidou o sr. dr. Theophilo Braga a occupar a presidencia.

O illustre e erudito professor, com a modestia que o caracteriza, acceitou o encargo, passando o sr. Bastos para o logar de 1.º secretario e sendo convidado o sr. Themudo para o de 2.º.

Depois começou o dr. Theophlio Braga o seu discurso, que foi brilhantissimo. Tanto d'este, como dos oradores que se lhe seguiram, só podemos dar uma vaga idéa, visto que é difficil, conglobar n'um pequeno espaço as pérolas litterarias e scientificas pronunciadas por tão distinctos e proeminentes vultos.

Principiou o notavel professor por declarar que todos são poetas: mas saber dizer e saber exprimir só João de Deus, visto que tem o poder de prender pelo coração. Hoje, e ha annos,

é elle o grande artista. Ha muitos e bons poetas, mas elle é o unico que sabe abalar a nossa alma. Depois, comparando-o a Rossini, disse o que valeu um na musica e o que vale o outro na poesia.

Quando perguntaram a Raphael porque pintava elle umas mulheres tão lindas e celestiaes, elle respondera que era devido a «certa ideia»; se perguntassem a João de Deus porque produzia aquelles versos, elle não explicaria a razão, mas accrescentaria que era devido a uma «certa ideia».

Fallou do illustre poeta quando elle esteve em Coimbra, onde, devido ao seu genio e á sua modestia, era quasi desconhecido, e referiu-se á sua presença no parlamento, onde nada disse ou fez porque não se prestava e não podia viver n'aquelle meio; quando d'ali sahio voltou á vida particular.

Na cartilha para as escolas, um pequeno trabalho, imprimiu João de Deus o seu grande espirito. E a tal respeito o orador desenvolveu bastante este ponto do seu discurso.

Começar na escola a exercer-se a intelligencia é uma revolução levantada por João de Deus. Este homem é um benemerito e todos lhe devem muito.

Referindo-se á homenagem das escolas, disse que ella é muito significativa; a consagração foi unanime; a data do seu anniversario foi ccrs

grada como festa nacional. O sr. dr. Theophilo Braga foi muito applaudido.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra o sr. dr. Valentim Magalhães que produziu um vehemente discurso, cortado por vezes com ruidosos applausos.

O distincto orador brasileiro referiu se ao seu amigo e mestre dr. Theophilo Braga, dirigindo-lhe palavras de muito louvor. A'cerca da consagração feita a João de Deus, disse que é enorme a admiração que existe pelo grande poeta do outro lado do Atlantico. Tratando do merecimento e valor do apreciado lyrico, disse que «uma quadra feita com alma vale mais que um governo feito com arte».

Congratula-se com o feliz acaso que lhe permittiu estar em Lisboa n'esta occasião, para tambem ter ensejo de prestar homenagem ao illustre poeta: e «quem tiver lido um verso de João de Deus torna-se logo amigo d'elle».

Depois de tratar do cortejo e do desfilar das creanças, accrescentou que «a apothese de João de Deus é o triumpho nitido da ideia». Um poeta cantando consegue adquirir a immortalidade em vida. Refere-se tambem á cartilha, e estranha que em Portugal se ensine a lêr por outro methodo que não seja o de João de Deus, o que equivale a um individuo que tendo sol de graça, compra petroleo e se mette em casa fechando as janellas.

O sr. dr. Valentim Magalhães pediu á imprensa que lançasse o germen de uma ideia: iniciar-se uma subscrição nacional para se abrir uma escola com o nome de João de Deus, e onde houvesse professores que tivessem sido leccionados pelo auctor do *Campo de Flores*.

Em vida só se fizeram apotheoses a Victor Hugo e a Zorrilla; João de Deus tambem a teve e mereceu-a. A obra do grande poeta é tão amada no Brasil como em Portugal. E terminou o seu bello discurso com um enthuasiastico viva a João de Deus, que foi correspondido por todo o auditorio.

Em seguida o sr. dr. Manuel d'Arriaga, que tambem foi alvo de uma prolongada salva de palmas ao subir para o estrado á direita da presidencia, dirigiu-se com louvor ao sr. dr. Valentim Magalhães: «nunca tinha ouvido um discurso a um brasileiro, e ouvido este, consolaram-n'o as palavras d'aquelle homem».

A apotheose a João de Deus, não é só da cidade é da nação inteira. E proseguiu tratando sempre do illustre poeta e enthusiasmando a assembléa com o dom da sua palavra auctorisada, não nos sendo possivel por falta de espaço, dar hoje um ligeiro extracto do discurso do distincto orador, onde havia notas muito curiosas com referencia a João de Deus.

Depois fallaram ainda a sr.^a D. Guiomar Torrezão, Carlos de Mello, Affonso Vargas, Annes

Baganha, que leu as poesias do grande lyrico, *A Vida* e a *Adoração*, e o sr. Guilherme de Santa Rita.

Mensagem a João de Deus. — Foi hontem enviada para Lisboa a mensagem que a Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto dirigiu ao grande poeta João de Deus.

A mensagem será apresentada ao eminente lyrico pelo sr. conde de Monsaraz, socio correspondente d'aquella Associação.

E' concebida nos seguintes termos:

«Senhor: Congregam-se hoje os cidadãos portuguezes n'uma das manifestações mais eloquentes e sympathicas por que há muito se affirma a nossa nacionalidade. Abatidas as bandeiras dos partidos, esquecidas as paixões que nos dividem, abandonando por momentos o indifferentismo que nos enerva e avilta, achamo nos unidos n'um mesmo pensamento, o de glorificar o unico poeta que, depois de Camões e hom breando com elle, soube traduzir o sentimento popular com as suas crenças e os seus desalentos, com as suas alegrias, e as suas tristezas, com a sua bondosa ingenidade e com a sua inofensiva travessura.

Quando esta mensagem fôr entregue, a voz

enthusiastica da mocidade estudiosa levar-nos-ha, nas suas calorosas acclamações, a saudação unanime de um paiz que, em sua agonia ingloria, ainda pôde encontrar uma sombra de fogo para vos dar em troco do que lhe déste: versos que são centelhas da vossa alma, e alma que é a propria alma d'esse povo.

Dir-vos-ha a mocidade das escolas, que não foi em vão que vos esforçastes em derramar a instrucção pelo modo carinhoso e suave que de materno recebeu e mereceu o nome, como se vos não bastasse recolher os sons dispersos por que se traduzem os queixumes, as magoas, os prazeres e os enthusiasmos de um povo, e dar-lhes corpo, e dar-lhes fórma, e dar-lhes vida, mas ainda quizestes que esse povo pudesse conhecer do modo como traduzistes seu vago e indefinito sentir.

Acolhei essas manifestações, não como um fogacho que rapido se alevanta e extingue, mas como o antegosto da immortalidade que para vós começa, e ficae certo de que a Associação dos Jornalistas e Homens de Lettras do Porto acompanha com todo o calor os estudantes do paiz no seu alevantado empenho, apresentando-vos por esta fórma os protestos mais vehementes do seu aprêço e da sua admiração.

Secretaria da Associação dos Jornalistas e Homens de Lettras do Porto, 7 de março de 1895 — (a) *Maximiano Augusto de Oliveira*

Lemos, João d'Oliveira Ramos, Firmino Pereira, Jayme Filinto, visconde de Villarinho de S. Romão, Acacio Pereira e Heliodoro Salgado.

Correspondencia particular do «Commercio d. Porto». — Lisboa, 11 de março.

Continuaram ainda hontem as manifestações em honra de João de Deus.

Uma d'ellas foi uma sessão solemne na Academia Instrucção Popular, que teve uma concurrencia enorme e á qual presidiu o sr. Eugenio da Silveira, que se congratulou pelo brilhantismo que revestiram os festejos que se realisaram em homenagem ao poeta do *Campo de Flores*.

Proferiram discursos: o sr. dr. Theophilo Braga, que em phrase elevadissima encareceu a grande obra de João de Deus e os merecimentos de quantos trabalham pelo desenvolvimento da instrucção e ensinam as creanças a lêr: o sr. dr. Lomelino de Freitas, que propoz que se dêsse á Associação das Escolas Moveis o maximo desenvolvimento; e o sr. Carlos Calixto, redactor da *Vanguarda*, que se congratulou por vêr que Portugal, realisando a apothese em vida ao grande lyrico portuguez, seguira o exemplo da França para com Victor Hugo e da Hespanha para com Zorrilla. Estabelecendo a

comparação do methodo de leitura de João de Deus com os methodos antigos, pôz em evidencia as superiores vantagens da *Cartilha Maternal*.

Fizeram tambem uso da palavra os srs. Silva Vianna, Julio de Azevedo, José Simões de Brito Carrajola e Victorino Vaz Rodrigues Pitta, que recitou a poesia de João de Deus intitulada *Boas noites*.

Foram todos entusiasticamente applaudidos, sendo levantados vivas a João de Deus, Theophilo Braga, Eugenio da Silveira, Lomelino de Freitas, aos academicos de Lisboa, de Coimbra, do Porto, etc.

A' casa de João de Deus foi hontem tambem um grupo de cerca de trinta alumnos do Collegio Arriaga, que lhe offertaram um ramo de flores naturaes e uma poesia. O poeta mostrou-se commovido e afagou os pequeninos manifestantes.

João de Deus continuou a receber hontem innumeradas cartas, telegrammas e bilhetes em que era calorosamente felicitado.

Commercio do Porto

Realisou-se hontem, como fôra annunciado, a entrega, ao grande poeta, da acta da sessão que

em sua honra o Atheneu Commercial celebrou no dia 8 do corrente.

A acta, um primoroso trabalho calligraphico, executado pelo sr. José Caetano Themudo, presidente das aulas profissionaes do Atheneu, ia dentro de uma formosa pasta de percalina azul, com filetes dourados, tendo no frontispicio a seguinte legenda: *Homenagem a João de Deus — 8-3.º-95 — O Atheneu Commercial.*

A pasta é um trabalho delicado.

A acta mereceu os maiores elogios do sr. dr. Theophilo Braga, e ia acompanhada de bastantes folhas de papel com innumerass assignaturas de individuos que se associaram á manifestação.

Adhesões. — Adheriram á manifestação e incorporaram-se no cortejo, a associação dos lojistas de calçado, associação dos caixeiros, comissão installadora da associação commercial, idem da associação dos lojistas, instituto 19 de setembro, banda da concentração musical, associação industrial, academia de Lisboa, escola industrial Rodrigues Sampaio, e outras.

A camara do commercio officiou á direcção do Atheneu, declarando que adheria á manifestação feita ao eminente lyrico, mas que se não fazia representar por falta de tempo para a nomeação de um delegado.

Outras corporações igualmente adheriram, mandando officios ou cartões aos corpos gerentes do Atheneu Commercial.

O cortejo. — Estava indicada para as duas horas da tarde a sahida do cortejo, mas por motivos alheios á vontade da commissão só poude sahir ás tres horas.

A essa hora começou a chover, de sorte que as pessoas que tomaram parte no cortejo, chegaram ao fim do itinerario, que foi aquelle que hontem indicámos, completamente encharcadas.

Não arrefeceu porém o enthusiasmo e a intima satisfação de que todos iam possuidos.

Organizado o cortejo, levando á frente o estandarte do Atheneu, seguindo-se-lhe, o instituto 19 de setembro, caixeiros, estudantes, outras aggremações, commissão conduzindo a pasta com a acta, fechando com a banda da concentração musical, que durante o trajecto tocou lindissimos ordinarios, poz-se em andamento por entre alas de povo até ao Chiado, seguindo até ao largo da Estrella centenaes de pessoas acompanhando-o.

Durante o caminho levantavam se calorosos vivas a João de Deus, á academia de Lisboa, ao commercio, etc., chegando o cortejo pelas tres horas e tres quartos á porta do illustre poeta, onde a manifestação se tranformou em delirio.

Em casa do poeta. — João de Deus estava á janella com sua familia, recebendo as saudações de toda aquella gente.

O poeta agradecia commovido, conservando-se na janella até que desfilou tudo.

A comissão organisadora d'aquella manifestação, foi então entregar a João de Deus a acta referida.

Essa comissão compunha-se dos srs. Theophilo Braga, Pedro Roxa e José Bastos, levando este a pasta.

N'essa occasião o sr. dr. Theophilo Braga leu um brilhante discurso, acabando por estreitar nos braços o glorioso auctor do *Campo de Flores*.

Em seguida o poeta foi muito cumprimentado por diversas pessoas, e o sr. Jayme Ribeiro, representante da comissão de estudantes da Polytechnica, dirigiu-lhe um curto mas bonito discurso, que impressionou e penhorou João de Deus.

O caixeiro sr. José Angelo da Silva entregou ao poeta uma pasta, dentro da qual ia uma mensagem e seis quadros, dedicados a João de Deus, trabalho todo feito pelo offerente.

Pouco antes da chegada do cortejo, uma comissão composta de cinco individuos entregara a João de Deus, um album contendo muitas assignaturas.

O album foi offerecido pela sociedade recreativa musical 1.º de janeiro e a comissão que o levou compunha-se dos srs. Guilherme Fernandes Dias, José Gonçalves Branco, José Ferreira da Cunha, Manuel Dionysio e João Ferreira da Cunha.

Esta manifestação devia ter deixado grata impressão no espirito de João de Deus, que ainda mal restabelecido das ultimas commoções por que passou, apresentava um aspecto de pouca saude.

*

Devido a um requinte de amabilidade do sr. dr. Theophilo Braga, que nos cedeu o original, podemos publicar na integra o discurso que o illustre professor escreveu e leu a João de Deus, na occasião da entrega da acta :

«Incomparavel Poeta : Cumpro o gostosissimo dever de vos entregar, em nome do Atheneu Commercial de Lisboa, a acta da sessão solemne celebrada na noite de 8 de março de 1895, em que esta aggremação tomou parte na manifestação promovida pela mocidade das escolas, secundada pela imprensa e numerosas corporações que representam as forças vivas da sociedade portugueza. Pela sua missão educativa o Atheneu Commercial não podia ser extranho á glorificação de João de Deus.

O que foi essa festa de 8 de março sabem-no todos os corações que pulsaram de entusiasmo pelo acto de justiça e consagração tão bem merecida. A festa do Atheneu Commercial, inspirada por essa calorosa corrente, teve uma nota brilhante que não deve ficar desaperccebida.

Glorificando a obra e a individualidade de João de Deus, synthese da alma portugueza nas manifestações mais delicadas da sua sensibilidade, ahi se acharam representadas as expressões reflexas do espirito da nossa nacionalidade nos illustres oradores Valentim de Magalhães, Carlos de Mello e Manuel de Arriaga, que esplendidamente revelaram como o genio d'este povo transplantado para a America, para a Africa e para as ilhas atlanticas não perdeu nenhuma das suas qualidades, antes adquirindo energias novas, se acha dotado das faculdades de uma eloquencia arrebatadora, de emoção artistica e de um equilibrio moral e philosophico. Foi esta uma das características mais bellas da festa do Atheneu Commercial.

Depois de toda esta expansão em que vibrou o entusiasmo dos que admiram e reconhecem o poder do genio, ha uma conclusão moral a tirar: a unanimidade que se operou em volta do nome de João de Deus, desde os altos poderes do estado até ao mais modesto preto individual e anonymo.

Quem n'este momento historico teve o dom supremo da pacificação dos espiritos e de produzir entre as mais antinomicas doutrinas e individualidades uma concordia admiravel, esse que assim nos edifica está ensinando o caminho para a nossa revivescencia.

Isto vos confessamos no momento de vos en-

tregar esta acta, contendo a narrativa da festa inolvidavel, cuja verdade vem authenticada pela assignatura de numerosos cidadãos que por esta fórma reconhecem a harmonia que deve sempre existir entre o pensamento e o trabalho.

Lisboa, 17 de março de 1895. — *Theophilo Braga.*»

*

O nosso presado amigo e illustre escriptor sr. Fernandes Costa consagrou a João de Deus um trabalho poetico formosissimo, em tudo digno da alta reputação de quem o escreveu e do nome glorioso d'aquelle a quem foi offerecido.

Os versos de Fernandes Costa a João de Deus são mais um d'aquelles primores de inspiração em que o auctor do *Poema do Ideal* nos revela a pujança dos seus largos dotes de escriptor e de poeta distincto entre os mais distinctos. Allia-se n'elles a um éstro abundante e rico uma rara e impeccavel correcção de fórma.

Cada quadra termina com um verso do poeta do *Compo de Flores*, e nem esta difficuldade obstou a que a poesia brotasse natural e espontanea.

O folheto, edição da livraria Gomes, do Chiado, é vendido em proveito da Sociedade das Casas de Asylo da Infancia Desvalida de Lisboa.

Associação dos Caixeiros portugueses.— Com grande concorrência de socios e no meio do maior entusiasmo, reuniu hontem a assembléa geral extraordinaria d'esta associação, convocada para proclamar socio honorario o eminente poeta João de Deus, e eleger as commissões de encerramento e de reemprego.

Deliberou-se effectuar domingo uma sessão solemne em honra do poeta, inaugurando o seu retrato na sala das sessões, e que os corpos gerentes, constituídos em commissão, fossem portadores do respectivo diploma e actas de que constem as manifestações feitas ao poeta.

Mensagem lida pela professora do *Instituto João de Deus*, Maria Eduarda da Fonseca, ao entregar-lhe no aniversario um ramo de flores naturaes, que João de Deus agradeceu, dizendo: «Ainda que estas lindas flores murchem, tenha v... a certeza que o agradecimento não murchará no meu coração.»

«Nosso bom Mestre: Havendo o corpo docente do nosso *Instituto* cumprido o seu dever na adhesão prestada aos festejos que as academias, o commercio e a industria vossolemnizou, vamos em especial, significar-vos os nossos

sentimentos, representando em cada pétala d'estas florinhas, o prazer que temos na honra de registardes na vossa inolvidavel apotheose a humildade de nossos cumprimentos.

Vós, que sois de Deus, qual Messias da civilização portugueza, que tivestes a inspiração para esculpir n'esse Decalogo, denominado *Cartilha Maternal*, os preceitos que vieram desvendiar os olhos ás gerações futuras, eivadas de ignorancia, para inocular no coração das mães o santo amor da educação; vós, que poupastes a vossa Mãe o sacrificio de a ensinar a lêr, porque ereis muito amigo d'ella, porque era intelligente e boa, como o filho; vós, a quem a natureza bafejou o luminoso astro para resgatar das trevas os filhos do povo; vós, e sómente vós, a quem os soberanos e toda a hierarchia dos povos neo-latinos se curvam para vos idolatrar, tivestes o dom celestial de imprimir em nossos corações, pelo acerado do vosso divinal estylete, os preceitos adoraveis do melhor thesouro que podemos legar a nossos filhos — o ensino da leitura racional —, continueae a ser nosso mestre, amigo.

Curvemo-nos perante o vosso Saber e a vossa Bondade, e consenti que, entoando o *Hymno de amor*, vossos discipulos ajoelhem á Virgem em preces, pelo vosso restabelecimento e pela ventura da vossa familia, em quanto abençoaes os fieis amigos. — *Maria Eduarda da Fonseca*,

professora; *Horacio Severo de Moraes Ferreira*, director; *Albino José de Moraes Ferreira*, gerente; *Antonio Mathias da Fonseca*, professor.

Lisboa, março de 1895.»

O Correio do Porto, anno 1. n.º 50.

Sociedade João de Deus. — Mensagem dirigida a João de Deus pela direcção d'esta Sociedade, em 8 de março de 1895:

«Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Quando o paiz inteiro, tendo á sua frente a mocidade academica, vem prestar a V. Ex.^a a devida homenagem pelos altissimos serviços por V. Ex.^a prestados á educação das creanças e ás lettras patrias, mal parecia que a *Sociedade João de Deus*, que nasceu e vive, embora modestamente, á sombra do nome glorioso de V. Ex.^a, se conservasse n'um silencio bem censuravel.

Em 1884 o Gremio das Classes trabalhadoras celebrou em Abrantes ruidosos festejos em honra de V. Ex.^a, aos quaes se associaram todas as classes sociaes e por uma fórma bem notavel as Senhoras de Abrantes; hoje não é uma villa da provincia que celebra o nome glorioso de V. Ex.^a é a Nação inteira, representada pelas

Academias, pelas Associações e por todas as individualidades que no meio decadente em que vivemos amam as tradições da sua patria, as legitimas glorias do seu paiz e as boas letras, que vem testemunhar solememente a V. Ex.^a a sua profunda gratidão.

Associando-nos com o mais vivo prazer a esta consagração, vimos em nome da Sociedade que inscreve o nome de V. Ex.^a na sua bandeira, affirmar que acompanhamos a mocidade das escolas no seu justo preito de homenagem ao maior poeta portuguez d'este seculo e ao grande educador das creanças.

Digne-se V. Ex.^a acceitar, com os protestos da nossa mais subida consideração, a singela homenagem de profundo reconhecimento e de sincera estima de todos os socios da Sociedade que immerecidamente representamos.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Ill.^{mo} Ex.^{mo} Sr. Dr. João de Deus. — A direcção, *Ramiro Guedes, Manuel Martins, Manuel d'Oliveira Netto, Antonio Farinha Pereira, Antonio d'Almeida Frazão.*

Abrantes, 8 de março de 1895. »

O sr. vereador Martinho Guimarães propoz na sessão da Commissão Municipal, que se lan-

casse na acta um voto de congratulação pela maneira levantada e justa como a cidade de Lisboa se associou á manifestação feita ao eminente poeta João de Deus.

A Comissão votou esta proposta por acclamação.

A Comissão Municipal approvou a seguinte proposta do sr. Correia Guedes:

«Não devendo nem podendo a Camara de Lisboa deixar de se associar ás manifestações promovidas pela academia portugueza e secundada pelos altos poderes do estado, em homenagem a uma gloria de Portugal — o poeta João de Deus, auctor da *Cartilha Maternal*, trabalho da mais alta importancia como base da instrucção —, proponho que a rua onde actualmente móra aquelle distincto poeta e pedagogo, passe a denominar-se — *Rua João de Deus.*»

O *Diario do Governo* publicou o seguinte decreto:

«Attendendo ao que me representaram os ministros e secretarios d'estado de todas as repar-

tições; considerando que pelos relevantes merecimentos e serviços litterarios prestados ao paiz por João de Deus Ramos, o auctor benemerito da *Cartilha Maternal*, me approve agracial-o com a gran-cruz da antiga, nobilissima e esclarecida Ordem de S. Thiago; e que é justo que uma mercê assim concedida como homenagem e recompensa nacional, seja isenta de todo o encargo: hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º E' concedida a João de Deus Ramos a isenção do pagamento de todos os direitos, impostos e emolumentos respectivos á mercê de commendador e gran-cruz da antiga, nobilissima e esclarecida Ordem de S. Thiago, do merito scientifico, litterario e artistico, com que foi agraciado por decreto de hoje.

Art. 2.º Fica revogada a legislação.

O presidente do conselho de ministros e os ministros e secretarios de estado de todas as repartições assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 8 de março de 1895. = REI. =
Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro — João Ferreira Franco Pinto Castello Branco — Antonio d'Azevedo Castello Branco — Luiz Augusto Pimentel Pinto — José Bento Ferreira de Almeida — Carlos Lobo d'Avila — Arthur Alberto de Campos Henriques.»

§ 4 — O festival nas provincias

Ilhavo. — No momento em que na metropole tinha lugar uma grandissima manifestação de justa homenagem e admiração a um egregio cultor das letras, Ilhavo tambem despertou da sua consuetudinaria letargia e tambem dedicou a João de Deus o seu preito. A mocidade ilhavense tambem se quiz associar ás festas da glorificação do grande poeta e do grande benemerito das creanças — é que a apothose foi espontanea, nacional, e significou o tributo dos discipulos ao mestre, o culto de um povo ao seu mais dilecto poeta.

Tres dias esteve embandeirada a séde da «Troupe Recreativa Ilhavense» e no domingo tocou lá de manhã a philarmonica da Vista-Alegre, pelas ruas e na associação dos bombeiros, erguendo-se repetidos vivas a João de Deus. A' noite realisou-se na séde da «Troupe» uma sessão solemne em honra do eminente lyrico, presidida pelo sr. dr. Marques de Moura, secretariado pelos srs. dr. Eduardo Moura e Mario Duarte, administrador do concelho. Discursaram os senhores: presidente, Mario Duarte, Diniz Gomes, Manuel F. da Cunha, A. Rosa, Alvaro Quaresma (poesia), Marques Machado, Julio Catharino, que explicou o methodo de João de

Deus, e dr. Mello Freitas que, com o seu admiravel *savoir dire*, arrebatou por vezes os ouvintes. Abrilhou a festa uma orchestra da Vista-Alegre, regida pelo habil rabequista José da Silva que, como os oradores, foi muito applaudida. A concorrência foi extraordinaria, assistindo as pessoas mais respeitaveis, creanças das escolas e respectivos professores e professoras, piquete de bombeiros, etc., etc. A's creanças foram distribuidos exemplares commemorativos da *Mala da Europa*. A exornação da sala era de gosto. Por sobre o logar da presidencia viam-se jornaes commemorativos, a *Cartilha Maternal*, e, circumdado por uma corôa de louros e flores do campo, destacava-se o retrato do grande lyrico. Ao principiar a sessão foram dispersas sobre o retrato e sobre os circumstantes muitas flores. Ao encerramento, a orchestra executou o hymno da «Troupe», bella composição musical de Diniz Gomes, e foram levantados muitos vivas. Os socios da «Troupe» vão enviar uma mensagem a João de Deus. A este grande poeta tinha já sido enviado no domingo um telegramma de saudação em nome dos mesmos socios e dos professores primarios, e o distincto professor em Lisboa, sr. Filippe d'Oliveira, representou no cortejo a «Troupe».

As casas das escolas tambem estiveram embandeiradas, bem como a associação dos bombeiros.

Os jornaes *A Vitalidade* e *Os Successos* estavam representados por A. Rosa e M. Marques Machado.

Em **Guimarães** houve a sessão solemne do 12.º anniversario da *Sociedade Martins Sarmiento*, distribuindo-se premios aos alumnos das escolas primarias do concelho de Guimarães e collegios da cidade.

Distribuiram-se tambem premios a tres alumnos da missão escolar das Escolas Moveis de João de Deus, os quaes exhibiram provas praticas deante de um immenso auditorio.

Presidiu á sessão o sr. dr. Antonio Motta Prego, presidente da camara municipal, e discursaram o sr. dr. Joaquim de Meira, presidente da Sociedade, dr. Avelino da Silva Guimarães, coronel João de Chaby, dr. Germano Costa Freitas, professor primario Crespo, conego Gomes, e outras pessoas.

Os premios constaram de livros e diplomas honrosos. Tocou a banda de musica de infantaria 20.

Fez-se a inauguração dos Museus archeologicos e numismaticos que a sociedade possui, da secção da bibliotheca exclusivamente de escriptores vimaranenses e do busto do dr. Martins Sarmiento.

Ao concluir a sessão levantaram-se vivas ao dr. Martins Sarmiento e redigiu-se e fez-se expedir um telegramma ao poeta João de Deus, como commemoração da Sociedade.

De **Barcellos** enviaram felicitações a João de Deus, a associação dos bombeiros voluntarios, a redacção da *Lagrima* e a da *Ideia Nova*. O telegramma d'este periodico era assim concebido:

«João de Deus — Lisboa. — A *Ideia Nova* felicita o grande poeta portuguez, que é, ao mesmo tempo, o amigo infatigavel da infancia. — *Martins Lima.*»

Santarem. — Os estudantes do Lyceu d'esta cidade, fazendo-se representar por uma commissão, associaram-se á apothese prestada ao auctor da *Cartilha Maternal*. Era justo que a mocidade scalabitana não deixasse no olvido o poeta do *Campo de Flores*. Ha approximadamente dez annos que na nossa terra natal nos incorporámos n'um cortejo civico em homena-

gem ao eminente lyrico. Essa festa, promovida pelos nossos patricios e velhos condiscipulos, teve por fim commemorar o magnifico resultado que no nosso querido torrão obteve o methodo do poeta, e inaugurando-se uma sociedade, que ainda hoje existe, de instrucção e recreio, denominada «Sociedade de João de Deus».

Porto. — Publicou-se um numero unico das *Flores Humildes*, dedicado ao eminente poeta, a quem foi enviado hoje um exemplar. Tem uma collaboração brilhantissima de Alice Grillo, desenho de Carlos Dubini, musica de Joaquim Leitão, José Duro, Hugo Diniz e Arnaldo Soares, verso e prosa. O producto da venda reverte a favor do Asylo Profissional do Terço.

Amarante. — A' importante e muito significativa homenagem ao mavioso lyrico portuguez e da Europa, que acaba de realisar-se com cortejo civico em Lisboa, no dia 8, dia do seu 65.º anniversario natalicio, tambem adheriu a corporação academica do lyceu d'esta villa, que se reuniu na tarde de sexta feira para este fim. Foi

enthusiastica a sessão presidida pelo alumno Alfredo T. Barboza da Guerra Leal, enviando uma mensagem ao grande lyrico

Flôr do Tamega, n.º 431, anno IX (10-III-95).

Portalegre. — Os briosos academicos do lyceu d'esta cidade tambem não quizeram deixar de se fazer representar nas festas de homenagem que na capital se fizeram ao grande poeta dr. João de Deus, essa refulgente gloria nacional da actualidade, que nos levanta a par dos paizes mais adiantados na civilisação.

Reunidos em assembleia geral presidida pelo dignissimo reitor sr. dr. Adolpho Ernesto Motta, nomearam uma commissão composta dos alumnos João Antonio Pinto Bagulho, José Nunes Tierno da Silva, Joaquim Manuel Picão Fernandes, Antonio Soares Franco Junior, Luiz Antonio Pinto Bagulho, Adolpho Rosario Corticinho Garcia e Annibal da Graça Vieira, que partiram para Lisboa na noite de 6, encarregados de representar a collectividade do corpo docente do lyceu, e de offerecer ao principe da Poesia lyrica portugueza uma penna de ouro com a sua respectiva dedicatoria, singelo preito de alta estima de um punhado de mancebos, que serão os ho-

mens do futuro, se a sua aplicação nos estudos fôr igual aos fogos do entusiasmo tão proprios da mocidade briosa.

Campeão de Portalegre, n.º 27, anno II (10-3-95).

Leiria. — A Academia Leiriense tambem quiz cooperar nos festejos promovidos pelos seus collegas da capital, para o que se constituiu uma commissão, composta dos srs. Raul de Carvalho, Antonio Gonçalves da Cruz Mendonça, José A. Rodrigues, Sebastião Costa, Adriano Barros e Rego, José Ritto dos Santos e Antonio Wanzeller Pessoa, que se desempenharam brilhantemente do seu encargo, pelo que os felicitamos.

Em tão pouco tempo, pois que esta solemni-sação só foi resolvida quando viram a completa impossibilidade de se fazerem representar nos festejos da capital, o que para alli participaram em telegramma, foi impossivel fazer-se mais.

Alvorada. — Pelas cinco e meia horas da manhã, a philarmonica Sociedade Artistica Musical, d'esta cidade, tocou á porta do lyceu o hymno academico, seguindo depois pelas ruas da cidade, a executar varios trechos de musica,

emquanto subiam ao ar muitos foguetes e morteiros.

Durante o dia estralejavam por vezes os foguetes, enquanto a commissão dos academicos andava a fazer os convites para o saráo em honra do poeta, que se devia realizar á noite.

Iluminações. — A fachada do lyceu estava toda guarnecida de lanternas, collocadas em torno das janellas e sobresahindo nos espaços que vão de uma á outra, as letras que constituem o nome do insigne poeta, e distincto pedagogista.

As janellas da escola industrial tambem estavam illuminadas, bem como as da casa de ensino da *Serenata Collipponense*, em que se ostentava a bandeira nacional e o retrato de João de Deus, habilmente desenhado pelo sr. Adriano José Rodrigues, executado por aquelle nosso amigo no espaço de duas horas apenas, não deixando por isso de ser um trabalho admiravel, como todos os que saem do seu lapis ou pincel.

Marcha aux flambeaux. — Eram sete horas e meia da tarde, quando os alumnos da escola industrial saíram d'este edificio, precedidos da philarmonica dos Manazes e percorreram as ruas da cidade, erguendo entusiasticos vivas a João de Deus, á Patria, á mocidade academica, etc., não obstante as continuas bátegas de agua que caíam. Depois, juntaram-se-lhe os bombeiros voluntarios, dirigindo-se todos á casa da Sere-

nata Collipponense, onde já se achavam os alumnos do lyceu, que haviam sahido d'alli, precedidos da Sociedade Artistica Musical e levando á frente a bandeira nacional.

Na casa da *Serenata* houve mutuas saudações e muitos e entusiasticos vivas a João de Deus, á academia portugueza, á academia leiriense, ao progresso, ao povo e damas de Leiria, á Patria, e muitos outros.

Saráo litterario-musical. — Primeira parte:

N.º 1 — A banda de caçadores 6, sob a habil regencia do seu novo mestre o sr. Gloria Reis, tocou o hymno academico e em seguida um *Bric-à-brac* de Cyriaco Cardoso.

N.º 2 — Discurso pelo sr. Candido Maria Dias.

N.º 3 — O grupo de amadores de musica *Serenata Collipponense*, executou com muita correcção e mimo, a *Marcha Luiça Todi*, pelo que ouviu muitas palmas.

N.º 4 — Monologo *Um alho*, pelo sr. Raul de Carvalho, presidente da academia.

N.º 5 — Symphonia de Souppi, *Poeta e Aldeão*, pela banda.

N.º 6 — O academico Adriano Rego, recitou muito bem a poesia *Perdão*, de João de Deus.

N.º 7 — Walsa *Avec plaisir*, pela *Serenata Collipponense*, depois do que, houve um intervallo, em que se levantaram muitos vivas a João de Deus, á academia, etc.

Passou-se á segunda parte:

N.º 1 — A banda tocou uma bonita walsa do seu mestre, sr. Gloria Reis.

N.º 2 — O sr. Affonso Augusto Perdigão, professor de mathematica no lyceu, a pedido dos academicos, fez um pequeno discurso de improviso.

N.º 3 — *Serenata* Cyriaco de Cardoso, pela *Serenata Collipponense*.

N.º 4 — O academico Eduardo Candido dos Reis, recitou a poesia *Tributo de sangue*, de Gomes Leal.

N.º 5 — O sr. Jacintho Paiva, academico, disse um discurso.

Faz o elogio de João de Deus, que além de um grande talento, é um character probo, um coração cheio de bondade e de virtudes, e um exemplarissimo chefe de familia.

Bem andam pois os academicos leirienses, seus collegas, em cooperarem na obra da exaltação ao grande poeta, prestada pelas academias de Lisboa, Porto e Coimbra; e termina levantando um viva a João de Deus, que foi enthuasiasticamente correspondido.

N.º 6 — O sr. Perdigão, ainda a pedido da academia, recitou a poesia *A Vida*, de João de Deus, com muito sentimento e naturalidade.

N.º 7 — Walsa *Parla*, e uma outra de Strauss, pela *Serenata*.

N.º 8 — O academico Luiz do Souto Junior, leu um pequeno discurso.

Homenagem da Camara Municipal. — A camara municipal d'este concelho, juntou tambem a sua nota espontanea e vibrante ao hymno colossal de respeito e gratidão com que todo o paiz está acclamando o grande lyrico e insigne pedagogista.

Foi resolvido:

1.º Que a rua da Graça, d'esta cidade, passe a denominar-se *Rua de João de Deus*.

2.º Que ao officiar-se ao poeta consagrado, communicando-lhe esta deliberação, se lhe testemunhe, em nome de todo o municipio leirien-se, as mais cordeaes felicitações pelo seu anniversario e pelas homenagens que tem recebido.

Correio de Leiria, n.º 6 (14-III-95), 1.º anno.

Beja. — Na noite de sexta feira, 8 do corrente, teve lugar, na sala da escola da freguezia do Salvador, um importante saráo, musical e litterario, promovido pela Academia Bejense, em homenagem ao grande lyrico João de Deus, pelo seu anniversario natalicio.

A's sete horas em ponto estava aberto o portão que dá entrada para o edificio da escola e bem assim a porta da sala, onde se realisou o saráo.

Esta sala achava-se esplendidamente ornamentada com bandeiras portuguezas e por entre ellas os quadros parietaes de João de Deus; nas janellas dois magnificos reposteiros e por toda a parte abundavam as mais finas sêdas e damascos, tudo artisticamente disposto.

Do tecto pendiam tres lustres, objectos de grande valor, de 16 velas cada um, d'onde emanava uma luz viva e intensa, que juntamente com a de alguns candieiros e serpentinas que estavam collocadas nas paredes, davam á sala um aspecto imponente.

Revelavam-se ali, logo á primeira vista, o bom gosto e engenho do sr. Aguiar Bastos, que de boa vontade se offereceu para dirigir os trabalhos de ornamentação e illuminação, não só da sala mas tambem do páteo da entrada e escadaria.

Pouco depois das sete horas começaram a chegar os trens que conduziam as damas e cavalheiros convidados, para assistirem ao saráo.

As damas pelo braço dos academicos que faziam parte da Commissão eram conduzidas á sala para ali tomarem os seus logares, e ás nove e meia a sala estava repleta.

A Commissão promotora dos festejos, tinha nomeado para presidente da mesa o sr. dr. Macedo, reitor do Lyceu, e para vogaes os srs. dr. Francisco Xavier de Menezes e capitão Cunha, todos professores no lyceu de Beja.

Eram dez horas quando a banda de infantaria 17 deu comêço ao saráo tocando o hymno de João de Deus; tocou ainda durante o saráo diversas composições, sendo muito applaudido o seu regente, Benjamim da Costa.

O sr. dr. Macedo foi o primeiro orador; proferiu um brilhante discurso, tecendo primeiramente grandes elogios á Academia Bejense, por ser ella quem promoveu os festejos, e depois ao eminente vulto João de Deus, terminando por dizer que estava aberto o saráo.

Seguiram-se-lhe os ex.^{mos} srs. padre Julio, Albertino da Silva e os academicos Francisco de Assis Horta, Antonio Manuel da Rosa, Olympio Ramalho e Celorico Gil.

Foram eloquentes os seus discursos, sendo por isso ruidosamente applaudidos com estrondosas salvas de palmas e muitos bravos.

Recitaram-se tambem as seguintes poesias:

O sonho, por Fernando Belard da Fonseca; *O beijo*, por Francisco Belard da Fonseca, e *O estudante alsaciano*, por Ferreira de Almeida, tambem academicos.

Tocaram piano as ex.^{mas} sr.^{as} D. Laura Judith Helena d'Athayde Pimenta, D. Marianna Alice Poças de Castro e Sousa, D. Palmira Poças Carneiro, D. Cecilia Codina e D. Beatriz de Sena Cabral, juntamente com o sr. Deodato Ramos, que tocava rebeca, sendo muito applaudido.

Os academicos que faziam parte da Commissão, distribuiram durante o intervallo, uma enorme porção de folhas de hera, com a seguinte dedicatória:

A JOÃO DE DEUS

A Academia Bejense

Esta acertada ideia foi do sr. Ferreira de Almeida e por isso um bravo ao distincto academico.

Durante o saráo levantaram-se muitos vivas ao mimoso poeta João de Deus.

Eram duas horas, quando o sr. Albertino da Silva, subindo pela segunda vez á tribuna, fechou o saráo, proferindo ainda algumas palavras em honra do grande vulto, e terminando por agradecer penhorado a amabilidade de todos.

O bodo. — O producto do saráo foi applicado n'um bodo, distribuido por 160 creanças das mais necessitadas.

O bodo constou do seguinte: 1 pão, 250 grs. de carne de vacca, 125 grs. de toucinho, 125 grs. de chouriço, 125 grs. de arroz, 2 laranjas e 40 réis em dinheiro.

Antes de acabar a distribuição d'este bodo o sr. padre Julio teceu um eloquente discurso, referindo se ao grande pedagogo João de Deus e á Academia Bejense, a quem elogiou bastante

pela obra de caridade que acabavam de praticar.

Em seguida orou o sr. Marianno de Sequeira Feyo, sendo tambem o seu thema principal João de Deus e a Academia.

O bodo foi distribuido no pateo da escola de S. Salvador, no domingo, 10, em virtude do tempo não permittir que o fosse no jardim publico, como estava determinado.

A distribuição foi feita pelos srs. dr. Macedo, padre Julio, dr. Francisco Xavier de Menezes e capitão Cunha, sendo a Commissão que os convidou para este fim.

Acabada a distribuição, todos os academicos que tinham assistido a ella foram até ao Lyceu acompanhando o estandarte, levantando-se n'essa occasião muitos vivas a João de Deus, á Academia Bejense, á Commissão promotora dos festejos e ao presidente da Academia o sr. Antonio Negrão Buisel.

Um bravo, pois, á Academia Bejense em geral e em particular á Commissão, que a troco de tantos esforços, conseguiu levar a effeito uma festa, a segunda e talvez a ultima que em Beja se realise com tamanha pompa e solemnidade, commemorando assim o anniversario natalicio de um homem que tão relevantes serviços prestou á Nação portugueza com a sua *Cartilha Maternal*.

Evora. — Os academicos, tendo em vista promover uma manifestação de sympathia pelo grande poeta e insigne pedagogista dr. João de Deus, no dia 8 do corrente mez, vêm por este meio appellar para a consciencia publica, pedindo a todos os cidadãos eborenses os acompanhem n'esta manifestação, illuminando em a noute do referido dia as fachadas das suas casas de habitação. Certos que serão attendidos n'este justo pedido, desde já agradecem reconhecidos.

Evora, 7 de março de 1895.—Pela academia, a Commissão: *Estanisláo da Conceição e Almeida, Jayme Arthur da Costa Nogueira, Joaquim Marques dos Santos, José Luiz Rodrigues Ce-bola Junior.*

*

A festa a João de Deus. — Pelo meio dia de hontem, foi aberta a *matinée*, que os estudantes do lyceu de Evora promoveram no palacio dos srs. duques de Cadaval, a Torre das Cinco Quinas, estando a sala cheia de senhoras e cavalheiros da nossa primeira sociedade.

Presidiu o sr. Pereira Deville, digno e illustrado professor do lyceu, que está sempre prompto a coadjuvar os academicos nas suas nobres aspirações de progresso; e foi s. ex.^a que descobriu um magnifico retrato do egregio auctor da *Cartilha Maternal* e incomparavel poeta lyrico — João de Deus; e ao descobri-lo

proferiu um improviso sentido em glorificação do auctor da festa e dos seus queridos promotores — os estudantes. Agradeceu, igualmente, ás senhoras e cavalheiros presentes, que alli concorriam para glorificar o nome de um portuguez que ha de ser immortal, e tambem á imprensa.

Muitas palmas acolheram este improviso.

A esta manifestação tambem se associou a Camara Municipal, répresentada no seu digno presidente, o sr. conde da Serra da Tourega, que em phrases sentidas elogiou os merecimentos do poeta e pedagogo, para cuja glorificação a Camara concorrera, dando o nome de João de Deus á principal arteria da cidade, e louvando a manifestação da Academia eborense.

Presente estava tambem o sr. General commandante da divisão, e representando o clero um dos seus mais illustres membros, o professorado do lyceu, o primario, e a imprensa jornalística.

Foram proferidos alguns discursos, recitaram-se algumas poesias, e algumas damas e cavalheiros tocaram e cantaram magnificos trechos de musica, sendo todos freneticamente applaudidos.

A's duas horas acabou a *matinée*, no meio do maior enthusiasmo.

D'alli dirigiu se a commissão para a rua Ancha, acompanhada do sr. presidente do municipio,

para assistirem á collocação das chapas com o nome de João de Deus nas esquinas da mesma rua, subindo por essa occasião ao ar muitas girandolas de foguetes.

A *matinée* foi abrilhantada com a orchestra dirigida pelo maestro sr. Moraes.

Programma da festa:

Primeira parte. — Orchestra — Discurso pelo ex.^{mo} sr. Manuel Gomes Fradinho — *Les cloches du village*, op. de V. Massé, por J. Ascher, executada ao piano pela ex.^{ma} sr.^a D. Augusta Figueira Pereira — *Ouverture* do 1.^o acto da opera *Guilherme Tell*, de Rossini, executada ao piano pela ex.^{ma} sr.^a D. Antonia Ramalho — Concerto de bandolim e viola pelos srs. João de Sousa, Thomaz de Sousa e Frederico Villaret — Poesia recitada pela menina D. Antonia Julia Correia Rodrigues — *Les clochettes*, valsa de Marie Caroline Cart, executada ao piano pela ex.^{ma} sr.^a D. Augusta Figueiras Pereira — *Souvenir d'Andalusie*, caprice pela ex.^{ma} sr.^a D. Antonia Ramalho — Orchestra.

Intervallo de dez minutos.

Segunda parte. — Orchestra — *Galop de concert*, por E. Ketterer, executado ao piano pela ex.^{ma} sr.^a D. Antonia Ramalho — *Les oiseaux du clocher*, melodia, A. D. Roosenboom, executada ao piano pela ex.^{ma} sr.^a D. Augusta Figueiras Pereira — *Si tu m'aimais*, melodia para canto — *Denza*, pela ex.^{ma} sr.^a D. Antonia Ra-

malho — Poesia pelo academico Joaquim Antonio Tapum — *La Sonambula*, phantasia brilhante, opera de Bellini, por J. Lcaybach, executada ao piano pela ex.^{ma} sr.^a D. Augusta Figueiras Pereira — Orchestra.

Diario do Alentejo, n.^o 2:504, 9.^o anno, 1895.

Rio Maior. — O *Rio Maiorense*, commemorou da seguinte fórma o dia de hontem :

1.^o — Pediu á Camara Municipal que dêsse o nome de *Rua João de Deus* á rua da Capella d'aquella villa, onde se acha levantado o edificio escolar ;

2.^o — Que a mesma Camara illumine n'essa noite a fachada dos paços do concelho ;

3.^o — Illuminou tambem as fachadas do edificio da redacção ;

4.^o — A redacção institue, a contar d'este dia, um premio pecuniario de 20000 réis, intitulado — *Premio João de Deus* — para ser distribuido pelos alumnos das escolas officiaes de instrucção primaria de ambos os sexos, do concelho de Rio Maior, que obtiverem approvação em exame de instrucção primaria que lhes dê ingresso nos institutos de instrucção secundaria e, sendo as fracções do premio distribuidas pe-

los respectivos professores no dia 1.º de dezembro de cada anno, em que promoverão uma festa escolar, com assistencia das auctoridades locais e das pessoas que tenham por conveniente convidar para este acto.

Metade do premio (100000 réis) é destinado ás duas escolas da séde do concelho e a outra metade a todas as outras freguezias ruraes.

Fafe. — Teem sido aqui lidas com enthusiasmo as noticias ácerca da homenagem ao glorioso poeta João de Deus.

Grandola. — Na sua sessão de hoje resolveu a Camara Municipal d'este concelho dar a uma das praças d'esta villa o nome de João de Deus.

No Club, tambem no dia 8, houve um sarão em honra do illustre poeta. Fallaram os srs. drs. Victorino Passos, Pontes e Manuel Mathews e o sr. Amandio Sobral. Tambem devia fallar o sr. dr. Nunes, mas não pode comparecer por ter chegado n'esse dia doente de Lisboa. E assim se associou esta villa á homenagem nacional prestada a João de Deus.

Lagos. — Foi grandiosa a manifestação ao mimoso poeta algarvio João de Deus. A Philarmónica Recreio Musical Lacobrigense, tocando o hymno da Restauração e illuminada por grande numero de archotes, percorreu as ruas da cidade. A multidão era enormissima, observando-se em todos os rostos a mais intima satisfação, alegria e contentamento. A' porta de todas as escolas, a alludida philarmónica tocou o hymno, levantando a professora Antunes um enthusiastico viva ao auctor das *Flores do Campo*. Da janella da redacção do *Pro-Lagos*, o redactor principal, Salazar Moscoso, pronunciou um curto mas brilhantissimo discurso, pondo em relêvo os valiosos e relevantes serviços prestados a Portugal pelo auctor da *Cartilha Maternal*.

Barreiro. — Foi imponente a sessão solemne que hontem se realisou na Associação dos Operarios Corticeiros do Barreiro, em homenagem ao grande poeta João de Deus. Presidiu á sessão o sr. Miguel Antonio Lopes, secretariado pelos srs. Antonio Ribeiro e Ferreira.

Fallou em primeiro logar o sr. presidente que fez o elogio da *Cartilha Maternal*, e do beneficio que ella veiu trazer á instrucção.

Seguiram se os srs. Roberto e Manuel Feve-

reiro, que descreveu a vida do notavel poeta, pondo em evidencia os sacrificios feitos por elle quando começou o apostolado da *Cartilha Maternal*.

Usaram ainda da palavra os srs. José Palhota, Joaquim do Carmo e outros.

Brevemente será inaugurado na séde da mesma associação o retrato do grande poeta, realisando-se por essa occasião uma sessão solemne, para que serão convidados alguns oradores de Lisboa.

Alcacer do Sal. — A nova Sociedade Recreativa 1.º de Dezembro, d'esta villa, resolveu inaugurar hoje o seu Gabinete de leitura, expondo alli um primoroso retrato do illustre poeta feito pelo presidente da sociedade, o nosso bom amigo Thiago Silva, que se tem manifestado um habil artista.

Pela uma hora da tarde teve logar a sessão solemne, proferindo-se alguns discursos apropriados ao acto, e á noite houve um muito concorrido saráo litterario, musical e dansante, a que assistiram quasi todos os socios com suas familias, munidos de bilhetes intransmissiveis distribuidos pela direcção.

De tarde e depois no saráo, que se prolongou

bastante, tocou a benemerita sociedade dirigida pelo seu distincto regente, J. dos Santos Lagartixa, mostrando todos aquelles mancebos muita aptidão e notavel adeantamento na maneira como executaram differentes excerptos musicaes; na realidade não parece um grupo com pouco mais de tres mezes de existencia.

A iniciativa d'esta manifestação ao nosso eminente poeta foi do conhecido professor e nosso amigo sr. J. L. Mera, residente ha tempo n'esta localidade.

O gabinete de leitura já possui grande numero de interessantes volumes.

Tavira. — Os rapazes tavirenses, socios do Club Borda d'Agua, reunidos em assembléa geral, deliberaram por unanimidade cognominar a dita sociedade — *Club João de Deus* — em homenagem ao grande poeta lyrico.

Messines. — E' grande o entusiasmo pelo anniversario de João de Deus, o nosso illustre conterraneo. Tocou-se a alvorada, subindo ao ar innumerous fogetes.

Uma musica percorre as ruas, acompanhada de muito povo, tocando em frente da casa onde nasceu o grande lyrico. E' grande a animação.

Está realisando-se o *Te-Deum*, a que assiste grande concurso de povo. Ouve-se continuamente o estalar dos foguetes. A' noite ha illuminação, fogos e musicas.

(Telegrammas para *O Seculo*.)

Lagos. — Como homenagem ao distinctissimo poeta João de Deus, benemerito auctor da *Cartilha Maternal*, uma das mais definidas e sublimes organizações artisticas do nosso paiz e uma completa gloria nacional, conhecida e respeitada em todo o mundo civilisado, tiveram alguns cavalheiros d'esta cidade a magnifica ideia de fazer sair na noite de 8 do corrente, em cujo dia se celebrava no nosso paiz o anniversario natalicio do grande lyrico, uma grande *Marche aux flambeaux*, acompanhada pela sympathica philarmonica *Recreio Musical Lacobrigense*.

Percorreram, assim, todos os individuos que a compunham, bem como um enorme concurso de povo que os seguia, varias ruas d'esta cidade, no meio do mais caloroso e espontaneo enthusiasmo, dando repetidos vivas ao divino poeta e queimando grande numero de foguetes.

Dirigiram-se para defronte das portas das varias escolas de ensino primario, tanto officiaes como particulares, onde parando, saudaram os respectivos professores que corresponderam ao cumprimento levantando phreneticos «vivas» ao illustre e eximio pedagogo.

Tiveram tambem a delicadeza de vir perto do edificio da nossa redacção e typographia, de cuja uma das janellas o nosso redactor principal Salazar Moscoso em um vibrante e esthusiastico improviso, tão rapido como o exigiam as circumstancias em que foi feito, mostrou em syntheses claras e definidas todo o alto e superior valimento do grande poeta, d'essa alma perfeitamente aberta a todos os sentimentos estheticos. Foi calorosamente applaudido, o que em seu e nosso nome, aqui agradecemos cordalmente.

Por ultimo felicitamos sinceramente os individuos que tiveram a lembrança de prestar a essa individualidade genial uma tão simples mas bem cabida homenagem.

Pro-Lagos, n.º 24 (10-3-95), anno II.

Faro. — Foi ante-hontem dia de gala para a nossa illustrada academia, celebrando-se no espaçoso salão do edificio do lyceu nacional a ses-

são solenne commemorativa do insigne poeta João de Deus.

O acto foi deveras imponente, presidindo a elle o venerando prelado da diocese, com a assistencia do respeitavel corpo docente d'aquelle estabelecimento escolar, varios distinctos membros do cabido, toda a corporação academica, e grande numero de pessoas de primeira qualificação na cidade, incluindo-se algumas damas da principal sociedade fareense.

Abriu a sessão, proferindo um primoroso discurso, s. ex.^a rev.^{ma} o sr. Arcebispo-bispo D. Antonio Mendes Bello, seguindo-se-lhe os srs. dr. José Francisco Guimarães, que leu uma esplendida poesia, e Pedro Judice, que discursou tambem com elevação notavel de conceitos e de linguagem.

João de Deus foi, como era de esperar, o assumpto a que se referiram os eloquentes oradores, considerando-o sob os pontos de vista da sua fé religiosa, da sua inspiração genial como poeta, e dos serviços relevantes prestados á instrucção popular como eximio pedagogista.

De manhã foi feita a alvorada, percorrendo a philharmonica *Oito de Dezembro* as ruas principaes do transito, executando algumas peças do seu reportorio, e indo tocar emfim junto á porta do lyceu.

No mesmo dia foi distribuido o Numero unico de um jornal litterario e illustrado — *Homenagem*

da Academia Fareense ao excelso vate lyrico. Literaria e artisticamente é um trabalho de subida e importante valia.

A noite passada aquella mesma philarmonica tocou em a rua D. Francisco Gomes, vistosamente adornada e illuminada.

Progresso do Sul (Faro). n.º 292 (10-III-95).

*

Em homenagem a João de Deus, publicou a *Academia Fareense*, de Faro, um numero especial com o retrato do poeta, e artigos dos srs. Arcebispo do Algarve, Cordes d'Avellar, Candido Guerreiro, Athayde Oliveira, Jacintho Parreira, J. Marim Junior, J. Gonçalves Junior, José Lapa, J. R. Castanho, Joaquim Tello, capitão Athayde e Oliveira, monsenhor conego Botto, P. Nogueira e Ruy de Mendonça.

*

Não vão muito longe os dias em que o paiz pagou identicas dividas a dois proeminentes vultos: Pombal e Camões. Recentemente tambem foi pago o tributo ao Inclyto infante D. Henrique, o notavel impulsador das façanhas que maior brilhantismo deram ao nome portuguez.

Todas estas festas nacionaes os academicos têm secundado com todo o entusiasmo, por-

que são homenagem ao talento que juntamente com a virtude constitue a grande carta de recommendação para o homem na sociedade.

Entre a pleiada de homens distinctos que honram a patria e a humanidade no vastissimo campo das sciencias, lettras e artes destaca-se brilhantemente a figura sympathica e serena de João de Deus, sublime athleta do pensamento e da imaginação, o fervoroso apóstolo da instrução.

Honrar um homem que, como João de Deus, se tem tornado tão notavel n'uma época de decadencia politica e moral, como aquella que vamos atravessando, é um dever.

Nós em nome de todos os estudantes algarvios não podemos deixar de collocar uma pétala n'essa flor com que o Algarve inteiro quer contribuir para a formação da corôa da immortalidade que ha de cingir a fronte do grande cidadão, natural d'esta provincia.

Permitta-nos João de Deus que do seio da provincia, que o viu nascer, lhe dirijamos as nossas sinceras felicitações pelo seu anniversario natalicio, ás quaes juntamos o reconhecimento pelos grandes beneficios que nos tem feito. Sim, grandes beneficios, porque hoje em quasi todas as escolas, não só d'esta provincia, mas de todo o paiz é adoptado o maravilhoso methodo do notavel pedagogo. Por tudo isto lhe somos obrigados, muito obrigados.

A comissão, Antonio Maria Rebello Neves, Antonio Rodrigues Camacho Junior, Francisco José Faisca Teixeira, Francisco Malaquias Domingues, Joaquim Baptista Falleiro, José Franco Pereira de Mattos, José Peres Maldonado Junior, Pedro Paulo Mascarenhas Judice.

No meio da profunda e pungentissima decadencia, para que vae resvalando um paiz, outr'ora poderoso e grande, respeitado e temido; ao presentirmos com dôr vehemente e magoada os males agudissimos, de que enferma a nossa sociedade, no presente e já desde longe, a partir do momento em que principiara de esquecer, senão mesmo de repellir, muito do que em passadas épocas recebera de nossos maiores a mais lidima e accendrada veneração, de par com a mais exemplar, a mais pura e convicta homenagem; ao entrevêrmos essa voragem tetrica e medonha, em que ruem precipites, esphacellando-se e diluindo-se, os regramentos e as normas a que, em tempos idos, obedecera, tenacissimo, o povo portuguez, que chegara, por isso mesmo, a tornar-se o assombro do mundo, com o prestigio do seu nome e com a fama de suas gloriosas emprezas e sublimadas façanhas; quando pensamos em tudo isso, ainda que ao de leve, e sem nos entregarmos a mais graves

cogitações, não podemos occultar a tristeza e o desalento, que em nosso animo vem imprimir o confronto entre o que hoje sômos e o que fomos hontem. E seria completa essa tristeza, incomparavel semelhante desalento, se, de quando a quando, um ou outro facto não viesse como que despertar-nos da lethargia, que nos avexa e nos opprime, para convencer, até os mais esmo-recidos, de que a nossa patria queridissima tem ainda muitos filhos a honral-a, a engrandecel-a e a exaltal-a com as suas virtudes, com as exuberancias do talento, com as fulgurações do genio e dedicação desinteressada e persistente a bem da instrucção popular: serviços valiosissimos, dotes eminentes e de tão fino quilate, que desmarcada ingratição seria não render a quem presta uns, e em si cumúla outros, o preito sincero e cordealissimo de admiração enthusiastica e de respeitoso affecto.

Solve-se assim uma divida, que tem muito de imperiosa e muitissimo de sympathica. Uma vez gravada no coração e bem firme na consciencia, tende a expandir-se e a valorisar-se por actos ou palavras, que signifiquem reconhecimento e revelem justa e merecida homenagem aos que, por titulos de alta valia, se fizeram d'elles creadores.

E manifesta-se, e expande-se; que nem outro procedimento ficaria bem a quantos apreciam e presam o nobilissimo sentimento de gratição.

Haja e appareça ahi quem, d'esta ou aquell'outra fórma, e em qualquer das variadissimas applicações da actividade humana, chegue a bem merecer da patria, que não deixarão corações portuguezes de testemunhar-lhe sua estremada dedicação.

Eis porque um concidadão nosso, que, sobre evidenciar-se talento brilhante, distinctissimo litterato e poeta mimosissimo, tem consagrado suas privilegiadas faculdade ao mais facil e rapido desenvolvimento da instrucção popular. está sendo, no bem presente, alvo de calorosas manifestações de estima e sympathia, na capital do reino e em differentes outros pontos do paiz.

Chama-se — João de Deus.

A provincia do Algarve, que lhe foi berço, e testemunha tambem dos raros dotes do seu espirito, não podia nem devia deixar de tomar em taes manifestações uma parte bem saliente, e de render, por sua vez, o merecido preito a um de seus filhos mais illustres e prestimosos, e que, entre tantos outros que a exalçam e nobilitam, pode dizer-se uma de suas maiores e mais refulgentes glorias.

Faro, 1895. — *A., Arcebispo-Bispo do Algarve.*

Passa ha muito como axioma, que sòmos um povo degenerado. Todos nos dizem, que esque-

ceмос as nossas tradições gloriosas, em que somos incapazes de manter illesa a herança de brio, dignidade e heroismo, com que os nossos avós encheram a historia antiga e moderna; mas a consciencia de cada um de nós insurge-se contra esta flagrante e humilhante injustiça.

Não. O axioma é apenas um protesto invocado por quem precisa, para nos injuriar e expoliar, illudir a condemnação da propria consciencia.

Poderá faltar-nos, e falta-nos infelizmente, a força material, que é nas relações internacionaes a fonte d'onde dimana a noção do direito, que é assim a negação da noção do justo; mas temos a força moral, que nos colloca superiores ás injurias, sentimos energia bastante para a defesa do nosso brio, e ainda Deus louvado, temos alma, que se abre aos sentimentos puros e se expande em manifestações de alegria pelas glorias nacionaes.

No céu tenebroso da patria, que ha quatro annos é vítima de offensas atrozes, abre-se um immenso clarão, em que brilha em letras de ouro o nome de João de Deus.

E logo toda a mocidade academica se levanta de norte a sul e entôa unisona um hymno de louvor ao grande poeta.

Os jovens de hoje, a quem a dura experiencia não crestou ainda as illusões, sentem-se attrahidos pela gloria do mavioso poeta, e obedecem

jubilosos a esta attracção, que será para os homens do futuro, na massante lucta pela vida, uma gratissima recordação.

Almas ainda ingenuas, consubstanciam-se com a alma do grande poeta, que é o synthese da alma portugueza, melhor diriamos, da alma algarvia.

E é.

Nasceu poeta; mas se este céu azul, este sol brilhante e quente, este solo constantemente atepetado de flores de peregrina frangancia, este arvoredado pujante, estes laranjaes em flor, estes olhos negros, vivos, brilhantes, esta alma expressiva e ardente sempre prompta a receber as grandes impressões e a exprimi-las com uma linguagem candente, sonora, musical, fizeram d'elle um poeta lyrico.

E se a tudo isto juntarmos o todo pittoresco da sua aldeia, a belleza das suas penedias, o encanto dos seus valles, a magestade dos seus horisontes, e acima, muito acima de tudo isto, a graça, a vêr-se, que reinaram sempre no seu lar domestico, que admira, que, nascendo simplesmente poeta, se tornasse o primeiro poeta lyrico das gerações modernas?

Por isso os cantos mais maviosos solta-os elle para celebrar as bellezas da sua terra, e as suas mais lindas imagens só um algarvio pode bem comprehendel-as.

Hoje chora as saudades de sua mãe, que já

velhinha, quando tivemos a honra de a conhecer, tinha ditos de uma graça inexcelsível.

A' manhã abrirá a sua alma juvenil aos effluvios do amor e cantará os olhos pretos da virgem aldeã, que o enfeitiçaram.

Umaz vezes a completa imagem de uma belleza surprehendente são o «lyrio e a bonina dos valles do seu paiz».

Outras descreve com admiravel verdade a marcha e os effeitos do redemoinho arrancando a alfarrobeira.

São sempre as recordações da sua aldeia, que da sua lyra fazem sair os sons mais arrebatadores.

Alma profundamente impressionavel, diriamos, sinceramente algarvia, resente-se com a dôr e expande-se com a alegria, como ninguem; mas tambem exprime uma e outra melhor do que ninguem, pela delicadeza, finura e colorido das imagens, pela viveza dos conceitos e sobretudo pela simplicidade altamente poetica da sua linguagem.

Quando a sua mãosinha pondo um dedo
No seu labio de rosa pouco aberta,
Como timida pomba sempre álferta,
Me impunha ora silencio, ora segredo,

Tinha o céo da minha alma as sete côres,
Valia-me este mundo um paraiso,
Destillava-me a alma um dôce riso,
Debaixo de meus pés nasciam flôres.

Nada, ao que parece, é mais facil; não ha uma transposição sequer, está tudo na ordem directa, é, como se fosse prosa corrente.

Pois imite-o alguém se é capaz!

Sabe pintar a sua dôr com tão vivas côres, que consegue arrancar lagrimas aos que ainda não sentiram o travo d'ellas.

Não sei se me vôou, se m'a levaram,
Nem saiba eu nunca a minha desventura
Contar aos que ainda em vida não choraram.

E' o ultimo terceto de um soneto camoneano, que por si bastaria para a gloria do poeta. Cre-mos que poucos algarvios deixarão de saber de cór estes e outros versos do seu glorioso pa-trício.

Este despretencioso artigo vae já longo, e não queremos tomar espaço que outros melhor, muito melhor occuparão.

E' na nossa humildade a maior homenagem, que podemos prestar ao illustre poeta. Mas não nos soffre o animo deixar de dizer, que João de Deus é tambem um benemerito da infancia, porque foi a providencia dos pequeninos.

Quem se não lembra do martyrio, por que passou para aprender a lêr?

Martyrio physico e moral!

Se não se adivinhava o nome, porque era um *ma* perfeitamente adivinhação, já estava o *mestre de*

férula em punho para realizar o milagre vibrando-a barbaramente.

E a pobre criança a tremer, com os olhos ora no livro, ora na férula, lá ia pelo medo realizando o medonho disparate da leitura. Quando hoje nos lembramos de que, por exemplo, nos ensinaram, que — pê-á-pê-é-elle — era *papel*, parece-nos, que estamos a sonhar.

O estalar das *palmatoadas* é que não foi sonho.

Para o poeta o riso alegre dos pequeninos estudantes deve ser o seu maior premio e a sua mais profunda consolação.

Faro, 25 de fevereiro de 1895. — *José Lapa*.

Da *Homenagem da Academia Farense a João de Deus* — 8 de março de 1895.



IV

FESTIVAL EM FRANÇA E HESPAÑHA

CARTA A XAVIER DE CARVALHO

Pede-me V. desculpa de tencionar festejar os meus annos com os nossos amigos Nobre, Barreto e Eça de Queiroz, e distinctos francezes e brasileiros das suas relações. Em Paris que eu estivesse não podia assistir; as forças não me deixam; mas, evidentemente, nada para mim tam agradável e honroso! A todos e d'antemão lhes agradeço a distincção, que me não devem, nem lhes mereço, porque ella é uma glorificação; excede muito os meritos de um poeta que não tem um poema; mas, agradecendo-lh'a como obra de generosidade, nem por isso deixo de reconhecer o seu alto valor.

No fundo da minha consciencia a minha superioridade é uma convenção, e as convenções passam; o movimento da classe academica que

por aqui suggeriu a ideia de uma festa aos meus annos, explica-se pela natural sympathia da mocidade por versos amorosos. A acquiescencia de outros espiritos maduros deriva da minha neutralidade politica, e talvez ainda dos meus annos... Sou o mais velho dos nossos poetas contemporaneos!... Ai, Xavier, que triste superioridade a minha! Beba V. á minha saude, que bem preciso d'ella e, como isto vae para Hespanha pelo caminho de ferro, a todos *lhes beijo as mãos* profundamente grato.

Do C.

Lisboa, 9—2—95.

JOÃO DE DEUS.

Em Paris, o anniversario do auctor do *Campo de Flores* e da *Cartilha Maternal* não passou despercebido. O nosso presado amigo Xavier de Carvalho, correspondente dos jornaes *O Seculo*, de Lisboa, e *O Paiz*, do Rio de Janeiro, organisou um magnifico punch, seguido por um saráo litterario e musical, que se realisou nos salões do Café Riche do boulevard dos Italianos.

A essa festa por assim dizer familiar, pequena na fórma, mas grande na essencia, pelo

idéa e sentimento que reproduzia, assistiram cerca de oitenta portuguezes, que, embora longe da patria, aproveitam todos os momentos que se lhes deparam, para renderem homenagem ao talento e virtudes dos seus compatriotas.

O saráo correu animadissimo, graças ao valioso e amavel concurso que se dignaram prestar-lhe mesdemoiselles Marcyá e Syma, sympathicas e gentilissimas artistas do theatro do *Odéon*, Wanda Slojemska, cantora lyrica, bem como o laureado e distincto compositor brasileiro, o sr. Carlos de Mesquita, monsieur Draper, intelligente rabequista, madame Chelica Loevy, monsieur Arthur Loiseau, notavel jornalista francez, e varios portuguezes e brasileiros, que pronunciaram discursos, recitaram poesias e tocaram deliciosos trechos na guitarra.

Mademoiselle Marcyá, a formosa e intelligente actriz do *Odéon*, enthusiasinou o auditorio com as magnificas poesias de François Coppée, que recitou com uma graça e talento superiores, e outro tanto succedeu com mademoiselle Syma, que disse com uma verve e naturalidade fóra do commum algumas das cançonetas que lhe são familiares e que causaram um verdadeiro successo.

Mademoiselle Wanda, que possui uma voz maravilhosa e uma garganta surprehendente, da qual saem espontaneamente os mais adoraveis trinados, cantou varios trechos com uma maestria tal que os espectadores se imaginaram trans-

portados ás melhores platéas lyricas. Ha muito que não ouvimos uma voz mais clara nem mais bem timbrada.

Monsieur Arthur Loiseau, n'um improvisado discurso, em que começou por se referir agradavelmente a Portugal, cujo paiz visitou e ao qual tributa o maior enthusiasmo, mostrou não só os merecimentos de João de Deus como poeta e educador, mas fallou igualmente das gloriosas tradições de Portugal, dos seus historiadores e poetas, dos seus grandes navegadores, do immortal auctor dos *Lusiadas*, e disse que lamentava que esse grandioso e sublime paiz fosse tão esquecido.

Este discurso mereceu ao seu auctor uma extraordinaria ovação, prolongando-se os bravos e palmas por alguns minutos.

O distincto e notavel compositor e pianista brasileiro, o sr. Carlos de Mesquita, obteve um successo colossal na execução ao piano de varios trechos das suas operas, entre as quaes a *Boite à musique*, que é um verdadeiro encanto e que por si só, bastaria para determinar o talento musical do seu auctor, que teve de repetir-a a pedido de todos os assistentes.

A festa fez honra a Xavier de Carvalho, que a organisou deixando todos completamente satisfeitos, e trocando-se no buffete através do champagne, as saudações mais enthusiasticas, acompanhadas de brindes a João de Deus.

Eis o programma:

Les poètes, la poésie et l'œuvre de João de Deus — Xavier de Carvalho.

Poésies de MM. François Coppée et Maxime Formont — Mademoiselle Marcy, de l'Odéon.

Deux esquisses (op. 70) — M. Carlos de Mesquita: 1.^o Réverie (en souvenir d'Iseil); 2.^o Gavotte (op. 84); 3.^o Boite à musique (op. 66), par l'auteur.

Discours: de MM. Silva Gouvêa et Arthur Loiseau.

Légende, violon seul: Elégie — M. D. A. G. Draper, par l'auteur.

Conférence sur les Littératures du Nord — par Madame Marya Cheliga Lœvy.

Valse du Pardon de Ploërmel, Meyerbeer; Air d'Hamlet, A. Thomas — Mademoiselle Wanda Stojewska.

Bergerie: Bluette de M. Maxime Formont, musique de M. Poulin — Mademoiselle Syma de l'Odéon et M. Depas de l'Ambigu-Comique.

Recitaram versos Jayme Neves, José Raphael e Antonio Nobre.

A alma poetica do Povo portuguez encarnou em João de Deus. E por esta encarnação, que o tornou um poeta ingenuo e profundo, infantil e

sublime, se explica a sua vida e a sua lenda; a sua fluida e singela maneira de improvisador e rhapsodo errante; os *themas* eternos e simples sobre que incessantemente se exerce o seu poder de idealisação; a graça da sua melancholia e a suavidade da sua ironia; a viçosa duração dos seus versos sobrevivendo a todas as evoluções da arte e do gôsto que tanto verso atiram cada anno para o lixo das *Litteraturas*; a luminosa facilidade com que captiva os espiritos mais primitivos, e ainda os mais saturados de cultura critica; e emfim esta *sympathia* que irradia, por todos sentirmos n'elle como a expressão genuina dos nossos ideaes nativos, e que hoje nos traz aqui, com ramos verdes, a cantar os seus louvores, em romaria amoravel.

João de Deus, o João (porque a popularidade eliminou os *appellidos* que o prendiam a uma familia, e apenas lhe deixou um nome, como aos santos, que são de todos) não se sentiu poeta lendo os poetas. Exactamente como o povo, foi pela musica, cantando á viola dos campos que elle penetrou na poesia. As suas primeiras *estrophes* foram arrancadas, como soluços naturaes, pela morte, pela injusta morte, a d'aquelle «lyrio delicado e fragil» que tão doce-mente se debruçava de uma janella da velha Coimbra romantica, e que murchou antes de abrir. Depois, muito naturalmente tambem, — por que se uma flor sécca outras desabrocham

e dão o seu pleno arôma — cantou a belleza forte e o Amor. Mas pelo Amor facilmente se vae a Deus; e o seu genio poetico tomou o habito d'esse caminho transcendente, e por elle se passou a sua existencia lyrica, peregrinando da Terra ao Céu, recolhendo do Divino ao Feminino, ora arroubado ante o poder do Senhor, ora ante a graça de dous olhos finos, de tal sorte que na adoração continúa do seu verso se confunde porfim *Maria* que está nos Céos, e aquella que fazia meia, sentada á porta do seu casal, com o peito redondo e arqueado:

Como de pomba farta e satisfeita...

E para elle, como poeta, não existiram mais senão estes dois interesses, a Mulher e a Divindade. A todo o seu seculo, a este fecundo e revoltoso seculo permaneceu sempre alheio, senão pela intelligencia, ao menos pelo sentimento. Nem a ruidosa deslocação de classes; nem as illusões humanitarias da Democracia; nem a conquista violenta dos Direitos politicos; nem a obra grandiosa da Sciencia experimental; nem as audacias da *Mechanica*; nem revoluções sociaes, nem transformações espirituaes — o commoveram ou tiraram um som á sua Lyra amorosa e sacra.

Menos ainda influiram na sua pura arte de cantar, essa passagem de fórmulas novas que vão

surprehendendo e mudando o gosto desde Lamartine até Verlaine. Como se fosse o primeiro Homem, antes de nascerem outros homens, e começarem os livros, João de Deus ficou sempre fechado no seu Paraíso poetico — com Eva e com Jehovah.

Mas pela nobreza dos seus instinctos religiosos, pela força da sua rectidão intellectual, pelo sentir intenso da belleza — elle, sem passar pelos dogmas, procurou e por vezes encontrou a Divindade; ignorando as Poéticas, realisou supremamente a Poesia; e sem attender ás Metaphysicas, chegou, na sua vida, á pura verdade moral.

E' pois bem justo, e util para a dignidade pensante da nossa terra, que entre todos apontemos para este homem, tão poetico como os poemas, murmurando, com a reverencia e o Amor do velho florentino: — *Onorate l'altissimo poeta!*

Paris, 22 de feveiro de 1895.

EÇA DE QUEIROZ.

E' João de Deus, perfektissima expressão da alma popular. A singeleza e a facilidade da sua maneira, o encanto meigo de uma inspiração

sempre equal, fazem d'elle o maior lyrico da lingua, em nossos dias, o maior lyrico porque as circumstancias do momento social lhe não permittiram outra cousa. E essa simplicidade, essa naturalidade são como a cristallisação em um cerebro superior, da espontaneidade da raça rude e sentimental.

Só um homem oriundo do povo, da invencivel tempera do povo que deu ao mundo os mais esforçados navegadores, podia attingir as cumiadas onde vicejam as *flores do campo*, formosas, agrestes, puras, sem nenhum artificio de cultura, sem nenhum enxerto extranho que lhes deturpe o precioso perfume de candura.

Paris, fevereiro de 1895.

OSCAR D'ARAÚJO.

O CULTO DOS GRANDES HOMENS

Honrar os homens illustres é uma das primeiras virtudes sociaes, a que melhor caracteriza os estados avançados da civilisação onde as

ideias de responsabilidade, de solidariedade e de justiça constituem a lei moral superior que rege todas as manifestações da vida.

Principalmente os pequenos povos devem manter vivo o culto das grandes individualidades, procurando nas suas obras os elementos de energia e de valor para resistirem ás ambições suggestivas dos conquistadores. Não podendo apoiar a sua autonomia sobre a força material de copiosos exercitos, é ao genio mesmo da raça, ás suas tradições gloriosas, aos exemplos de heroico patriotismo, que devem pedir alento, nas horas de suprema provação, firmes na crença consoladora de que toda a historia é um esforço continuado para a liberdade e o progresso, testamento vivo das gerações puras e virtuosas.

Os Suissos mandaram gravar em 1846 sobre o monumento elevado á memoria de l'estalozzi, a seguinte inscripção: «Ci git Henri Pestalozzi, né à Zurich, le 12 janvier 1746, mort à Brougg, le 17 février 1827, sauveur des pauvres à Nennhof, prédicateur du peuple dans *Léonard* et *Gertrude*, père des orphelins à Stanz, fondateur de la nouvelle école populaire à Berthoud et à Münchenbouchsee, éducateur de l'humanité à Yverdon : homme, chrétien, citoyen ; tout pour les autres, rien pour lui. Béni soit son nom.»

N'estas palavras, tão singelas como verdadeiras, palpita a alma inteira de uma nação que tem

a clara consciencia dos seus deveres para com os cidadãos que a illustraram.

Portugal possui tambem um santo Pestalozzi, e, á semelhança dos habitantes d'Argovia, celebrará o seu amor inesgotavel pelo povo, o seu coração puro, a sua alma ardente, os seus sacrificios pela cultura humana. Os poetas exaltarão o grande genio, o divino artista das *Flores do Campo*, que descobriu na serenidade da natureza as fôrmas perfectas do lyrismo moderno: a nação, por outro lado, abençoará o auctor da *Cartilha Maternal*, elevando-o até ás regiões estrelladas em que pairam os nomes immortaes dos redemptores.

Paris, 18 de fevereiro de 1895.

ALVES DA VEIGA.

S. João de Deus, o piedoso fundador da ordem da Caridade, é o mais sympathico dos Santos do paraizo celeste! João de Deus, o lyrico do *Campo de Flores*, é o mais genial poeta da nossa litteratura moderna. E ambos portuguezes: amigo dos pobres — o Santo; e amigo das creanças — o Poeta!

Paris, fevereiro de 1895.

ALFREDO DE SOUZA.

SAUDADES

A João de Deus

Saudade, saudade ! palavra tão triste,
E ouvil-a faz bem :
Meu caro Garrett, tu bem na sentiste,
Melhor que ninguem !

Saudades da virgem de ao pé do Mondego,
Saudades de tudo :
Ouvil-as caindo da bocca d'um Cego,
Dos olhos d'um Mudo !

Saudades d'Aquella que cheia de linhas,
De agulha e dedal,
Eu vejo bordando tão lindas coisinhas
P'ra o seu enxoval.

Saudades ! e canta, que deu a hora, é a hora
Da sua novena :
Olhae-a ! dá ares de Nossa Senhora,
Quando era pequena.

Saudades, saudades ! E ouvide-a que canta
(E sempre a bordar),
Que linda ! «Quem canta seus males espanta»
E eu vou-me a cantar . . .

«Virgilio é estudante, lá anda, coitado,
Por terras de França ;
Purinha me chama, não tenho peccado,
Que o diga a balança . . .

«Separam-me d'elle cem rios, cem pontes,
Mas isso que faz ?
Atraz d'esses montes, ainda ha outros montes,
E ainda outros, atraz !

«Não tarda que volte por montes e praias,
Formado que esteja;
E iremos juntinhos, ah tem-te não caias!
Casar-nos á Igreja.

«Virgilio é um anjo, não tem um defeito,
E' altinho como eu;
Os labios com labios, o peito com peito...
Ai, Virgem do Céu!

«Meu bem adorado, que tanto me queres,
Meu sonho querido!
Chamar-lhe diante das outras Mulheres:
Senhor meu Marido!

«A's vezes, eu quero dizer-lhe que o amo,
Mas vou-lh'o a dizer,
Purinha não falla (Purinha me chamo)
E fica a tremer...

«Quando ia ao postigo fallar-lhe, tão cedo,
(Tu, Lua, bem viste).
Ai, que olhos aquelles! mettiam-me medo...
E sempre tão triste!

•Perfil de Thereza, velado na capa,
Lá passa por mim:
Oh noites da *Estrada*, tardinhas da *Lapa*,
Choupal e Jardim!

«Cabellos caídos, a cara de cêra,
Os olhos ao fundo!
E a voz de Virgilio, docinha que ella era,
Não é d'este mundo!

«Saudades, saudades! Que valem as rezas,
Que serve pedir!
No altar continuam as velas accezas,
Mas elle sem vir!

«Já choupos nasceram, já choupos cresceram,
Estou tão crescida!
Já choupos morreram, já outros nasceram...
Como é curta a vida!

«Oh rio de amores, que vens da *Portella*
P'r'o mar do Senhor,
Ah, vê se na costa se avista uma vela,
Se vem o Vapôr...

«Meu Santo Mondego, que vãos e corres,
Não tenhas vagares!
Mondego dos Choupos, Mondego das *Torres*,
Mondego dos Mares!

«Mas ai! o Mondego (Senhora da Graça,
Sou tão infeliz!)
Já foi e já volta, lá passa que passa,
E nada me diz ...»

ANTONIO NOBRE.

Almeida Garrett disse algures: «Nenhuma educação póde ser boa, se não fôr essencialmente nacional.»

Este ideal ficou realizado.

Na *Cartilha Maternal* de João de Deus temos, depois de tantas gerações de simples copistas, uma obra genuinamente portuguesa. A nossa patria toma, com este livro, um lugar

eminente entre os povos que trabalham para o adiantamento das sciencias pedagogicas.

Honra e privilegio de Portugal, não podemos pisar o solo de uma região qualquer, sem que brotem, por todas as partes, mil lembranças dos antepassados.

Escrevendo estas linhas á sombra da torre abbacial de *St. Germain des Prés*, em Paris, surge á minha memoria o nome de outro portuguez, de outro João de Deus, cujas reliquias foram veneradas n'aquella antiga egreja durante muitos annos, e cujo centenario, — visto que nasceu em 1495, — coincide com o anniversario do nosso poeta pedagogo.

João de Deus Ramos deu aos meninos o primeiro alimento intellectual; S. João de Deus deu aos pobres e enfermos o alimento corporal. Ambos mereceram bem da humanidade, ambos honraram, por vias embora differentes, o nome

d'esta pequena casa Lusitana.

Paris, fevereiro de 1895.

CARDOZO DE BETHENCOURT.

D'envolta com as saudades dos meus e as recordações da patria, acordam, por vezes, no

meu espirito, como um canto longinquo e triste, os versos de João de Deus.

E' que, para mim, o lyrismo do grande poeta é a propria vibração da alma lusitana, o éctosentido das nossas collinas, o murmurio cadente dos nossos rios, a immaculada transparencia do nosso firmamento. Das estrophes, brota o riso das creanças morenas, correndo entre as cearas louras; destacam-se as camponezas de olhos negros, mirando-se nas ribeiras azues; recortam-se os logarejos brancos, no fundo das collinas verdes. As rimas choram brandamente, como os descantes, por noites de luar, ao som de plangentes guitarras; têm a mystica sonoridade de *Ave-Marias* tangidas na quietação de um poente de estio; rescendem o perfume inebriante da flor da lorangeira. . .

O fundo da sua inspiração é a ingenua bondade e a doce philosophia da nossa raça; é a instinctiva palidez dos nossos sentimentos; é a sinceridade primitiva das nossas crenças; é esta resignação de fatalista, que nos legaram os filhos do deserto.

O povo tem em João de Deus o seu poeta; aquelle que melhor sabe carpir-lhe as maguas e cantar-lhe os amores, e até, no altivo silencio e paciente bondade, com que o genial lyrico tem supportado a indiferença dos poderes publicos, se manifesta e accentua esta encarnação do espirito portuguez, accalentando, através os

seculos, o seu passado de gloria, insensivel aos sarcasmos presentes e confiante na justiça do futuro.

Paris, fevereiro de 1895.

LUIZ SERRA.

Pede-me V. que eu falle de João de Deus, mas que o faça nos estreitos limites d'esta pagina. Que lhe posso eu dizer n'estas condições senão, que em João de Deus amo e admiro um bello exemplar de humanidade e uma poderosa individualidade poetica; que a sua longa abstenção me parece um nobre protesto, e sob a constancia da sua reserva vêjo uma interioridade rica; que n'elle observei delicadeza, generosidade, misericordia, enthusiasmo e ironia; que os themas do seu lyrismo me parecem perduraveis e vasados em moldes captivantes; que com seu vocabulario de creança e sua syntaxe de passarinho, externou thesouros de graça nativa e consummada experiencia; que este filho de proletarios que celebrou a Mulher como ninguem, banhó a sua poesia nas duas fontes essenciaes de rejuvenescimento moral; que na admiração do seu genio se encontram, com unanimidade

tocante, as mais altas intelligencias e as creaturas mais incultas; que o paiz honra-se acclamando o; que . . mas vêjo que cheguei ao fim da pagina e só tenho logar para dizer que disponha de quem é

Seu Amigo, muito obrigado

MONIZ BARRETO.

A João de Deus, ao evocador da Alma portugueza, ao maior dos lyricos contemporaneos, ao genial auctor da *Carilha Maternal*, — a homenagem de todos os intellectuaes que escrevem na mesma lingua — brasileiros e portuguezes, — reunidos n'um pensamento commum para consagrar um grande Poeta e um grande Coração!

Longe da terra onde, n'este momento, as academias e o povo, os artistas e os letrados festejam o Mestre, cobrindo de flores e de aclamações o cantor das *Flores do Campo* e das *Folhas Soltas*, vimos juntar a nossa voz ao côro victorioso, e de Paris, fóco luminoso do mundo, levantamos tambem as nossas saudações entusiasticas ao *homem* que idolatramos e ao *artista* que nos assombra.

Portugal segue, n'este festival, o exemplo da França do seculo xviii que consagrou Voltaire em vida; e da mesma França do seculo xix que acclamou Victor Hugo na apothese da sua gloria, na manifestação sublime de 1882, ao épico immortal da *Legenda dos Seculos*.

João de Deus é uma das glorias mais puras da nossa terra, o filho unico do Camões dos *Sonetos*, o irmão de Bernardim Ribeiro e de Sá de Miranda, de Dante e de San João da Cruz, mais do que traductor, o interprete da emoção do *Cantico dos Canticos*, o idealista que deu alma nova, com uma intuição quasi divina, ás villanellas e ás serranilhas dos trovadores da renascença, porque bebeu a inspiração das suas melodias na veia d'ouro do povo, fonte inesgotavel de subjectivismo e emotividade!

A sua elegia *A Vida* hade durar em quanto existir a lingua portugueza e em quanto bater o coração humano.

Alma do mais fino e puro oiro, gottejante na *Heresta* e no *Amo-te, flor*, translucida na *Lagrima celeste* e no *Ultimo adeus*, trémula de paixão na *Beatriz* e no *Leito conjugal*, até á vibrantissima satira, nos versos sorprendentes de picaresco e de sarcasmo do *Theatro de Lisboa*, e da *Marmelada*, João de Deus é com justiça, julgado no *Libro dell'Amore*, do grande critico italiano Marco Antonio Canini — *il primo poeta d'amore non solo nel Portogallo, ma in*

tutta Europa, — pelo seu puro lyrismo, que é como uma intuição verdadeiramente genial da emoção humana.

Todas as gammas e todos os reflexos, a côr e o som, nêgas de azul de primavera, trémulos d'aves em abril, soluços de almas, extasis, lagrimas, — tudo se encontra nos seus versos que parecem ter sido escriptos para os anjos recitarem ás estrellas!

Paris, 20 de fevereiro de 1895.

XAVIER DE CARVALHO.:

Hespanha

JUAN DE DEUS

Portugal acaba de hacer honores inusitados al grande poeta Juan de Deus.

Como Francia á Victor Hugo y España á Zorrilla, Portugal há dispensado á su poeta favorito en vida, los honores de la inmortalidad.

La juventud escolar ha tomado parte principal en este hermoso acto, que honra á la vez al agraciado y á su patria.

Juan de Deus es, no sólo un poeta admirable por la dulzura de su canto, sinó lo que vale más, un hombre bueno.

Es imponderable la bondad de Juan de Deus.

Procedente de una familia humilde, logró, con gran modestia, hacer la carrera de jurisprudencia en la Universidad de Coimbra.

Pero él no se ocupó de leyes, sinó de poesia. A su lado, se agrupan muchos de sus condiscipulos, no porque descollara entre ellos por su aplicación y su aprovechamiento, sinó por la irradiación de bondad que emanaba de su persona.

Cuando sus versos le dieron á conocer en su

país, varios amigos y admiradores de su talento, se empeñaron en hacerle diputado. Fué á la Cámara y no abrió los labios. El no servia para aquello.

Ninguna ocupación lucrativa se avenia á su carácter. Su alma contemplativa, estaba hecha para la pasividad.

A consecuencia de esto, tuvo que sufrir infinitas privaciones. Las necesidades le asediaban; su estado de pobreza llegó al mayor extremo. El lo sufría todo con admirable resignación. Durante algunos dias se mantuvo componiendo versos y hasta llegó á coser á máquina.

En 1887 un editor le encargó un trabajo pedagógico, y entonces escribió su célebre *Cartilha Maternal*, que fué una antorcha para la enseñanza lusitana. No le faltaron detractores, pero al fin su método se afirmó, y el Gobierno portugués agradecido, nombró á Juan de Deus comisario general de su método de lectura.

La humilde *Cartilha* fué, pues, la salvación del estado de pobreza en que vivia Juan de Deus, quien desde entonces comenzó á gozar de una posición honorable y desahogada.

Bien lo merecia el poeta más dulce quizá que ofrece la literatura de todos los pueblos, y que en su *Campo de Flores* ha plantado para la humanidad — según acaba de escribir otro poeta — el oasis donde murmuran las fuentes de los amores, suspiran las brisas y se levantan las

airosas palmeras, ofreciendo espléndido refugio al caminante fatigado.

Juan de Deus es un elegido, un bendito, una alma celeste.

Nuestro corazón une sus latidos á los del corazón lusitano en esa espléndida fiesta de apotheosis y de glorificación.

El Intransigente, n.º 6 (año II). Montevideo (4-3-95).

Ex.^{mo} Sr. João de Deus

En este día, en que Portugal enaltece al ilustre poeta, que tantos beneficios ha dispensado á la enseñanza de la niñez, el mas humilde de los escritores españoles, pero acaso tambien el que más le admira y el que con mayor constancia sigue, desde lejos, sus huellas, une su más cordial felicitacion á las infinitas que en este momento recibe.

Madrid, 7 de marzo de 1895.

MANUEL OSSORIO Y BERNARD.

Sr. João de Deus

Sr. y distinguido amigo:

Con particular satisfaccion leo las manifestaciones que toda la prensa portuguesa y particularmente los hombres de letras de ese querido pais hacen en estes dias en honor de V., conmemorando su natalicio.

Permitame V. que, con este motivo, le reitero el testimonio de mi entusiasta adhesion.

Por faltarme materialmente tiempo no he hecho esta declaracion en alguno de esos periodicos que me han pedido algunas lineas que acreditasen el eco simpatico que en nuestra España tienen los nobles sentimientos de la Nacion portuguesa, y la consideracion que aqui tributamos á los hombres eminentes y representativos de ese país hermano.

Uno de esos hombres es V. Además V. tiene para mi la circunstancia de ser una de las personas que particularmente me honran con su amistad y con sus bondadosas deferencias.

Me uno al Portugal inteligente y patriota para aclamar á su gran poeta.

Quedo suyo af.^{mo} amigo y S.

RAFAEL M. DE LABRA.

LA VILLANA Y EL CABELLERO

(Traducion de una poesia de Juan de Deus)

- ¿Quieres darme la flor pura
de tu amor ?
«¿ Y despues ? que os la diese,
Mi señor ?
— ¿ Despues ? Guardara el recuerdo . . .
«¿ Y de qué ?
— De tan hermosa zagala.
«¡ Ya se vé !

— No te olvidaria nunca
¿ Nunca ¿ ¡ Ya !
Nunca ; mi fuera amor eterno.
«¡ Pues ! ja ! ja !
— Dame, zagala, essa rosa
De tu amor.
«Esta rosa tiene espinos,
Mi señor.

Madrid, 28 enero, 1895.

LUIS VIDAL T.

De la Real Academia de la Historia

V

CARTAS, FELICITAÇÕES, TELEGRAMMAS E BRINDES

Notabilissimo poeta João de Deus

Conheceis-me de vista mas não me conheceis de nome, porque eu infelizmente não tenho meritos para isso; mas ao receber a *Mala da Europa*, jornal sob a direcção do muito conhecido e apreciado homem de letras e poeta distinctissimo o conselheiro Thomaz Ribeiro, immenso foi o desejo que tive de acompanhar os mais notaveis homens de letras, a mocidade, o povo emfim do vosso paiz, na grandiosa manifestação de que fostes alvo por occasião do vosso anniversario.

Sou doutor em direito, formado em abril de 1891, pela Faculdade do Recife. De maio d'esse anno a março de 94 viajei alguns paizes da Eu-

ropa e como me demorasse todo o g3 n'esse bello e ameno Portugal, paiz pequenino, mas cuja historia e civismo de seus filhos fazem inveja a tantos outros, tive a felicidade de vos conhecer pessoalmente e lêr as vossas admiraveis obras, filhas de um cerebro extraordinariamente genial como é o vosso!

Esta carta não tem por fim fazer apreciações sobre litteratura, de especie alguma, nem tão pouco commentar dos meritos de Theophilo Braga, Thomaz Ribeiro, Sabugosa, Bulhão Pato e tantos outros nomes respeitabilissimos. Esta carta tem um fim unico: fazer-vos sentir que os filhos da Amazonia vos conhecem, vos lêem, vos admiram e que sentem-se satisfeitos em saber que todo Portugal vos dá uma prova de amor no dia do vosso anniversario.

Eu, perdoae-me a audacia, d'aqui vos envio as expressões mais sinceras da minha grande admiração pelo maior poeta que actualmente escreve em lingua portugueza e o meu profundo respeito pelo notavel cidadão que Portugal festeja.

Beija-vos as mãos o vosso

Grande Adm.^{dor} e V.^{dor} Aff.^{mo}

JOAQUIM AUGUSTO DE ANDRADE FREITAS.

Brasil — Pará, março, 1895.

Monte de Caparica — Torre, março, 10, 1905.

Meu caro João de Deus

Agradeço-te, commovido, os mimosos e sentidos versos, tributados á memoria da sombra querida que me foi irmã e mãe!

A dedicação sem limites, sobrehumana, dissei, que me votou sempre, hei de pagar-lh'a até o fim da minha vida, com o amor dos desgraçados! Os deslumbramentos da gloria não apagaram no teu peito amantissimo uma lagrima com que orvalhaste o dolorido coração de um amigo!

Abraço-te; e o meu espirito, atribulado, alegrase n'este momento com um raio da tua glorificação.

Sempre

Teu

BULHÃO PATO.

Meu presado amigo

São passadas as suas festas, que acompanhámos com o maior interesse! Vão longe os annos em que pugnavamos pelo seu Methodo de leitu-

ra, mas o tempo nunca entrou em conta na apreciação que fazemos dos poucos, mas verdadeiros amigos com que ainda lidamos em Portugal. Hoje, como em 1878, continuamos fazendo os mais sinceros e ardentes votos pelo triumpho, final e completo, da sua ideia. Custa-nos a crêr que aquelles que promoveram tão estrondosa festa não pensassem em assegurar no futuro a continuidade da acção do reformador, porque ainda que o amigo chegue aos *cem annos* — o que cordealmente lhe desejamos — duvido que possa encontrar uma escola em cada freguezia de Portugal, bem regida e sufficientemente dotada. Um fundo de Subscrição Nacional permanente, cujas contas se poderiam fechar annualmente no dia do seu anniversario, seria um monumento duradouro. Não sei como andam presentemente os fundos das escolas dos cursos moveis, do seu methodo, cujo relatorio logrei lêr uma vez sómente! — Póde ser que a minha lembrança esteja já ahi garantida, mas duvido!

De resto, a imprensa, tão falladora com toda a sorte de banalidades, pouco ou nada diz d'esses cursos!

Não poderiam, não deveriam ter esses cursos um orgão, ainda que fosse trimensal?

Estas e outras ideias me passaram pela mente, quando lia a minha mulher as noticias da sua festa, e juntos admiravamos o bom senso com

que o amigo acolhia essa explosão de tardio applauso!

Que Deus lhe conceda a si e a todos os seus longos annos de vida e de saude para que os seus amigos lhe possam dar ou enviar um abraço, como hoje fazemos ambos, embora os nossos cheguem depois do dia 8.

Minha mulher congratula se muito especialmente por o vêr amorosamente cercado de quatro filhos, cujos retratos, ainda que imperfeitos (no *Seculo*), dão os originaes paterno e materno sob varios aspectos muito tocantes.

Por tanto, vão tambem os nossos parabens pelos filhos e para os filhos.

Porto, 16 de março de 1905.

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCEILOS.
JOAQUIM DE VASCONCELLOS.

Meu caro João de Deus

Na epoca de materialismo, em que vivemos, faz bem vêr que a geração nova, que ha de succeder aos d'hoje, presta culto ao Espirito; — e para gloria tua e do paiz — que o teu espirito é sufficientemente poderoso para fazer levantar a materialidade, que pésa sobre tudo e sobre to-

dos, e a levar a — também ella — te prestar culto. E' que, hoje como sempre, o espirito e as idéas vencem, dominam, arrastam.

E' pois justa a homenagem, que n'este dia te é prestada e a que me associo do coração.

Para bem dos teus, seja a gloria, com que és sagrado! E oxalá que as tuas crenças manifestadas no fino espirito e suave harmonia dos teus versos sejam o ideal da geração que começa.

Santarem, 7 de março de 1905.

Teu condiscipulo e amigo

JOAQUIM MARIA DA SILVA.

Meu querido João

Eu que não vou abraçar-te é porque absolutamente não posso; mas só a doença me privaria d'essa grande felicidade, que era também um dever, n'este dia da tua justa e merecida apotheose, porque dos teus mais velhos amigos, teu condiscipulo na Universidade, teu collega na camara dos deputados e teu admirador sempre, cumpria-me ser um dos primeiros a significar-te o meu profundo jubilo pela homenagem aos teus talentos, que são brilhantes, ao teu caracter, que

é modelo, e ao serviço, que é inestimavel, prestado por ti com o teu maravilhoso methodo.

Crê, meu João, que ninguem se associa mais do coração do que eu a essa manifestação patriótica, luzida e imponente, iniciada pela mocidade sempre generosa e sempre sympathica, em tua honra, e na qual é acompanhada pelos milhões de homens que fallam a nossa bella lingua e que se acham espalhados pelas quatro partes do mundo, onde ainda fluctua a bandeira gloriosa das Quinas.

Nos 43 annos que nos separam dos primeiros dias em que nos encontrámos em Coimbra, nunca as nossas relações deixaram de ser affectuosas e comtudo depois de formados, a lucta pela vida não nos permittiu uma convivencia assidua, como seria talvez o teu desejo e como era de certo o meu. Isto lembro porque isto prova como era sincera a amisade que desde logo nos uniu e que dura ainda com todas as saudosas recordações dos tempos que já lá vão e, infelizmente, para nunca mais voltarem.

Saúdo o heroe acclamado hoje por todos os seus concidadãos, e abraço o amigo querido n'este dia, que deve ser o mais feliz da tua vida.

Beija por mim as mãos de tua ex.^{ma} esposa e abraça os teus filhos.

Teu velho, leal e obrigado amigo

Tua casa, 8 de março de 1905.

J. MELICIO.

*Ao illustre pedagogista e mimoso
poeta João de Deus.*

A velhice ignorante associa-se ao sentir da mocidade illustrada para saudar o sublime engenho, que faz brotar a luz nos cerebros infantis, com a doçura e o encanto de uma alvorada de abril; e que com o magico som da sua lyra, faz vibrar os corações ainda os mais frios, acordando a ave que lá se aninha e obrigando-a a entoar o dulcissimo e eterno *Hymno de Amor*.

8 de março de 1895.

JOAQUINA ANTONIA D'OLIVEIRA MARRECA.

Meu caro João de Deus

Quero ser dos primeiros a saudal-o n'este dia, em que a sua notavel individualidade vae ter nova consagração. Sabe que sou dos seus maiores admiradores, e creia que, de toda a minha modesta vida publica, o acto que mais me desvanece o coração e mais me lisonjeia a consciencia, é o de haver iniciado e realisado a ideia de fazer reconhecer pelos poderes publicos a bene merencia dos seus serviços á instrucção nacional. Nos Açôres se proclamou a liberdade do

ensino, nos Açôres foi primeiro praticado o Methodo de Castilho, nos Açôres se crearam as primeiras bibliothecas populares e os primeiros cursos nocturnos para adultos. Devia ser um filho dos Açôres quem cumprisse o nobre dever de fazer collocar ao abrigo de quaesquer difficuldades, o grande e incomparavel poeta, o amoravel e devotadissimo evangelizador. Foi simplesmente o que, á falta de outros, eu tive a honra e a gloria de fazer em 1888. Quero tambem dizer-lhe hoje, que tive auxiliaadores prestimosos, mas a quem devo principalmente o exito do meu projecto foi ao conselheiro José Luciano, que tendo-se, desde logo, mostrado muito affecto a elle, o salvou de naufragar na camara dos pares, onde muito efficaamente me coadjuvaram o presidente Mexia Salema (já falecido) e o secretario dr. Manuel Paes Villas Boas.

Não devo esquecer na camara dos deputados o dr. Baptista de Sousa (relator), o conselheiro Francisco Beirão, que, em nome do governo tomou o compromisso de fazer adoptar o projecto, e que muito contribuiu para a sua votação o conselheiro João Franco, então *leader* da opposição, que, estando a fazer obstruccionismo para não deixar votar mais projecto algum, abriu excepção, a meu pedido, para o que estava escudado em o seu glorioso nome. E aqui tem, meu caro João de Deus, porque é que eu tenho rasão para querer ser dos primeiros a saudal-o n'este

dia, renovando-lhe os protestos da minha admiração, do meu respeito e da minha sympathia. E visto que lhe escrevo, lembro-lhe que ainda me deve o seu retrato, ha tanto tempo prometido e que bem desejava ter esse autographo seu. Tenho dois filhos que começam a lér pela *Cartilha Maternal*. Quero que elles conheçam e conservem o retrato do mestre, que eu lhes ensinarei a amar com reconhecimento, como o maior e o mais carinhoso amigo das crianças portuguezas. Abraça-o muito affectuosamente o seu

Admirador muito affeiçãoado e dedicado

8 de março de 1905

AUGUSTO RIBEIRO.

Felicitações das Escolas de Lisboa

(A Academia de Lisboa)

- 1 Escola Medico-Cirurgica.
- 2 Curso Superior de Lettras.
- 3 Real Conservatorio de Lisboa.
- 4 Escola Nacional Central de Lisboa.
- 5 Instituto Agronomico de Lisboa.
- 6 Escola Normal.
- 7 Instituto Industrial e Commercial de Lisboa.
- 8 Escola Polytechnica.
- 9 Escola de Bellas Artes de Lisboa.

Uma caixa de velludo, contendo cadernos, com capa allegorica, com as assignaturas dos Estudantes de cada uma das Escolas.

Felicitações em Officios

- 1 Escola municipal secundaria de Aldegallega do Ribatejo.
- 2 Associação dos Fogueiros de Mar e Terra.
- 3 Instituto João de Deus.
- 4 Artistas de Abrantes.
- 5 Associação de Soccorros Mutuos Typographica Lisbonense e Artes Correlativas.
- 6 Academia real das Sciencias, dando parte da eleição de socio correspondente por unanimidade.
- 7 Academia de Estudos Livres, Lisboa.
- 8 Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.

- 9 Associação Auxiliadora da Classe dos Pedreiros, Lisboa.
- 10 Associação de Classe das Parteiras, Lisboa.
- 11 Sociedade de Artistas Dramaticos, emprezaria do Theatro de D. Maria II.
- 12 Associação dos Jornalistas e Homens de Letras do Porto.
- 13 Camara Municipal do concelho de Alandroal.
- 14 Sociedade João de Deus, Abrantes.
- 15 Camara Municipal do concelho de Grandola.
- 16 Escola primaria de Santa Maria, Covilhã.
- 17 Atheneu Commercial do Porto.
- 18 Club Marquez de Fronteira, Almada.
- 19 Escola do Exercito (alumnos).
- 20 Sociedade Recreativa 1.º de Dezembro, Alcaccer do Sal.
- 21 Camara Municipal de Leiria.
- 22 Associação de classe das Costureiras, Lisboa.
- 23 Estudantina Recreativa 25 de Dezembro de 1892, Lisboa.
- 24 Camara Municipal da Guarda.
- 25 Academia Instrucção Popular, Lisboa.
- 26 Alumnos da Escola Rodrigues Sampaio, Lisboa.
- 27 Alumnos da Escola Marquez de Pombal, Lisboa.
- 28 Cooperativa de Instrucção e Recreio Popular de Loulé.
- 29 Federação das Associações de Classe, Lisboa.
- 30 Direcção do Gremio Artistico, Lisboa.

Homenagens de Collectividades

- 1 A Academia de Aveiro.
- 2 Instituto de Coimbra, com o diploma de socio.
- 3 O Centro Nacional de Sciencias, Artes e Lettras.

-
- 4 Sociedade Recreativa Musical 1.º de Janeiro.
 - 5 Associação de Soccorros Mutuos João de Deus, Olivaes.
 - 6 Instituto 19 de Setembro, Lisboa.
 - 7 Diploma de Membro Honorario do Conselho Heraldico de França (por deliberação de 15 de junho de 1895).
 - 8 Direcção do Asylo de Mendicidade de Lisboa (Escola Araujo).

Felicitações em telegrammas

- Associação de Classe dos Empregados de Commercio do Porto* — Sauda entusiasticamente n'este dia o grande Poeta, gloria immorredoura da litteratura portugueza, e venerando espirito que tão prodigamente tem deramado a luz vivificante da instrucção.
- A Camara Municipal de Alandroal* — reunida hoje em sessão extraordinaria deliberou dar á rua principal d'esta villa o nome de v. ex^a, felicitar o maior lyrico portuguez do seculo, e associar-se a esta manifestação.
- Estudantes de Coimbra* — Nós, que não podemos de perto manifestar a nossa admiração ao auctor da *Cartilha Maternal*, ao homem que melhor synthetica a alma portugueza, enviamos cá de longe o preito fremente do nosso enthusiasmo. Se a distancia nos separa, os pensamentos nos unem, velho sympathico mas eternamente novo pelas tuas poesias. Salve, genial Poeta! Amigo das creanças, Salve!
- Alumnos da Escola Primaria de Extremoz* — Saudam seu grande amigo, e mimoso Poeta do *Campo de Flores*, que é sem duvida o mais desvelado protector de todos nós, humildes creanças, que do fundo d'alma desejavamos assistir aos festejos em honra. Contentam-se pois em beijar-lhe as mãos, felicitando-o pelo seu anniversario.
- Professores da Escola Industrial Infante D. Henrique, Porto* — Ao grande poeta educador, João de Deus, felicitam entusiasticamente.
- Sociedade Martins Sarmiento* (Guimarães) em assembleia geral — O presidente da Camara Municipal, com assistencia das auctoridades judiciais, militares, ecclesiasticas e grande numero de professores, alumnos,

e pessoas de todas as classes resolveram no mais louco entusiasmo felicitar v. ex.^a pelo seu anniversario natalicio e valiosissimos serviços á causa da instrucção nacional.

Do Padre Joaquim dos Santos (Guarda) — D'esta ignorada aldeia Villa Nova de Tagen, junto da Serra da Estrella, o mais obscuro dos professores primarios que na sua escola ha muitos annos ensina pelo Methodo João de Deus, envia ao seu bondoso mestre auctor da *Cartilha Maternal* sinceras felicitações, e faz votos para que a providencia lhe conceda largos e venturosos annos de vida.

Os Estudantes algarvios, de Faro.

Redacção do *Riomaiorense*.

Centro Republicano Portuguez, Rio de Janeiro.

Bombeiros Voluntarios, Ilhavo.

Troupe Recreativa Ilhavense.

Associação Commercial, Beato.

Asylo Infancia Desvalida, Montemór-o-Novo.

Professores de Souzel.

O pessoal do telegrapho da Lapa, Lisboa.

Professores e alumnos do Collegio de Santarem.

Academia Leiriense.

Associação Corticeira, Barreiro.

A *Folha da Manhã*, Barcellos.

A *Lagrima*, Barcellos.

Commissão dos Festejos, Silves.

Admiradores, de S. Braz.

Aspirantes do telegrapho, de Lisboa.

Distribuidores, da Lapa.

Mocidade Alcobacense, Alcobaça.

Commissão de Festejos, S. Bartholomeu, Messines.

Redacção do *Algarvio*, Loulé.

Redacção da *Semana*, Torres Vedras.

Professores do Lyceu de Portalegre.

Todo o Collegio de Campolide, Lisboa.

Professorado do Conselho de Albergaria.

Sociedade 1.^o de Dezembro, Alcacer do Sal.

Directores, professores e alumnos do collegio Carlos
Porto, Porto.
Alumnos do Collegio de S. Damaso, Guimarães.
A Aurora do Cavado, Barcellos.
O Jornal de Vianna, Vianna.
A Ideia Nova, Barcellos.
Professorado de Reguengos.
Academia Bejense.
Academia Eborense.
Empregados do commercio, Porto.
Bombeiros Voluntarios, Barcellos.
Redacção da *Patria*, Braga.
Clero Louletano, Loulé.
Dos habitantes de Silves.
Corpos gerentes da Sociedade João de Deus, de Abrantes
Sociedade Musical 1.º de Janeiro, Lisboa.
Academia de Aveiro.
Atheneu Commercial.
Centro Nacional de Sciencias, Artes e Lettras, Lisboa.

Offertas

Um album da Academia de Lisboa.
Um album da Academia de Coimbra.
Um album da Academia do Porto.
Um livro manuscripto de poesias escolhidas do *Campo de Flores*, por Eduardo Perdigão, de Olhalvo.
Um retrato emmoldurado, pelo sr. A. Bobone.
Uma coroa pelo Dr. Santos Valente e Francisco de Almeida.
Um quadro a oleo pelo sr. Torquato Pinheiro, do Porto.
Um botão de rosa com poesia nas pétalas por Alfredo Brandão, do Porto.

Uma garrafa de cristal e prata por Bernardo Lemos da Fonseca.

Um livro de jaspe, por (?)

Um cesto artisticamente arranjado com patos, perdizes, e garrafas de licor por Luiz Callado Nunes.

Uma pasta bordada por Graciano Manuel Felgueiras.

Um bilhete d'ouro, pela Academia Instrucção Popular.

Uma caneta de madreperola e ouro, da Camara do Commercio

Flores, retratos e livros; é difficil ou mesmo impossivel mencionar tudo.

Bibliographia dos jornaes

- 1 João de Deus, por Furtunato de Almeida — *Revista Contemporanea*, (Coimbra), n.º 7, I anno (abril de 1895).
- 2 João de Deus, por Silva Bastos — *Jornal do Commercio*, n.º 12:375, XLII anno, (8 III-95).
- 3 A João de Deus — *O Campeão das Provincias*, (8-3-95), Aveiro.
- 4 João de Deus — *O Correio Nacional*, n.º 625, III anno, (8-III-95).
- 5 João de Deus — João de Deus em Coimbra — *Districto de Coimbra*, n.º 168, II anno, (8-III-95).
- 6 João de Deus, por Coriolano de Freitas Beça — *Jornal de Penafiel*, n.º 38, IX anno, (8-III-95). Com varia collaboração.
- 7 Homenagem a João de Deus — *Diario Illustrado*, n.º 7:886, XXIV anno, (8-III-95). Gravura e redacção do *Correio da Europa*.
- 8 A João de Deus — *O Reporter*, n.º 957, IV anno, (8-III-95).

- 9 O anniversario do Poeta em 1895 — *A Batalha*, n.º 1:096, V anno, (8-III-95). Antonio dos Reis Damaso; sahiu depois em volume.
- 10 O anniversario de João de Deus — *Correio da Manhã*, n.º 3:234, XII anno, (8-III-95).
- 11 Dr. João de Deus Ramos — *O Mundo Scientifico*, n.º 4, I anno, Lisboa.
- 12 João de Deus, por D. Guiomar Torrezão (com retrato) — *Galeria biographica Brasileira*, fasciculo I. (Março 1895), in-4.º
- 13 João de Deus, gravura de Diogo Netto, biographia por Emygdio Monteiro — *Revista Moderna*, n.º 6, 1895.
- 14 A João de Deus — *Revista das Alfandegas*, n.º 56, III anno, (19-III-95). Com retrato.
- 15 Homenagem a João de Deus — *O Progresso do Sul*, n.º 292, VI anno, (10-III-95), Faro.
- 16 Homenagem a João de Deus — *Mala da Europa*, n.º 17, I anno, (8-III-95).
- 17 *Revista Portuguesa*, n.º 4, 1895, (8 de Março), Porto. Todo consagrado a João de Deus.
- 18 Homenagem a João de Deus — *Correio da Europa*, n.º 3, XVI anno, (7-III-95), Lisboa. Com grande retrato.
- 19 Homenagem da Sociedade João de Deus, de Abrantes — *Supplemento*, (8-III-95).
- 20 Numero commemorativo do 65.º anniversario de João de Deus — *Aurora do Cavado*, n.º 1:416, XXVII anno, (6-III-95), Barcellos.
- 21 Homenagem a João de Deus — *A Vitalidade*, n.º 32, I anno, (8-III-95), Aveiro.
- 22 Homenagem a João de Deus — *Diario Illustrado*, n.º 7:888, XXIV anno, (10-III-95), Lisboa.
- 23 Numero unico: Homenagem da *Academia Farense a João de Deus*, (8-III-95), Tavira. Folio.
- 24 João de Deus, por José Taibner — *Commercio de Portugal*, n.º 4:684, XVII anno, (8-III-95).
- 25 João de Deus, por Fido (Candido de Figueiredo)

- *Norte Transmontano*, n.º 1, I anno, (14 III 95), Bragança.
- 26 João de Deus, por Fernandes Costa — *Commercio do Porto*, n.º 57, XI.V anno, (8-III 95).
- 27 João de Deus — *Folha do Povo*, n.º 4:502. XVII anno. (8-III-95).
- 28 João de Deus — *Folha do Povo*, n.º 4:503. (11-III 95).
- 29 Homenagem a João de Deus — A manifestação de hontem — *O Seculo*, n.º 4:717. (10-III-95).
- 30 João de Deus — Despedida dos Estudantes — *Folha do Povo*, n.º 4:504. (11-III-95).
- 31 João de Deus — *O Seculo*, n.º 4:110. (12-III-95).
- 32 A apotheose de João de Deus — *Diario de Noticias*, n.º 10:494. XXXI anno. (10-III-95).
- 33 *O Ideal*, 1894. Revista, numero de Dezembro, consagrado a João de Deus. Porto.
- 34 Juan de Dios — *El Intransigente* (de Montevideo), n.º 46. II anno. (30-IV-95).
- 35 João de Deus — *O Estado de S. Paulo*, n.º 6:019. Anno XXI. (26-IV-95).
- 36 João de Deus — *A Voz Publica*, n.º 1:508. VI anno. (8-III-95). Com retrato.
- 37 Correspondencia de Lisboa, 9 de março. *Diario do Alemtejo*, n.º 2:505. (10-III 95). Evora. Artigo sobre a visita do rei.
- 38 João de Deus — A Sessão do Atheneu Commercial — *Diario de Noticias*, n.º 10:502. (18-III-95).
- 39 João de Deus — *Damião de Goes*, n.º 430. X anno. (10-III-95). Com retrato
- 40 Em homenagem a João de Deus. Discursos proferidos no theatro de D. Maria — *Nova Alvorada*, n.º 1. V anno. Abril de 1895. Famalicão.
- 41 Ao seu antigo Redactor principal — *O Bejense*, n.º 1:783. XXXV anno. (9-III 95).
- 42 Anthero de Quental e João de Deus — *Independente Regoense*, n.º 80, anno XIII (9-III-95). Regoa.
- 43 João de Deus — *Novidades*, n.º 3:354. Anno X. (9-III-95). Lisboa.

- 44 João de Deus — *Correio da Noite*, n.º 4:683. Anno XV. (9-III-95).
- 45 O Rei e o Poeta — *Universal*, n.º 1:204. V anno. (9-III-95). Traz a descripção do Cortejo.
- 46 João de Deus. — *Correio da Manhã*, n.º 3:235. Anno XII. (9-III-95).
- 47 João de Deus — *A Nação*, n.º 12:057. Anno XLVIII. (9-III-95).
- 48 Homenagem a João de Deus — *O Seculo*, n.º 4:710. Anno XV. (9-III-95).
- 49 João de Deus — *O Jornal do Commercio*, n.º 12:376. (9-III-95).
- 50 João de Deus — *Pontos e Virgulas*, n.º 23. II anno. (Porto, 9-III-95).
- 51 João de Deus, por Gomes Percheiro — *Diario do Alemtejo*, n.º 2:545. Supplemento litterario, n.º 14. (Com retrato). (28-III-95).
- 52 João de Deus — *O Commercio de Penafiel*, n.º 163. Anno II. (9-III-95).
- 53 João de Deus — *Gazeta da Figueira*, n.º 327. Anno IV. (9-III-95).
- 54 Circular da Academia do Porto — *Federação Escolar*, n.º 409. IX anno. (9-III-95).
- 55 A apothose de João de Deus — *O Reporter*, n.º 958. IV anno. (9-III-95).
- 56 Os Estudantes e o anniversario do Poeta — *Batalha*, n.º 1:097. V anno. (9-III-95).
- 57 A João de Deus — *Os Successos*, n.º 295. VI anno. (9-III-95). Ilhavo.
- 58 As Festas do Anniversario de João de Deus, por Ferreira Deus Dado. — *Revista de Educação e de Ensino*, n.º 3 e 4. (Março-Abril, 1895) Anno X.
- 59 João de Deus (Retrato) — *Revista Popular*, illustrada. Numero programma. (28-III-95). Lisboa.
- 60 João de Deus — *Actualidades*, n.º 4, anno I. (20-III-95). Lisboa.
- 61 A João de Deus — *Gazeta de Noticias*, n.º 290. V anno. (11-III-95). Porto.

- 62 *L'Ermitage*, revue artistique et litteraire, n.º 4 (Abril, 1895). VI anno. L'anniversaire de João de Deus, par De Brinn'Gaubast. Paris.
- 63 João de Deus — *Novidades*, n.º 3:555. XI anno. (11-III-95).
- 64 João de Deus. Folhetim de Alberto Pimentel — *Diario Popular*, n.º 10:003. XXX anno. (11-III-95).
- 65 João de Deus — *O Monsanense*, n.º 2. (11-III-95).
- 66 João de Deus — *O Commercio de Guimarães*, n.º 1:007. Anno XI. (11-III-95).
- 67 João de Deus — *A Patria*, n.º 70. III anno (11-III-95). Braga.
- 68 Decreto relevando João de Deus do pagamento dos direitos de mercê da Gran-Cruz de San Thiago. (8-III-95) — *Diario do Governo*, n.º 56. (11-III-95).
- 69 Decreto supra — *Correio Nacional*, n.º 627. (11-III-95). Lisboa.
- 70 Envoi — *O Alto Minho* a João de Deus. Monsão, (8-III-95). Fol. N.º 42. X anno.
- 71 A João de Deus — *O Reporter*, n.º 957. Anno IV. (8-III-95).
- 72 Homenagem a João de Deus, no seu 65.º anniversario natalicio. *Diario Illustrado*, n.º 7:886. Anno XXIV. (8-III-95).
- 73 João de Deus — *Jornal de Penafiel*, n.º 38. Anno IX. (8-III-95).
- 74 João de Deus — *O Seculo*, n.º 4:715. Anno XV. (8-III-95).
- 75 A apotheose de João de Deus — *Diario de Noticias*, n.º 10:492. XXXI anno. (8-III-95). Fol. cartão.
- 76 Homenagem a João de Deus — *Diario d'Elvas*, n.º 509. Folha litteraria, n.º 5. (7-III-95). Para cartão dobrado em 8.º de 16 pags
- 77 A João de Deus — *Os de Paris*. Guillard, Allaud & C.ª. Paris-Lisboa. Collaborada por Eça de Queiroz, Alves da Veiga, etc.
- 78 João de Deus — Escorso biographico — *Revista Portuguesa*, n.º 4. Traz cartas e poesias de João de Deus. Porto, 1895.

- 79 Parecer sobre a candidatura de João de Deus para a Academia das Sciencias — *Occidente*, n.º 583. XVIII. (8-III-95) Com retrato.
- 80 Homenagem da *Sociedade João de Deus, de Abrantes*. Editor, Ramiro Guedes. (Retrato do poeta). Fol
- 81 Outra. Em folha solta.
- 82 João de Deus — *A Academia*, folha semanal de Evora, n.º 67. II anno. (8-III-95).
- 83 Ao 65.º anniversario natalicio do eminente poeta algarvio João de Deus — *Jornal de Annuncios*, n.º 662. XIII anno. (8-III-95). Tavira.
- 84 João de Deus — *O Correio do Porto*, n.º 50. X anno. (15-IV-95).
- 85 Homenagem a João de Deus — *A Semana*, n.º 418. Anno IX. (10-III-95). Artigo de Eugenio de Castro. Torres Vedras.
- 86 Centenarios e homenagens — *A Sentinella*, n.º 17. Anno IV. (21-IV-95). Lisboa.
- 87 João de Deus, Fr. Ferreira Cacella — *De Alcobaça*, n.º 215 e 216. Outubro de 1895.
- 88 João de Deus. (Com retrato). *O Portugal Velho*, n.º 10. Anno I. (1-III-95). Lisboa.
- 89 João de Deus — *O Correio Nacional*, n.º 626. Anno III (9-III-95).
- 90 João de Deus e Manuel Vianna. Supplemento n.º 12 ao *Diario do Alemtejo*. (7-III-95).
- 91 João de Deus — *Correio da Manhã*, n.º 3:236. Anno XII. (10-III-95).
- 92 Depois das festas, por Abilio David — *Certaginense*, n.º 27. Anno VI. (24-III-95).
- 93 João de Deus — *Diario d'Elvas*, n.º 518. Anno II. (18-III-95).
- 94 A festa de João de Deus, em Evora — *Diario do Alemtejo*, 2:504. Anno IX. (9-III-95).
- 95 Homenagem a João de Deus — *A Voz do Operario*, n.º 802, XVI anno. (10-III-95).
- 96 Homenagem a João de Deus — *A Federação Escolar*, n.º 412. Anno IX. (23-III-95).

- 97 O Methodo João de Deus — *O Seculo*, n.º 4:731. Anno XV. (24-III-95).
- 98 Correspondencia de Lisboa, por S. P. — *O Conimbricense*, n.º 4:955. Anno XLVIII. (12-III-95).
- 99 João de Deus, por J. X. de Athayde e Oliveira — *Revista Militar*, n.º 5. Anno XLVII. (15-III-95). Lisboa.
- 100 João de Deus, por Pedro Covas — *Nove de Julho*, n.º 506. Anno X. (6-III-93).
- 101 João de Deus — *A Fejeração Escholar*, n.º 411. IX anno. (21-III-95).
- 102 Impressões indeleveis da apotheose de João de Deus, por Cesar de Moraes. *O Correio do Porto*, n.º 48. Anno X. (1-IV-95).
- 103 A Patria e João de Deus, por Alice Moderno — *Diario dos Açores*, n.º 1:233. Anno XXV. (29-III-95). Ponta Delgada. S. Miguel.
- 104 Bibliotheca João de Deus. *O Progresso do Sul*, n.º 294. Anno VL. (24-III-95).
- 105 João de Deus e Manuel Vianna, por D. Gomes Percheiro. *Diario do Alemtejo*; Supplemento Litterario, n.º 11. (31-III-95).
- 106 Em honra de João de Deus — *A Folha de Beja*, n.º 115. III anno. (14-III-95).
- 107 João de Deus — *A Família Portugueza*, folha colonial, n.º 54. Anno III. (23-III-95).
- 108 Duas caricaturas — *Pontos e Virgulas*, n.º 24. II anno. (16 II-95). Porto.
- 109 João de Deus — *Jornal de Basto*, n.º 473. Anno X. (16 III-95).
- 110 Chronica lisbonense — *O Cabeceirense*, n.º 17. V anno. (16 III-95).
- 111 Homenagem a João de Deus — *Gazeta de Villa Real*, n.º 8. Anno III. (16-III-95).
- 112 Homenagem patriotica — *Gazeta de Cintra*, n.º 264. VI anno. (16-III-95).
- 113 A glorificação de João de Deus — *O Bejense*, n.º 1:784. XXXV anno. (16-III-95). Recapitula as Festas.

- 114 João de Deus — *A Lagrima*, n.º 3. Anno IV. Barcellos. (16-III-95).
- 115 A João de Deus. As festas em honra de João de Deus — *Antonio Maria*, n.º 418. Anno XI. (16-III-95).
- 116 Alegria louca, por Alberto Pimentel — *Diario Popular*, n.º 10:010. XXX anno. (18-III-95).
- 117 Glorificação a João de Deus — *O Dia*, n.º 295. Anno VI. (24-III-95).
- 118 João de Deus — *O Desfarce*, n.º 109. Anno III. Fafe. (21-III-95).
- 119 Uma homenagem justa — *A Voç do Operario*, n.º 804. XVI anno. (24-III-95). Lisboa.
- 120 João de Deus, por Philippe Nery — *O Riomaioense*, n.º 89. Anno II. (10-III-95).
- 121 João de Deus — *O Provinciano*, n.º 303. Anno VI. (10-III-95). Cartaxo.
- 122 Correspondencia de Lisboa, para o *Diario do Alemtejo*, n.º 2:505. Anno IX. (10-III-95).
- 123 Anniversario — *O Chamusquense*, n.º 36. Anno I. (10-III-95).
- 124 João de Deus — *A Folha de Lisboa*, n.º 48. Anno II. (10-III-95).
- 125 João de Deus — *Diario Popular*, n.º 10:002. Anno XXX. (10-III-95).
- 126 Dr. João de Deus — *O Campeão de Portalegre*, n.º 87. Anno II. (10-III-95).
- 127 Marche aux flambeaux — *Pro Lagos*, n.º 24. Anno II. Lagos. (10-III-95).
- 128 João de Deus — *O Elvense*, n.º 1:471. Anno XV. (10-III-95).
- 129 João de Deus — *O Covilhanense*, n.º 62. Anno II. (10-III-95).
- 130 João de Deus — *Jornal de Santarem*, n.º 582. Anno XII. (10-III-95).
- 131 A apotheose de João de Deus — *De Alcobaça*, n.º 188. IV anno. (13-III-95).
- 132 João de Deus — *O Districto de Portalegre*, n.º 553. Anno X. (13-III-95).

- 133 João de Deus — *Mala da Europa*, n.º 18. Anno I. (13-III-95).
- 134 João de Deus — *Jornal de Vianna*, n.º 857. Anno IX. (7-III-95).
- 135 Saudações a João de Deus — *Semana*, de Alcobaça, n.º 254. V anno. (17-III-95).
- 136 João de Deus — *A Federação Escolar*, n.º 410. Anno IX. (17-III-95). Porto.
- 137 Coisas de arte — *A Opinião*, n.º 320. IV anno. Oliveira de Azemeis. (17-III-95).
- 138 A João de Deus — *A Reacção*, n.º 180. IV anno. Mangualde. (17-III-95).
- 139 Depois do Cortejo, por F. Ayala — *Jornal de Santarem*, n.º 583 XII anno.
- 140 João de Deus — *O Manipulador*, n.º 16. Anno II. Lisboa. (17-III-95).
- 141 João de Deus — Depois das festas, por Fernandes Costa — *Diario Illustrado*, n.º 7:893. XXIV anno. Lisboa. (15-III-95).
- 142 João de Deus, por Alfredo Serrano — *A Nação*, n.º 12:058. Anno XLVIII. (12-III-95).
- 143 João de Deus e o chefe do Estado — *Correio da Manhã*, n.º 3:237. XII anno. (12-III-95).
- 144 João de Deus — Uma carta de Guerra Junqueiro — *Vanguarda*, n.º 1:340. Anno V. 12-III-95.
- 145 João de Deus — *Dia*, n.º 2:331. (12-III-95).
- 146 As festas de João de Deus — *Commercio do Porto*, n.º 60. Anno XLII. (12-III-95).
- 147 João de Deus, por Philippe Nery — *O Dão*, n.º 293. Anno VI. (10-III-95).
- 148 João de Deus — *O Oriente Catholico*, n.º 12. Orgão da Diocese de Damão. Vol. I. (2-III-95).
- 149 João de Deus — *Nove de Julho*, n.º 506. X anno. Beja. (6-III-95).
- 150 Juan de Deus (com retrato) — *El Liberal*, n.º 544. XVI anno. (31-VIII-94).
- 151 João de Deus — *O Abrantino*, n.º 455. IX anno. (14-III-95).

- 152 Festas. Lisboa — *Monsanense*, n.º 1. (4-III-95).
- 153 João de Deus — *Regenerador Arcoense*, n.º 110 III anno. (14-III-95).
- 154 João de Deus — *Jornal Torrejano*, n.º 514. Anno XI. (14-III 95).
- 155 A João de Deus — *Correio de Leiria*, n.º 6. I anno. Com retrato. (14-III 95).
- 156 João de Deus — Apotheose a João de Deus — *O Commercio da Guarda*, n.º 494. Anno X. (14 III 95).
- 157 Em honra de João de Deus — *A Folha de Beja*, n.º 115. Anno I. (14-III-95).
- 158 Glorificação a João de Deus — *O Dão*, n.º 294. Anno VI (17-III 95).
- 159 João Sincero (Emygdio Monteiro) — João de Deus (com desenhos do poeta) — *Revista Moderna*, semanario illustrado, n.º 6 (pag. 73 a 78).
- 160 A João de Deus — *O Abrantes*, n.º 119. Anno III Com retrato. (17-III-95).
- 161 João de Deus — *O Clamor de Bombarral*, n.º 127. (17-III-95).
- 162 Alma algarvia — *O Independente de Beja*, n.º 24. I anno. (17-III-95). Descreve as festas em Beja.
- 163 João de Deus — *O Rio Maiorense*, n.º 90. II anno (17-III-95).
- 164 João de Deus, por Esteves Pereira — *Recreio*, revista litteraria, n.º 10. 18.ª serie. Lisboa. (4-III-95).
- 165 João de Deus e a sua obra, por Rodrigues de Andrade — *O Meridional*, n.º 194. Anno V. (17-III-95).
- 166 João de Deus e Paul Verlaine, *Arte* (de Coimbra), (3-I-96).
- Fernandes Costa — *A João de Deus*. M. Gomes, editor Lisboa. Março, 1895. Folheto.
- Abel Andrade — *A João de Deus*. In-8.º oblongo. Folheto.
- Dias d'Oliveira — *Sonetos de honra* — A João de Deus — Com um prefacio por Gomes Leal. Lisboa, 1895 Folheto.

INDICE

O Festival de João de Deus

8-III-1895

Anteloquio.....	VII
JOÃO DE DEUS — Escorso biographico por <i>Theophilo Braga</i>	IX

I

Saudação dos Poetas

<i>Amelia Janny</i> — João Deus.....	3
<i>Thomaz Ribeiro</i> — Dois retratos... ..	4
" " — Parabens	5
<i>Eugenio de Castro</i> — Ao divino João de Deus....	7
<i>Manuel Gayo</i> — Como o rei.....	12
<i>Augusto Forjaz</i> — Bemdicto luctador.....	15
<i>Oliveira Mascarenhas</i> — Festa de flores.....	17
<i>Santos Valente</i> — Cantando e amando.....	18
<i>Gonçalves Crespo</i> — Sempre que o leio.....	19
<i>Teixeira Bastos</i> — Amor o thema eterno.....	20
<i>Luiç Osorio</i> — D'onde?.....	21
" " — Orpheo	22
<i>Joaquim de Araujo</i> — Tem um sorriso.....	23
<i>Jayme Victor</i> — Diante do retrato de João de Deus.	24
" " — Perfil.	25
<i>Carlos Lemos</i> — Antigamente.....	26
<i>Eduardo Fernandes</i> — Ignoto Deo	27

Ao grande lyrico.	82
<i>Favares</i> — No 65.º anniversario.....	83
<i>Vilhena</i> — A sua obra	84
<i>Vunes d'Almeida</i> — Strophe.....	85
<i>e Moura</i> — Em mimos	86
<i>de Mesquita</i> — Teus versos.....	87
<i>Iorães Carvalho</i> — Depois.....	88
<i>o Arantes</i> — Theatro de Lisboa.....	89
<i>Lemos</i> — Sêde creanças.....	90
<i>Zargas</i> — Oh poeta sem par.....	91
<i>117</i> — Leio-o.	92
<i>Simões</i> — Obra completa	93
<i>te de Almeida</i> — No album da filha do	94
<i>avares</i> — Os gemeos.....	95
<i>Gracias</i> — Quando elle canta.....	96
-Improvisos	97
<i>Cerejeira</i> — Idem.....	97
<i>s Costa</i> — Em casa de João de Deus.....	98

II

Pessões criticas e notas de momento

<i>Fernandes</i> — Excerpto do discurso no de D. Maria.....	101
<i>Silveira</i> — Idem.....	105
<i>e Braga, filho</i> — Idem.....	115
<i>de Oliveira</i> — A semana de João de Deus.	118
<i>de Magalhães</i> — João de Deus.	124
<i>unqueiro</i> — Carta a Alves Correia.....	128
<i>ampaio</i> (Bruno)—Poder de representação.	131
<i>rade</i> — A João de Deus.....	134
<i>to</i> — O desfilar do cortejo.....	137
<i>ala</i> — Depois do cortejo.....	141
— Mais do que um poeta.....	144

<i>Henrique de Vasconcellos</i> — Dois poetas	146
<i>Alfredo Serrano</i> — Aos ultimos lampejos... ..	149
<i>Eugenio de Castro</i> — João de Deus.....	152
<i>Marianno Pina</i> — O rei e o poeta.....	159
<i>S. L.</i> — Interview.	164
<i>Vitalia du Vergle</i> — A proposito de João de Deus.	177
<i>Alberto Pimentel</i> — João de Deus.....	183
<i>Heliodoro Salgado</i> — Em João de Deus.....	190
<i>Bernardo P. de Pindella</i> — Phrase.....	192
<i>Anonymo</i> — A apotheose de João de Deus.....	193
<i>Souza Viterbo</i> — Camões e João de Deus.....	196
<i>Magalhães Lima</i> — Phrase.....	200
<i>Athayde e Oliveira</i> — João de Deus.....	200
<i>Visconde de Ouguella</i> — O obulo do condiscipulo..	209
<i>Manuel Bento de Souza</i> — Mens sana.....	211
<i>José de Castro</i> — Phrase.....	213
<i>Dr. Bernardino Machado</i> — A obra pedagogica de João de Deus	214
<i>Hintze Ribeiro</i> — Phrase.....	216
<i>Antonio de Azevedo Castello Branco</i> — Idem	218
<i>Carlos Lobo d'Avila</i> — Idem.....	218
<i>João Franco Castello Branco</i> — Idem.....	219
<i>Guerra Junqueiro</i> — Carta.....	220
<i>Ramalho Ortigão</i> — Idem.....	220
<i>Alberto Telles</i> — Os amigos de João de Deus em Coimbra	221
<i>Diogo de Macedo</i> — Anthero de Quental e João de Deus em Coimbra....	237
<i>Antonio M. de Araujo</i> — Homenagem.....	241
<i>Joaquim Tello</i> — Foi em 1858	243
<i>Cunha Bellem</i> — João de Deus.....	245
<i>Alfredo da Cunha</i> — João de Deus.....	255
<i>Fernandes Costa</i> — João de Deus, politico.....	265
<i>J. T. da Silva Bastos</i> — João de Deus	278
<i>Anonymo</i> — O methodo de João de Deus.....	287
<i>João Saraiva</i> — João de Deus.....	291
<i>Anonymo</i> — João de Deus.....	293
» — Homenagem	304

III

Cortejos, Saráos, Mensagens e Conferencias

1 — <i>A chegada dos Estudantes de Coimbra, Porto, Aveiro, etc</i>	309
2 — <i>O Cortejo e a recita no theatro de D. Maria.</i>	341
3 — <i>Saráos, Mensagens e Conferencias</i>	383
4 — <i>O Festival nas provincias</i>	414
Ilhavo	414
Guimarães	416
Barcellos	417
Santarem	417
Porto	418
Amarante	418
Portalegre	419
Leiria	420
Beja	424
Evora	428
Rio Maior	432
Fafe	433
Grandola	433
Lagôa	434
Barreiro	434
Alcacer do Sal	435
Tavira	436
Messines ..	436
Lagos	437
Faro	438

IV

Festival em França e Hespanha

Carta de João de Deus a Xavier de Carvalho	451
Noticia do Festival	452